Parnaso Lusitano

OU

Poesias Selectas.

Parnaso Lusitano

OU

Poesias Selectas

DOS

AUCTORES PORTUGUEZES ANTIGOS E MODERNOS,

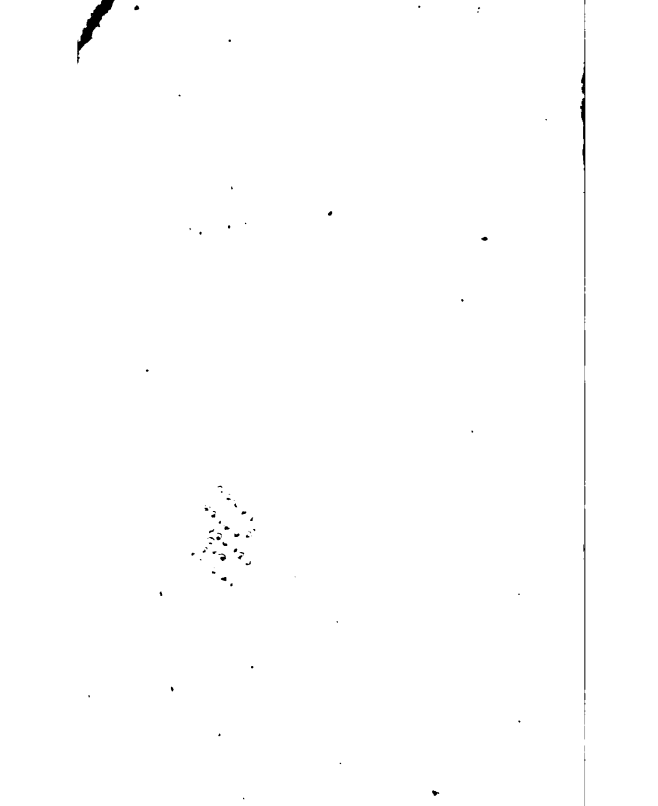
ILLUSTRADAS COM NOTAS.

PRECEDIDO
DE UMA HISTORIA ABREVIADA DA LINGUA
E POESIA PORTUGUEZA.

TOMO III.

PARIS,

EM CASA DE J. P. AILLAUD,
QUAI VOLTAIRE, Nº 11.

M DCCC XXVII.

PARNASO LUSITANO.

Epigrammaticos.

SONETOS.

O sol é grande, caiem co' a calma as aves,
Do tempo, em tal sazão, que soe ser fria:
Esta agua, que d'alto cai, acordar-me-hia,
Do somno não, mas de cuidados graves.
Ó cousas todas vans, todas mudaves,*
Qual é o coração, que em vós confia?
Passando um dia vai, passa outro dia,
Incertos todos mais que ao vento as naves!**
Eu vi ja per aqui sombras e flores,
Vi aguas, e vi fontes, vi verdura;
As aves vi cantar todas d'amores.
Mudo e sêcco é ja tudo; e de mistura,
Tambem fazendo-me eu fui d'outras cores;
E tudo o mais renova, isto é sem cura.

Sá de Miranda.

* Mudaveis. ** Naus.

SONETOS.

Vendo do forte Heitor a desditosa
Esposa, como Troia em fogo ardia,
De que per toda parte reluzia
A greciana espada victoriosa;
Um filho so, que tinha, receiosa
Que tenra idade não lhe valeria,
No sepulcro do pae o escondia,
Dizendo éstas palavras lastimosa:
«Ó filho da minh' alma entristecida,
Primeiro que nas mãos imigas caias,
Te quero aventurar nas da ventura!
Ella ordenará (se larga vida
Promettido te tem) que d'aqui saias;
E se não, ja tens certa a sepultura.»

\+\+\+\+\+\+\+

Leandro em noite escura indo rompendo
As altas ondas, d'ellas rodeiado
No meio d'Hellesponto, ja cançado,
E o fogo ja na torre morto vendo;
E vendo cada vez ir mais crescendo
O bravo vento, e o mar mais levantado;
De suas fòrças ja desconfiado,
Os rogos quiz provar, não lhe valendo.

« Ai ondas! (suspirando começou: »)
Mas d'ellas, sem lhe mais alento dar,
A falla contrastada, atrás tornou.
« Ai ondas! (outra vez diz) vento, mar,
Não me afogueis, vos rogo, em quanto vou;
Afogae-me depois quando tornar. »

BERNARDES.

SONETOS.*

Todo animal da calma repousava,
So Liso o ardor d'ella não sentia;
Que o repouso do fogo, em que elle ardia,
Consistia na nympha que buscava.
Os montes parecia que abalava

* A imaginação de Camões foi fertilissima em sonetos: é notavel e digna de admiração a quantidade dos excellentes e perfeitos, além dos muitos bons, que produziu. A maior parte d'elles são amorosos, cheios de graça e delicadeza, ou de uma viva paixão; outros exprimem uma profunda melancholia. Em geral, nenhum poeta soube melhor conhecer e desempenhar o character d'este pequeno poema; nenhum principalmente teve mais do que elle o dom de imprimir a sua sensibilidade nos versos que saíram de seu coração, e que ainda hoje movem profundamente em nós uma terna sympathia.

J. M. DE SOUZA, *Vida de Camões.*

O triste som das mágoas que dizia;
Mas nada o duro peito commovia,
Que na vontade de outro pôsto estava.
Cançado ja de andar pela espessura,
No tronco de uma faia, por lembrança,
Escreve éstas palavras de tristeza:
— *Nunca ponha ninguem sua esperança*
Em peito feminil; que de natura
Somente em ser mudavel tem firmeza. —

****

Alma minha gentil, que te partiste
Tam cedo d'ésta vida descontente;
Repousa la no ceo eternamente,
E viva eu ca na terra sempre triste.
Se la no assento ethereo, onde subiste,
Memória d'ésta vida se consente,
Não te esqueças d'aquelle amor ardente,
Que ja nos olhos meus tam puro viste.
E se vires que póde merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remedio, de perder-te;
Roga a Deus que teus annos encurtou,
Que tam cedo de ca me leve a ver-te,
Quam cedo de meus olhos te levou.

****

Está-se a primavera trasladando
Em vossa vista deleitosa e honesta;

Nas bellas faces e na boca e testa,
Cecens, rosas e cravos debuxando.
  De sorte, vosso gesto matizando,
Natura, quanto póde, manifesta;
Que o monte, o campo, o rio e a floresta
Se estão de vós, senhora, namorando.
  Se agora não quereis que quem vos ama
Possa colhêr o fructo d'éstas flores,
Perderão toda a graça os vossos olhos:
  Porque pouco aproveita, linda dama,
Que semeiasse o amor em vós amores,
Se vossa condição produze abrolhos.

****

  Quando o sol encuberto vai mostrando
Ao mundo a luz quieta e duvidosa,
Ao longo d'uma praia deleitosa,
Vou na minha inimiga imaginando.
  Aqui a vi os cabellos concertando;
Alli co'a mão na face tam formosa;
Aqui fallando, alegre, alli cuidosa;
Agora estando quêda, agora andando.
  Aqui steve sentada, alli me viu,
Erguendo aquelles olhos tam isentos;
Commovida aqui um pouco, alli segura.
  Aqui se entristeceu, alli se riu;
E emfim n'estes cançados pensamentos
Passo ésta vida van, que sempre dura.

****

Ondados fios de ouro reluzente,
Que agora da mão bella recolhidos,
Agora sôbre as rosas esparzidos
Fazeis que a sua graça se accrescente:
Olhos, que vos moveis tam docemente
Em mil divinos raios incendidos,
Se de ca me levais a alma e sentidos,
Que fôra, se eu de vós não fôra ausente!
Honesto riso, que entre a mor fineza
De pérlas e coraes nasce e apparece;
Oh quem seus doces echos ja lhe ouvisse!
Se imaginando so tanta belleza,
De si, com nova glória, a alma se esquece,
Que fará quando a vir? Ah quen a visse!

+++++++

No regaço da mãe Amor estava,
Dormindo tam formoso, que movia
O coração que mais isento o via,
E a sua propria mãe de amor matava.
Ella c'os olhos n'elle contemplava
A quanto estrago o mundo reduzia;
Elle porêm, sonhando, lhe dizia
« Que todo aquelle mal ella o causava. »
Soliso, que graduado em seus amores,
De saber de ambos mais teve a ventura,
Assi soltou a dúvida aos pastores:
« Se bem me ferem sempre sem ter cura
Do menino os ardentes passadores,

Mais me fere da mãe a formosura. »

\+++++++

Está o lascivo e doce passarinho
Com o biquinho as pennas ordenando;
O verso sem medida, alegre e brando,
Despedindo no rustico raminho.
O cruel caçador, que do caminho
Se vem callado e manso desviando,
Com prompta vista a setta endireitando,
Lhe dá no estygio lago eterno ninho.
D'ésta arte o coração, que livre andava,
(Postoque ja de longe destinado)
Onde menos temia, foi ferido:
Porque o frecheiro cego me esperava
Para que me tomasse descuidado,
Em vossos claros olhos escondido.

\+++++++

Um mover d'olhos brando e piedoso,
Sem ver de que; um riso brando e honesto,
Quasi forçado; um doce e humilde gesto,
De qualquer alegria duvidoso:
Um despejo quieto e vergonhoso;
Um repouso gravissimo e modesto;
Uma pura bondade, manifesto
Indicio da alma, limpo e gracioso:
Um encolhido ousar; uma brandura,
Um mêdo sem ter culpa; um ar sereno;

Um longo e obediente soffrimento:
Ésta foi a celeste fermosura
Da minha Circe, e o magico veneno
Que póde transformar meu pensamento.

+++++++

Apartava-se Nise de Montano,
Em cuja alma, partindo-se, ficava;
Que o pastor na memoria a debuxava,
Por podêr sustentar-se d'este engano.
Per uma praia do índico Oceano
Sôbre o curvo cajado se encostava,
E os olhos pelas aguas alongava,
Que pouco se doíam de seu dano.
« Pois com tammanha mágoa e saúdade,
(Dizia) quiz deixar-me a que eu adoro,
Por testimunhas tómo o ceo e estrellas:
Mas se em vós, ondas, mora piedade,
Levae tambem as lagrymas que choro,
Pois assi me levais a causa d'ellas. »

+++++++

Amor é um fogo que arde sem se ver;
É ferida que doe e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer:
É um não querer mais que bem querer;
É solitario andar per entre a gente;
É um não contentar-se de contente;

E cuidar que so ganha em se perder:
É um estar-se prêso por vontade;
É servir a quem vence o vencedor;
É um ter, com quem nos mata, lealdade.
Mas como causar póde o seu favor
Nos mortaes corações conformidade,
Sendo a si tam contrário o mesmo amor?

+++++++

Brandas aguas do Tejo, que passando
Per estes verdes campos que regaes,
Plantas, hervas, e flôres, e animaes,
Pastores, nymphas, ides alegrando:
Não sei (ah doces aguas!) não sei quando
Vos tornarei a vêr; que mágoas taes
Vendo como vos deixo, me causaes,
Que de tornar ja vou desconfiando.
Ordenou o destino, desejoso
De converter meus gostos em pezares,
Partida que me vai custando tanto.
Saúdoso de vós, d'elle queixoso,
Encherei de suspiros outros ares,
Turbarei outras aguas com meu pranto.

+++++++

Na margem de um rebeiro, que fendia
Com líquido crystal um verde prado,
O triste pastor Liso debruçado
Sôbre o tronco de um freixo assi dizia:

« Ah Natercia cruel! quem te desvía
Esse cuidado teu de meu cuidado?
Se tanto hei de penar desenganado,
Enganado de ti viver queria.
Que foi d'aquella fe que tu me deste?
D'aquelle puro amor que me mostraste?
Quem tudo trocar pôde tam asinha?
Quando esses olhos teus n' outro puzeste,
Como te não lembrou que me juraste
Por toda a sua luz, que eras so minha? »

****

Quando os olhos emprégo no passado,
De quanto passei me acho arrependido;
Vejo que tudo foi tempo perdido;
Que todo emprêgo foi mal empregado.
Sempre no mais damnoso mais cuidado;
Tudo o que mais cumpria mal cumprido;
De desenganos menos advertido
Fui, quando de esperanças, mais frústrado.
Os castellos que erguia o pensamento,
No ponto que mais altos os erguia,
Per esse chão os via n' um momento.
Que erradas contas faz a phantasia!
Pois tudo pára em morte, tudo em vento:
Triste o que espera! triste o que confia!

****

Em uma lapa, toda tenebrosa,

Aonde bate o mar com furia brava,
Sôbre uma mão o rosto, vi que estava
Uma nympha gentil, mas cuidadosa.
   Igualmente, que linda, lastimosa,
Aljofar de seus olhos distillava:
O mar os seus furores applacava
Com ver cousa tam triste, e tam fermosa.
   Alguma vez na horribil penedia
Os bellos olhos punha com brandura,
Bastante a desfazer sua dureza.
   Com angelica voz assi dizia:
« Ah, que falta mais vezes a ventura,
Onde sobeja mais a natureza! »

****

   Qual tem a borboleta por costume,
Que elevada na luz da accesa vella,
Dando vai voltas mil, até que n'ella
Se queima agora, agora se consume;
   Tal eu correndo vou ao vivo lume
D'esses olhos gentis, Aonia bella;
E abrazo-me, por mais que com cautella
Livrar-me a parte racional presume.
   Conheço o muito a que se atreve a vista;
O quanto se levanta o pensamento;
O como vou morrendo claramente:
   Porêm não quer amor que lhe resista,
Nem a minha alma o quer; que em tal tormento,
Qual em glória maior, está contente.

CAMÕES.

SONETOS.

Nize! Nize! onde stás? Aonde espera
Achar-te uma alma que por ti suspira,
Se quanto a vista se dilata e gira,
Tanto mais de encontrar-te desespera!
Ah, se ao menos teu nome ouvir podera
Entre ésta aura suave que respira!
Nize, cuido que diz; mas é mentira:
Nize, cuidei que ouvia; e tal não era.
Gruttas, troncos, penhascos da espessura,
Se meu bem, se a minh' alma em vós se esconde,
Mostrae, mostrae-me a sua formosura.
Nem ao menos o echo me responde!
Ah, como é certa a minha desventura!
Nize! Nize! onde estás? aonde, aonde?

+++++++

Breves horas, Amor, ha que eu gozava
A glória que minh' alma appetecia;
E sem desconfiar da aleivosia,
Teu lisongeiro obséquio acreditava.
Eu so á minha dita me igualava;
Pois assim avultava, assim crecia;
Que nas scenas, que então me offerecia,
O maior gôsto, o maior bem lograva.
Fugiu, faltou-me o bem: ja descomposta

Da vaidade a brilhante architectura,
Ve-se a ruina ao desengano exposta:
Que ligeira acabou, que mal segura!
Mas que venho a estranhar, se estava posta
Minha esperança em mãos da formosura!

CLAUDIO MANUEL DA COSTA.

SONETOS.

Aquelle gesto que em teus olhos via
De amorosa piedade e doce agrado,
Ja não está n'aquelle mesmo estado,
N'aquelle puro extremo de algum dia!
Não sei que vejo em ti, que n'uma fria
Incerteza desmaia o meu cuidado:
Parece que em teu rosto retratado
Vejo quanto receia a phantasia.
Não sei como, cruel, menos amante
Se me figura o teu rosto formoso,
Que em mil receios ando vacillante.
O coração palpita duvidoso;
E so dizer-te sei que o teu semblante
Não era assim em quanto eu fui ditoso.

****

N'esta praia algum dia me esperava
A formosa Tircea c'os Amores,

E as conchinhas pintadas de mil cores
Para ornar-me o surrão colhendo andava;
  Mas eu, que so por vê-la então deixava
O gado exposto aos lobos roubadores,
Do prado lhe trazia as bellas flores,
Com que os louros cabellos concertava.
  Oh que mimos Amor me concedia!
Mas ja me não espera aqui Tircea,
Antes foge de mim: quem tal diria!
  So eu deixo o rebanho, e me recrea
Inda vir pola glória de algum dia,
D'ésta praia beijar a nua area.

DOMINGOS DOS REIS QUITA.

SONETOS.*

  Ja se vai das estrellas apagando
A scintillante luz; e a roixa aurora,
Das aves despertando a voz canora,
Que alegre no Oriente vem raiando!
  Do horisonte o clarão annunciando

* . . . *De ce poëme il*[1] *bannit la licence;*
Lui-même en mesura le nombre et la cadence;

[1] Apollon.

Do sol a nova vinda as nuvens cora,
Que em orvalho desfeitas vão agora
As viçosas hervinhas prateando.
Vem, graciosa manhan, e a sombra fria
Ligeira desfazendo, vem de Elpino
Encher o triste peito de alegria:
Pois hoje, apezar de seu destino,
Outro mais bello sol que lhe encubria
Verá de uns olhos no fulgor divino.

****

Aqui entre éstas árvores viçosas
As redes armarei: tu, Vincio, emtanto
Bate a selva, e fugindo com espanto
As aves n'ellas dar verás medrosas.
Aves, que pelas matas mais frondosas
Sois, de quem vos escuta, doce incanto,
Vinde ás redes, deixae o alegre canto,
E de Jonia sereis, aves ditosas.
Ah! vinde, aves deixae o bosque espesso
La soltareis o canto lisongeiro

Défendit qu'un vers faible y pût jamais entrer,
Ni qu'un vers déjà mis osât s'y remontrer:
Du reste il l'enrichit d'une beauté suprême.
Un sonnet sans défaut vaut seul un long poëme.

Estas rigorosas leis, promulgadas per Boileau, não obstaram a Diniz de compor tres centurias de sonetos; mas, infelizmente, em tam prodigiosa quantidade apenas achámos estes um pouco toleraveis.

Os laços não temais que aqui vos teço:
  Ser, qual eu, não temais seu prisioneiro;
Pois indaque o ser livre não tem preço,
Tambem preço não tem seu captiveiro.

****

  Da bella mae perdido Amor errava
Pelos campos que corta o Tejo brando,
E a todos quantos via suspirando
Sem descanço por ella procurava.
  Os farpões lhe caíam da aurea aljava;
Mas elle de arco e settas não curando,
Mil glórias promettia, soluçando,
A quem á deusa o leve, que buscava.
  Quando Jonia, que alli seu gado pasce,
Enxugando-lhe as lagrymas que chora,
A Venus lhe mostrar, leda, se offrece:
  Mas Amor dando um vôo á linda face
Beijando-a lhe tornou :« Gentil pastora,
Quem os teus olhos ve, Venus esquece. »

****

  Aqui sentado n'este molle assento,
Que formam as hervinhas d'este prado,
Em quanto a verde relva pasce o gado,
Quero ver se divirto o meu tormento.
  Que fresca a tarde está! que brando o vento
Move as aguas do rio socegado!
E como n'este choupo levantado

Se queixa a triste rôla em doce accento!
As flôres com suavissima fragancia,
As aves com docissima harmonia,
Mais leda fazem ésta fresca estancia:
Mas nada os meus pezares allivia;
Que da minha saudade a cruel âncía
Me não deixa um instante de alegria.

****

Vem a noite sombria, e revolvendo
O longo açoite, que á carreira accende
As fuscas eguas, sôbre a terra estende,
De sombras carregado, o manto horrendo.
Vem; e as brandas papoilas espremendo,
Em lethargico somno os mortaes prende;
Que a minha bella Aglaia hoje me attende,
A meu amor mil glórias promettendo.
Se ás minhas vozes dás benigno ouvido,
Encubrindo com teu escuro manto
Os suaves delirios de amor cego;
Immolar-te prometto, agradecido,
Um negro gallo, que em contínuo canto
Se atreve a perturbar o teu socego.

****

Em quanto Amphriso seu jardim regava
Per entre as murtas viu o deus menino,
Que a seu prazer, saltando de malino,
As mais formosas flôres lhe pizava.

Então Amphriso o regador largava,
E para o castigar corre sem tino;
Mas Amor mais travêsso, e mais ladino,
Ca e la, entre os ramos, se furtava:
Cançado de o seguir Amphriso irado
Freme, ameaça-o, diz-lhe mil injurias,
Promette, se o apanhar, crua vingança:
Mas Amor com semblante socegado,
« Socega Amphriso (diz), deixa as vans furias;
Que amor com ameaças não se alcança. »

****

Qual pelas fraldas corre do Parnaso
Com seus nitrídos atroando o monte
O fero bruto que brotar a fonte
A coices fez, por outra, o bom Pegaso:
Tal da Castalia pelo campo raso
Correste meu F.... novo Etonte;
Por isso se te enrosca hoje na fronte
A planta, de que o sol faz tanto caso.
Ella pois te esporeie á gran' carreira;
E a par d'elle em corcovos, upas, pinchos,
Trepa do Pindo a cima derradeira:
Que Thalia, que ouviu teus roucos guinchos,
Predizendo-te está, fausta agoureira,
Que mais, que os d'elle, soarão teus rinchos.

DINIZ.

SONETOS.

Comigo minha mãe brincando um dia,
A namorar c'os olhos me ensinava;
Mas Amor, que em seus olhos me esperava,
Com mil brilhantes farpas me feria.
De quando em quando mais formosa ria;
Porque incapaz do ensino me julgava;
Porèm tanto a lição me aproveitava,
Que suspirar por ella ja sabia.
Em poucas horas aprendi a amá-la:
Ditoso se tal arte não soubera,
Não me custára a vida não lográ-la!
Certo, que aprender menos melhor era;
Pois não soubera agora desejá-la,
Nem de tam louco amor enlouquecera!

\+\+\+\+\+\+\+

Era alta a noite, a lua prateada
Ja no sereno ceo resplandecia;
E a corrente do Tejo parecia
De ferventes estrellas marchetada.
Então Canidia bella, destoucada
Descalço o lindo pe, philtros urdia
Emtôrno de uma lousa, que se abria
De medonhos espectros rodeiada.

Regougavam no cume dos outeiros
Esfaimadas raposas, na floresta
Lhe respondiam mochos agoureiros.
Brama Canidia; e ós lémures ligeiros
Unhar mandou do bom Delphim* na testa,
De finado cabello alguns milheiros.

✦✦✦✦✦✦✦

N'uma galé mourisca aferrolhado,
Ao som do rouco vento que zunia,
Sôbre o remo, cruzando as mãos, dormia,
O lasso Corydon, pobre forçado.
Em agradaveis sonhos engolphado,
Cuidava o triste que o grilhão rompia,
E que entre as ondas Lilia branda via
Talhar c'o branco peito o mar salgado:
De vê-la, e de abraçá-la cubiçoso
Estremeceu, tentando levantar-se,
E os fuzis da cadeia retiníram:
Acordou ao motim; e pezaroso,
Querendo á rude chusma lamentar-se,
So mil suspiros, so mil ais lhe ouvíram.

✦✦✦✦✦✦✦

Çujos Brontes estão arregaçados
Batendo o rubro ferro, e retinindo
Os rijos malhos, vão ao ar subindo

* Antonio Delphim amigo do auctor.

Estellantes coriscos enrolados :
  Ao fuzilar dos golpes, pendurados
Apparecem mil elmos reluzindo ;
Na forja a labareda está zunindo
Impellida dos folles engelhados :
  Crystallino suor alaga a testa
Do coxo mestre ; a calma da officina
Á fresca viração as azas cresta.
  Forjavam uma setta colubrina ;
Eis entra Amor, e «diz-lhes, que não presta
Á vista dos bons olhos de Corina.»

GARÇÃO.

SONETOS.

  Não me dirão, senhores, que façanha
Obrou de Macedonia *o gran' portento* *,
Em matar um soldado sonorento,
Porque sem vigiar no campo o apanha?
  No sangue do coitado a espada banha,
Como um cação o deixa n'um momento!
Mortes d'éstas faria mais de um cento,
Se com os Persas usara de tal manha.
  O peior é, que o padre-presidente

* Alexandre magno.

Ésta acção vil por ínclyta apregoa,
Affirmando, que foi de um braço forte :
Se matar a quem dorme é ser valente,
Todos mui bem sabemos, que em Lisboa
Ha muitos Alexandres d'ésta sorte.

+++++++

Digno monarcha * de immortaes historias,
Primeiro no louvor, bemque segundo
No augusto nome, que ennobrece o mundo
De famosos brazões, d' illustres glorias.
Livro escreveis das ínclytas memorias
Dos vassallos fieis, saber profundo ;
Pois nas lettras lhes dais nome fecundo,
Dando-vos elles fama nas victorias.
Se para dar-lhes prémio merecido
Das acções generosas que fizeram
Eternizais seus nomes na escritura :
Liberalmente tendes dispendido ;
Pois na vossa memoria receberam
Anticipado o prémio na ventura.

+++++++

Soccorro ao quarto Afonso lusitano
O castelhano rei medroso pede.
Contra o torpe furor de Mafamede,
Que conjurado ve para seu dano.

* El-rei D. João. II.

O magnanimo Afonso soberano
Que em prudencia e valor a ninguem cede,
Não somente o subsidio lhe concede,
Mas contra o podêr vai do Mauritano.
Porém o castelhano arrependido,
Ou ja desconfiado da victória,
Da guerra a furia teme denodada.
« Isso não, (diz Afonso apercebido)
Que eu venho a conseguir immortal glória,
Para o que basta so tirar a espada. »

José de Souza.

SONETOS.*

N'um valle de boninas matizado
Chorar pretende Anarda eternamente;
E qual manhan saudosa e refulgente,

* A pouca ou nenhuma lição que J. X. teve dos exemplares gregos e latinos, e até mesmo dos nossos, fez que (assim nos sonetos, como nas outras composições suas) reine pouca variedade, escolha e interesse. O estylo d'este poeta é prosaico, monótono, e a dicção pobre de elegancias e metaphoras. J. X. so era dotado de uma *corrente veia;* faltava-lhe aquelle atecismo classico, aquelle puro gôsto, aquelle estro, e alfim aquella erudição vastissima, tam urgente ao verdadeiro poeta.

O campo deixa em lagrymas banhado:
  Da triste semrazão do seu cuidado
Deve aquella campina estar contente;
Pois lucra, em quanto Anarda tem presente,
Que lhe engrosse a corrente, e orvalhe o prado:
  Com ella brilha mais a verde esphera;
Porque quando suspira, e quando chora,
A flor se alenta, o rio se prospera:
  Pois peça o campo alviçaras a Flora,
Que será permanente a Primavera,
Onde estão sempre as lagrymas da Aurora.

+++++++

Se eu me víra n'um bosque, onde não desse
Signal, vestigio humano de habitado,
De verdenegras ramas tam fechado,
Que ainda alli de dia anoitecesse:
  Se então la de uma balsa ao longe houvesse
Gemendo um mocho, e tudo o mais calado:
So d'entre alguns rochedos pendurado
Com som medonho, um rio alli corresse:
  Emfim n'um lugar tal, onde os meus dias
Consumindo se fossem na certeza
De não tornarem mais as alegrias;
  Faminta ainda a triste natureza,
Cercada alli de tantas agonias,
Nem então se fartara de tristeza.

+++++++

Poz-se o sol; como ja na sombra feia,
Do dia pouco a pouco a luz desmaia!
E a parda mão da noite, antes que caia,
De grossas nuvens todo o ar semeia!
Apenas ja diviso a minha aldeia;
Ja do cypreste não distingo a faia:
Tudo em silencio está : so la na praia
Se ouvem quebrar as ondas pela areia.
Co' a mão na face a vista ao ceo levanto,
E cheio de mortal melancholia,
Nos tristes olhos mal sustenho o pranto:
E se inda algum allívio ter podia,
Era ver ésta noite durar tanto,
Que nunca mais amanhecesse o dia.

+++++++

Não foi, Marilia, a tua formosura
Quem me prendeu a sôlta liberdade,
Outras são as cadeias, que a vontade
Beija por gôsto, arrasta por ventura.
O fragil dom de uma gentil figura
Voa nas azas da primeira idade,
E da pulida mão da enfermidade
O mais ligeiro toque a desfigura.
Teu grande coração, tua alma grata,
Teu claro esprito, de virtudes cheio,
Desprezador de todo o ouro e prata,
É so a formosura, em que me enleio;

Que ésta, quando do corpo se desata,
Para o ceo torna a ir, de donde veio.

J. XAVIER DE MATOS.

SONETO.

A quelle *tu*, e *vós*, quando algum dia
Havia em Portugal sinceridade,
Acabou, começando a nossa idade
A dar a uma *mercé* a primazia.

Depois foi-se exaltando a fidalguia,
E entrou tambem na plebe essa vaidade;
E tomando a *mercé* de propriedade
A nobreza subiu á *senhoria*.

Não parou inda aqui tanta loucura;
Porque vai ja querendo uma *excellencia*,
Quem tinha a *senhoria* por ventura.

Mas sabeis o que causa ésta demencia?
Faz que os críticos vão á sepultura
Fazer-lhe anatomia na ascendencia.

PAULINO CABRAL.

SONETOS.

Em escura botica encantoados,
Ao som de grossa chuva que caía,

Passavam de janeiro um triste dia
Dous ginjas no gamão encarniçados;
« Corra, vizinho, corra-me esses dados, »
Gritava um d'elles que nem boia via;
De sangue frio o outro lhe dizia
Mil anexins n'aquelle jôgo usados;
Dés vezes falha o misero antiquario;
E ardendo em furia o tremulo velhinho,
Atira c'uma tabola ao contrario;
O mal seguro golpe erra o caminho;
Quebra a melhor garrafa ao boticario,
Que foi so quem perdeu no tal joguinho.

****

Vai, misero cavallo lazarento,
Pastar longas campinas livremente;
Não percas tempo, em quanto t'o consente
De magros cães faminto ajunctamento;
Ésta sella, teu unico ornamento,
Para signal de minha dor vehemente,
De torto prego ficará pendente,
Despojo inutil do inconstante vento:
Morre em paz; que em havendo algum dinh[eiro]
Hei de mandar, em honra de teu nome,
Abrir em negra pedra este letreiro:
— *Aqui piedoso entulho os ossos come*
Do mais fiel, mais rapido sendeiro,
Que fóra eterno a não morrer de fome. —

****

Que sege, senhor conde? eu fiz um voto
De andar antes per mar, e mar com moiros;
É triste habitação de maus agoiros;
É um resto infeliz do terremoto;
De astuta palmatoria o bico ignoto,
Em vão fura do macho os surdos coiros;
Em vão fulmina rigidos estoiros
Do bebado arreieiro o braço roto;
A parda caixa é documento antigo;
É prova, de que os annos gastadores
De cada ponto fazem um postigo;
É sege tal, que em nada poupa dores;
Por mais que a feche, la vão ter comigo
As injúrias do tempo, e as dos credores.

****

Chaves na mão, melena desgrenhada,
Batendo o pe na casa, a mae ordena,
Que o furtado colchão, fofo, e de pena,
A filha o ponha alli, ou a criada.
A filha, môça esbelta e aparaltada,
Lhe diz co' a doce voz que o ar serena:
— « Sumiu-se-lhe um colchão, é forte pena;
Olhe não fique a casa arruinada. »
—« Tu respondes-me assim? tu zombas d'isto?
Tu cuidas, que por ter pae embarcado,
Ja a mãe não tem mãos? » e dizendo isto,
Arremette-lhe á cara, e ao penteado;
Eis senão quando (caso nunca visto!)

Sai-lhe o colchão de dentro do toucado.

NICOLAU TOLENTINO.

SONETOS.

Ve como está sereno e deleitoso
O mar leite, gentil Marília ingrata;
Como nas aguas nitidas retrata
Os ceos ceruleos Phebo radioso!
Porém subito inchado e procelloso
Em serras cava a crespa undosa prata,
E c'o fero aquilão bramindo trata,
A lampada apagar do sol formoso.
Cópia fiel do perfido elemento
Te contemplo, meu bem, toda brandura,
Affavel riso, e terno acolhimento.
Mas tincto de ira e de suspeita impura
Vejo o teu rosto infido n'um momento?...
Bate as azas amor, foge a doçura!

****

Com largo cinto, lugubre vestido,
Tenue vara nas mãos, e um livro annoso,
Murmurando com vulto temoroso
Á luz da ruiva Delia, vi Cupido:
Dá tres voltas, n'um circulo mettido,
E o chão c'o esquerdo pe fere raivoso;

Envesga os olhos, e anhelando ancioso
Por Hecate bradou enfurecido.
  Muge a terra, e entre larvas cento e cento
Do abysmo surge a deusa ao ceo sereno,
A quem lhe diz o deus sanguinolento :
  « Deusa, que o Averno reges c'um aceno,
Á furia do ciume macilento
Entrega para sempre o triste Alfeno. »

DOMINGOS MAXIMIANO TÔRRES

SONETOS.

  Primeiro as aves os vergeis deixando
Produzirão nas aguas do profundo;
Primeiro o peixe, em terra moribundo,
Verás os ares pelo mar trocando;
  Primeiro o sol seus raios eclipsando,
Esconderá de todo a luz ao mundo;
E nos bosques o tigre furibundo
Verás c'o cordeirinho andar brincando.
  Primeiro a caprichosa formosura
Deixará de ser barbara e ferina,
Revestida de placida ternura;
  Do que verás Crinauro, cuja sina
Foi so de te encontrar aspera e dura,
Deixar de te querer, bella Andrelina.

\+\+\+\+\+\+\+

Pretos longos finissimos cabelos,
Pelos quaes o fagueiro Amor so jura,
Face, em que a rosa á neve se mistura,
Uns olhos garços, por mortaes mais belos;
Collo de neve, por quem ardo em zelos,
Mãos que vencem do marmore a candura,
Coração (oh desar!) de pedra dura,
Uns thesouros de amor... quem póde velos?
. Uns labios de rubi, um rir divino,
Boca, a que dão as perolas ornato,
Voz angelica, gesto peregrino:
Alma em tudo insensibil, genio ingrato,
Um corpo emfim de Jupiter so dino:
De Andrelina, gentil eis o retrato.

****

« O que é terra foi mar, o mar foi terra: »
Brada o naturalista enthusiasmado,
Porque achou berbigão petrificado,
Que alpestre monte no seu bojo encerra.
Os calculos desfaz, e bórra, e erra
Trombudo mathematico enfadado,
Regua d'aqui, compasso d'outro lado,
Do *X* altos segredos desenterra.
O palrador jurista d'outra banda
Citando o velho Pegas nos segura
« Que o pupilo tem jus de pôr demanda. »
Quando tal quadro a mente me figura,
Diz-me a voz da razão saudavel, branda:

Eis o retrato da geral loucura.

****

Um doente miserrimo arquejava
Entre medonha turba de doctores,
Exhalando tristissimos clamores
Contra a juncta fatal que o assassinava.
Um causticos e adjudas receitava,
Outro xaropes de diversas flores,
Por mais que invocam medicos auctores,
Nenhum Galenò com a doença dava.
Eis chega o doctor Bilro, cuja pena,
Por ser ser dos mais sendeiros mor sendeiro,
Em um so rasgo exercitos condena:
Para a sentença trazem-lhe um tinteiro;
E apenas receitou, oh dura scena!
Abre-lhe a cova o sordido coveiro.

M. Mathias.

SONETOS.*

Vem suspirada carinhosa Armia,
Remir o escravo, consolar o amante,

* É incrivel a facilidade com que Bocage improvisava, e até compunha sonetos! N'esto genero de poesia é que talvez elle arranca a palma aos mo-

Que afflicto, que saudoso, a cada instante
Te envia um pensamento, um ai te envia.
Dá-me nos olhos teus mais puro o dia,
E flôres mais gentis em teu semblante,
Que a flor de Cytherea, a flor brilhante,
Que o manso abril prefere a quantas cria.
Inimiga de amor é a tardança:
Não tardes, não, meu bem, que me flagellas
Em prolongar-me a sofrega esperança.
Vem olhar n'este rio as faces bellas;
Vem, por doce illusão da similhança,
Ver enganar-se os zephyros com ellas.

****

Tam negro como a turba, que vagueia
Na margem do Cocyto, á luz odioso,
O bando de meus males espantoso
No sepulcro dos vivos me rodeia.
Qual me abala os fuzis da vil cadeia,
Qual me afigura um rotulo affrontoso,

dernos vates lusitanos. O que não deve causar admiração, se se reflectir que o curto stadio d'ésta pequena peça, lhe permittia desinvolver toda a ardencia momentanea de seu estro; e notorio é, que as de maior tômo quasi sempre ficavam por acabar. Eis a causa porque grande parte de suas obras se compõe de fragmentos. A sua phantasia era como as borboletas!

Qual me diz: « Ai de mim, que fui ditoso!
Eis d'elles todos o que mais me anceia.
  Tomara reforçar pela amargura
Meu ser, que anda c'os fados tam malquisto;
Tomara costumar-me á desventura:
  Esquecer-me do bem gozado e visto,
Pensar que a natureza é sempre escura,
Que é geral este horror, que o mundo é isto.

+++++++

  Grato silencio, trémulo arvoredo,
Sombra propícia aos crimes, e aos amores,
Hoje serei feliz; longe temores,
Longe phantasmas, illusões do medo:
  Sabei, amigos zephyros, que cedo
Entre os braços de Nise, entre éstas flores,
Furtivas glórias, tacitos favores,
Heide, emfim, possuir; porêm segredo!
  Nas azas froxos ais, brandos queixumes
Não leveis, não façais isto patente,
Que nem quero que o saiba o pae dos numes:
  Cale-se o caso a Jove omnipotente;
Porque, se elle o souber, terá ciumes,
Vibrará contra mim seu raio ardente.

+++++++

  Per terra jaz o emporio do Oriente,
Que do rigido Afonso o ferro, o raio

Ao gran' filho ganhou do gran' Sabaio,
Envergonhando o deus armipotente.
Caíu Goa, terror antigamente
Do Naire vão, do perfido Malaio,
De barbaras nações... ah! que desmaio
Apaga o marcio ardor da lusa gente!
Oh seculos de heroes! dias de glória!
Varões excelsos, que apezar da morte,
Viveis na tradição, viveis na história!
Albuquerque terribil, Castro forte,*
Menezes, e outros mil, vossa memória
Vinga as injúrias, que nos faz a sorte.

✦✦✦✦✦✦✦

Da triste bella Ignez inda os clamores
Andas, Echo chorosa, repetindo;
Inda aos piedosos ceos andas pedindo
Justiça contra os ímpios matadores:
Ouvem-se inda na fonte dos amores
De quando em quando as nayades carpindo;
E o Mondego, no caso reflectindo,
Rompe, irado, a barreira, alaga as flores:
Inda altos hymnos o universo entôa
A Pedro, que da morta formosura
Comvosco, Amores, ao sepulcro vôa.
Milagre da belleza, e da ternura!
Abre, desce, olha, geme, abraça e crôa

* Verso de Camões.

A malfadada Ignez na sepultura!

****

Adamastor cruel! de teus furores
Quantas vezes me lembro horrorisado!
Ó monstro! quantas vezes tens tragado
Do suberbo Oriente os domadores!
Parece-me, que entregue a vis traidores,
Estou vendo Sepulveda afamado
Co' a sposa, e c'os filhinhos abraçado,
Qual Mavorte com Venus e os Amores:
Parece-me que vejo o triste esposo,
Perdida a tenra prole e a bella dama,
Ás garras dos leões correr furioso.
Bem te vingaste em nós do afoito Gama;
Pelos nossos desastres es famoso:
Maldicto Adamastor! maldicta fama!

****

Oh deusa! que proteges dos amantes
O destro furto, o crime deleitoso,
Abafa com teu manto pavoroso
Os importunos astros vigilantes.
Quando adoçar meus labios anhelantes
No seio de Ritalia melindroso,
Estorva que os maus olhos do invejoso
Turbem de amor os sofregos instantes.
Thetis formosa, tal incanto inspire
Ao namorado sol teu niveo rosto,

Que nunca de teus braços se retire:
Tarde ao menos o carro, á noite opposto,
Até que eu desfalleça, até que expire
Na ternas àncias, no ineffavel gosto.

+++++++

Famosa geração de falladores
Soa que foi, Riseu, a origem tua;
Que nem todos os cães, ladrando á lua,
Tiveram que fazer com teus maiores:
Um, a lingua ensinou dos palradores;
Outro, o *moto-contino* achou na sua;
Outro, alêm de encovar toda uma rua,
Açaimou n'uma juncta a cem doctores.
Teu avô, sanctanario venerando!
Soube mais orações que mil beatas
Com reza impertinente os ceos zangando.
Teu pae foi um trovão de pataratas:
Teu tio, o bacharel, morreu fallando:
Tu, fallando, Riseu, não morres, matas.

+++++++

Magro, de olhos azues, carão moreno,
Bem servido de pés, meão n'altura,
Triste de facha, o mesmo de figura,
Nariz alto no meio, e não pequeno;
Incapaz de assistir n'um so terreno,
Mais propenso ao furor do que á ternura,
Bebendo em niveas mãos per taça escura

De zelos infernaes lethal veneno;
Devoto incensador de mil deidades,
(Digo de môças mil) n'um so momento,
E somente no altar amando os frades;
Eis Bocage, em quem luz algum talento:
Saíram d'elle mesmo éstas verdades
N'um dia em que se achou mais pachorrento.

+++++++

Se é doce no recente ameno estio
Ver toucar-se a manhan de ethereas flores;
E lambendo as areias e os verdores,
Molle e queixoso, deslizar-se o rio:
Se é doce no innocente desafio
Ouvirem-se os volateis amadores,
Seus versos modulando, e seus ardores
D'entre os aromas de pomar sombrio:
Se é doce mares, ceos ver anilados
Pela quadra gentil, de amor querida,
Q'esperta os corações, floreia os prados:
Mais doce é ver-te, de meus ais vencida,
Dar-me em teus brandos olhos desmaiados
Morte, morte de amor, melhor que a vida.

+++++++

Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel de paixões, que me arrastava:
Ah! cego eu cria, ah misero eu sonhava
Em mim quasi immortal a essencia humana!

De que innumeros sóes a mente ufana
Existencia fallaz me não dourava!
Mas eis succumbe a natureza escrava
Ao mal que a vida em sua origem dana.
Prazeres socios meus, e meus tyrannos,
Ésta alma, que sedenta em si não coube,
No abysmo vos sumiu dos desenganos.
Deus... oh Deus! quando a morte a luz me roube,
Ganhe um momento o que perderam annos,
Saiba morrer o que viver não soube.

Bocage.

SONETOS.

« Medonha corre a noite, a froxa lua
A furto mostra o rosto desmaiado;
Em mil voluveis serras levantado
Ruge raivoso o mar na praia nua:
Um so baixel nas ondas não fluctua;
Os nautas dormem, zune o vento irado;
Ah doce Laura! ah doce objecto amado!
Quem víra agora a linda imagem tua! »
Assim as vozes eu soltava ancioso,
Quando Laura, o meu bem, a minha estrella,
Ao lado vejo, e vejo-me ditoso.
No meu pobre batel entro com ella:

Oh ceos! desde que sulco o Tejo undoso,
Nunca vi, nem gozei noite mais bella!

++++++++

Ja matizando o ceo de vivas cores
Vinha a brilhante aurora apavonada,
E inda sôbre os meus braços fatigada
Laura dormia, Laura os meus amores.
De terna mágoa, d'horridos temores,
Vejo minha alma a um tempo salteiada;
Sinto privar do somno a minha amada;
Temo vejam que lógro os seus favores.
Em quanto pugna em mim susto e ternura,
Vistos somos d'espia vigilante,
Que o nosso affecto destruir procura:
Vou-me, deixo o meu bem; desde esse instante,
Cançados olhos, olhos sem ventura,
Nunca mais vistes seu gentil semblante.

B. M. C. Semedo.

SONETOS.

Assim de flôres se coroa a Aurora.

Um soneto! ainda ésta me faltava!
Quatorze versos! isso é mui comprido!

Não chega lá meu estro desprovido;
Muito é se deito a barra a uma oitava!
  La vai : *O sol brilhante campeava*
Pela estrada do meio... Vou perdido,
Longe do mote, longe do sentido :
Nunca, no outeiro, Albano assim glosava.
  Entró per outra porta... D'ésta feita
Creio que dei c'o trincho : *Uma pastora,*
Que c'o cajado, n' agua, tinha feita...
  Não presta. Tome la, minha senhora ,
Guarde o mote; e dir-lhe-hei, quando s'enfeita:
Assim de flores se coróa a Aurora.

****

Vence as deusas do Ida em gentileza.

  La vai glosa, menina, vai soneto :
Deus me ajude; deus digo, o deus Apolo,
Co'as musas todas nove ao hombro, ao colo;
Que eu, sem musas, com versos me não meto.
  Então, como lhe digo, o meu affeto
Que me faz retumbar de pólo a polo,
Quando as finezas apressado enrolo...
Que tal!.. Deu fim ja o ultimo quarteto!
  Menina, tenha fe; que largo pano
Tenho, nos dous tercetos, para a empreza;
E eu, n'isto de glosar, sou soberano.
  Fique aqui entre nós: sua belleza

Nos versos do Macedo, * ou nos de Albano, **
Vence as deusas do Ida em gentileza.

FRANCISCO MANUEL.

SONETOS.

Aqui da linda Ignez *** a formosura
Acabou: crueis mãos morte lhe deram!
Inda signaes do sangue, que verteram,
Estão gravados n'essa penha dura:
Vendo as nymphas tammanha desventura,
Sôbre o pallido corpo aqui gemeram,

* Fr. Francisco de sancto Agostinho Macedo compoz milhar de milhares de contos de contos, e compozera contos de contos de milhares de versos, se as suas *theologias*, se as suas *predicas* lhe não fossem á mão á despenhada torrente da súa caudalosa *metrificancia*.

FRANCISCO MANUEL.

On dit que quelqu'un, croyant le pousser à bout, lui proposa de faire sur-le-champ la description de la Gigantomachie *et celle de* Médée en fureur; *que Macedo les fit sur l'heure, et y employa plus de deux mille vers.*

MORERI.

** João Xavier de Matos.
*** D. Ignez de Castro.

De cujas tristes lagrymas nasceram
As surdas aguas d'essa fonte pura.
  Pastores do Mondego, que a corrente
Inda agora bebeis d'ésta saudosa
Fonte, que está correndo mansamente;
  Fugi, fugi de amor, que a rigorosa
Morte lhe trouxe aqui! era innocente;
Se teve culpa, foi em ser fermosa.

****

  Venus buscando a Amor andava um dia,
E a todos seus por elle procurava;
A mim me perguntou « onde elle estava? »
E eu lhe disse, « que em Lilia o acharia. »
  A Lilia corre, e ve que Amor dormia
Em seu molle regaço; vozes dava,
Porque Amor acordasse: elle acordava;
Mas ria-se da mãe, e a dormecia:
  Porfim lhe torna: —« Mãe, não mais te cances,
Qu'eu ja d'aqui não saio, ainda quando
Rogues, ou mandes, ou grilhões me lances. »
  —« *Fica-te em paz* (*diz* Venus) ja voltando;
Nem tu tens melhor collo, em que descances,
Nem Lilia maior bem, que ter-te brando. »

A. R. DOS SANTOS.

SONETOS.

Os fachos pelos ares sacudindo
Voando baixam mil gentis Amores;
Cingidas todas de festões de flores
As Graças vejo vir folgando e rindo.
De Dictos chocarreiros bando infindo,
Brincos travêços, Beijos voadores,
Travando dos Desejos matadores,
Ledos se aprestam ao festejo lindo....
Eis chega Amor! « Os miseros humanos
Vinguemos hoje (diz); cesse a alegria;
Não se celebrem de Marina os annos;
Os males, que ella fez, punam-se um dia;
Sinta murchar os olhos soberanos,
E pague co' a doença a tyrannia. »

\+\+\+\+\+\+\+

Adeus, fica-te em paz Alcina amada;
Ah! sem mim sê feliz, vive ditosa;
Que contra meus prazeres invejosa
A fortuna cruel se mostra irada.
Tam cedo não verei a delicada,
A linda face de jasmins e rosa,
O branco peito, a boca graciosa
Onde os amores teem gentil morada.

Póde, meu bem, o fado impiamente,
Póde negar de te gozar a dita;
Póde da tua vista ter-me ausente:
Mas apezar da misera desdita
De tam cruel partida, eternamente
N'esta minha alma viverás escrita.

José Bonifacio de Andrada.

Epigrammas.

A um homem extremamente feio.

Podes ter com Narcizo igual ventura,
Mas na causa haverá desigualdade;
Elle morreu de ver sua figura,
Morrerás vendo a tua na verdade:
Elle d'amor de sua fermosura,
Tu de mêdo de tua fealdade;
E outra gran' differença em ti veremos,
Por elle se chorou, por ti riremos.

CAMINHA.

Da Medicina. *

A morte, perdendo a fouce,
Creu sua fôrça desfeita:

* O apologo, o *epigramma* (n'este genero incluo os sonetos) a epistola, e a poesia anacreontica, eis em que Bocage primou. As suas composições d'ésta es-

Disse-lhe um medico insigne:
« Aqui tens ésta receita. »

A molestia e a cura.

Aqui jaz um homem rico
N'ésta rica sepultura:
Escapava da molestia,
Se não morresse da cura.

O pae enfermo e o doctor.

Um velho caíu na cama;
Tinha um filho esculapino,
Que para adevinhações
Campava de ter bom tino:
O pulso paterno apalpa,
E receitar depois vai;
Diz-lhe o velho, suspirando:
« Repara que sou teu pai.»

A molestia e a receita

Para curar febres podres

pecie, serão os foros, por que a posteridade o collocará no número dos paes de nossa poesia, como um dos esmaltes de nossa litteratura.

J. M da Costa e Silva.

Um doctor se foi chamar,
Que, feitas as ceremonias,
Começou a receitar.
A cada pennada sua
O enfermo arrancava um ai!
—« Não se assuste, (diz Galeno)
Que inda d'ésta se não vai. »
—« Ah senhor! (torna o coitado,
Como quem seu fado espreita)
Da molestia não me assusto,
Assusto-me da receita. »

Conselho a um impaciente.

Homem de genio impaciente,
Tendo uma dor infernal,
Pedia, para matar-se,
Um veneno, ou um punhal.
« Não ha (lhe disse um vizinho
Velho que pensava bem)
Não ha punhal, nem veneno;
Mas o medico ahi vem.

A Parca e o medico.

— « Morte! (clamava um doente)
Este misero soccorre.»
Surge a Parca derepente,

E diz de longe: — « Recorre
Ao teu medico assistente. »

Vingança de medico.

Um medico, resentido
De certo seu offensor,
Ante um amigo exclamava,
Todo abrasado em furor:
— « Para punir este indigno,
Este vil, tomara um raio. »
Acode o outro: — « Ha um meio
Muito mais facil; curai-o. »

O recipe.

Poz-se medico eminente
Em voz alta a receitar.
— « Recipe, (diz)... derepente
Grita da cama o doente:
— « Basta, que mais é matar. »

O adeus do doctor.

Um medico receitou:
Subito o recipe veio,
Do qual no bucho do enfermo
Logo embutiu copo e meio.
— « Adeus até á manhan »

(Diz o fofo professor)
Responde o doente : » — « Adeus
Para sempre , meu doctor. »

O lettrado.

Inda novel demandista
Um lettrado consultou ,
Que , depois de cem perguntas ,
Tal resposta lhe tornou :
— « Em Cujacios , em Monochios ,
Em Pegas e Ordenação ,
Em Reinicolas e Estranhos
Tem carradas de razão. »
— « Sim , sim , per toda essa estante
Tem razão , razão de mais.
— « Ah senhor ! (o homem replica)
Tê-la-hei nos tribunaes ? »

Titulo para uns aphorismos.

Certo Averroes quiz no prelo
Ver seus aphorismos junctos.
Poz-lhes o edictor singelo :
— *Arte de fazer defunctos.* —

A cura.

Lavrou chibante receita

Um doctor com todo o esmêro,
Era para certa môça,
Que ficou san como um pêro.
— « Tam cedo! é milagre — (assenta
A mãe, que de gôsto chora —)
— « Minha mãe, não é milagre:
Deitei o remedio fora. »

Terra para medicos.

Uma terra dizem que ha,
Onde a fome acerba e dura
Cabo dos medicos da:
Porque é isto? é porque la
Págam somente a quem cura.

Alliança de duas altas potencias.

Arrumado ás duas portas
Pingue boticario estava,
E brandamente acenou
A um doctor, que passava.
Mal que chega o bom Galeno,
Diz o outro em ar jucundo:
« Unamo-nos, meu doctor,
E demos cabo do mundo. »

A um procurador.

Com tam má gambia andas tanto,
Tanto d'aqui para alli!
Procurador, não me enganas:
Tu procuras para ti.

A razão cabal.

Um escrivão fez um roubo,
Diz-lhe o juiz: — « Que razão
Teve para fazer isto? »
Responde: — « Ser escrivão. »

BOCAGE.

A um zoïle.

Eu lia a um gran' doctor
De gorda catadura
Do sublime Camões a rima pura
Do nunca assás louvado Adamastor.
Quando mais enlevado
Em seu canto divino
Amcigo a voz, e em brando tom a afino
Para lhe ler Ignez e seus amores,
E sua injusta morte, injustas dores,

Oiço o doctor roncar alto e rasgado;
Então o abalo, e grito-lhe enfadado :
— « Doctor, doctor, desperta,
Que Phebo quiz que o vate
N'este almo canto ao Pindo se arrebate,
E de Hypocrene a fonte tenha aberta. »
— « Que inuteis, que perdidas
(Diz-me o doctor) comigo taes razões!
Prefiro o meu... ao teu Camões. »
Disse; e torna a roncar o novo Midas!

De um avarento.

Fabio, ao caír da noite humida e fria,
Do chupado carão despe a alegria;
Não porque chore o sol, do dia enfeite;
Mas porque accende a luz que gasta azeite.

A um auctor.

Lia um auctor... não digo bem, cantava
Um canhenho sem sal de poesia,
E a gente, que os versinhos mal ouvia,
Em cousas mui diversas cogitava.
Leu, e cançou. — « Dos versos repetidos
Quaes acharam melhores ? » — « Os não lidos. »

FRANCISCO MANUEL.

As pandectas e Camões.

Vós perguntais as razões
Porque tenho noite e dia
Sobre a meza em companhia
As pandectas e o Camões?
É, se vós o não sabeis,
Que a leitura do poeta
É correctiva e dieta
Depois de ter lido as leis.

Artigos do Decalogo.

Não matarás: é lei dada
N'um e n'outro Testamento;
Ao medico é que pertence
Este sancto mandamento.
Não furtarás: é preceito
Tambem nos livros sagrados;
Isto pertence aos juizes,
Aos escrivães e lettrados.

A. R. dos Santos.

Satyricos.

SATYRA I.

O POETA.*

— « Corydon, Corydon, que negro fado,
Que frenezi te obriga a ser poeta?
Que esperas de teus versos? Ainda esperas
Pelos antigos seculos dourados,
Quando achavam Mecenas bons Ingenhos?

* N'ésta *satyra*, onde se nota toda a correcção e pico, que se admira nas de Boileau, mofa o auctor de certos zoilps, que (incapazes de reflectir que nenhuma palavra é rasteira quando é bem collocada e congruente ao assumpto) tinham censurado alguns termos ao poeta, tachando-os de baixos. É pena que Garção fosse tam parco n'este genero de poesia, pois so éstas duas *satyras* nos deixou. Mas elle retocava muito as suas obras, e não as avaliava pelo número.

Não sabes que das musas portuguezas
Foi sempre um hospital o Capitolio?
Viste ja, que seis urcos arrastassem
Em douradas berlindas um poeta?
Não escreve *Lusiadas* quem janta
Em toalhas de Flandres; quem estuda
Em camarins forrados de damasco.
Quanto mais, que esses versos que assoalhas *
São trovas, de que os doudos escarnecem;
Sem que lhes valha o titulo estrondoso
Com que talvez pretendes baptiza-los:
Odes lhes chamas tu? e elles murmuram
Não sei de que palavras. Outro dia
Me disse Fabio o docto, o longo Fabio,
Que d'estes bolos o chavão não tinhas;
Que no *alcaide* fallaste, e nos *bugios*,
Nos *descalços trombetas*, termos chulos,
E vedados a melicos cantores.
Pois um Matuzio, o fallador Matuzio,
Que inda mais livros leu de quantos teve
Ptolomeu, e conserva o Vaticano;
N'ésta mesma bigorna la de longe
Co' a pesada cabeça te martella!
Que furia te tentou com tal *alcaide*?
Antes *tribuno*, ou ja *lictor* dicesses;

* Garção como era dotado de muito gôsto e erudição, rompendo per todos os obstaculos do mau gôsto de seu tempo, fez renascer ésta, e outras muitas elegancias de nossa lingua.

E se sabes francez *sergent*, sería
Enfeitar o teu cepo mais á moda.
Mas tu não fallas? Cállas-te? Que dizes?»
— «Que hei de dizer, Calfurnio! que ja cedo
Como Horacio, aos prestigios de Canidia;
Que as mãos te dou a ti, e aos bons lettrados
Licurgos e Ulpianos de palavras,*
Com que me allegas, com que me intimidas:
Que alegre borrarei o nome de *ode*
Dos versos meus, que por desastre víram:
Feliz eu, se consigo com dous rasgos
Da penna, que maneio tam ligeiro,
Escapar aos malsins que me pesquizam.»
— «E não fôra melhor que te deixasses
De uma arte desgraçada, que os prudentes
Ja calvos Salamões, padres-conscriptos
Aborrecem, desprezam e condemnam?
Almotacel que queiras ser de um bairro,
Excluido serás sendo poeta.
Antes de ti se diga, que perdeste
O dote da mulher, o pão dos filhos,

* Para esses, e outros taes, que eu não nomeio, escreveu Francisco Manuel ésta nota:

«Por mim não permitta Deus, que jamais lastime de caso pensado, o exquisito gôsto de certos individuos, que se arrogaram o officio de — *aferidores dos termos de nossa lingua.* — O ceo os cubra com sua benção, e os continúe no boa vocação, que tomaram, para que medre a utilidade, que de seus desvelos se nos segue.»

Porque Gelonio teve quatro d'honras.
Antes de ti se diga, que roubaste
Ao pobre caminhante dés cruzados;
Que violaste as vestaes; que em vão juraste;
Que es bruxo, delator, que es um falsario:
Tudo o tempo consome, tudo esquece,
Tudo douram riquezas; mas poeta!
É furia sem remedio, é cão damnado,
Todos o apupam, todos o apedrejam!
Tu andas pelas ruas mui contente
Com teus grandes canhões empertigado,
Indaque baixo e fusco, vas cuidando
Que reparam em ti, que todos dizem,
Com o dedo mostrando a má figura:
« Eis o grande poeta, que nos trouxe
A galante invenção de *versos soltos*,
O contagio das *odes;* que atrevido
Quer extirpar a seita dos *sonetos*; »
Mas quanto Corydon, quanto te enganas!
É certo que te apontam; mas bradando:
« La vai o novo Horacio auctor da ode
Varra o credor suberbo a pobre casa
C'o desabrido alcaide! » Circunspectos,
Embicando no *varra*, e mais no *alcaide*,
Põem as mãos na cabeça. Clamam que *odes*
Nunca viram com termos tam rasteiros; *

* Quando eu vivia em Lisboa, tinha muitos conhecidos (não é raro quando não ha pobreza que os afaste) entre elles uns eram oradores, outros poe-

Pensamentos que foram condemnados
Nos rusticos escolios de Lucilio! »
— « Basta, Calfurnio meu, ante os juizes
Que tam boa sentença proferíram,
Quizera retractar-me; e te prometto
De abjurar o estylo que seguia:
Buscarei novas phrases, novos termos;
A lingua fallarei de Palaínhos:
Ás minhas trovas, meus humildes versos,
Eu te juro, que nunca mais lhes falte
O sonoro *zão zão* dos consoantes,
Magestosas ideias sybillinas,
E outros taes atavíos, com que arreiam
Suas composições esses bons mestres.
Mas tu que tens a dita de pizares
O portico sagrado de outra Athenas;
Que es estudante, e foste preservado
Da culpa original da pobre Arcadia,
Descendente do Adão do grande monte,
Que larga as cans de prata no Mondego;
Por ancião famoso, e conhecido,
Vai, e por mim o oraculo consulta,

tas á nossa moda; e nas suas fallas, nas suas composições, não encontrarieis d'uma phrase, c'um so termo, que não fosse digno *da nossa côrte;* mas tambem observei, que esse nimio scrupulo de se *abaixarem*, ou de *afonsinharem* fez, que nunca disseram, nem escreveram cousa que *lamba o gato.*

FRANCISCO MANUEL.

Pergunta se tambem o Venuzino
Clara estrella polar, o velho Horacio
Errou na opinião d'esses Cujacios,
Quando chamou sem pejo dentro em Roma
Ante a face de Augusto, em suas *odes*,
Garridos espadões, a mil eunuchos;
Ao bom Afio chamou *vil usurario;*
A Mevio *fedorento, mastim* a outro,
Bruxa a Canidia: se varou em terra
Seu baixel alteroso, quando disse
De um mau liberto, prodigo e suberbo,
Que fôra do verdugo c'o azurrague
Nas costas fustigado até incharem
Ao gritador porteiro as cordoveias
Do vermelho pescoço que suava.
Não te fallo na velha deshonesta,
Que os falsos arrebiques lhe caíam
Pelo verde semblante descorado,
Como o vermelho barro no alto monte
Em laivos se derrama, quando a chuva
Principia a correr em enchorrada...»
— «Repara, Corydon, que n'essas odes
As palavras que allegas são latinas.»
— «Logo póde em latim dizer-se *preco*, *
Porteiro em portuguez é condemnado!.
Ora, Calfurnio, vai-te: em paz me deixa,
Que nem me lembro ja de taes doctores:

* A vivacidade com que o auctor responde a objecção de Calfurnio, e a desfaz, é admiravel!

Qual o grande rafeiro, que seguindo
O dono vai, sem reparar nos fracos
Insolentes cachorros da cidade,
Que ora lhe ládram, ora lh'os assolam,
Mal lhe volta o focinho arreganhado,
E o liso agudo dente que branqueja,
Qual a fouce da morte os intimida.
Justo porém será que tu lhes digas,
Que varra cada qual sua testada; *
Que assás borbulhas teem para coçar-se;
Que seus *versos* não leio, que não leiam
Elles os *versos* meus, *odes*, ou *trovas*;
Não lhes quebro os ouvidos, não os canço
Co' a importuna lição dos meus poemas:
N' Arcadia os leio; alguns de seus pastores,
A quem verde hera cinge e adorna a fronte,
Pejo não teem de lê-los, e approva-los:
Que se guardem de mim; porque se peço
Ao campeão de Apulia a longa espada,
Com que fendia as costas dos Romanos,
Nem a maldicta fama bolorenta
De seus célebres nomes esquecidos,
Illesa deixarei; serão cantados,
E fábula do povo em toda a idade.»

GARÇÃO.

* Isto é — *que emende seus defeitos.* — O exame d'éstas, e de outras formulas, é de muita utilidade a quem estuda a lingua.

SATYRA II.

SÔBRE A IMITAÇÃO DOS ANTIGOS. *

Não posso, amavel conde, sujeitar-me
A que ás cegas se imitem os antigos;
Quero dizer, aquelles Portuguezes,
A que hoje chamâmos *quinhentistas*:

* Com as armas do ridículo, combate o Garção, n'ésta segunda *satyra*, alguns cegos admiradores das phrases e termos antiquados; porque sem discernimento e escolha introduziam em assumptos serios, as palavras mais rasteiras, so porque eram antigas. Antonio Ribeiro dos Santos tambem impugnou admiravelmente n'uma epistola ésta louca mania, que lavrava em certos escriptores seus contemporaneos, como se ve n'estes versos:

Quantos folgam fallar a prisca lingua,
Qual Egas, qual fallou Fuas Roupinho,
Qual esse conde antigo, que levava
A villa de Condeixa por compadre!
Mas como a fallam? Poem sua meestria
Em palavras sediças, termos velhos,
Termos de saibo e môfo, que arrepiam
Os cabellos da gente. Uns ha que estupidos

O bom Sá, bom Ferreira, o bom Bernardes
Foram grandes poetas; qualquer d'elles
Foi discreto, e foi sabio; emfim as musas
Lhe embalaram o bèrço, e lhe cubríram
Com murta, e com loureiro a sepultura;
Mas nem por isso os pobres escaparam
Á culpa original: teem suas faltas,
Teem seus altos e baixos, teem sedeiros;
Onde dá c' os focinhos um pedante,
Que va per onde fòr, hade segui-los,
Que hadé furtar-lhe tudo quanto dizem;
E seja bom, ou mau, isso que importa?
O ponto está que o digá algum d'aquelles

Dos comicos de Sá, e Vasconcellos,
Palavras da mais baixa estofa tiram,
E as poem, como sainete, em grave assumpto
Enderençado a altas personagens;
Nem se pejam levar-lhes, como off'renda,
Um bico d'obra mal acepilhado,
E pòsto em maçorral cançada prosa:
Outros ja teem de sobremão palavras,
Ha ja mais de quinhentos annos mortas,
Que, em que lhe pez, hão de metter á cunha
Em todo seu fallar. Que dizes d'isto?
Como chamas a estes, meu Alexis,
Que eu não acérto a dar-lhe um nome proprio
Que bem quadre a tam rancidos guedelhas?
Quando éstas cousas desvairadas vejo,
Dão-me engulhos de riso, ou ja bocejos
Como arrepiques certos de gran' fome.

Que Craesbeeck imprimiu: * ha maior teima!
As Graças são muchachas, são risonhas,
São faceis, são suaves: elles querem
Á fôrça por-lhe brancas e bigodes,
E não lh'os sabem pôr: que é o que eu digo?
Imitam o peior; mas não imitam
Os versos mais canoros e correntes,
A sisuda dicção, a phrase pura;
Aquelle attico sal, que não conhece
Quem nunca viu o portico de Athenas
Sequer em caixas opticas pintado;
Isto é, Anacreonte traduzido,
Aristophanes, Sophocles, e Sapho:
Sem que fique de fóra o bom Homero,
E outros, em que podêr não teve a morte.
Para imitares tu, senhor, os feitos
De teus claros maiores, necessitas
De calças e gibão? Se hoje saísses
Com jaquete e golilha, quem sería

*O que falta n'*este* estylo (o de um poeta moderno) é ser do seculo de *quinhentos*, para merecer as idolatrias com que se tem exagerado nos nossos tempos o merecimento das *miseraveis poesias* de Luis Pereira de Castro, de Fr. Bernardo de Brito, de Francisco de Andrade, e de outros novamente dados á luz per pessoas, que julgam que so nos *quinhentistas* reside o bom gôsto de escrever, e n'elles edictores a faculdade de o conhecem, e o direito de o annunciarem.

F. D. Gomes.

Tam serio, e tam sisudo, que podesse
Conter o riso? Nada te valera
Responder-lhe gritando, « que imitavas
Os distinctos avós, que dos Noronhas
A prosapia exaltaram generosa
Nos seculos passados. » Todos sabem
Que o valor não consiste nos vestidos,
Antes seguem as modas. A virtude
Assiste com socêgo inalteravel
Nos grandes corações. Ora ésta regra
Corre a nivel d'altura do Parnaso.
Imite-se a pureza dos antigos,
Mas sem escravidão, com gôsto livre,
Com polida dicção, com phrase nova,
Que a fez, ou adoptou a nossa idade.
Ao tempo estão sujeitas as palavras; *
Umas se fazem velhas, outras nascem:
Assim vemos a fertil primavera
Encher de folhas ao robusto tronco,
A quem despiu o hinverno desabrido.
Mudam-se os tempos, mudam-se os costumes!
Camões dizia *imigo*, eu *inimigo*;
O ponto está que ambos expliquemos
Aquillo que pensamos. A energia

* *Ut sylvæ foliis pronos mutantur in annos,*
Prima cadunt, ita verborum vetus interit ætas,
Et juvenum ritu florent modo nata, vigentque.
HORACIO, Art. poet.

Do discurso, e da phrase não consiste
No feitío das vozes, mas na fôrça:
Salvo, conforme aos garrulos trovistas,
Que não te chamam *justo*, sem chamar-te
Ou *robusto*, ou *augusto*: indaque sabio
Detestas a lisonja. O raro Apelles,
Rubens e Raphael, inimitaveis
Não se fizeram pela côr das tinctas;
A mistura elegante os fez eternos.
Quem não percebe bem este segredo,
Cuida que em dizer *mor*[*] tem dicto tudo:
Que muito, se não ha discernimento,
E reina a affectação! Vejo pedantes,
Trepados em cadeiras, descompondo
Os mais honrados cidadãos de Athenas,
Sem razão, nem vergonha: e vejo gente
Prudente e sábia embasbacar nos gestos
Do mono petulante! Muito póde
A opinião, a teima ou o capricho!

* *Some by old words to fame have made pretence,*
Ancients in phrase, mere moderns in their sense:
Such labour'd nothings in so strange a style
Amaze th' unlearn'd and make the learned smile.
Unlucky as fungoso in the play,
These sparks with awkward vanity display
What the fine gentleman wore yesterday;
And but so mimic ancient wits at best,
As apes our grandsires, in their doublets drest.

Pope, Ens. sob. a crít.

E o pedantismo póde mais que tudo,
Pois arrasta a razão, piza a verdade;
E em sabendo servir-se da lisonja,
Vôa per esses ares, sóbe ao cume
Onde a vaidosa ideia ergueu o templo
Da phantastica fama. Alli se abraça
A suberba e a vaidade co'a priguiça:
Vive a ignorancia alli, d'alli pretende
Dictar as leis ao mundo. Mas que digo?
Que furor atrevido me arrebata?
Que demonio me inspira allegorias,
Sem permissão do tribunal censorio
Dos criticos modernos? Não é moda
Um estro nobre; tudo está mudado:
Ha pragmatica nova, estreitas regras,
Que obriga a jejuarmos, poesia,
Tam longa quarentena; e não me espanta
Ver poetas mirrados, se a abstinencia
Das clausuras fugiu para o Parnaso.
Os nobres Portuguezes, christãos velhos,
Acaso são gentios, como foram
Pindaro, Homero, Sophocles, Virgilio,
Para inventarem cousas inauditas?
Fabulas novas? Bastam as pinturas
De quatro bagatellas: uma fonte,
Um bosque, um rio, um campo, um arvoredo,
Um rebanho de cabras, dous pastores
Com cajado e surrão: uma pastora,
Que se está vendo n'agua: ha melhor cousa?

Quem póde fazer mais? Que nos importa
Que o verso seja froxo ou deslocado,
Sem grammatica a phrase, sem pureza,
E sem graça a dicção; ou emfim tudo
Sem connexão, sem ordem, sem juizo?
O caso está que lembrem as pedrinhas
La no fundo do rio, sem que esqueça
A gaita do pastor, nem os abraços
Da simples pastorinha: e que as palavras
Sejão humildes, velhas e caducas
Sequer de quando em quando. Ah senhor conde!*
Se isto é ser bom poeta, bom poeta
Eu o prometto ser em pouco tempo.
Mas tu, senhor, bem sabes quanto custa
Ser fidalgo da casa do deus louro:
Não se compra a dispensa com dinheiro,
Nem vale ter o pae no Desembargo;
Mas é preciso grande genio, longo
E escolhido estudo; ouvir a todos,
Seguir a poucos; conversar c'os mortos,
Quero dizer, c'os livros todo o dia,
E toda a noite: ** alli se faça branco
O cabello que foi ou preto, ou louro.

Garção.

* O conde de san' Lourenço.

** . . . . . *Vos exemplaria Græca.*
Nocturnâ versate manu, versate diurnâ.
Horacio, Arte poet.

Garção, e outros bons poetas nossos, compozeram

com muito vagar, e emendaram com maior severidade as suas obras, sem o que não seriam talvez cousa alguma no mundo litterario; mas n'ésta epocha tudo são methodos de abbreviar difficuldades, e vence-las sem trabalho e tempo.

F. D. Gomes.

O que characteriza as *satyras* de Garção, é uma logica excellente, um estylo original, um tom nobre e modesto que faz se ame o auctor. Ninguem melhor que este poeta soube dar a seus versos uma fórma periodica e harmonica: suas rimas são ricas sem affectação; e bem que elle tire de seu mesmo fundo quasi todas as expressões, não se mostra minguado em ideias. A doctrina que elle soube tam destramente espalhar n'éstas duas *satyras*, as fará ler sempre com fructo e gôsto em quanto houver amadores da poesia portugueza.

SATYRA III. *

AS VISITAS DAS SENHORAS.

Tomara-me cem legoas de visitas,
Que fazem mutuamente senhoritas:
Muita semsaboria, comprimentos,
Que, se os faço, parecem-me violentos;

* Ésta *satyra* é producção de um grande observador dos costumes patrios, é de um homem que sabía habilmente fulminar os vicios; mas, não obstante esses predicados, não obstante ter elle derramado com mão larga (assim n'ésta, como em outras *satyras*) gran' copia de anexins e idiotismos puramente nacionaes, e ter-lhes, outrosi, applicado aquella côr local que tanto as distingue de alguns escriptos do mesmo genero; todavia nem sempre o bom gôsto presidiu á escolha de seus termos. Os escrupulosos talvez accusem de sordidas e rasteiras algumas expressões; mas a preferencia que o auctor deu ao verso hendecasyllabo rhymado em parelhas (que não é dos mais felizes) sem dúvida contribuiu muito para isso. Em todo o caso elle é o unico escriptor que nos deixou uma collecção de *satyras* completta.

Se deixo de os fazer, vou arriscado
A ficar com labéo de mal creado.
Entram, ponho-me empe; ellas se abraçam,
E tornam a abraçar; e d'alli passam
A mil satisfações dos muitos dias,
Que umas de outras andaram arredias.
—«Ja nos perdeu o amor?»—«Mana, não diga;
Lidamos no enxoval da rapariga,
Que la para a semana, sexta feira
Dia de sancta Clara, ha de entrar freira.»
— «Muito bem: Deus a faça uma sanctinha:
Não veio?» — «Tem defluxo.»—Coitadinha!
Cada par vem com conto similhante,
Gastando em o contar tempo bastante;
E eu empe aturando-lhe a matraca;
Parece-me que é isto estar á estaca.
Pegando-se nas mãos tomam assentos,
E costumam fazer dous parlamentos;
Um d'elles é composto das mais duras;
São membros do outro verdes e maduras.
As primeiras começam perguntando,
— «Como vão os maridos?» — «Vai andando,
(Diz uma que do seu bem pouco gosta)
Parece-me que dá com tudo á costa
Na maldicta demanda: eu bem lh'o dice:
Não te mettas em tal, que é parvoice:
Tomam raiva á mulher, que os aconselha;
Por isso o meu agora torce a orelha.»
Aqui véem mil histórias de maridos,

Que ficam quasi sempre bem mordidos.
  La vem uma porém, que não acaba
De dizer bem do seu; em tudo o gaba;
Signal de que um e outro bem se porta,
Ou de que é o marido um Ignez Dorta.
  Alguma, que é viuva, se se falla
Na falta que o seu faz, mostra que estalla
Com chorar; carantonhas faz horrendas;
Expõe em voz truncada as suas prendas,
Truncada com soluço; e de improviso
Ri muito, se algum conto vem de riso.
  Se o parlamento môço dá risadas,
Respondem as que estão ja bem passadas:
— «Deixá-las, que são môças e meninas;
Tambem fomos assim:» véem logo minas
De cousas dos seus tempos; o que usavam
No trajar; e que modas se cantavam,
É materia. Da sua antiga história
Firmaram estes pontos na memória.
  La véem saias de crespos, véem picados
Sapatos, serenins, e decotados;
As toucas das viuvas, cuja altura
Começava a medir-se da cintura.
  Nas modas de cantar véem a *Amorosa*,
Ossos do canivete, *Joanna Rosa*,
Passarinho trigueiro, *Marinheira*,
Covanco, *Serenim*, *Luis Teixeira*,
A Viuva, *Nanita*, *Ancias*, *Parado*,
A Bella Damiana, o *Oitavado*,

E outras de que repetem as cantigas,
Que raros teem ouvido por antigas.
Algumas movem práctica a respeito
Do govêrno da casa: o que teem feito
De roupa, o que remendam e atacoam,
Como tudo concertam e affeiçoam,
Como poupam e são acauteladas
Nos furtos e loucuras das criadas:
Aqui fazem menção das que teem tido,
Das causas porque muitas se teem ido;
Disputam que criadas são melhores,
Se as môças, se as de idade ja maiores:
As que são dos maridos mais ciosas,
Não querem senão velhas carunchosas;
As outras as regeitam, porque ralham
Muito, sendo bem pouco o que trabalham.
Aqui véem os louvores da Luzia,
Certa môça que teve uma algum dia;
Aquillo é que era môça! que as de agora
So alguma boleima não namora!
Que as mais, quando se vai olhar per ellas,
Acham-se estataladas nas janellas.
Outra vem com louvores do Rodrigo,
Que foi um môço seu no tempo antigo;
Fidelidade aquillo! e so se andava
Occupado per fóra, o não achava:
Os de agora são tudo marotagem;
So cuidam no passeio, e na pilhagem.

N'isto gasta uma tarde o parlamento
Mais velho, sem calar-se um so momento
O mais môço tem la outros cuidados,
Que são vestidos, modas, penteiados.
Se uma traz um vestido de nova arte,
Alli se hade observar parte per parte;
Fazem que se levante, andam deroda,
Não escapa um pontinho da tal moda;
Perguntam quem o fez? onde se venda
Aquella qualidade de fazenda?
Se é de côres diversas: são pedidas
Amostras, que ja ficam promettidas.
Uma de casa diz: — « A minha mana
Acabou um vestido ésta semana,
Cujo talho é tambem d'essa maneira,
E a peça nada tem de corriqueira. »
— « Ora queremos ver (diz uma amiga.)»
— « Sim, responde a de casa: — « Ó rapariga
Abre esse gavetão, traze o vestido,
Que achares mais emcima, e com sentido:
Ve se tens as mãos limpas, não lhe botes
Os gadanhos de modo que o amarrotes. »
— « Linda cousa diz uma! » a que mais dista,
Se chega para ver; passam revista;
Observam mangas, costas e cintura,
Se está baixa, ou se está em grande altura;
Emfim, por evitarmos outros contos,
So lhes falta contar todos os pontos.

D'alli tomam motivo de trazerem
Todos os seus arreios * a se verem:
Ha leilão: alli volvem, e revolvem;
Alli todas as modas que ha, involvem
As côres de seu gôsto; uma lhe agrada
A azul, outra quer verde, outra encarnada;
Inda do mesmo azul uma se veste
Do pombinho, outra gosta do celeste;
Do verde, uma quer gaio, e outra assenta
Que o de côr de esmeralda lhe contenta;
Emfim sôbre o encarnado é o remate,
Que uma quer côr de rosa, outra escarlate.
Se, entre os trastes que alli andam em praça,
Ha algum que caísse a alguma em graça,
Ja diz « que ha de mandar buscar aquelle,
Porque intenta talhar outro per elle,
Ja que tanto a seu gôsto se accommoda: »
Respondem-lhe « que está da última moda. »
Com taes modas, taes côres se embaraçam,
Emperram; e somente d'alli passam

* Adereços, ornatos, enfeites.
« Se concertou com el-rei D. Afonso casar a infanta D. Joanna, sua irman, que então era de désesette annos, e a mais fermosa dama que havia em Hespanha, sem mais outro dote, que os *arreios* de sua pessoa e recamara. »

D. N. DE LEÃO.

Ponho aqui ésta nota, porque ja houve crítico em

Com menino, ou menina que apparece;
Que então uma de lindo o encarece;
Outra o gaba de ser muito espertinho;
Outra pede um abraço, outra um beijinho,
Outra, e outra; de modo que a criança,
Depois de se metter n'aquella dança,
Não leva menos voltas, menos tratos,
Do que tinham levado antes os fatos.
Entra a mãe com a voz de trombetinha
A contar perfeições da criancinha:
Eisaqui o que é séca verdadeira;
Frioleira atropella frioleira:
Cuida que todos gostam; mas d'aquella
Narração ninguem gosta senão ella:
A mãe por mãe parece-lhe ser boa:
O mais, que não é mãe, tudo se enjoa.
Não fallemos no cha, e nas fatias,
N'aquellas duvidosas cortezias,
Se se hade pôr a chicara emborcada,
Se a colhér como tranca atravessada,
Ou dizer-se: «Não quero mais.» Sujeitos
Que o dizem, quanto a mim, vão mais direitos.
Vamos á despedida: se a tractara
Algum poeta antigo, elle invocara

Lisboa, que disse — Que *arreios* so convinham a bêstas — mas o pouco ou nenhum estudo do idioma, em nossos tempos, faz dizer este e outros taes disparates.

Aqui a sua musa, supplicando,
Que os motetes sem fim lhe va lembrando.
 Eu porêm que de musas do Parnaso,
Nem do seu grande Apollo faço caso,
Exporei o que tenho na lembrança;
Todas se poem empe : ha contradança ;
Porque uma d'aqui passa, outra repaça,
Outra beija na face, a outra abraça.
 Aqui entra o recado do vestido,
Das amostras que já teem promettido,
De mandar de manhan buscar o bello
Traste, que se pediu para modello.
Assim correndo vão uma per uma,
E dando taes racados, que nenhuma
Lhe hade escapar das unhas sem recado;
Levam tempo infinito, e eu estacado,
Sempre empe aturando taes propostas,
Desejando de vè-las pelas costas.
 Despedem-se, porêm não se despede
A séca ; nova séca lhe succede
Das que ficam, que em tudo quanto havia
Nas outras, vão fazendo anatomia :
Notam uma de vir mal penteiada;
Dizem que outra não vinha bem pregada;
Ésta não lhe está bem côr amarella;
A verde não assenta bem n'aquella :
Qual traz tantos bisalhos, que na vista
Parece logo ser de capellista :
Qual é desmanchadona, qual procura

Fazer bello o carão com grossa untura ;
E tam grande aranzel d'aqui se engenha,
Que é alta noite ja, sem que fim tenha.
Ora taes salabordias conversando,
Tam grande diffusão comprimentando,
Podem dar gôsto a algum que está de fora ?
A mim não ; e se alli fiz ja demora,
Foi so para observar aquella alhada ;
Mas agora mal vejo alguma armada,
Procuro algum pretexto, marcho leve,
Fazendo a despedida muito breve.

MIGUEL DO COUTO GUERREIRO.

SATYRA IV.*

CONTRA ELMIRO.

EM DESAFFRONTA DE OUTRA.

Satyras prestam, satyras se estimam,
Quando n'ellas calúmnia o fel não verte;
Quando voz de censor, não voz de zoilo,
O vício nota, o merito gradúa;
Quando forçado epitheto affrontoso,**
(Tal que nem cabe a ti) não une áquelles,

* N'ésta *satyra* (que bem póde equiparar-se ás mais mordentes de Juvenal) exhalou Bocage todo o fel de seu genio (facilmente irritavel) contra o escriptor que lhe menosprezou as producções; pois se lhe antolhava um *zoilo* todo o que o não acclamava o maior vate de seu tempo! Mas a pureza do estylo, muitos versos felîzes, e sóbretudo alguns preceitos e regras n'ella semeiadas concernentes á arte de bem traduzir; arte que elle intendeu melhor que ninguem, por quanto (como bem disse o seu estimavel edictor, tarde e mui tarde veremos nascer em Portugal um poeta que o rivalize) foram os motivos que me resolveram a inseri-la n'ésta escolha.

**Epitheto de *tolo*, que na satyra me dá Elmiro.—

Que ja na infancia consultavam Phebo.*
Elmiro, de Paris Cotins são vivos
No metro de Boileau mordaz, mas pulchro.
Codros, Crispinos, Clovienos soam
No latido feroz do cão de Apullia;
D'esse cuja moral mordendo imitas,
E cuja phantasia em vão rastejas.
Nos igneos versos, que Venuza illustram,
Nos que d'eterna fama honraram Mantua,
Involtos no ludibrio existem Bavios,
Mevios existem, e a existencia d'elles,
(Se podesse durar) sería a tua.
Refalçado animal, das trevas socio,
Depôe, não vistas de cordeiro a pelle.
Da razão, da justiça, o dom que arrogas,
Jamais purificou teus labios torpes;
Torpes do lamaçal, d'onde zunindo
Nuvens d'insectos vis, te sobem trovas
Á mente, erma d'ideias, nua d'arte.
Como hasde, ó zoilo, eternizar meu nome,
Se os fados permanencia ao teu vedaram?
Se a ponte que os heroes transpoem seguros,
Tem fatal boqueirão, per onde absorto
Irás ao vilipendio, irás ao nada;
Ficando emcima illeso o honrado nome,

* Vate nasci; fui vate inda na quadra,
Em que o vèllo viril macio e tenro
Semelha o mimo da virginea face.

Que em dicterios plebeus, em chulas phrases,
Debalde intentas submergir comtigo.
Compraza-te a razão, responde, e treme:
Do philosopho a tez, a tez do amante,
O ar de meditação, a imagem d'alma,
Em que fundas paixões a essencia minam,
(Paixões da natureza, e não das tuas);
O que parece em mim, da vista objecto,
A mesta pallidez, o olhar sombrio,
O que a preterição desingenhosa
Dos çujos trevios na linguage aponta,
Qu'importa ó zoilo, ao litterato mundo?
Qu'importa descarnado e macilento
Não ter meu rosto o que alicía os olhos?
Em quanto nedio, rechonchudo á custa
De vão festeiro, estupida irmandade,
Repimpado nos pulpitos, que aviltas,
Afofas teus sermões, venaes fazendas,
Cujos credores nos Elysios fervem!
Trovejas, enrouqueces, não comoves;
Gelas a contrição no centro d'alma!
Ostentas ferreo numen, ceos de bronze;
E cada berro minorando a turba,
Compras n'aldeia do barbeiro o voto:
Alli triumphas, e a cidade enjoas.
Tu de cerebro pingue, e pingue face,
Pharisaica ironía em vão rebuças,
Quando a penuria ao desvalido exprobras:
Que tem co' a natureza o que é da sorte?

Ou dá-me o plano d'attrahir-lhe as graças,
Mas sem que roje escravo; ou não profanes
Indigencia e moral, quaes tu não citas.
Pões-me d'inutil, de vadio a tacha
Tu que vadio, errante, obeso, inutil,
As praças d'Ulyssea á toa opprimes;
Ou do bom Daniel * na terrea estancia
Peçonhas d'invectiva espremes d'alma,
Qu'entre negros chapeos, tambem negreja: **
E ante o caixeiro boqui-aberto arrotas,
Arrotas ante o vulgo a *encyclopedia*:
Fadas e agouras o esplendor, qu'invejas:
Arranhas mortos, atrapalhas vivos:
Imputas a grandeza, a immunidade
Do eterno Mantuano, e dás a Estacio
Um grau, que entregue ao deus, que ardendo em estro,
De Thebas o cantor tentar não ousa,
Quando á musa da morte enfreia os vôos,
E quer que a *Eneida* *** ca de longe adore,
De preferencia atroz inda não pago.
Das graças ao cultor, d'amor ao vate,
Da Nasonia elegia aos sons piedosos,

* Chapelleiro bem conhecido.

** Verbo audaz e sabiamente collocado. Com razão se diz: O genio inventa, o espirito embelleza, o gôsto põe em seu lugar.

*** *Nec tu divinam Eneida tenta.—*

Estacio, Thebaida.

Que o Pindo ouviu com dor, com mágoa o Tibre,
Versos prepões Sarmatico-latinos; *
Versos qu'inda ao burel, e ao claustro cheiram,
E que affrontoso a ti, d'applausos crôas,
So por distarem de teus versos pouco,
Sanguesuga de putridos auctores,
Que vais em cobre vil remir das tendas.
Em quanto palavroso impões a nescios,
E a credulo tropel, roncando, affirmas
Que revolveste, o que roçaste apenas;
(Fallo das artes, das sciencias fallo);
Em quanto a estátua na ignorancia elevas, **
Os dias eu consumo, eu vélo as noites
Nos desornados indigentes lares:
Submisso aos fados meus, alli componho
Á pesada existencia honesto arrimo
Co'a mão, que Phebo estende aos seus, a poucos:
Alli deveres, que não tens, nem prézas,
Com fraternal piedade acato, exerço;
Cultivo affectos á tua alma estranhos,
Dando á virtude, quanto dás ao vicio.
Não m'envilece alli d'um frade o soldo;

* O ex-frade tem desenterrado das tendas e lojas de confeiteiros *elegias*, e outros versos de Jesuitas Polacos, que denodadamente prefere a Ovidio. —

** *Quoi donc! un écrivain veut que son nom partage*
Le tribut de louange offert à son ouvrage,
Et sans crime on ne peut, s'il blesse la raison,
La venger par un vers égayé de son nom!

Alli m'esforça ao genio, ou brio as azas
Coração bemfazejo; e tanto e tanto,
Que a ti, seu depressor, protege, acolhe ;
Que em redondo character te propaga
A rapsodia servil, poema intruso; *
Pilhagem que fizeste em cem volumes,
Teu pejado armazem d'alheios fardos,
Onde a monotonia os meche, os volve,
E onde teimosa apostrophe s'esfalfa,
Ja c'os ceos entendendo, ja co'a terra!
Inda não m'elevei do Pindo ao cume
Com fama, que assoberbe os summos vates;
Porêm, graças ao dom que não desdouras
Co' a birra stulta d'emperradas trovas,
Vou sobranceiro a ti, de longe te ólho;
E, na pública voz, que se não merca,
Elmano a cysne aspira, Elmiro é ganço;
É ganço que patinha e s'enlameia

Comptable de l'ennui dont sa muse m'assomme,
Pourquoi s'est-il nommé; s'il ne veut qu'on le nomme?
Je prétends soulever les lecteurs détrompés
Contre un auteur bouffi de succès usurpés.—

GILBERT, Satyra II.

* *Contemplação da Natureza,* poema para elle, e rapsodia para mim, e para todos os conhecedores fastidiosa compilação: usurpadora apostrophe chama de seis em seis versos, pouco mais ou menos; desaloja o rancho das Irmans; e fica como vilão em casa de seu sogro.—

Em podres lodaçaes paúes do Lethes.
A círculos pueris, a vãos Narcisos,
A Lucrecias* na sala, e Lais ** na alcova,
E inda ás sereias do tempo os bravos poupo,
Insulso rimador de facho e settas;
Nugas não douro, nem mendigo applausos
De vacuas frontes, plagiarias lingnas;
Não sou, nem d'improviso, o que és d'espaço.
Claro auditorio meu, vingae-me a glória;
Vós, que em versos altísonos mil vezes
Me vistes ir voando ás fontes do estro,
Dizei, se me surgíram Grecia e Roma
Nas promptas explosões do enthusiasmo?***
Se a razão e a moral, se as leis, se a patria
Do metro destemido objectos foram;
Ou das Marilias d'hoje o riso ensosso,
Dos olhos o commércio, e não das almas,
O melindre sagaz, lição materna,
E a mercantil firmeza a cem votada?
Dizei..? mas contra ti sobeja Elmano:
Teus uívos, teus latidos não me aterram:

* Casta matrona romana.

** Meretriz grega.

***As pessoas, que nunca ouvíram Bocage, e com razão os nossos vindouros, difficultosamente poderão imaginar a successiva torrente de boa poesia, que com incrivel rapidez produzia nos accessos de seu enthusiasmo! Eu cito perante o tribunal da verdade todos aquelles que o ouvíram (ainda mesmo os

Sou do novo trifauce Alcides novo;
Inda não farto d'arranca-lo ás sombras,
As tres gargantas levarei d'um golpe;
E, se a canina espuma, ou sangue infecto,
Monstros gerar que multiplique a morte,
Das furias o tição lhes torre as frontes.
Braveja detractor, braveja insano,
Arde, blasphema em vão; d'algoz te sirva
Tenaz verdade, que te roe per dentro;
Em voz deprimes, o que admiras n'alma!
Se próvas queres, eu te exhibo as próvas
De que teu coração desdiz dos labios.
Traze á mente o lugar e a vez primeira,
Em que dado á tristeza, e curvo aos ferros,
Olhaste, ouviste Elmano, e grande o crêste,*
Quando inda os vôos tímido soltava
Na immensidade azul que aos astros guia;
E so da natureza encaminhado
Seguia o rasto d'amorosos cysnes,

seus inimigos), e que confessem se, assim como eu, o não admiraram! Talvez se podessem colligir-se as suas innumeraveis composições d'este genero (os improvisos) seriam respeitadas como o ultimo esfôrço do ingenho humano! Com todo o vigor se verificava em Bocage o *deus adsit in nobis, agitante cellessimus illo.* MONIZ.

* O satyrico antepõe os meus versos d'algum dia aos de hoje; affecta comtudo esquecer-se dos elogios que me fez sendo ainda frade graciano. —

Pousando muito á quem do grau que occupa,
Ainda carecente de ignea fôrça
Que á patria deu Leandro, Ignez, Medea
O antro dos zellos, d'Areneu e Argira
A história que o sabor colheu d'Ovidio
Na dicção narrativa, experta, idonea,
E o mais ás musas grato, e grato a Lysia.
Da estancia, onde nem sempre habita o crime,
Epistola sem sal, per ti guisada,
Em taes louvores incluiu meu nome:
Versos escuta, que negar não podes;
Estylo é teu, monotonia é tua;
O que n'elles s'involve escuta em prémio
Da empreza, que tomei de os pôr na mente:
« Do centro d'ésta grutta triste e muda,
Facundo Elmano, pelas musas dado,
O prisioneiro Elmiro te sauda,
De teus aureos talentos incantado
De ti so falla, so por ti suspira
Em teu divino canto arrebatado. »
Quem fertil nomeaste, e quem divino,
Hoje é servil, monótono, infecundo,
De texto opimo interprete engoiado? *
Co'a idade e estudo o genio em todos cresce;
Em mim desfalleceu co'a idade o estudo?
Responde a teu juiz, ao são criterio,

* Verso na satyra de Elmiro.—
Rasteiras copias de originaes suberbos.

Reo de lesa razão: trazer á patria
Nova fortilidade em plantas novas,
Manter-lhe as flôres, conservar-lhe os fructos
Quaes eram no sabor, na tez, na fórma,
Sendo o tronco, a raiz, a copa os mesmos,
Sem que os estranhe, ou desconheça o dono,
É fadiga vulgar? não tem mais preço
Do que esse que os carretos galardoa
De gallego boçal nos ferreos hombros?
Verter com melodia, ardor, pureza
O metro peregrino em luso metro,
Dos idiotismos aplanando o estôrvo,
D' um, d' outro idioma discernindo os genios,*
O character do texto expor na glosa,
Proprio tornando, e natural o alheio,
É ser bugio, papagaio, Elmiro?
Confronta originaes e as copias d'elles,
Verás se a musa, que de rastos pintas,
No vôo altivo o Sulmonense atinge,
Castel transcende, e com Delille hombreia?
Citas um verso mau, mil bons não citas?

* O Snr. C. X. é que tinha um bellissimo modo de traduzir: pegava d'um livro hespanhol, francez etc. e passeiando pela casa, em tom magistral, ia dictando a decantada versão a um amanuense; que, a todo o correr da penna, a estampava no papel, e era logo levada á imprensa, sem mais correcção ou mudança. Ora ponderem os leitores, que tratos não soffre o idioma portuguez em traducções d'essa estofa!

Citas um verso mau, que não transforma
Em matos os jardins? É natureza
Estarem par a par espinhos, flôres:
E não sabes, malevolo, que a regra
Une a tenues objectos simples phrase?
Se imparcial, se crítico escrevesses,
Centenas d'aureos versos apontaras
Sem d'um so deduzir sentença iniqua:
De Auzonia o quadro, ou venerando ou bello,
Com justa sábia mão presentarias:
—Idades cento blasonando ao longe
Co' a ruína immortal da excelsa Roma,*
Ante as aras carpindo amor, saudade,
E ao ceo medrosas lagrymas furtando
Aos amigos dos homens, e aos numes;
Na terra verdejando elysios novos,
Correntes sem rumor, como as do Lethes,
Os males na memoria adormecendo;
E em marmores corynthios alvejantes,
O grande Fenelon, e o grande Henrique. —
Se o rival de Virgilio, o que proclamas,
Porque de Gallia é filho, e não de Lysia;
A cujo seio, em que borbulham Genios,
Chamas, com lingua audaz, esteril d'elles!
Se o rival de Virgilio ouvisse, olhasse
O interprete fiel, não rude escravo,
Honrara c'um surriso uteis suores.
Pede ao molle Belmiro, anão de Phebo,

* *Poema dos Jardins*, canto IV.—

Ao que ergues uma vez, e mil derrubas;
Pede ao vampiro, que a ti mesmo, ha pouco,
Nas tendas, nos cafés deveu sarcasmos;
Pede ao bom Meliseu, d'Arcadia fauno,
De avelada existencia, e mente exhausta,*
Que affectas lamentar, e astuto abates;
Que por alfeloa troca os sons d'Euterpe,
(Os sons da sua Euterpe, e não da minha:)
Dize ao teu côro de garganta indocil,
(Sem qu'esqueça o pygmeu no corpo e n'alma;**)
Dize dos corvos d'Ulyssea ao bando,
Que interpretes, qual fui, d'eximios vates,
Não pagos d'ir no rasto, o vôo alteiem;
Ou tu mesmo apresenta, off'rece á crise
Do gordo original versão mirrada;
Sulcado o *Estacio* teu de unhadas minhas,***
De muitas que soffreste, e que aproveitas:

*Elmiro, incapaz de açaimar a maledicencia que o characteriza, exprobra a penuria ao resequido Melizeu, em vez de lhe notar unicamente o sestro, com que antepõe um pau de alfeloa ás composições Euterpicas, em que podia afamar-se. —

**Todos sabem a applicação antiga d'aquelle meu verso. — *Pygmeu no corpo e n'alma* — Se houver todavia quem a ignore, declaro, que pertence a um nojento homeniculo engenhador de miudezas metricas, a quem o esquecimento de uma virgula arruinou um soneto; e que propaga e psalmeia a *satyra* de Elmiro, porque nunca fiz a injustiça de gabar os seus *nadas*. —

*** O indigno traductor d'*Estacio* me rogou mil

N'elle ó mágoa! ó labéo! per ti mudados
A pompa na indigencia, o lucto em riso,
Mostra em teus versos as imagens suas
Tibias, informes, encolhidas, mortas,
Desdentado leão, leão sem garras,
Que á longa idade succumbiu rugindo,
Mas leão, que de perto, inda é terribil,
E que no quadro teu vale um cordeiro!
Ousa mais, a *Lusiada* não sumas,*
Que o número de versos fez poema,
Tal que seu mesmo pae, sem dor o enterra!
Expõe no tribunal da eternidade
Monumentos d'audacia, não d'ingenho,
O prologo alteroso, em que abocanhas
Do luso Homero as veneraveis cinzas! **
E não de inepto, de apoucado arguas
Quem, porque teme a quéda, encolhe as azas;
Quem d'ephemerios vivas, não contente,

vezes que lhe castigasse a versão onde o character e phrase do original padecem inclemencias! —

* Movito de Elmiro aos seis mezes: obra em que a glória de Camões é enxovalhada no prologo, e resarcida no mais: o auctor a sumiu. —

***Que dans l'Europe entière on me montre un libelle*
Qui ne soit pas couvert d'une honte éternelle,
Ou qu'un oubli profond ne retienne englouti
Dans le fond du bourbier dont il était sorti.—

VOLTAIRE.

Chegando a mais que tu, se atreve a menos.
Nem somente Melpomene dispensa
Gran' nome, nem Calliope somente:
Como os Voltaires, na memoría vivem
La Fontaine, Chaulieux, subsistem n'ella:
Todos teem nome e grau, tu mesmo o dizes
Contradictorio tumido versista.
Themas que escolhes, generos que abraças,
Nem te honra, nem desluz: no desempenho
O lustre, a glória estão. Tem jus á fama
O vate, ou cante heroes, ou cante amores;
Comtanto que de Phebo as leis não torça
Aos mais varios assumptos ajustadas.
Co' a materia convem casar o estylo;
Levante-se a expressão, se é grande a ideia;
Se a ideia é negra, a locução negreje;
E tenue sendo, se atenue a phrase.
Segue o que tens de cór, mas não practícas;
Serás o que não es, o que não foste,
Quando das *musas* no *Almanak*... ai triste,
Que a par de seus irmãos morre de traça!
Forjaste d'uma freira equorea nympha, *
Jacintha d'um tritão fingiste accesa!
Chamaste grande, harmonico a Lereno; **

* Em um dos *Almanaks* citados ha um Idyllio piscatorio de Elmiro em que uma nympha do mar se chama Jacintha; nome que juncto com a pessoa, próva a gósto do auctor.—

** Auctor de cantiguinhas com seus *ai lé lé*.

Ao fusco trovador, que em Papagaio*
Transformaste depois, havendo impado
Com tavernal chanfana, alarve almôço
A expensas do coitado Orangotango,
Que uma serpe engordou, cevando Elmiro.
Os teus vicios em rosto aos mais não lances,
Tu furia, tu dragão, que entornas peste
Por systhema, por hábito, por genio!
Os sette, que detrais, em que te aggravam?
Querias par a par subir com elles
Nas azas do louvor a ignotos climas?
Que disseras, mordaz, quando a mimosa,
Quando a celeste Catalani** exhala
Milagres de ternura, e de harmonia;
Sim, que disseras, se ultrajando a scena,
De rouquenha bandurra um biltre armado,
Ante a assemblea estatica impingisse
Solfa mazomba, hispanico bolero?
Pois isto, ó zoilo, tam improprio fôra,
Como annexar teu nome aos sette, e aos outros
Que do silencio meu não colhem manchas,
Nem carecem de mim, per si famosos,
E á muito em lyra eterna ao pólo erguidos!

* Metamorphose de Lereno em papagaio no tempo que Elmiro almoçava com elle: acção que advoga pola moral do pregador, tam superfluo como os insectos. —

** Famosa cantora italiana, que representou muito tempo no theatro de san' Carlos em Lisboa.

Verdade, rectidão, vós sois meus numes;
Ve se as adoro ó zoilo! eu amo Alcino,
Filinto, Corydon, Elpino eu louvo;
Todo me apraz Dorindo, Alfeno em parte:
Nas trevas para mim reluz Thomino;
Nos Genios transcendentes me arrebato;
Prézo alumnos phebeus, desprézo Elmiros.
D'alta justiça que mais próva exiges
Tu que de iniquo e parcial me increpas?
Tu que em vez de razões, oprobrios vibras
Perante um mundo, que te sabe a história?
Tu que afeito á moral dos Tupinambas,
Tens ampla consciencia, onde a amizade,
Onde amor e outros vinculos sagrados
São nomes vãos, phantasticos direitos?
Tu... mas lingua de bronze, e voz de ferro
Mal de teus vicios a expressão dariam
Indomito molosso, ardido ex-frade:
É comtigo a razão qual é co' as ondas
Arte e saber de naúfrago piloto:
Serás qual es, e morrerás qual vives.
Prosegue em detrahir-me, em praguejar-me;
Porque Delio dos prologos te exclue:
Pregoa, espalha em satyras, em lojas,
Que zoilos não mereço, e sê meu zoilo:
Chama-me de Thisyphone enteado;
Porque em femeo Belmirico falsete
Não juncto os zelos, não descrevo a morte.
Erra versos, e versos sentenceia:

Condena-me a cantar d'Ulina os damnos;
Aggrega o magro Elmano ao fulo Esbarra;
Ignora o — *baquear* — que é verbo antigo,*
Dos Souzas, dos Arraes somente usado:
Montonymias, synecdoches dispensa:
Dá-me as pueris antithesis, que odeio:
D'estofador d'anaphoras me encoima: **
Faze entre insanias, um prodigio faze,
Qual anda o caranguejo, andar meus versos:
Suppoe-me entre barris, entre marujos,
(D'alguns talvez teu sangue as veias honre!)
Mas não desmaies na carreira: ávante,
Eia ardor, coração... vaidade ao menos!...
As oitavas ao Gama esconde embora;
N'isso nem perdes tu, nem perde o mundo;
Mas venha o mais, *epistolas*, *sonetos*,
Odes, *canções*, *metamorphoses*, *tudo*,
Na frente pões teu nome, estou vingado.***

BOCAGE.

* Veja-se a nota da pagina 155, no II volume d'ésta escolha.

** Accusa.

*** *Laissez un vil Zoïle aux fanges du Parnasse,*
De ses croassemens importuner le ciel,
Agir avec bassesse, écrire avec audace,
Et s'abreuver de fiel. —

VOLTAIRE.

Todas as notas com o signal — são de Bocage.

SATYRA V.

O BILHAR.*

Por fugir da cruel melancholia,
Que a estragada cabeça me atropella,
Largando o pobre leito, em que jazia,
Fui sentar-me n'um canto da janella;
D'alli pela miuda gelozia,
Espreitando, qual tímida donzella,
De tudo quanto vi te darei parte,
Se a tanto me adjudar ingenho e arte. **
Mora defronte roto guriteiro,
Com jogo de bilhar e carambola;
Onde ao domingo o lepido caixeiro
Co' a loja do patrão vai dando á sola;

* Ésta *satyra* é olhada pelos conhecedores como uma obra prima no seu genero. Que singeleza unida a uma arte infinita! que propriedade de estylo, e que atecismo! É impossivel narrar melhor. O auctor possuía o segredo de dar vida e graça a tudo.

** Verso de Camões.

Gyra no liso verde taboleiro,
De indiano marfim lascada bola,
Erguendo aos ares perigosos saltos:
Chamam-lhe os mestres d'arte *truques altos*.

Alli se ajuncta bando de casquilhos,
A que o vulgo mordaz chama rafados;
Alto topete, prenhe de polvilhos,
Que descalço gallego deu fiados:
De quebrados tafues, vadios filhos,
Pelas vastas tablilhas encostados,
Altercam mil questões; promptos contendem;
Promptos decidem no que nada intendem.

Um quer ver (enfronhado em picaria)
Silvada testa no andaluz ginete;
Outro próva no chão a ponta fria
Do luzidio virginal florete:
Mais amante da paz, outro elogia
Do bom *Dupré* o airoso minuete;
E pôsto empe, para imitar-lhe os passos,
Alteia o peito, e vai torcendo os braços.

Aventuras de amor outro contando,
Mostra os escriptos de Nerina bella,
Onde a mão adoravel foi lançando,
Com penna de perum lettra amarella:
Vai com trabalho o triste solettrando
As tortas regras, que boçal donzella,
De emprestadas finezas carregara,
Que piedosa vizinha lhe dictara.

Então diz, «que finissima madeixa

Lhe ondeia sôbre o hombro torneado;
Alli suspira o triste, alli se queixa
De ir sendo ja per ella desprezado:
Conta, chorando, que ésta ingrata o deixa
Por esbelto cadete, que rafado,
Por mais que ao usurario os soldos peça,
A bolsa sempre tem como a cabeça.»

Alçando mais os olhos, vi defronte
Malhando a fio rígido banqueiro;
Que tendo ja de marcas alto monte,
Ia despindo o misero parceiro:
Em quanto um diz «que lavre, outro que conte,»
Sem valerem os oculos do olheiro,
N'uma paz ja vencida, um ponto afoito,
Subtilmente lhe encaixa *duas de oito*.

O perito banqueiro afronta os medos,
Tendo nas mãos em que se va vingando;
Com cuspo milagroso ungindo os dedos,
Vai destramente as cartas recuando:
De sciencia infernal, subtis segredos,
Com mão ligeira prompto executando,
Marcando cartas, inventando nicas,
Fazia, em vez de banca, peloticas.

Mas não se livra de subtil calote,
Que um velho mansamente lhe tecia;
Julgando-o todos misero pixote,
Parolins de campanha impune erguia:
Embuçado em diaphano capote,
Per um buraco os ganhos recebia;

Fôra no *Cabra* das melhores pernas ;
Hoje joga os *tres settes* nas tavernas.

Os roixos olhos para o ar alçados,
Encostado na quina de um bofette,
Pensativo taful mordia uns dados,
Que seis vezes tiraram *quatro a sette* :
Com suspeitas de que eram carregados,
Em duro almofariz o triste os mette;
E a golpes de martello aberto o centro,
Per fóra são marfim, chumbo per dentro.

Mais ao longe, com pallida viseira,
Çujo poeta está vociferando ;
Da nojosa empeçada cabelleira
Varias pontas de palha veem brotando :
Os papeis, que lhe pejam a algibeira,
Vão pelo forro larga porta achando ;
Faz da véstia camisa ; e é collarinho
Torcido solitario pescocinho.

Fôra cem vezes em nocturno oiteiro
Da sábia padaria apadrinhado ;
E diz-se que glosava por dinheiro,
Mas creio que atéqui não tem cobrado :
Seguindo em môço o offício de barbeiro,
E das filhas de Jove * namorado,
Abriu ao mundo asperrima batalha,
Tanto co' a penna, como co' a navalha.

Fallou, por affectar musa campestre,

* As musas.

Em surrão e cajado muitas vezes;
Era um flagello este tyranno mestre
Dos ouvidos e faces dos freguezes:
Todos os versos leu da estátua equestre,
E todos os famosos entremezes,
Que no arsenal ao vago caminhante
Se vendem a cavallo n'um barbante.

De cançada rançosa poesia
Grosso volume na algibeira andava;
Em vendo gente, logo la corria,
E o fatal cartapacio lhe empurrava:*
Acrosticos sonetos repetia,
Que so elle intendia, e so louvava;
Punha em prosa tambem muita parola,
E acabava porfim pedindo esmola.

* A frenetica mania d'este mau poeta, traz-me à lembrança os seguintes versos de Boileau:

Gardez-vous d'imiter ce rimeur furieux [1]
Qui, de ses vains écrits lecteur harmonieux,
Aborde en récitant quiconque le salue,
Et poursuit de ses vers les passans dans la rue.
Il n'est temple si saint des anges respecté
Qui soit contre sa muse un lieu de sûreté.

[1] *Durant toute une messe, Dupérier récitait à Boileau une* ode *qui avait concouru sans succès pour le prix proposé par l'Académie française. Au moment de l'*élévation, *Dupérier s'écria:* « Ils ont dit que mes vers étaient trop malherbiens! »

Este, ouvindo da turba as prosas frias,
E acceso do Parnaso em sancto zelo,
Alçando a voz, cantou doces poesias,
Que invejou de Latona o filho belo; *
Jurando que as fizera em poucos dias,
Prometteu que as havia dar ao prelo;
Mas da roda um dos menos depravados,
Em desconto as ouviu dos seus peccados.

«Debalde (diz) o povo vil perverso
Sôbre mim descarrega tiros rudos;
Que eu não so sou poeta desde o berço,
Mas tambem tenho solidos estudos:
Sei que syllabas leva cada verso,
E não misturo graves com agudos:
Rompi outeiros em sanct' Anna e Chellas;
Chamei sol, á prelada, ás mais, estrellas.

Co' as sonoras palavras *Pindo* e *Pletro*,
Ponho em meus versos locução divina;
E sei, para cumprir as leis do metro,
Quanto a história das fabulas me ensina:
Sei que dos ceos tem Jupiter o sceptro,
Que nos infernos reina Proserpina;
Á madrugada sempre chamo aurora;
Sempre chamo a um jasmim mimo de Flora.

Sei decerto em que tempo viu o mundo,
Filhos da terra, os quatro irmãos gigantes;
Sei finalmente conhecer a fundo

* Apollo.

O que são consoantes ou toantes:
Sei tudo; e unicamente me confundo
C'uns taes versinhos, que eu não via d'antes;
Aos novos ursos todo o povo acode,
O estylo é sybillino, o nome é *ode*.
Faze-las eu não posso, nem desejo;
Porêm sei conhece-las facilmente:
Co'as verdes mãos o serpeado Tejo
Alça o trilingue madido tridente;
Mas que Gorgona filtra? eu vejo!... eu vejo!...
Em dizendo isto, é ode certamente;
É filha d'arte a escuridade d'ellas,
É um preceito das *desordens bellas.* *
As taes poesias (que a intender não chego)
Podres palavras teem desenterrado;
Se levam nó é tam occulto e cego,
Que quem quer desata-lo, vai logrado:
Dizem que imitam n'isto um certo Grego,
Glória de Thebas, Pindaro chamado;
Se isto é assim, a sua lingua de oiro
Sería grega, mas fallava moiro.
Quatro rapazes estendendo o pano,
Deixam as gentes aoredor absortas;
Fallando em Venuzino e Mantuano,
As musas portuguezas poem per portas:

* *Son style impétueux souvent marche au hasard:*
Chez elle un beau désordre *est un effet de l'art.*
Boileau, Art. poet.

Aprendendo francez e italiano,
E umas taes linguas, a que chamam mortas,
Trazem com ellas perigosas modas;
Mas ainda bem, que eu as ignoro todas.
Diz um sabio — «que o seculo presente
Ia emendando os erros do passado;
Mas que das odes a infeliz torrente
Tinha a lingua outra vez estropeado:
Que amontoam com mão impertinente
Quantas palavras velhas teem achado;
Que se envergonham das que usamos todos,
E vão busca-las muito além dos Godos.»
Como a caruncho e podridão condena
A lição affectada dos antigos;
Não leio Barros, Souza, nem Lucena,
Porque sempre foi bom fugir dos p'rigos:
Ou sempre escreveu mal a sua pena,
Ou nunca os lêram bem os taes amigos:
E por cautella, arreda bolorentos
Ginjas fataes do tempo de quinhentos!
Não podem crer os Genios lusitanos,
Que as modas, como as vidas, são pequenas;
Que ja murchou esse estro dos Romanos,
E influem sôbre nós outras camenas:
Que o tempo tragador, volvendo os annos,
Fez caír Roma, fez caír Athenas;
Que jaz no po a Iliada involvida,
E que alça a frente a *Phenix-renascida.* *

* Para dar uma amostrinha aos meus leitores do

Mais ia per diante o monstro horrendo *
C'o sermão, que ninguem lhe encommendara;
Mas inimiga mão lhe foi batendo
C'um baralho de cartas pela cara:
Era um ponto infeliz, que estando ardendo,
No innocente poeta se vingara;
Que não sentiu o ver-se maltractado,
Mas ter a porcos perolas lançado.
Eis que o dono da casa espavorido,

estylo da maior parte das poesias, que compoem a tal *Phenix-renascida*, transcreverei aqui um soneto de Fr. Jeronimo Vahia, feito a um *gyrasol*. Acha-se nas obras de Francisco Manuel.

Amante *gyrasol*, aguia das flores,
Que com *vista de bronze*, em olhos de *ouro*,
Cantas no *louro deus*, no *deus do louro*
Iguaes a suas luzes, teus ardores:
Tu, que finezas mil, e mil rigores
Mostras sem prémio, e vestes sem desdouro;
Pallido pelo amor, pelo sol louro,
Córes do teu amor, do teu sol *cores*:
Tambem pallido sou, tambem amante;
Um sol amo tambem, pois amo Estella,
E se *foges veloz*, sigo constante.
Mas eu te venço a ti, vence ao sol ella;
Pois tu no amor pygmeu, eu sou gigante;
E Estella é *sol na luz*, e o *sol estrella*.

VIVA!

* Verso de Camões.

Em castigo da sordida cubiça,
Vem co' as mãos na cabeça —« Estou perdido,
Tenho as casas cercadas de justiça ! »
Era domingo, e um ponto arrependido,
Sentiu então o não ter ido á missa :
Não valem rogos seus, nem do banqueiro;
É mais brando um leão, que um quadrilheiro!

Mas ja faminto alcaide carrancudo
Grita no meio da voraz procella :
— « Bota o cordão, *Manteiga*, agarra tudo,
E sentido não saltem da janella ! »
Forçoso quadrilheiro alto e membrudo,
Aos desgraçados põe de sentinella :
Soam algemas, lançam-se cordões;
Cortam-se atrás os coses dos calções.

Então o triste povo sitiado
Faz das bolsas bandeiras de amizade;
Capitula em dinheiro de contado,
Negoceia-se a paz com brevidade :
Sentiu-se o bom esbirro lastimado,
E aos infelizes deu a liberdade:
Pagou-lhe o ceo tam sancto beneficio,
Jaz na enxovía, e tem perdido o officio.

Eisaqui, meu Alcino, tenho exposto
A medicina que me tem sarado;
E como trazes o quebrado rosto
De lagrymas de dor sempre inundado;
Vem visitar-me um dia, que eu aposto,
Que para casa voltarás curado,

Nos costumes tambem; que aqui enfreias
As baldas proprias, rindo das alheias.

NICOLAU TOLENTINO.

Póde-se dizer do nosso amavel *satyrico* o que ja de Moliere disse um escriptor francez.

« *Il ne fait que des peintures générales; il ne nomme personne; et les traits qu'il lance frappent d'autant plus sûrement, qu'ils frappent de tous côtés.* »

SATYRA VI.

OS AMANTES.*

Amor, é falso o que dizes;
Teu bom rosto é contrafeito;
Tenta novos infelizes;
Que eu inda trago no peito
Mui frescas as cicatrizes.
O teu mel, é mel azedo;
Não creio em teu gazalhado;
Mostras-me em vão rosto ledo:
Ja estou muito escaldado,
Ja d'aguas frias hei medo. **

* . . . . Se ajunctar quizeres
Obra de nossa idade, a mor que temos,
Ajuncta-lhe as *quintilhas* saborosas
Do claro Tolentino.
Primores cortezãos, ricos fallares,
Plautinas graças, joviaes donaires,
Flôres de toda a vária côr lançaram
Em seu regaço as musas.

A. R. dos Santos

** Proverbio mui antigo e usual.

Teus premios são pranto e dor;
Chóro os mal-gastados annos,
Em que servi tal senhor;
Mas tirei dos teus enganos
O saír bom pregador.
Fartei-te assás a vontade;
Em vãos suspiros, e em queixas
Me levaste a mocidade:
E nem ao menos me deixas
Os restos da curta idade?
Es como os cães esfaimados,
Que comendo os troncos quentes,
Per destro negro esfolados,
Levam nos ávidos dentes
Os ossos ensanguentados?
Bem vejo aljava dourada
Os hombros nus adornarte:
Amigo, muda de estrada;
Põe a mira em outra parte,
Que d'aqui não tiras nada.
Busca algum fofo morgado,
Que sôlto ja dos tutores,
Ao domingo penteiado,
Vai dizendo á toa amores
Pelas pias encostado.
Que sisuda casa honrada,
De papeis nunca avarento,
Dá com mão refalseiada
Escriptos de casamento,

Ora á filha, ora á criada.
Genealogico comprado
Lhe concede, a pêso d'oiro,
Em castello imaginado,
Cabeça de fusco moiro
Sôbre escudo golpeiado.
Árvores de geração
Em pergaminho enrolado,
Provas innegaveis são;
É um ramo desgraçado
De antigos reis de Aragão!
Dando ao moxilla o lasão,
De Phylis a escada emboca,
Sempre em ar de protecção;
Alvo palito na boca,
Branda varinha na mão.
Zomba dos falsos brazões
Que não são no berço achados;
E diz á môça as razões
De ter no teliz bordados
Dous cães, e quinze leões.
As histórias lhe declara
D'aquellas guerras felizes;
E mostra com mão avara,
Os ossos de dés narizes
Que seu quinto avô cortara.
Aturde a môça boçal
Com cem quintas, cem commendas;
E armando um mappa geral

Das suas immensas rendas,
Vai-se sem lhe dar real. *
Mas se a teus farpões dourados
Não achas digno consumo,
E os julgas mal empregados
N'éstas cabeças de fumo,
N'estes peitos altanados;
Busca algum novel basbaque,
Que por pobre não saía,
Mas ja mette o bairro a saque,
Depois que ingenhosa tia
Lhe armou de uma saia um fraque.
Que gravesinho namora
Com brando e risonho aspeito;
Ponta de lenço de fora,
Mólho de flôres no peito,
Prenda de certa senhora.
Que um trapo a seu geito ordena,
Temendo o po das calçadas;
E antes de entrar na novena,
Com cuspo, pelas escadas,
Vai dando aos çapatos crena.
De gêlo as pedras cubertas,
Como ás vezes me fizeste,
Alta noite, e a horas certas,
Quando o rígido nordeste

* O ridículo assim espalhado destramente, dá mais fôrça e incanto á verdade.

Deixou as ruas desertas;
Oiça duros assobios,
Precursores de alto insulto;
Retalhem-no ventos frios;
Ladrem ao postado vulto
Cem nocturnos cães vadios.
De paisanos salteiado,
(Ronda sem fe, e sem lei,)
De espadas velhas cercado,
E ao som *da parte de el-rei*,
Per fôrça desembuçado.
Membrudo cabo vermelho
O apalpe entre os mais senhores;
Acha uma escova, e um espelho,
Désoito escriptos de amores,
E um çujo lencinho velho.
Fíram teus accesos raios
Tambem na gentalha vil,
De crestados peitos baios,
Que começando em barril,
Vão, por augmento, a lacaios.
Busca algum que da cocheira,
Quando o patrão não sai fora,
Com os olhos na trapeira,
Limpando a sege, namora
Desgrenhada cuzinheira.
Que de noite á sua porta,
Com famosos tangedores,

Que o Talaveiras * conforta,
Lhe manda ternos amores
Sôbre as azas da comporta:
  Aquem a çuja donzella,
Por almôço do costume,
Manda em sordida tigella
O primitivo chorume
Da desflorada panella.
  E se te não satisfazes
Com tanta conquista brava,
Que n'ésta canalha fazes;
E ainda a funesta aljava
Pejada de settas trazes;
  Não tens velhas presumidas,
Que em fim de mez fingem dôres,
So ás môças concedidas;
E teem de compradas côres
As roixas faces tingidas?
  Cuja boca pestilente,
Ante um espelho ensaiada,
Torcendo-se destramente,
Aprende a abrir a risada
Per onde inda resta um dente?
  Que ha sessenta annos donzellas,
(Caso raras vezes visto!)
Teem titulos de capellas,

* Casa de povo.

Com um hábito de Christo
Para quem casar com ellas ?
Busca alguma de bom caco,
Que pela fenda da saia
Marinhando o braço fraco,
Fisga o lenço de cambraia,
Afastando o de tabaco.
Que em festival sociedade
Até o rapé reprova,
Chamando-lhe porquidade;
E vai fartar-se na alcova
De *sumonte*, e de *cidade*.
Amor, faze éstas em postas;
Vai-lhe das lagrymas rindo,
Ja que de lagrymas gostas;
E não andes perseguindo
A quem te virou as costas.
Porêm se da plebe escura
Em pouco o triumpho prezas,
E queres fina ternura,
Extremos, delicadezas,
Os freiraticos procura :
Gentes de mais alta esteira,
Ternos finos corações,
Que em fechada papeleira
Vão guardando em batalhões
As cartas da sua freira.
Em chegando a conductora,
Que os sacrilegios ateia,

Um d'estes de gôsto chora,
Lambe com respeito a obreia,
Por ter cuspo da senhora.
Pôsto na insipida* grade,
Em almiscar perfumado,
Todo amor, todo saudade,
Comendo, em doce babado,
Os sobejos de algum frade.
Ao sublime estylo guinda
Sua discrição notoria;
A que logo a freira linda,
Revolvendo na memoria
Os dous livros da *Florinda*,**
Responde: « *Os conceitos sigam*
Os holocaustos do altar;
Pois são, e as chammas o digam,
Pedir, quem póde mandar,
Preceitos que mais obrigam.» ***
Entretanto um chantre velho,
A quem a rodeira engoda,

* Todos os epithetos de que usa o nosso *satyrico* são adequadissimos.

** Novellas muito estimadas das senhoras.

*** Lingua *freira* ou *freiratica*, é uma certa lingua delambida, inintelligivel (por muito refinada) despida de todo o termo energico, confeitada de phrases de conventual invenção, cujo significado é so claro para os adeptos.

FRANCISCO MANUEL.

E que, em fechando o evangelho,
Vai metter dentro da roda
O seu cachaço vermelho :
  Freiratico por fadario,
Tam goloso, como amante,
Condecinhas pelo armario,
E sôbre a deserta estante
Manjar-branco, e o breviario.
  Que em podre philosophia,
Sectario da antiga lei,
Os Universaes sabia ;
E armado do *a parte rei*,
Tudo a eito distinguia :
  Arranca oleoso escarro ;
Diz á rodeira um conceito
D'aquelles que ja teem sarro;
Mette os oculos no peito,
Throno de amor e catarro.
  Pois ja que estes peitos vão
Franca entrada offerecer-te,
Amor, carrega-lhe a mão;
Aprendam a conhecer-te,
Mas paguem caro a lição.
  Mette n'um carcere a dama;
Do bom chantre* os calcanhares

*... *Cet épais et lourd cafard*
Qu'ébaucha le ciel au hasard
Pour végéter, ronfler et paître.
GRESSET.

Vão curtir gotta na cama ;
E o secular cruze os mares
Que foi descubrir o Gama.
E se queres empregar
As tuas settas de prova,
Quando alva lua raiar,
Vai sobre a *Ribeira-nova*
As azas equilibrar.
Brandos vestidos tomados
Descubrindo as saias altas;
Entre as nuvens os toucados;
E com esbeltos peraltas
Os braços entrelaçados.
Verás ser acceito logo
Teu riso enganoso e brando;
Não esperam per teu rogo;
E em tu do alto assoprando,
Verás chammejar o fogo.
Que alvos dedos delicados
A furto se vão beijando,
Em quanto os paes descuidados
A loja nova admirando
Pararam embasbacados!
Verás sisudo estrangeiro
Contando grossos tostões
Ao refinado brejeiro,
Correio de corações,
Que se compram por dinheiro.
Verás môça rebocada,

Na cabeça lenço çujo,
Rota capa sobraçada,
Recebendo do marujo
Um copo de limonada.
  E em quanto escuto os gemidos
Que arrancas de tantos seios,
Deixa que em montes erguidos
Veja os naufragios alheios,
Enxugando os meus vestidos.
  Se até nos teus estimados
Hervadas settas se embebem;
Se do teu riso enganados
Com bocas sedentas bebem
Veneno em vasos dourados:
  Vão pe, ante pe guiados
Per peitada cuzinheira;
Mas vendo os paes levantados,
Dentro de enrolada esteira
Ficam n'um canto emboscados:
  Quando alta noite susurra
Rijo sibyllante vento,
Que as grossas portas empurra;
E acorda o velho avarento
Com os cuidados na burra:
  Salta da cama ligeiro,
Corre portas e janellas,
Registando o quarto inteiro,
Em ceroulas e chinellas,
Com pistola e candieiro:

Que tremor de coração,
Que semblantes enfiados
Os amantes não terão,
Que c'os collos levantados
Ouvindo o rumor estão?

Da janella debruçada
Desinvolve degraus falços
Pallida dama assustada;
Os mimosos pés descalços,
A madeixa ao vento dada:

Pois se estes teus escolhidos,
Por cabedaes, por figura,
Das Nises favorecidos,
Maldizem sua ventura,
E descem arrependidos;

Como hei de eu crer-te, que apenas
Vi de longe tranças de ouro?
Debalde outro engano ordenas
Aquem de teu vão thezouro
Nunca teve mais que penas.

De teu rol meu nome risca;
Em peito inda não cortado
Cevados anzoes arrisca;
Mas com peixe ja sangrado,
Não gastes a tua isca.

De meu pranto rociadas
Penduro as fataes cadeias,
Ao som de meus ais forjadas;
Arranco das rotas veias

Cruas settas despontadas:
Sangue innocente esparzíram;
Mais á ideia me não tragas
Uns olhos, que enxutos víram
Éstas desgraçadas chagas,
Que em teu serviço se abríram.
Dei-te os cuidados, e os dias;
De tudo ja foste dono;
Restam so melancholias:
Que gloria te dá um throno
Pôsto sôbre cinzas frias?
Teus golpes de mim que esperam?
Dá fôlgo aos escravos mancos,
Que em teu carro entorpeceram;
Deixa em paz cabellos brancos,
Que entre os teus ferros nasceram.

Nicolau Tolentino.

SATYRA VII.

O PASSEIO.

A vós, que favor me dais,
Illustre e sabio Martinho, *
Que meu fraco ingenho alçais,
E das lettras o caminho
Dentro d'ellas me mostrais:
Homem são, e sem reserva,
Que pondes sangue de parte,
Que vãos respeitos conserva;
Nutrido aos braços de Marte
Com o leite de Minerva:
Vosso servo hoje se atreve
A mandar em má poesia
Bons desejos que ter deve;
Que tenhais paz e alegria,
Mais que o triste que isto escreve:
Que n'essas vastas campinas,
Que assombram ermos outeiros,
Vivais horas mais beninas;

* D. Martinho de Almeida.

Livre de duros banqueiros,
Livre de ingratas Nerinas.
Em boa tarde mandae
Farpear bravo novilho;
Com o conde passeiae;
Ide adoçando c'o filho
Justas saudades do pae.
Ensinae-lhe altas verdades,
Aos vossos olhos patentes;
Mostrae-lhe n'essas herdades
Os prazeres innocentes
Que fugíram das cidades.
Que ame a pura singeleza,
De que os campos são figura;
Que não se fie em grandeza;
Que uma, é obra da ventura,
E a outra, da natureza.
Mas voltando a nós a mão,
Vós philosopho profundo,
Que conversais com Platão,
Vêde se lhe achais um mundo,
Que nos encha o coração:
Que este em que estamos, senhor,
Sempre surdo a sãos conselhos,
Volve a roda a seu sabor;
E dizem pilotos velhos,
« Que vai de mal a peior. »
Quantas vezes nós fallamos
Sôbre a sua natureza?

Quantas mazellas lhe achamos?
Porêm temos a fraqueza
De amar o que condenamos!
O bom Democrito * ria
Do que a nós nos causa dor;
Elle mui bem o intendia:
Vamos nós tambem, senhor,
Fazer o que elle fazia.
Dos homens na van loucura
Um pouco meditaremos;
E com alchimia segura,
Do mal alheio faremos
Para o nosso mal a cura.
Quando vierdes, então
Correremos a cidade;
Uns que véem, outros que vão:
Acharemos á vontade
Onde mettamos a mão.
Veremos o vão peralta
Calcando importuna** lama,
Que as alvas meias lhe esmalta,
Na esteira de esquiva dama
Que de pedra em pedra salta. ***
Aos cafés iremos vêllo

* Philosopho grego.

** Bello epitheto!

***O nosso poeta satyrico tem tal destreza e variedade nas pinturas alegres; dá-lhe uns toques tam bellos e verdadeiros, que deleita summamente.

No mostrador encostado
Sôbre o curvo cotovêllo,
Tendo á esquerda sobraçado
Gigante chapeo de pêllo.
Alli em regras de dança,
Com outros taes conversando,
Dirá, que desde criança
Andou sempre viajando,
Que viu Londres, que viu França:
Que gastou grossos dinheiros;
Pois ver com socêgo quis
Cidades, reinos inteiros:
Jura que como em Paris
Nunca achou cabelleireiros.
Exalta os môlhos francezes
Dos banquetes que lhe deram;
E balbuciará ás vezes,
Fingindo que lhe esqueceram
Muitos termos portuguezes.*
Chamará á patria ingrata:

*Não é exageração: um conheci eu aqui em Paris, que, quando lhe fallavam em portuguez, respondia sempre em francez; e n'este mesmo idioma (em que apenas começava a exprimir-se) pedia á pessoa que o interrogava — *Lhe desculpasse o não lhe responder em portuguez, porque ja lhe não lembravam os termos d'essa lingua!* — Ora o tal bonifrate, não havia bem dous mezes que deixara Lisboa, e ja desprezava o seu idioma!...

Murmurará do governo,
Que do bom gôsto não trata,
E consente que de hinverno
Haja fivellas de prata.
Em dous minutos emenda
O mundo, que vai perdido;
E quer que com elle aprenda
Em que quadra, e em que vestido
São proprios punhos de renda.
Carregando a sobrancelha,
A fallar na história salta;
E logo da França velha
Reconta o pobre peralta
Cousas que pescou de orelha.
Faz ao bom Sully* justiça,
Que os fios da espada embota
Ao rei, que em furor se atiça;
E não lhe esquece a anecdota,
Que um reino vale uma missa.
Falla em *san' Bartholomeu*,**

* Ministro francez. Affeiçoou-se, inda môço, a Henrique IV, primeiramente principe, depois rei de Navarra, e per ultimo rei de França; do qual grangeou toda a confiança, além de muitas honras e beneficios.

** *Jour affreux, jour fatal au monde,*
Que l'abîme éternel du temps
Te couvre de sa nuit profonde!

E quasi que as gottas conta
De sangue que então correu;
E ao certo as folhas aponta
Da história que nunca leu.
Riremos do seu estudo;
Porque so o tem mostrado
Em ter chapeo gadelhudo,
Em ter canhão cerceado,
E em pôr de mais um canudo.*
Iremos ouvir mil petas,
Quando mais o sol se empina,
Vendo acerrimos jarretas,
Juncto a sancta Catherina,
Argumentando em gazetas.
Um quer a cabeça dar,
Se o conde d' *Estaing* não fez

Tombe à jamais enseveli
Dans le grand fleuve de l'oubli,
Séjour de notre antique histoire!
VOLTAIRE.

*A pintura que faz Francisco Manuel de um d'estes petimetres que se mettem a criticos de obras traduzidas é assás galante: ei-la aqui·

« Quando oiço resmungar críticas d'esse jaez, dou-lhe dous trincos, e um assobio; porque se me representa logo certo tarello penteiado a *la Titus*, esgravatando os dentes, com um palito, antes de almoçar; seu livrinho francez aberto sôbre a banca; os olhos lançados ao desgarre para o es-

Trinta naus desarvorar;
Outro levanta em um mez
O cêrco de Gibraltar.
Um, riscando a terra, ensina
Co' a bengala a geographia;
E nos diz com quem confina
Ao poente, e ao meio-dia
A Georgia, e a Carolina.
Outro aos Inglezes deseja
Na armada o fogo ateiado;
E pinta em crua peleja
Dés Lords fugindo a nado
Sôbre barris de cerveja.
Outro conta os graves damnos,
Que ésta gazeta declara
Tiveram os Castelhanos;
E o triumpho inglez compara
C'os triumphos dos Romanos.
Ao seu partido se aferra;
Diz que inda c'os mastos rotos

pelho, embellezando-se na sua guapice, decidindo com sacudido ademan, (como qualquer caixeirinho do café do Caes do Sodré:) « *Ce ne vaut rien* : o auctor é *insignificante*: começa por não saber a sua lingua, nem a lingua do auctor que traduz: não chega ao bico do sapato da mais *ligeira* traducção dos nossos modernos. Leiamos alguma obra que tenha mais chorume, e mais elegancia. — ó *Lafleur*, dá ca a gazeta. »

Ao mundo farão a guerra;
Mas fica vencido em votos,
E leva a breca Inglaterra.
Dão ao leão furibundo
Gibraltar em justa guerra;
E este concilio profundo,
Sem ter um palmo de terra,
Está repartindo o mundo!
Dando emfim o Inglez á sola,
Qualquer dos dictos confrades
Na rota capa se enrola;
E tendo dado cidades,
Nos vem pedir uma esmola.
D'alli, senhor, voltaremos
Pelas praças principaes;
Que bellas cousas veremos!
Que famosos editaes
Pelas esquinas leremos!
*Chegou monsieur de tal,**
Chymico em París formado;
Traz segredo especial;

*Este charlatão (de que falla o auctor) trazme á lembrança outro de quem fallou Francisco Manuel; copiarei os seus proprios termos:

- Era eu rapaz, e passava pelo Loreto; vi o adro atulhado de gente, e quiz saber (curiosidade de rapaz!) o que os apinhava alli. Vi um estrangeiro com uma caixinha toda de escaques cheios de papelinhos quadrados, que encerravam em suas dobras

Um elixir approvado,
Um remedio universal.
Não pretende ajunctar fundo
C'os grandes segredos seus;
E cheio de dó profundo,
Tira polo amor de Deus
Os dentes a todo o mundo.
Iremos ler no outro lado,
Onde acaso os olhos puz:
Em quarto grande e estampado
Saíu novamente á luz
Carlos Magno commentado.
Na mesma loja hão de achar
As obras de Caldeirão,
Que em bom preço se hão de dar;
E o Cavalheiro christão,
E as Regras de partejar.
D'éstas ridicularias,
E de outras taes, murmurando,
Co' as nossas philosophias,
A tarde iremos gastando

certos pós, que elle apregoava miraculosos e infalliveis para sarar pernas e braços quebrados, impedir a gôta e apoplexia, tirar os signaes de bexigas, atalhar a velhice, fazer nascer novos dentes, etc., etc. mas sôbre tudo para matar pulgas no verão. Muita gente lh'os comprava; mas muita mais se desfazia em perguntas, em objecções, em reparos, e elle a tudo respondia: — *comprae meus pós.* — »

Té que deem *ave-marias.*
Então, ja quando em cardume
Sai gente da fundição,
Como sabeis, que é costume;
E ja as vizinhas vão
Pedir ás vizinhas lume:
Quando a dama requestada
Um vulto na esquina ve,
E diz á fiel criada,
Que desça pe, ante pe,
E tome o escripto na escada:
Quando todo o ginja rico
Para casa a proa inclina,
Por temer facas de bico;
E cuida que a cada esquina
Lhe lança mão o *Joaniço*:
Então, meu senhor, teremos
Função de mais alto preço;
A certa assemblea iremos
De uma gente que eu conheço,
Onde á vontade riremos.
Feita a geral cortezia,
Pe atrás, segundo a moda,
Daremos á mãe, e á tia,
E depois a toda a roda,
Alto e malo, *senhoria.*
A mãe, ja dragão formal,
Espelho de desenganos,
E que, por seu grande mal,

Ha ja mais de vinte annos,
Que guarda a fe conjugal:
Posta deroda no centro,
Cruza a perna, mestra abelha;
E de longe a ver-lhe eu entro
Sapatos de seda velha,
Bicos de pés para dentro.
A tia séria mulher,
Que os longos vestidos seus
Ao Carmo manda fazer,
E d'éstas que dão a Deus
O que o mundo ja não quer:
Sente um desgôsto infinito,
Que o mundo a deixe tam cedo;
Affecta mystico esprito;
Porêm suspira em segredo
Polas cebolas do Egypto.
L'*Abbé*,* que encurta as batinas,
Por mostrar bordadas meias;
E presidindo em matinas,
Vai depois ás assembleias
Cantar modas co' as meninas;
É quem lhe rouba attenções,
E lhe accende um fogo interno;

*. . . *Dans la chambre entre monsieur l'abbé,*
Fade plaisant, galant escroc, et prêtre,
Et du logis pour quelques mois le maître.

VOLTAIRE.

Tracta-o com mil expressões;
Diz-lhe quanto ha de mais terno
Nos seus livros de orações.
Riremos do tal dragão,
Que tantas figuras faz;
E sabe, com habil mão,
Unir em profunda paz
Babylonia com Sião.
Pouco ás filhas fallarei;
São feias e mal-creadas;
Mas sempre conseguirei,
Que cantem desafinadas
De saúdades morrerei.
Cantada a vulgar modinha,
Que é a dominante agora,
Sai a môça da cuzinha,
E diante da senhora
Vem desdobrar a banquinha.
Na farpada meza logo
Bandeja e bule apparece;
Que mordais os beiços rogo;
Pois são trastes, que parece
Que escaparam de algum fogo.
Em bule chamado inglez,
Que ja para pouco serve,
Duas folhas lança ou trez
De cançado cha, que ferve
Com ésta, a septima vez.
De fatías, nem o cheiro,

Por mais que ás vezes as quiz;
Que o carrancudo tendeiro,
Cançado de gastar giz,
Ja não dá pão sem dinheiro.
Saíremos de improviso,
Despedidos á franceza;
E iremos, pois é preciso,
Na vossa esplendida meza
Largar redea á fome, e ao riso.
De tudo nos lembraremos;
A famosa digressão
Ao bom marquez contaremos;
E do vermelho Monção
Mil saúdes lhe faremos.
Mas, senhor, agora vejo
Quanto o pensamento voa;
Estar comvosco desejo:
Não podendo co' a pessoa,
Fui ao menos c'o desejo:
Correu com largueza a mão;
Escrevi mais do que devo;
Foi culpa do coração,
Quando vos fallo ou escrevo,
As horas instantes são.
Quem me seja pouco affeito, *
Vendo éstas regras singellas,
Dirá com damnado peito,

* Por *affecto*.

Que escrever-vos bagatellas,
É faltarvos ao respeito;
Mas vós sois sabio, e sois justo,
Sabeis a quem me encostei ;
Boileau, que escreveu sem susto,
Fez o mesmo ao grande rei, *
Fez o mesmo Horacio a Augusto.

NICOLAU TOLENTINO.

* Luis XIV.

SATYRA VIII.

A FUNÇÃO.

Musa, basta de rimar;
Ja fazes esforços vãos,
Vai a lyra pendurar;
Não sabem trémulas mãos
Com as cordas acertar:
Ja a velhice pesada
Te encheu de rugas a testa;
Ja co' a dura mão gelada
Te poz a marca funesta
Na madeixa branqueiada:
Teu estro, falto de meios,
Ja furta mais do que imita;
Vas dando airosos passeios,
E todo o povo te grita
Larga os vestidos alheios!
Tua vaidade faz dó;
Cinges cascos enrugados,
Cheios de caruncho e pó,
Com velhos louros furtados
Do sepulcro de Boileau:

Lêste, por teu mal, um dia
Este livro endiabrado;
Tal te poz a phantasia,
Que o corpo velho e cançado
Inda te pede folia.
Depois que vistosa quinta
Te deu brilhante função,
Tu de discordias faminta,
Vens com damnada tenção
Por-me ao pe papel e tinta.
Bem me lembra o sítio ameno;
Quanto vi, tenho presente;
Mas a ti é que eu condeno,
Que na acção mais innocente
Vas sempre deitar veneno.
Com felpudos chapelinhos,
Que estofada pluma ornava,
Por aprazíveis caminhos,
Formoso esquadrão montava
Ajaezados burrinhos:
Marcha a tropa; Amor a guía:
Tu que a mesma estrada trilhas,
Mostra-me em todo esse dia
Cousas, que não fossem filhas
Da innocencia, e da alegria? *

* O tom ironico do auctor, n'ésta bella *satyra*, constitue-lhe o principal merito. Bem se ve que o nosso poeta sabía imitar os bons modelos.

Dizes, que pobres donzellas
Vão os olhos enganando
Com postiças tranças bellas,
E chitas de contrabando,
Que ainda são das adellas;

E que em quanto em taes desmanchos
A irmaa, com titulos falços,
Faz a glória d'estes ranchos,
Corre o irmão, c'os pés descalços,
Vendendo em Lisboa ganchos.

Dizes, que um, o qual eu callo,
Assentando que as senhoras
Querem todas namorallo,
Cravando a furto as esporas,
Mettia em obra o cavallo.

Que outro, falto de expressão,
Traficar de longe quiz;
E com o lenço na mão,
Pagava o pobre nariz
Os crimes do coração.

Mas quanto atéqui exprimes,
Por mais que as côres lhe mudes,
Por mais que a teu geito o rimes,
Creio que não são virtudes,
Porêm tambem não são crimes.

No largo pateo apeiados,
Que alva cal emtôrno pinta,
Dizes, que de braços dados,
Fomos passeiar na quinta

Uns dos outros separados.
  Faíscando os olhos lumes,
Perdido o siso e conselho,
Gritas, em vivos queixumes:
«Onde estão, Portugal velho,
Onde estão os teus costumes?
  Onde os bons tempos estão
Da simples Lisboa antiga,
Quando era grande função
Ir a amiga ver a amiga,
E merendarem no chão?
  Quando a filha sem labeo
Ia cantar com trabalho,
E co'a innocencia do ceo:
« Senhor Francisco Bandalho,
Fita verde no chapeo?
  Oh maldictos os primeiros,
Que a idade de ouro inventaram!
Que baníram pegureiros;
E nos campos misturaram
Os lobos com os cordeiros?»
  Qual, apertando alvos dedos,
Vai dizendo: « ingrata, aprende
D'estes passarinhos ledos;
Amor sua voz intende;
São de amor os seus segredos:»
  Qual co'a navalha afiada
Desigual cortiça aplana
D'antiga árvore copada,

E entalha, em lettra romana,
O nome de sua amada;
  Beija então as lettras bellas;
E de versos curioso,
Pondo brandos olhos n'ellas,
Pede ao tronco venturoso,
Que as va erguendo ás estrellas.
  Dizes, que por mais que eu pregue,
São baldados meus officios;
Que ninguem jamais consegue
Marchar sôbre precipicios,
Sem que algum pe lhe escorregue.
  Sentam-se entretanto os pais;
Vem gazeta e rei da Prussia,
Véem os estados-gerais;
Marcham com as tropas da Russia
As tropas imperiais.
  Um conta da Porta o estado;
Diz, «que das pazes o artigo
Vai mui pouco acautelado;»
E tendo a filha em perigo,
Ri do Turco descuidado!
  Co'a pintada sobrancelha
Vai sosinha passeiando
Boa mãe, sincera velha;
Dos esgalhos resguardando,
Ora a pellicia, ora a telha:
  Pondo contra a luz a mão,
E crendo que n'ésta rua

Está san' Sebastião,
De Venus á estátua nua
Faz mezura e oração.*
  Emtanto as Venus melhores
Do que ésta, que a arte fes;
Escutam ternos amores,
Que estão jurando a seus pes
Felizes adoradores.
  Basta, musa; pare ahi
Esse montão inimigo
De mentiras, que te ouvi;
Tu sempre andaste comigo,
Mas eu nada d'isso vi.
  Foi per meu braço levada
Uma das dictas douzellas;
Feia, mas a estudos dada;
E sôbre doctas novellas
De tenros annos creada:
  Levantou sábias questões
Que ella mesma resolveu;
Fez profundas reflexões;
E porfim me prometteu
Ler-me as suas traducções:
  Jurou que aprendeu grammatica,
E que hoje os livros não feixa
Da infallivel mathematica;
E quer ver se o pae a deixa

* Que bellissima quintilha!

Ir na máchina aerostatica.
 So de nós podes fallar;
Dos mais, como has de saber,
Se vendo-os no bosque entrar,
Quando os tornámos a ver
Foi ás horas de jantar?
 Dizes, que é falso este nome;
Que foi jantar de matula,
Onde so quem furta, come:
Juras que no altar da gula
Fostes víctima da fome;
 Mas de tua semrazão
Eu vi próva verdadeira;
De habil velha a crespa mão
Foi atacando a algibeira
C'os sobejos da função.
 Se Nise, que faz estudo
De affectar moral virtude,
Com ar austero e sisudo
Faz criminosa saude
Com os olhos no seu *Tudo*;
 Se o Xisxisbeo seu visinho
Lhe vai afagando os dedos
Do tenro surdo pesinho;
E por saber-lhe os segredos
Lhe bebe o resto do vinho;
 Se mau trinchante novato,
Mostrando annel de brilhantes,
Mas errando a fôrça e o tacto,

Com riso dos circunstantes,
Trinchou o perum e o prato;
  Se gordo Beirão morgado,
Aquem seus canhões affrontam,
E um par de meias bordado,
Traidores vincos nos contam
As vezes que as tem calçado;
  Seguindo a Nerina o trilho,
Lhe está dizendo « que a adora;
Que de fartos paes é filho,
E que venha ser senhora
De vinte moios de milho : »
  Se este infeliz namorado
Bordou de arroz o vestido;
Se duro garfo aguçado,
Na noviça mão mettido,
Lhe deixa um beiço espetado!
  Tudo isto são meros nadas,
E toda a indulgencia pedem
Mezas em barulho armadas;
Peiores cousas succedem
Nas que julgas delicadas.
  Eu ja vi boçal criada,
Que o fatal segredo espalha,
De estar um môço na escada,
Que vem buscar a toalha,
Se está ja desoccupada.
  Deixa pois tenção ruim;
Foi um soffrivel jantar;

E depois que elle deu fim,
Foi mau ver contradançar
Toda a tarde no jardim?
  Destros pares perfilados,
Que o brilhante enredo tecem,
Deram promptos e acertados,
Um prazer, que so conhecem
Os corações delicados.
  Venus mesma não fizera
Jogos mais incantadores,
Quando dizem que descera
Entre as Graças, e os Amores
Sôbre os jardins de Cythera.
  E que mal te fez então,
No furor das contradanças,
Ver parceiro cortezão
Ir levar á dama as tranças,
Que lhe caíram no chão?
  Das tres velhas que dançaram,
Se uma gritou derepente,
Foi porque os pés a entregaram,
Quando desgraçadamente
O dous callos se encontraram.
  E se acaso em ti não há
Gôsto por tal passatempo,
Enfreia essa lingua má;
São modas que véem c'o tempo,
O tempo as acabará.
  Não são os gostos eternos;

Teve o *passapié* amigos,
Ainda não ha quinze hinvernos;
Foi a glória dos antigos,
Hoje é mofa dos modernos.
Debalde em ralhar te canças;
Deixa ao tempo os seus caminhos;
Ir-se-hão poupas, ir-se-hão tranças,
Istericos, josésinhos,
Feitiços e contradanças.
Em bandolim marchetado,
Os ligeiros dedos promptos,
Louro peralta adamado,
Foi depois tocar per pontos
O doce *londum chorado*.
Se Marcia se bamboleia
N'este innocente exercicio,
Se os quadriz saracoteia,
Quem sabe se traz cilicio
E por virtude os meneia?
Não sentenceies de estalo;
Teem as danças fim decente;
Ama o pae, mas por deixalo,
Dança a donzella innocente
Diante de san' Gonçalo.
Cobrando o pardo dinheiro,
De que o povo é tributario,
Velho preto prazenteiro,
Para glória do Rozario,
Remeche o corpo, e o pandeiro.

Em solemne procissão
Une a frialeira casta
O fandango, e a devoção;
Mas emfim de exemplos basta,
E tornemos á questão.
Ja d'entre as verdes murteiras,
Em suavissimos assentos,
Com segundas e primeiras,
Sobem nas azas dos ventos
As modinhas brazileiras.
E que mal te fez na porta
Pae, que ronda de quadrilha,
Cabelleira loura e torta,
Dizer, que peçam á filha
Um bocado de *comporta?**
Com que graça vem trazidas,
Fingindo-se envergonhadas,
Tenras faces incendidas,
Per destros galgos achadas
No jogo das escondidas?
Musa, abre os olhos escassos,
Não te enganes co'a apparencia;
Senão torcesses os passos,
Acharias a innocencia
Té no jôgo dos abraços.
Marilia as linhas espalha;
E a candida mão sem luva

* Moda que canta a gente da plebe.

Tam destramente as baralha,
Que sempre saiu viuva
Sancta velha, que não ralha.
Tira a este brinco o veo,
Util fim verás mil vezes;
D'alli sai o Xisxisbeo;
D'alli se levam as rezes
Aos altares de Hymeneo.
E se co' a lingua damnada
Sem motivo envenenaste
A tarde tam bem passada,
Com menos causa gritaste
Á noite na retirada.
Se a pe, dando o Joséсinho,
Escoltou Alcino ledo
A Marcia todo o caminho,
Foi porque ella tinha medo
Que lhe caísse o burrinho.
Todas contentes chegaram;
Nenhuma chegou moída;
E depois que se apearam,
Alli mesmo á despedida
Outra funçâo ajustaram.
Ves, musa, como atropellas
A innocencia das funções?
Confessa que em todas ellas
O mal não vem das acções,
Vem de quem julga mal d'ellas.
Segue outra philosophia;

Nem sempre seriedade,
Como nem sempre folia;
Na discreta variedade
Está do mundo a harmonia.

Bravo Inglez sanguinolento,
Depois de deixar votado,
Que se afronte o mar, e o vento,
Cuidas que fica fechado
Nas salas do Parlamento?

Se pola patria se cança,
Tambem prazeres deseja;
De manhan assusta a França,
Arrota á noite cerveja,
Canta mal, e contradança.

Tracta pois de te emendar,
E deixa vidas alheias;
Que o povo está a zombar
Em quanto te incham as veias
Com a fòrça de prégar.

Thomaz dos Pós fez missões; *
Ajunctou gente infinita;
Mas inda em negros vergões
Traz nos artelhos escrita
A paga dos seus sermões.

Toma emfim a lição minha;
Mas se estás na mesma fragoa
D'aquella mulher mesquinha,

* Donato, que por pregar, foi para as galés.

Que alçando a mão fóra d'agoa,
Fez c'os dedos tesourinha:
  Teme o raivoso furor
Do exército dos peraltas,
Que em armas se vai ja por;
Tambem o das poupas altas,
Que é inimigo peior:
  Guardam no peito odio velho
Por motivos similhantes;
E se crês no meu conselho,
Mata-lhe antes os amantes,
Quebra-lhe o melhor espelho;
  Prohibe-lhe as convulsões;
Abre-lhe ao cãosinho as veias,
Que para tudo ha perdões;
Mas nunca lhe chames feias,
Nem lhe entendas co' as funções.

NICOLAU TOLENTINO.

Estes versos de Gilbert são a melhor apologia que se póde fazer a Nicolau Tolentino, e ás suas satyras:

Si je vois mes travaux payés d'un peu d'estime,
Ce peu de gloire au moins est juste et légitime;
Tous mes écrits, enfants d'une chaste candeur,
N'ont jamais fait rougir le front de la pudeur;
Ils plaisent sans blasphème et vivent sans cabales;
Mes modestes succès ne sont pas des scandales;
Et si du temps jaloux mon nom est respecté,
Mon nom ira sans tache à la postérité.

Lyricos.

ROMANCES, CANÇÕES, LYRAS, ENDEIXAS E DECIMAS.

ROMANCE.

A VISÃO.*

Ao longo de uma ribeira,
Que vai pelo pe da serra,
Onde me a mi fez a guerra

* O estylo de Bernardim Ribeiro é o dos antigos *romances*, porém mais voluptuoso, e mais terno: algumas vezes pécca em demasiadas argucias, trocadilhos e repetições (como todas as poesias hespanholas d'essa era); mas, em desconto, reluz n'elle aquella graça, que so provem da franqueza e cordialidade. Antonio Ribeiro dos Santos disse:

O nobre Bernardim, muito saudoso,
Alma amorosa e terna, que gran' somma
De maneiras eroticas, de phrases
De grande extremo em seus escriptos volve!

Muito tempo o grande amor,
Me levou a minha dor:
Ja era tarde do dia;
E a agua d'ella corria
Per antre um alto arvoredo,
Onde ás vezes ia quedo
O rio, e ás vezes não.
Entrada era do verão,
Quando começam as aves
Com seus cantares suaves
Fazer tudo gracioso;
Ao rugido saúdoso
Das aguas cantavam ellas.
Todalas * minhas querellas
Se me pozeram diante;
Alli morrer quizera ante, **
Que ver per onde passei:
Mas eu que digo? passei,...
Antes inda heide passar
Em quanto hi houver pezar,
Que sempre o hi hade haver.
As aguas, que de correr
Não cessavam um momento,
Me trouxeram ó pensamento
Que assi eram minhas magoas,
D'onde sempre correm agoas

* Todas as.
** Antes.

Per estes olhos mesquinhos,
Que teem abertos caminhos
Pelo meio do meu rôsto;
E ja não tenho outro gôsto
Na grande desdita minha;
O que eu cuidava que tinha
Foi-se-me assi não sei como;
D'onde eu certa crença tomo
Que para me leixar veio.
  Mas tendo-me assi alheio
De mi o que alli cuidava,
Da banda d'onde a agua estava
Vi um homem todo cão, *
Que lhe dava pelo chão
A barba e o cabello;
Ficando eu pasmado d'ello,**
Olhando elle para mi,
Fallou-me, e disse-me assi:
« Tambem vai ésta agua ao Tejo. »
  N'isto olhei, vi meu desejo
Estar de trás, triste, so,
Todo cuberto de do
Chorando sem dizer nada,
A cara em sangue lavada,
Na boca posta uma mão,
Como que a grande paixão

* Cano, encanecido, de cabellos brancos.
** Variação antiquada de *elle*.

Sua falla lhe tolhia;
E o velho, que tudo via,
Vendo-me tambem chorar,
Começou assi fallar:
« Eu mesmo sam * teu cuidado,
Que, n'outra terra creado,
N'ésta primeiro nasci;
E est'outro que está aqui
É o teu desejo triste,
Que em má hora o tu viste,
Pois nunca te esquecerá;
A terra e mar passará
Traspassando a mágoa a ti: »
Quando lhe eu aquisto ** ouvi,
Soltei suspiros ao choro;
Alli claramente o foro
Meus olhos tristes passaram
De um bem so qu'elles olharam,
Que outro nunca mais tiveram:
Nem o tive, nem m'o deram,
Nem o esperei somente:
De so ver fui tam contente,
Que para mais esperar
Nunca me deram logar.
E na quisto, *** triste estando,

* Sou.
** Isto.
*** N'isto.

C'os olhos tristes olhando
D'aquellas bandas d'alem,
Olhei, e não vi ninguem.
Dei então a caminhar
Rio abaixo, até chegar
Acêrca* de Monte-mor.
Com meus males derredor,
Da banda do meio-dia,
Alli minha phantasia
D'antre uns medrosos penedos,
Ond' aves que fazem medos
De noite os dias vão ter,
Me saíu a receber
C'uma mulher pelo braço,
Que, ao parecer, de cançaço
Não podia ter-se em si,
Dizendo: « Ves triste aqui
A triste lembrança tua.»
Minha vista então na sua
Puz, d'ella todo me enchi:
A prima** cousa que vi,
E a derradeira tambem;
Que no mundo vão e véem
Seus olhos verdes rasgados,
De lagrymas carregados
Logo em vendo-os, pareciam

* Vizinho a, perto de.
** A primeira.

Que de lagrymas enchiam
Contino as suas faces;
Que eram gran' tempo pazes
Antre mi e meus cuidados.
Louros cabellos ondados
Que um negro manto cubria:
Na tristeza parecia
Que lhe convinha morrer.
Os seus olhos de me ver
Como furtados tirou;
Depois em cheio me olhou:
Seus alvos peitos rasgando,
Em voz alta se aqueixando
Disse assi mui so sentida:
« Pois que mor dor ha na vida,
Para que houve hi morrer? »
Calou-se sem mais dizer;
E de mi gemidos dando
Fui-me para ella chorando
Para haver de a consolar.
N'isto poz-se o sol ao ar,
E se fez a noite escura:
E eu disse mal á ventura,
E á vida que não morri;
E muito longe d'alli
Ouvi de um alto outeiro
Chamar Bernardim Ribeiro,
E dizer: « Olha onde estás! »
Olhei diante e detrás,

E vi tudo escuridão;
Cerrei meus olhos então,
E nunca mais os abri;
Que depois que os eu perdi
Nunca vi tam grande bem;
Porêm inda mal, porem !...

BERNARDIM RIBEIRO.

Foi este poeta o primeiro que em Portugal acquiriu grande reputação no genero *bucolico* e *romantico*. Camões tinha-o em muito aprêço. E na verdade, elle deu todo o impulso á poesia pastoril do decimo sexto seculo. Seus versos respiram aquella candura melancholica tam natural a um poeta amavel, que suspirava de contino *por certo amor ausente, cujas saudades lhe acabaram a vida.*[1]

[1] M. DA S. MASCARENHAS.

CANÇÃO.*

PSYCHIS.

Dura necessidade quando engrossa,
Como agua na ribeira,
Quem não foge, podendo, vendo-a vir?
Quem ha porêm que possa?
Cumpre de ter maneira,
Ou de pôr peito á agua, ou de fugir.
Buscando pelos vãos contos passados,
De que cante, que hei mêdo ao mau ensino,
Maior que a cantar mal versos rhymados;
Emfim, direi d'Amor cego e menino,
Por desastre malino
Como lhe aconteceu;
Mas se Amor foi vencido, Amor venceu.

* Ésta *canção* é de muita belleza. O pincel de Sá de Miranda ensopou-se, para traça-la, na mesma tincta, com que Bocace, e depois d'elle o feiticeiro La Fontaine, coloríram seus graciosos contos. Mas o nosso poeta deu uns toques tam sensiveis e maviosos a este bellissimo quadro! usou de expressões tam singelas e incantadoras, que é mais facil senti-las, que annalysa-las.

Em tempo antigo, longe em terra estranha,
Um rei e uma rainha
Houveram filhas: a primeira veio
De belleza tammanha,
Que algũa igual não tinha,
Somente a que despois foi a do meio;
Mas logo sobreveio
Inda outra, que a éstas fez como ás estrellas
Faz o sol claro tanto que apparece:
Fallavam cavalleiros e donzellas,
Como nas cousas raras acontece:
A gente se lhe offr'ece
Como a deusa immortal;
Té do bem o sobejo sempre é mal.

Não soffreu tal offensa Amor altivo
Que fosse aos deuses feita,
Seu arco toma, os tiros apurou
De chumbo e d'ouro vivo,
Voando ao ar se deita,
E n'um momento tudo atravessou:
Mas enleiado ficou
Quando tal fermosura ante si viu;
Fugiu-lhe o coração, a setta cae,
E no pe, que diante ia, o feriu:
Chora o menino, e grita pela mae.
Com tal conselho sae;
Faz um bosque incantado,
Alli geme e suspira magoado.

Ja antes d'isto aquella grande fama

Da fermosa princesa,
A bellissima Venus receiosa,
Os seus archeiros chama,
Em secreta defesa,
As mostras são porêm d'estar ciosa:
Quando pela amorosa
E delicada praia rumor corre,
Primeiro sem auctor, e sem certeza,
Que o poderoso Amor d'amores morre:
Mas logo se affirmou ja com clareza;
Co' a qual a mãe despreza,
Todo o respeito, e ceva
De brando somno a môça, e la lh'a leva.
Cai a noite do ceo, mas é dos lumes
Vencida, e fica dia,
Com que (acordando) viu ricas pinturas:
Ardem ricos perfumes,
Os cantares, que ouvia,
Eram para abrandar as pedras duras
Põe-se á meza, e figuras
Correm com vasos ricos e sem conto,
Mansamente ordenadas sem peleja,
Tudo se faz alli prestes n'um ponto:
Que banquete quereis que o d'Amor seja?
Não acha alli a inveja,
Que possa desdenhar,
Nem o appetite mais que desejar.
Mas porque me vou eu ora detendo
Em cousas que o sentido

Deixa per um tam longo spaço atrás?
Respeito ao sol havendo,
Direi de um so partido,
Que Amor logo tirou, mas duro assás.
Disse: « Não me verás,
Contente-te o que ves, » Ah sorte esquerda,
Cruel e cubiçoso pensamento!
Representou-se a Amor a grande perda
Do par que esvaecido é n'um momento:
Ha mister soffrimento
O mal, e inda o bem,
Pouco estimado so de quem o tem.
Promette do porvir ousadamente;
Fazem-se cumprimentos,
Que despois se cumpríram muito mal:
Deseja ella a sua gente
Para assoalhar seus ventos, *
Quer-lhe mostrar, andando, o tal e o tal;
Cousa que tanto val,
C'os nossos coraçõesinhos pequenos.
Ora indo assi crescendo estes desejos,
A fermosura cada vez é menos;
Quanto dos mimos mais, mais dos entejos.
Emfim, diz « Bens sobejos
Sem as minhas irmans,
Não sois riquezas não, mas visões vans. »
Ouviu, estremeceu Amor, porêm

* Isto é — ostentar seus haveres, riquezas.

Houve de dar licença,
Dizendo de vagar: « Pois assi quer,
Razão é que tambem
Agora n'isso vença
Quem sempre em tudo soe de vencer. »
Véem-na as irmans a ver;
E vendo hi tanto de que ter inveja,
Confusas dizem: «Tristes mal-fadadas,
C'o que se perde aqui, c'o que sobeja,
Foramos todas bemaventuradas!
Nadas, menos que nadas
Nossas ricas riquezas
Como ésta as chamará pobres pobrezas!*
A môça amostra ca, e amostra la;
Do que não vêem lhes conta:
Toda de face andava, ellas do envés,
Não soffrem ver mais ja;
Não podem com a afronta,
Com tudo cedo irão dar a través.
O sol anda de pés,
Os prazeres tambem c'o elle desandam,
Tambem as que fingiam suspiravam:
Quem sabe os corações alheios que andam
Fazendo? Se quereis, inda choravam.
Mas onde se entornavam

** Estes dous versos sempre foram citados pelos conhecedores como modelos de elegancia, e singeleza antiga.

Aquelles vasos d'agoa
Parecia irmandade, ella era magoa.
Não se podem ter mais. « Ora em tal vida
Que gôsto podes ter
(Disse uma) triste irman nossa enganada?
Choramos-te perdida,
E vindo-te assi ver,
Tornamos-te a chorar por mal achada! »
A outra mais ousada
Tomando a mão, lhe disse : « Quem sería,
Que outra cousa cuidasse? se elle tanto
Te amasse, e se tal fosse, mostra-se-hía :
Responder, que não quer, d'isso me espanto!
Ora eu nan o levanto ;
Mas diz que n'este lago
Se ve ás noites vir voando um drago!»
Não disse mais. Os olhos, não sei mais,
E os geitos, que disseram
Fazendo casos : a môça enfraquece
Com suores mortais :
Todas emfim vieram *
Que quando ha tempo o dilatar empece.
Eis a barca apparece
Em que se hão d'ir: « Deixam-lhe lume acceso:
Ordenam-lhe o que faça antes que vão-se.
Veja-se em todo caso o tam defeso

* Por *convieram, assentaram.*

E tam gabado sposo, então descançe:
Outra vez as mãos dão-se;
Soltam ao vento a vella;
Fogem ellas c'o barco, co' a praia ella.
Ora, ja noite, chega Amor cançado,
Lança-se no seu leito,
Á boa fe descança, e dorme quêdo;
Da ifante o delicado
Singelo e brando peito
Vence-se, ora d'amor, ora de mêdo:
Descobre-se o segrêdo
D'Amor (cousa divina!) olhos humanos
Como ter-se podiam ao resplandor?
Malina inveja, que causou taes danos!
Deixa-o dormir: ah durma sempre Amor!
A simples com temor
Os passos desconcerta,
Deu-lhe o fogo no peito, elle desperta.
Quantos, e que suspiros dá de novo!
Os gritos amiuda;
O jardim deleitoso n'um momento
Em brejo escuro e covo*
(Quem o crerá?) se muda!
Que se fez de tam rico aparamento?
Cousas sem fundamento
Sempre em nada se tornam, assi a deshora: *

* Concavo e fundo.
** Fóra de tempo.

Ás más irmans, más furias infernais,
Como assanhadas bichas, lança fora:
A mesma paga sempre hajam as tais.
A môça que errou mais
Com singeleza, jouve *
Chorando em terra um tempo, e perdão houve.
Ésta canção que eu fiz
Cantando, minha em parte,
Ja algum acena, e diz:
«Não sei que eu d'isto ouvi ja n'outra parte?»
Perdão de parte a parte:
Vós, musas, me ensinastes,
Que, do que outrora ouvistes, nos cantastes.

Sá de Miranda.

* Jazeu.

Este philosopho poeta, rompendo per mil obstaculos, que lhe oppunha um idioma pouco ou nada acostumado a operações poeticas, sem modelos, sem guia mais do que o exemplo dos metros italianos; domando a rudeza da phrase, e adaptando-a a infinitas combinações harmonicas, estabeleceu novas leis ás cesuras metricas, e determinou a harmonia da lingua na poesia portugueza. Apartando-se pois do uso commum, que então supersticiosamente se fazia do verso octonario, fixou os accentos do hendecasyllabo, inda pouco ou quasi desconhecido, e mostrou que este devia fazer o principal fundamento de nossa harmonia metrica, e com razão; porque notando nas palavras do idioma portuguez o

mesmo compasso, a mesma destribuição de vogaes e consoantes, a mesma e igual melodia que na lingua italiana; colligiu que a harmonia total da portugueza devia ser o metro principal de nossa poesia, assim como o era da toscana havia mais de dous seculos, e ja entrava a sê-lo na castelhana pelas tentativas que iam fazendo Buscan e Garcilasso. Foi Sá de Miranda quem trouxe para a nossa poesia o verso septenario, totalmente desusado dos versificadores portuguezes; e o primeiro que mostrou que não podia haver combinação mais harmonica e legitima na poesia lyrica do que a d'este com o hendecasyllabo.

O soneto introduzido na poesia portugueza pelo famoso infante D. Pedro de Alfarroubeira, poeta insigne, o principe mais sabio de seu tempo, e o maior homem da nação portugueza, foi pelo Sá de Miranda aperfeiçoado, e estabelecido da maneira que aopresente o vemos. Elle nos ensinou a estructura da *canção*, da *oitava rima*, do *terceto*; e pôstoque o sabio Manuel de Faria e Souza affirme, e próve, que muito antes do poeta Miranda, ja entre nós existia o *hendecasyllabo*, e a *oitava rima*; comtudo estavam tam pouco determinados, que não havia norma alguma positiva na construcção accentual do primeiro, nem na disposição das simulcadencias do segundo, e por isso não eram usados; nem os ouvidos se podiam familiarisar com aquella harmonia, que então conservavam, por ser estranha e repugnante á melodia do idioma, e ao gôsto da nação.

F. D. Gomes.

CANÇÃO I.

MEMORIA

DE AMORES PASSADOS.

Vão as serenas agoas
Do Mondego descendo
E mansamente até o mar não param :

* Estas *canções* são conformes ás de Petrarca, e de Bembo; e verdadeiramente admiraveis pola elegancia da linguagem e harmonia dos versos. Ninguem conheceu e imitou melhor do que Luis de Camões a poesia de Petrarca; mas atrevo-mo a dizer, que lhe é superior na fórça dos pensamentos, e na descripção viva das scenas da natura, que elle pinta, como quem as víra e soubera sentir; o que a imaginação e arte não podem alcançar.

J. M. de Souza, *Vida de Camões.*

Camões, com ser excellente em toda sorte de rhythmas, e em especial do verso pequeno, muito mais o foi nas *canções*, onde guardou de maneira todas as leis d'ellas, que nenhuma inveja póde ter a Petrarca, Bembo e Garcilasso, que n'este genero são os mais louvados.

Surrupita.

Per onde as minhas magoas
Pouco a pouco crescendo,
Para nunca acabar se começaram.
Alli se me mostraram
N'este logar ameno,
Em que inda agora mouro,
Testa de neve, e de ouro,
Riso brando e suave, olhar sereno;
Um gesto delicado
Que sempre n'alma me stará pintado.
N'ésta flórida terra
Leda, fresca e serena,
Ledo e contente para mi vivia
Em paz com minha guerra,
Glorioso co'a pena
Que de tam bellos olhos procedia.
De um dia em outro dia
O esperar me enganava.
Tempo longo passei:
Com a vida folguei,
So porque em bem tammanho se empregava.
Mas que me presta ja,
Que tam fermosos olhos não os ha?
Oh quem me alli dissera
Que de amor tam profundo
O fim podesse ver eu algum' hora!
E quem cuidar podera
Que houvesse ahi no mundo
Apartar-me eu de vós, minha senhora!

Para que desde agora,
Ja perdida a esperança,
Visse o vão pensamento
Desfeito em um momento,
Sem me podêr ficar mais que a lembrança,
Que sempre estará firme
Até no derradeiro despedir-me.
Mas a mor alegria
Que d'aqui levar posso,
E com que defender-me triste espero,
É que nunca sentia,
No tempo que fui vosso,
Quererdes-me vós quanto vos eu quero.
Porque o tormento fero
De vosso apartamento,
Não vos dará tal pena
Como a que me condena:
Que mais sentirei vosso sentimento,
Que o que a minha alma sente.
Morra eu, senhora, e vós ficae contente.
Tu canção estarás
Agora acompanhando
Per estes campos éstas claras agoas;
E por mi ficarás
Com chôro suspirando;
Porque ao mundo dizendo tantas magoas,
Como uma larga historia
Minhas lagrymas fiquem por memoria.

CANÇÃO II.*

A AUSENCIA.

Com fôrça desusada
Aquenta o fogo eterno
Uma ilha nas partes do Oriente,
De estranhos habitada,
Onde o duro hinverno
Os campos reverdece alegremente.
A lusitana gente
Per armas sanguinosas
Tem d'ella o senhorio:
Cercada stá de um rio
De maritimas aguas saudosas.
Das hervas que aqui nascem,
Os gados junctamente, e os olhos pascem.
Aqui minha ventura
Quiz que uma grande parte
Da vida, que eu não tinha, se passasse;

* N'ésta *canção*, feita nas Molucas, póde notar-se a viveza das descripções, e a dos sentimentos.
J. M. de Souza.

Para que a sepultura
Nas mãos do fero Marte
De sangue, e de lembranças matizasse.
Se amor determinasse
Que a trôco d'ésta vida,
De mi qualquer memoria
Ficasse como historia,
Que de uns fermosos olhos fosse lida;
A vida, e alegria
Por tam doce memoria trocaria.
Mas este fingimento,
Por minha dura sorte,
Com falsas esperanças me convida.
Não cuide o pensamento
Que póde achar na morte
O que não poude achar na longa vida.
Está ja tam perdida
A minha confiança,
Que de desesperado,
Em ver meu triste estado,
Tambem da morte perco a esperança.
Mas oh, que se algum dia
Desesperar podesse, viviria!
De quanto tenho visto
Ja agora não me espanto,
Que até desesperar se me defende.
Outrem foi causa d'isto,
Pois eu nunca fui tanto
Que causasse este fogo que me incende.

Se cuidam que me offende
Temor de esquecimento,
Oxalá meu perigo
Me fôra tam amigo,
Que algum temor deixara ao pensamento!
Quem viu tammanho enleio,
Que houvesse ahi sperança sem receio?
Quem tem que perder possa
So póde receiar:
Mas triste quem não póde ja perder!
Senhora, a culpa é vossa;
Que para me matar
Bastara um' hora so de vos não ver.
Pozeste-me em poder
De falsas esperanças;
E do que mais me espanto,
Que nunca vali tanto
Que visse tanto bem como esquivanças.
Valia tam pequena
Não póde merecer tam doce pena.
Houve-se amor comigo
Tam brando ou pouco irado,
Quanto agora em meus males se conhece.
Que não ha mor castigo
Para quem tem errado,
Que negar-lhe o castigo que merece.
Da sorte que acontece
Ao misero doente,
Da cura despedido,

Que o medico advertido,
Tudo quanto deseja lhe consente;
O amor me consentia
Esperanças, desejos e ousadia.
E agora venho a dar
Conta do bem passado
A ésta triste vida e longa ausencia.
Quem póde imaginar
Que houvesse em mi peccado
Digno de uma tam grave penitencia!
Olhae que é consciencia
Por tam pequeno êrro,
Senhora, tanta pena:
Não vêdes que é onzena?
Mas se tam longo e misero destêrro
Vos dá contentamento,
Nunca me acabe n'elle o meu tormento.
Rio fermoso e claro,
E vós, ó arvoredos,
Que os justos vencedores coroais,
E ao cultor avaro,
Continuamente ledos,
De um tronco so diversos fructos dais;
Assi nunca sintais
Do tempo injúria algua,*
Que em vós achem abrigo
As magoas que aqui digo,

* Alguma.

Em quanto der o sol virtude á lua;
Porque de gente em gente
Saibam que ja não mata a vida ausente.
Canção, n'este destêrro vivirás
Voz nua e descoberta,
Até que o tempo em echo te converta.

CANÇÃO. III. *

O DESEMPARO.

Juncto de um sêcco duro esteril monte
Inutil e despido calvo e informe,
Da natureza em tudo aborrecido,

* Ésta *canção*, composta quando o auctor cruzava defronte do cabo Guardafú, é um modelo da mais harmoniosa poesia, e de uma profunda paixão de amor. O coração sente-se por extremo enternecido, quando se considera este grande homem longe de sua patria, e da sua amada, militando em climas tam distantes, e exhalando suas penas e saudades nos mais bellos e ternos versos.

J. M. de Souza.

É ésta *canção* o mais bello de todos os poemas do mesmo genero, que se encontra na poesia moderna.

F. D. Gomes.

Onde nem ave voa, ou fera dorme,
Nem corre claro rio, ou ferve fonte,
Nem verde ramo faz doce ruido;
Cujo nome, do vulgo introduzido,
É *felix*, por antiphrasi *infelice*;
O qual a natureza
Situou juncto á parte
Aonde um braço do alto mar reparte
A Abassia da Arabica aspereza,
Em que fundada foi ja Berenice,
Ficando á parte d'onde
O sol, que n'ella ferve, se lhe esconde:
O cabo se descobre, com que a costa
Africana, que do Austro vem correndo,
Limite faz, Arómata chamado:
Arómata outro tempo; que volvendo
A roda, a ruda lingua mal composta
Dos proprios, outro nome lhe tem dado.
Aqui no mar, que quer apresurado
Entrar pela garganta d'este braço,
Me trouxe um tempo, e teve
Minha fera ventura.
Aqui n'ésta remota aspera e dura
Parte do mundo, quiz que a vida breve
Tambem de si deixasse um breve spaço;
Porque ficasse a vida
Pelo mundo em pedaços repartida.
Aqui me achei gastando uns tristes dias,
Tristes, forçados, maus e solitarios,

De trabalho, de dor, e de íra cheios,
Não tendo, não, somente por contrarios
A vida, o sol ardente, as aguas frias,
Os ares grossos, férvidos e feios;
Mas os meus pensamentos, que são meios
Para enganar a propria natureza,
Tambem vi contra mi;
Trazendo-me á memoria
Alguma ja passada e breve gloria
Que eu ja no mundo vi quando vivi;
Por me dobrar dos males a aspereza;
Por mostrar-me que havia
No mundo muitas horas de alegria.
Aqui stive eu com estes pensamentos
Gastando tempo e vida; os quaes tam alto
Me subiam nas azas, que caía;
(Oh, vêde se sería leve o salto!)
De sonhados e vãos contentamentos,
Em desesperação de ver um dia.
O imaginar aqui se convertia
Em improvisos choros, e em suspiros
Que rompiam os ares.
Aqui a alma captiva
Chagada toda, estava em carne viva,
De dôres rodeiada, e de pezares,
Desemparada e descoberta aos tiros
Da suberba fortuna,
Suberba, inexorabil e importuna.
Não tinha parte d'onde se deitasse,

Nem esperança alguma onde a cabeça
Um pouco reclinasse por descanso :
Tudo dor lhe era e causa que padeça ,
Mas que pereça não; porque passasse
O que quiz o destino nunca manso.
Oh que este irado mar, gemendo, amanso!
Estes ventos da voz importunados
    Parece que se enfreiam;
    Somente o ceo severo
As estrellas e o fado sempre fero
Com meu perpétuo damno se recreiam;
Mostrando-se potentes e indignados
    Contra um corpo terreno,
Bicho da terra vil e tam pequeno!
  Se de tantos trabalhos so tirasse
Saber inda porcerto que algum' hora
Lembrava a uns claros olhos que ja vi;
E se ésta triste voz rompendo fora
As orelhas angelicas tocasse
D' aquella em cuja vista ja vivi;
A qual tornando um pouco sôbre si,
Revolvendo na mente presurosa
    Os tempos ja passados
    De meus doces errores,
De meus suaves males e furores,
Por ella padecidos e buscados;
E (pôstoque ja tarde) piedosa
    Um pouco lhe pezasse,
E la entre si por dura se julgasse:

Isto so que soubesse, me seria
Descanço para a vida que me fica;
Com isto afagaria o soffrimento.
Ah senhora! ah senhora! e que tam rica
Estais, que ca tam longe de alegria
Me sustentais com doce fingimento!
Logo que vos figura o pensamento,
Foge todo o trabalho e toda a pena.
So com vossas lembranças
Me acho seguro e forte
Contra o rosto feroz da fera morte;
E logo se me junctam esperanças
Com que a fronte tornada mais serena
Torna os tormentos graves
Em saúdades brandas e suaves.
Aqui com ellas fico perguntando
Aos ventos amorosos, que respiram
Da parte d'onde stais, por vós, senhora;
Ás aves, que alli voam, se vos viram?
Que fazieis? que staveis practicando?
Onde, como, com quem, que dia e qu'hora?
Alli a vida cançada se melhora,
Toma espiritos novos com que vença
A fortuna e trabalho,
So por tornar a ver-vos,
So por ir a servir-vos, e querer-vos.*

*Em todas as poesias, compostas no Oriente, se ve quanto Camões conservava sempre viva a paixão por D. Catherina. J. M. de Souza.

Diz-me o tempo que a tudo dará talho;
Mas o desejo ardente, que detença
Nunca soffreu, sem tento
Me abre as chagas denovo ao soffrimento.
Assi vivo; e se alguem te perguntasse,
Canção, porque não mouro? *
Podes-lhe responder; que porque mouro.

CAMÕES.

* Por mourro.

Luis de Camões, natural de Lisboa, é sem contradicção alguma, o maior poeta, não so de Portugal, mas de toda Hespanha. Os seus talentos resplandeceram em mais de um genero. A imitação phantastica, como mais propria, mais analoga á grandeza das ideias que fermentavam na sua phantasia, foi o principal objecto de seu pincel, que isso não obstante, quando descia á imitação icastica, na primorosa destreza com que executava as pinturas d'este genero, mostrava quam habil era para isso. As personagens de seus quadros todas estão no logar que devem occupar. Os seus rasgos são os mais liberaes, as suas tinctas as mais brilhantes e macias. A verdade da sua imitação está no maior auge. A vivacidade, a grandeza, a sublimidade são os characteres principaes de sua poesia; cujo maravilhoso tanto se remonta, que vai buscar no imperio do ideial assumptos nunca sabidos, nunca imaginados; para cuja expressão acha novas tinctas, novas côres tam vivas, tam fortes, tam cheias de fogo, que movem, que accendem, que abrasam o coração do lei-

tor; de tal modo que o seu espirito penetrado do enthusiasmo da admiração, fica como incantado, sintindo ao mesmo tempo sublimes emoções, novo interesse n'uma pintura que, sem ter fundamento em alguma existencia physica ou moral, gosa, com justa razão, dos privilegios de original o mais nobre, o mais arrojado que nunca existiu no mundo phantastico da mais prodigiosa poesia. Tal é o soberano maravilhoso do grande, do nunca assás louvado episodio de Adamastor nos *Lusiadas*, a primeira epopea, que appareceu na Europa, escripta em oitava rima. Além d'estas preciosas qualidades, que tanto distinguem a vivacidade de suas pinturas, os contrastes, a gradação das tinctas, são tam bem dispostos que servirão de modelo eterno aos bons imitadores d'este divino poeta; cujo merecimento eclipsou o de todos os poetas que lhe precederam, sem, talvez, deixar esperança de ser igualado, quanto mais excedido! A sua poesia toda filha da imaginação mais elevada, e mais instruída, a tudo dá corpo e vida: os objectos horriveis, os humildes, os menos decorosos, são desenhados com côres fortissimas e decencia propria; mas em grau tam superior, que arrebata. A phrase é a mais pura, a mais culta, e a mais brilhante: clareza e elegancia contínua é o character de seu estylo sempre cheio de movimento, e a quem a magia da harmonia faz extremamente recommendavel. Na sua composição se ostenta todo o luxo de uma imaginação soberanamente fertil e abundante; que assim como a corrente de um rio engrossado com as aguas do hinverno, rompe e transgride algumas vezes os limites, os preceitos da arte; mas com tal liberalidade e bizarria, que desculpa o êrro, e persuade a caír n'elle: o que tem sido

causa de muitos, que sem terem fôrças para imitar as suas bellezas, o seguíram nos seus defeitos. Finalmente foram tantas as graças que este grande homem communicou á lingua, e á poesia portugueza, que seguramente se póde affirmar que elle creou uma poesia, e uma linguagem nova em Portugal. Teve a maior propriedade para pintar o sublime; cujo resplandor, pôstoque immenso, é tam suave que não cega, antes se faz com summo prazer accessivel á vista. No pathetico foi o mais insigne mestre: oh com que vehemencia o pinta, sem causar tedio! com que arte affeiçoa e interessa! e com que fôrça de expressão não traça o terrivel!

F. D. Gomes.

. . . Vence a todos esse genio immenso
Do tragico cantor de Ignez, que os varios
Coros discorre das castalias musas:
Não se streita somente á lyra e á frauta;
Com gran' destreza tóca a rude avena,
Que ja foi honra dos Menalios bosques:
Ao som das sette canas brando entoa
As pastoris *canções*, que invejariam
O Syracusio vate, o Mantuano,
E o môço pescador de Margelline.[1]

A. R. dos Santos.

[1] Theocrito, Virgilio e Sannazaro.

CANÇÃO.*

A AMOR.

Amor, pois m'inflammaste
No teu mais vivo fogo,
Onde o melhor de mi arde e s'apura;
Pois nova luz mostraste
A meus olhos, meu rogo
Ache piedade em ti, ache brandura:
D'aquella fermosura
Na terra peregrina,
Do ceo mais natural,

* Diogo Bernardes, vendo a celebridade de Camões, cujo merecimento conciliava a estimação geral, mudou a maneira ferreiriana que seguia, e de tal modo imitou a phrase do grande epico, que algumas vezes se equivoca com a d'este. O em que elle porêm o não imita, é em fallar, nas *canções*, aquella linguage ternissima e apaixonada que o auctor dos Lusiadas fallou nas suas.

. . . , Pour bien exprimer ces caprices heureux,
C'est peu d'être poète, il faut être amoureux.

BOILEAU.

Com estylo immortal
Segredos altos a cantar me ensina :
Tu minha voz levanta,
Em mi, tu d'ella canta.
Cantar de tal belleza,
Amor, a glória é tua;
Que tu não tens mor honra, nem mor gloria:
Humana natureza
Na bella fórma sua
Lhe quiz das mais fermosas dar victoria.
Qual dina de memoria
Se viu, na idade d'ouro,
Qual, na de ferro, nossa,
Que comparar-se possa
A ésta, por quem eu tão ledo mouro?
Que estimo mais tal morte
Que uma felice sorte.
Levanta com som novo,
Amor, este meu canto
De seu natural proprio baixo e rudo,
Sem ti (por quem me movo)
Não posso dizer tanto,
Que emfim não fique em tal sujeito mudo.
Se não cantar de tudo
Como desejo, aomenos
Tam docemente cante
De vós, que o mundo espante
Olhos sôbre o mortal curso serenos :
Mas sendo de vós visto
Quem se ha d'espantar d'isto?

Se vós eterna fama
Em versos de vós dinos
Quereis deixar antre a futura gente,
A luz, que o ceo derrama
Em vós, olhos divinos,
A mi volvei mais amorosamente;
Que logo em differente
Estylo, d'este que ouviu
Tégora o Lima, e o Tejo,
A belleza que vejo
Em vós, n'elle verá quem vos não viu:
Tanto no lume vosso
Meu canto apurar posso!
Em quanto a sorte esquiva
A tanto bem resiste,
Em quanto não sintirdes o que sinto,
Que póde alma cativa
Mais, que em silencio triste
Mostrar que sente o que no rosto pinto?
E pois na dôr consinto
Por ver d'onde nasceo,
Fermosos olhos claros
Não me sejais avaros;
Olhae quam liberal vos foi o ceo
Da luz que me negais,
Que não vos peço mais.
Se te virem, cantiga, aquelles olhos,
A quem pedem favor,
Que mais queres d'Amor?

Diogo Bernardes.

CANÇÃO.*

A VIDA CAMPESTRE.

Que sorte tam ditosa,
Que dom tam sublimado aquelle alcança
Que aposentou nos campos a ventura!
No bem de que alma gosa,
Isento do temor, e da esperança;
Nem d'ésta, nem n'aquelle se assegura.
Passando a vida alegre, não procura

* Ésta *canção* é uma das mais bellas e philosophicas da *Lusitania transformada*. A pintura que o auctor faz da tranquillidade e ventura campezina é excellente; e os rasgos de pincel, com que elle bosquejou os attributos da natureza, sam os mais variados e graciosos. Até o estylo (limpo de refinados *conceitos* e trocadilhos) parece contribuir á perfeição d'este interessante poema.

(Ouve)... as rimas de perolas toucadas
Que o opulento Fernão nos trouxe um dia,
Ou ja dos reinos da indiana aurora,
Ou ja d'esse paiz do deus da Arcadia.

A. R. dos Santos.

Ver os suberbos paços
Em que busque os favores
Que grangeiam somente aduladores
Á custa d'alma ! e á fôrça de seus braços
A fructa lhe daria
O ramo, aguas a fonte, o campo flores.
Oh ! quam alto descanço emfim teria
Quem tam baixa tivesse a phantasia !
Víra nos arvoredos,
Da natureza as obras contemplando,
A fructa de mil côres variada:
Dos asperos penedos
Veria a fonte clara ir murmurando
Per entre alvas pedrinhas dirivada :
Veria pelos montes pendurada
A sua amada ovelha,
Na manhan clara e pura,
Que deixando dos campos a verdura,
Dera a seu doce canto attenta orelha.*

* Um padre muito docto da censoria riscou no manuscripto do *Telemaco*, traduzido per Manuel de Souza, a palavra — *orelhas* — como baixa e deshonrada : mas o capitão que sabía mais portuguez que todo o tribunal, lhe perguntou : — «Que é o que san' Pedro cortou a Malcho em certa noite de agarração ? — » E o meu censorio ficou como um patinho. «A *orelha* (lhe retrucou o Souza) é membro e soffre côrte ; e o ouvido é sentido, que não ha hi facalhão de frade que o decepe.»

FRANCISCO MANUEL.

Oh! quem passar soubesse
A vida tam quieta, e tam segura,
D'ella apartando assi todo interesse,
Que nunca em mores cousas a metesse!
Veria a alegre aurora
Communicar no campo ás frescas flôres
A bella côr que tem na roixa fronte;
Veria d'onde mora
Pintadas de subtis e várias côres
Na praia conchas mil, flôres no monte!
E quando o sol se esconde no horisonte,
As nuvens transparentes
Vira na fresca tarde
(Como de noite a luz nos montes arde)
Pintar de bordaduras differentes.
O fructo colheria
Que por colhêr melhor seu tempo aguarde:
E em nada maior gôsto levaria
Que em levar o seu gado á fonte fria.
Dera-lhe o campo a vide,
Dera-lhe a vide os cachos roixo e verde,
E os cachos o liquor gostoso e lindo.
O valle em que reside,
Quando o sol da quentura a fôrça perde,
Fôra com vagarosos pés medindo.
Canções cantando um'hora, outr'hora ouvindo,
N'um gostoso descanço
E descançado gôsto
Teria todo seu cuidado pôsto

Em tosquiar o simples gado e manço:
Quando mais Phebo ardesse
Em o levar ó mais seguro posto,
Em vestir-se da lan que lhe* elle d'esse,
E mugi-lo do leite, que comesse.
Do triste ou ledo rosto
D'aquelle de que em vão**, vão preço spera,
Não trará seu descanço pendurado:
Nem temor, nem desgosto
Lhe causará na guerra ardente e fera
Caír o companheiro ao proprio lado.
Não exprimentará no mar irado
Dos ventos procellosos
A furia nunca mança.
O que pois tam ditosa sorte alcança,
Que de tantos encontros perigosos
A ventura o desvia,
Se intende sua bemaventurança,
Que lhe cantam as aves á porfia,
Quam bemaventurado que seria!
Em fraco lenho e leve
A vida não entrega ao vento irado

* Ésta *variação* era quasi sempre collocada pelos nossos bons poetas e prosadores antes do pronome; o que torna a phrase mais euphonica: mas hoje os que não attendem á euphonia, escrevem—que *elle lhe* désse. —

**A syllaba *vão* da palavra *em vão*, juncta ao verbo *vão*, forma um conjuncto pouco agradavel.

Para as pedras buscar que a India manda;
Nem põe o gôsto breve
No suberbo metal, que nega o fado
A quem trás elle mais trabalha e anda.
Por mais que volte a uma e outra banda,
O sol não lhe seria
Senão sereno e claro;
Que mal póde mudar-se o gôsto raro
De vida que em tam doce paz se cria,
Por mais que a acommettesse
Com seus tiros mortaes o tempo avaro:
E ainda acertaria se dicesse
Que por mais que a fortuna revolvesse,
Se o vestido lhe falta
De fina prata ornada e d'ouro alheio,
E as casas de subtil e vária tinta;
No campo se lhe esmalta
O verde chão de gracioso arreio,
Que o ceo de suas côres proprias pinta.
E sem que do temor o assalto sinta,
Ao somno socegado
O convida a corrente
Do ribeiro que corre mansamente
Per entre as hervas humidas do prado.
Se a costumada onzena
A terra lhe negar, tam pouco o sente,
Que por causa mais grande ou mais pequena
Nunca em si sentiria maior pena.
Quam bemaventurado,

Quam ledo, quam ditoso emfim seria
O que mercê do ceo tam grande houvesse,
 Que so acompanhado
Das ovelhas pacíficas, que cria,
Na doce solidão viver podesse!
 E sem buscar no mundo outro interesse,
 No seguro remanso.
 Que para si buscasse,
Alegre a vida em tanta paz passasse,
Que nunca profanara o seu descanso
 Outra mais grave pena,
(Por mais que a sorte dura salteiasse
Com varios casos sua paz serena)
Que pezar-lhe da vida ser pequena.

F. A. do Oriente, *Lusitania transformada.*

O Snr. A L. Chezy, professor de lingua e litteratura *sanskritas* no collegio-real de França, e estimavel traductor de varios poemas, entre os quaes se distingue o de *Medjnoun e Leila*, composto no idioma persico per Djamy; e o que mais é, grande admirador do nosso Camões, me asseverou, que tanto n'este poeta, como em Fernão Alvares, se encontram frequentemente as mesmas formulas e colorido de que usam os auctores orientaes.

LYRA.

A PRIMAVERA. *

Ja nasce o bello dia,
Princípio do verão fermoso e brando,
Que com nova alegria
Estão denunciando
As aves namoradas
Dos flóridos raminhos penduradas.
Ja abre a bella Aurora,
Com nova luz, as portas do Oriente;
E mostra a linda Flora
O prado mais contente

* O nosso Francisco Rodrigues Lobo, metteu-se a fazer um poema epico ; mas pola froxidão de espirito, falta de genio e fôrças, veio a perder aquelle credito, que aliás conseguíra nas *composições humildes e pequenas*, que soube tractar. As suas dés eclogas de versos menores, estimam-se n'aquelle genero, por uma das melhores cousas da Hespanha. Assim este auctor não andara tam corrupto e depravado pela ignorancia typographica!

T. J. de Aquino.

Vestido de boninas
Aljofrado de gottas crystallinas.
Ja o sol mais fermoso
Está ferindo as aguas prateadas;
E zephyro queixoso
Ora as mostra encrespadas
Á vista dos penedos,
Ora sôbre ellas move os arvoredos.
De reluzente areia
Se mostra mais fermosa a rica praia,
Cuja riba se arreia
Do alamo, e da faia,
Do freixo, e do salgueiro,
Do ulmo, da aveleira, e do loureiro.
Ja com rumor profundo
Não soa o Lis nos montes seus vizinhos;
Antes no claro fundo
Mostra os alvos seixinhos,
E os peixes que nas veias
Deixam, tremendo, a sombra nas areias.
Ja sem nuvens medonhas
Se mostra o ceo vestido de outras cores,
Ja se ouvem as sanfonhas
E frautas dos pastores
Que vão guiando o gado
Pela fragosa serra, e pelo prado.
Ja nas largas campinas,
E nas verdes descidas dos outeiros,
Ao som das sanfonhas,

Cantam os ovelheiros,
Em quanto os gados pascem
As mimosas hervinhas que renascem.
Sôbre a tenra verdura
Agora os cabritinhos vão saltando,
E sôbre a fonte pura
Passa a noite cantando
O rouxinol suave
Com saúdoso accento agudo e grave.
Diana mais fermosa,
Sem ventos, sôbre as aguas apparece,
E faz que a noite irosa
Tam clara resplandece
Á vista das estrellas,
Que se envergonha o sol á vista d'ellas.
Tudo n'ésta mudança,
Qual em sua esperança,
Tambem de novo cobra novo stado;
E qual em seu cuidado
Acha contentamento;
Qual melhora na vida o pensamento.

F. R. Lobo, *Primavera*.

ENDEIXAS.

LEI DE NAMORADOS.

Quem poz seu cuidado
Em pastora loura,
Nem veja a lavoura,
Nem sirva de arado:
Nem jamais se entregue
Em lavrar abrolhos;
Semeie em seus olhos,
E em seus olhos segue.
E se seus amores
Nasceram de amor,
Seja lavrador,
Pois quer lavradores.
Para sustenta-la
Gaste a vida n'ella;
Ou viva de vella,
Ou de deseja-la.
Tenha, aonde a tem,
A vida e cuidado;
Se ella guarda gado,
Guarde elle tambem.

No valle, e no monte
Seja seu vizinho,
Saia-lhe ao caminho
No rio, e na fonte.

Traga-lhe das vinhas
O seu fructo ingrato;
Quando vem do mato,
Traga-lhe das pinhas.

Se vem do serviço,
Traga das montanhas
As molles castanhas
No seu crespo ouriço.

Se em monte ou ribeira
Cria enxame bravo,
Dê-lhe o doce favo
Da cresta primeira.

Pardos rouxinoes,
Ledos passarinhos,
Lhe traga em seus ninhos
Quando vem dos boes.

Em quanto a manada
Anda apascentando,
Lhe lavre cantando
A roca pintada.

Quanto ella sustenta,
Tanto elle sustente;
E viva contente
Do que lhe contenta.

Se a côr arenosa

Tiver por melhor,
Diga que essa cor
A faz mais fermosa.
  Se a tarde e sol pôsto
Lhe parece bem,
Mostre que não tem
Mais sol que o seu rôsto.
  E se a noite fria
Lhe contenta mais,
Mostre per signais
Que quer mal ao dia.
  Todo se transforme
Na vontade d'ella;
Vele quando vella,
Durma quando dorme.
  O que ella approvar,
So bem lhe pareça;
E a si se aborreça
Pola contentar:
  Que amor engrandece,
Nas leis em que stá,
Quem serve e quem dá,
E a quem lhe obedece.

F. R. Lobo, *Primavera.*

LYRA.*

O CONTENTAMENTO.

Eu, Marilia, não sou algum vaqueiro
Que viva de guardar alheio gado,
De tosco tracto, d'expressões grosseiro,
Dos frios gelos, e dos sóes queimado:
Tenho proprio casal, e n'elle assisto;
Da-me vinho, legume, fructa, azeite;
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lans de que me visto.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!
Eu vi o meu semblante n'uma fonte;
Dos annos inda não está cortado:
Os pastores, que habitam este monte,
Respeitam o podêr do meu cajado.
Com tal destreza toco a sanfoninha,
Que inveja até me tem o proprio Alceste:
Ao som d'ella concérto a voz celeste;
Nem canto lettra, que não seja minha.

* Tocante ao merito das *lyras* de Gonzaga, leia-se a pagina XLVJ, no primeiro volume d'ésta escolha.

Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!
Mas tendo tantos dotes da ventura,
So aprêço lhes dou, gentil pastora,
Depois que o teu affecto me segura
Que queres, do que tenho, ser senhora.
É bom, minha Marilia, é bom ser dono
De um rebanho que cubra monte e prado;
Porêm, gentil pastora, o teu agrado
Vale mais q'um rebanho, e mais q'um throno.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!
Os teus olhos espalham luz divina,
A quem a luz do sol em vão se atreve;
Papoila ou rosa delicada e fina
Te cobre as faces, que são côr da neve:
Os teus cabellos são uns fios d'ouro;
Teu lindo corpo balsamos vapora;
Ah! não, não fez o ceo, gentil pastora,
Para glória de amor, igual thesouro!
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!
Leve-me a sementeira muito embora
O rio sôbre os campos levantado;
Acabe, acabe a peste matadora,
Sem deixar uma rez, o nedio gado:
Ja d'estes bens, Marilia, não preciso;
Nem me cega a paixão, que o mundo arrasta;
Para viver feliz, Marilia, basta

Que os olhos movas, e me dês um riso.
Graças, Marilia bella,
Graças, á minha estrella!
Irás a divertir-te na floresta,
Sustentada, Marilia, no meu braço;
Alli descançarei a quente sésta,
Dormindo um leve somno em teu regaço:
Em quanto a lucta jogam os pastores,
E emparelhados correm nas campinas,
Toucarei teus cabellos de boninas,
Nos troncos gravarei os teus louvores.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!
Depois que nos ferir a mão da Morte,
Ou seja n'este monte, ou n'outra serra,
Nossos corpos terão, terão a sorte
De consumir os dous a mesma terra:
Na campa, rodeiada de cyprestes,
Lerão estas oitavas os pastores:
— *Quem quizer ser feliz nos seus amores,*
Siga os exemplos que nos deram estes. —
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!

LYRA.

O PERJURIO.

Marilia, teus olhos
São réos e culpados :
Que soffra, e que beije
Os ferros pesados
De injusto senhor!
Marilia, escuta
Um triste pastor.
Mal vi o teu rosto
O sangue gelou-se,
A lingua prendeu-se,
Tremi, e mudou-se
Das faces a cor.
Marilia, escuta
Um triste pastor.
A vista furtiva,
O riso imperfeito,
Fizeram a chaga,
Que abriste no peito
Mais funda e maior.
Marilia, escuta

Um triste pastor.
Dispuz-me a servir-te,
Levava o teu gado
Á fonte mais clara,
Á vargem e prado
De relva melhor.
Marilia, escuta
Um triste pastor.
Se vinha da herdade,
Trazia dos ninhos
As aves nascidas
Abrindo os biquinhos
De fome ou temor.
Marilia, escuta
Um triste pastor.
Se alguem te louvava,
De gôsto me enchia;
Mas sempre o ciume
No rosto accendia
Um vivo calor.
Marilia, escuta
Um triste pastor.
Se stavas alegre,
Dirceu se alegrava;
Se stavas sentida,
Dirceu suspirava
Á fôrça da dor.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

Fallando com Laura,
Marilia (dizia);
Surria-se aquella,
E eu conhecia
O êrro de amor.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

Movida, Marilia,
De tanta ternura,
Nos braços me déste
Da tua fe pura
Um doce penhor.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

Tu mesma disseste
« Que tudo podia
Mudar de figura;
Mas nunca seria
Teu peito traidor. »
Marilia, escuta
Um triste pastor.

Tu ja te mudaste;
E a olaia frondosa,
Aonde screveste
A jura horrorosa,
Tem todo o vigor.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

LYRA.

O RETRATO.

Vou retratar a Marilia,
A Marilia, meus amores;
Porêm como, se eu não vejo
Quem me empreste as finas cores?
Dar-m'as a terra não póde;
Não, que a sua côr mimosa
Vence o lirio, vence a rosa,
O jasmim, e as outras flores.
Ah soccorre, Amor, soccorre
Ao mais grato empenho meo!
Voa sôbre os astros, voa,
Traze-me as tinctas do ceo.
Mas não se esmoreça logo;
Busquemos um pouco mais;
Nos máres talvez se encontrem
Côres que sejam iguaes:
Porêm não, que em paralello
Da minha nympha adorada,
Perolas não valem nada,
E nada valem coraes.

Ah soccorre, Amor, soccorre
Ao mais grato empenho meo!
Voa sôbre os astros, voa,
Traze-me as tinctas do ceo.

So no ceo achar-se podem
Taes bellezas como aquellas
Que Marilia tem nos olhos,
E que tem nas faces bellas:
Mas ás faces graciosas,
Aos negros olhos que matam,
Não imitam, não retratam
Nem auroras, nem estrellas.

Ah soccorre, Amor, soccorre
Ao mais grato empenho meo!
Voa sôbre os astros, voa,
Traze-me as tinctas do ceo.

Entremos, Amor, entremos,
Entremos na mesma esphera;
Venha Pallas, venha Juno,
Venha a deusa de Cythera:
Porêm não, que se Marilia
No certame antigo entrasse,
Bemque a Páris não peitasse,
A todas as tres vencera.

Vai-te Amor, em vão soccorres
Ao mais grato empenho meo:
Para formar-lhe o retrato
Não bastam tinctas do ceo.

LYRA.

TODOS AMAM.

Marilia, de que te queixas?
De que te roube Dirceu
O sincero coração?
Não te deu tambem o seu?
E tu, Marilia, primeiro
Não lhe lançaste o grilhão?
Todos amam: so Marilia
D'ésta lei da natureza
Queria ter isenção?
Emtôrno das castas pombas
Não rulham ternos, pombinhos?
E rulham, Marilia, em vão?
Não se affagam c'os biquinhos?
E a próvas de mais ternura
Não os arrasta a paixão?
Todos amam: so Marilia
D'ésta lei da natureza
Queria ter isenção?
Ja viste, minha Marilia,
Avesinhas que não façam

Os seus ninhos no verão?
Aquellas, com quem se enlaçam,
Não vão cantar-lhes defronte
Do molle pouso em que estão?
Todos amam: so Marilia
D'ésta lei da natureza
Queria ter isenção?
Se os peixes, Marilia, geram
Nos bravos máres e rios,
Tudo effeitos de amor são:
Amam os brutos impíos,
A serpente venenosa,
A onça, o tigre, o leão.
Todos amam: so Marilia
D'ésta lei da natureza
Queria ter isenção?
As grandes deusas do ceo
Sentem a setta tyrana
Da amorosa inclinação;
Diana, com ser Diana,
Não se abrasa, não suspira
Polo amor de Endymião?
Todos amam: so Marilia
D'ésta lei da natureza
Queria ter isenção?
Desiste, Marilia bella,
De uma queixa sustentada
So na altiva opinião:
Ésta chamma é inspirada

Pelo ceo; pois n'ella assenta
A nossa conservação.
Todos amam: so Marilia
D'ésta lei da natureza
Não deve ser isenção.

LYRA.

RECORDAÇÕES.

A éstas horas
Eu procurava
Os meus amores;
Tinham-mè inveja
Os mais pastores.
A porta abria,
Inda esfregando
Os olhos bellos,
Sem flor, nem fita
Nos seus cabellos:
Ah! que assim mesmo
Sem compostura,
É mais formosa,
Que a estrella d'alva,

Que a fresca rosa!
Mal eu a via,
Um ar mais leve,
(Que doce effeito!)
Ja respirava
Meu terno peito.
Do cêrco apenas
Soltava o gado,
Eu lhe amimava
Aquella ovelha
Que mais amava.
Dava-lhe sempre
No rio e fonte,
No prado e selva,
Agua mais clara,
Mais branda relva.
No collo a punha,
Então brincando
A mim a unia;
Mil cousas ternas
Aqui dizia.
Marilia vendo,
Que eu so com ella
É que fallava;
Ria-se a furto,
E disfarçava.
D'ésta maneira
Nos castos peitos,

De dia em dia,
A nossa chamma
Mais se accendia.
Da mesma sorte
Que á sua amada,
Que stá no ninho,
Fronteiro canta
O passarinho :
Na quente sésta,
D'ella defronte,
Eu me entretinha
Movendo o ferro
Da sanfoninha :
Ella por dar-me
De ouvir o gôsto,
Mais se chegava;
Então vaìdoso
Assim cantava :
Não ha pastora
Que chegar possa
Á minha bella,
Nem quem me iguale
Tambem na estrella:
Se amor concede
Que eu me recline
No branco peito ,
Eu não invejo
De Jove o leito.

Ornam seu peito
As sans virtudes,*
Que nos namoram:
No seu semblante
As graças moram.
Assim vivia:
Hoje em suspiros
O canto é mudo...
Assim, Marilia,
Se acaba tudo.
GONZAGA, *Marilia de Dirceu.*

* Bemque a orthographia que segui nas palavras *san*, *irman*, *lan*, etc. seja contrária ás razões que expendeu um habil philologo, e ao dictâme, per elle allegado, de Duarte Nunes de Lião; todavia este modo de *orthographar* é hoje tam usual nos nossos bons auctores modernos, que não scrupulisei empregar a final *n* em vez de ~. Entre os dictos auctores escolherei um cuja authoridade não é pequena, e seja Francisco Manuel, na sua ode á *Virtude*, edicção primeira:

Direi cousas mais altas
Que descrida não pensa a iniquidade,
Mas que da *san* virtude foram dignas.

Mais logares podera eu citar, em que elle e outros abalisados Ingenhos, escreveram *van*, *lan*, *irman*, etc. com *n*.

CANÇONETA.*

A VISÃO.

N'uma selva alcatifada
De graminea felpa viva,
De altos freixos sombreiada,
Entre os quaes sonora e esquiva
Se deriva
Um arroio transparente,
Entro, n'uma sesta ardente.
D'entre uns myrthos apinhados,
Que na margem floreciam,
Aos ouvidos incantados

* *Le talent de Domingos Maximiano Tôrres est moins élevé, moins grand que celui de Francisco Manuel, de Diniz et de Garção; mais il les égale en grace, en élégance, et peut-être il les surpasse en pureté. On a de lui des odes tant pindariques qu'à la manière d'Horace; quelques dithyrambes où l'on trouve beaucoup de verve; des cantates du meilleur goût, des* chansonnettes, *et des sonnets.*

SANÉ.

Sons divinos me feriam.
  Não se ouviam
Entre as árvores de attentos
Susurrar os roucos ventos.
  Mais e mais o meu desejo
Me embrenhava na espessura;
Chego á murtha, e um cysne vejo
De purpúrea * cega alvura:
    Não murmura
Polo ouvir a argentea veia,
E de gôzo o curso enfreia.
  Aoredor o côro alado,
  Os seus collos meneiando,
Sôbre as árvores callado

* A respeito do epitheto *purpurea*, que eu dou á *alvura*, tenho a dizer: Que *purpureus*, *a*, *um*, entre os poetas latinos e gregos, significa — *cousa brilhante*, *nitida*, *pura*, *formosa*, *e de côr viva*, etc. qualquer que seja.—Por *azul* ou *verde resplandecente*, acha-se em Virgilio nas *Georgicas*, liv, IV, v. 373.

In mare purpureum *violentior influit amnis.*

Por *louro* ou *ruívo* usou d'elle Tibulo no liv. I, eleg. IV, vers. 5:

Carmine purpurea *est Nisi coma*....

Na significação de *muitas côres*, Virgilio, ecl. IX, vers. 40:

Hic ver purpureum....

Escutava o verso brando,
E admirando;
Que no seio me adormenta
A tristeza macilenta.
N'isto baixa ao prado hervoso
De atros gansos banda ingente,
Cérca o cysne sonoroso,
E á porfia derepente
Roucamente
A grasnar começa emroda,
Atroando a selva toda.
Segue o cysne o doce canto,
Nem dos grasnos cura nada;
Rí-se a Nays, que ouvia emtanto
Sôbre a agua prateiada
Reclinada.

Na accepção de *cousa formosa* ou *viva*, Valerio Flaco, quando disse:

En frigidus orbes purpureos *jam somnus obit.*

Por *cousa brilhante* e *nitida*, Albinovan, el. II, vers. 62:

Brachia purpurea *candidiora nive.*

E o grande Horacio, fallando dos cysnes do carro de Venus, liv. IV, od. I, vers 10:

. . . . . Purpureis *ales oloribus*, etc.

O Auctor.

Assoviam* os malinos
Brincões satyros caprinos.
De íra cheios e despeito
Vejo os gansos presumidos
Refrear no imo peito
Os seus grasnos de corridos;
E incendidos
Voam onde pantanosa
Corre a lympha mais lodosa.
Com o bico o lodo volve
A maldicta praga immunda;
E depois que se revolve,
Corre ao cysne, e furibunda
Todo o inunda,
Em soante revoada,
Da escorrente agua enlodada.
Mas o cysne mal se olhou
Todo esqualido e nojoso,
Na corrente mergulhou,
E surdiu alvo e lustroso
Do asqueroso
Bando iniquo triumphante,
Que ao ceo voa trepidante.
Torna ao canto o cysne quando...
(De pavor inda estremeço!)

* A plumbea pélla mata, o brado espanta;
Ferido o ar retumba e *assovia*.

CAMÕES, *Lus.* cant. I, est. 89.

Dizei vós o caso infando,
Claras deusas do Permesso:
Ah! conheço
Que me ouvis! ja furia ingente
Me estimúla a accesa mente.
Quando um drago de improviso,
Que de verde e azul se esmalta,
Colleando, vir, diviso
De uma brenha spessa e alta:
Ja la salta·
Sôbre o cysne desgraçado,
De horror preso e arripiado.
Deïxa, vendo-o, as selvas frias
Toda a ave, a fera a toca.
Enroscou-se; e as leves guias
Lhe arrancou co'a ímpia boca.
Eis suffoca,
Recrescendo em tortos nós,
Ao cantor a flebil vós.
N'agua a face peregrina
Escondeu a Nays chorosa;
N'isto baixa repentina
Sôbre a face sanguinosa,
Generosa
Aguia, a quem dobra a floresta
A frondosa altiva testa.
Sólta o cysne, e logo logo
O dragão sai a encontrala;
Meio se ergue, e peste e fogo

Da cruenta boca exhala :
Silva e stala
Com a cauda, e os lombos trilha;
A farpada lingua brilha.
Prompta a vista, revoando,
Calca a aguia o monstro iroso,
De o assaltar como espiando
O momento venturoso.
Susto e goso
Fazem n'alma duro embate;
Um me anima, o outro a abate.
Faz então, na dubia guerra,
A aguia falsa arremetida;
Salta o drago, e os olhos cerra;
Furta-se ella, e de corrida,
Advertida
Lhe empolgou o rijo cacho,
Trespassando-o d'alto a bacho.
Com as garras furibundas
As entranhas lhe rasgando,
Borbotões de sangue as fundas
Brechas golpham murmurando :
Boqueando,
Semivivo baqueou,
Sólta as roscas, e expirou.
Mal caíu o monstro, vejo
Uma angelica donzella,
Qual a finge o vão desejo,
Do ocioso, meiga e bella;

Aurea tella
Lhe orna o corpo delicado;
Prende a coma ouro gemmado.
C'um andar cheio de graça
Vem o cysne demandando;
Recende o ar per onde passa;
E debaixo do pe brando,
Vão brotando
A cecem, o lirio, a rosa;
Vergonteia a estirpe annosa.
Chega; e o cysne lastimoso
Juncto ao seio terna amima;
O calor prodigioso
Os espiritos lhe anima.
Ja sublima
Mais que outrora denodado
O, télli, cóllo inclinado.
Larga-o a nympha; elle veloz
Vai para a aguia eximia, e quando
Se avizinha, sólta a voz
Sons divinos gorgeando,
Grata honrando
A raínha sua cára,
Que a ouvi-lo, ás vezes, pára.
N'isto aos ares se remonta
N'uma nuve a nympha bella,
A aguia a segue em vôo promta;
Nem no alcance muito anhella:
Atrás d'ella

Bate o cysne as ermas vias
Co' as possantes novas guias.
Deixo absorto o bosque horrendo,
E a Damon narro o portento:
Damon do Erebo tremendo
Traz á luz, c'o mago accento,
Manes cento;
Deduz Trivia do alto ceo;
E ao futuro rasga o veo.
Mal me ouviu, ao ceo levanta
O seu vulto venerando;
Vozes barbaras descanta;
E depois cabeceando,
Abaixando
Para mim os olhos ledos,
Sólta a voz a taes segredos:
« N'um altar de terrão vivo
Liba a Delio e ás Camenas;
Do jacintho e louro esquivo
Engrinalda-o, e das verbenas
Mais amenas:
Dadiva é sua mimosa
A visão da selva umbrosa.
Sim, tu es do fulvo Tejo
Um dos cysnes sonorosos:
De atros gansos bando eu vejo,
De teus cantos invejosos,
Presumpçosos

Pretender tornâr-te mudo *
Com o crebro grasno rudo.
Eis lhe impõe silencio duro
O geral escarneo, e enfreia:
Em vão chama o aleive impuro,
Que a candura que te arreia,
Embaceia:
Da verdade a luz embreve
Lhe dissipa a sombra leve.
Inimiga fera e válida,
Do imo Tartaro brotando,
A pobreza, serpe erquálida,
Te suffoca o canto brando,
Decotando
Do talendo as azas promptas,
Com que ao Pindo te remontas.
Ja de heroes ninho fatal
(Nas estrellas vejo scrito)
Manda ao ceo aguia caudal,
O esplandor olhando avito
Fito a fito:
De ti fallo, Alcippe bella,

* Ha certos *criticos*, que em tudo *poem pecha; e* que *não escrevendo elles, nem sendo capazes de escrever cousa que se leia*, querem impedir que os outros escrevam. Que parecidos que são com o cão da fábula, que nem come, nem deixa comer !..

FRANCISCO MANUEL.

Pia e justa como aquella.
Tu brazão da terra lusa,
Dos Almeidas penhor caro,
Salvarás a afflicta musa
Com o teu egregio amparo;
La no avaro
Acheronte sepultando
Da indigencia o monstro infando.
No fecundo seio e santo
Da ventura, Alfeno honrado,
Novas guias estro e canto
Cobrarás. Assim mandado
Tem o fado.»
Tôa então nublado o ceo:
E Damon emmudeceo.

DOMINGOS MAXIMIANO TÔRRES.

Com quem dos vates comparar-te posso
Tôrres sublime, quando o véo levantas
Ao nublado futuro? ou quando mostras
Como • com largo cinto e tenue vara,
Viste Cupido, á luz da ruiva Delia,
Dar tres voltas, n'um círculo mettido,
Os olhos envesgar, ferir raivoso
O chão, c'o esquerdo pe? ou quando narras
As prácticas dos numes, no alto assento?
O ceo não tem luzeiro, o inferno sombras,
Que tu, co' a aguda vista, não penetres.
Qual destro creador de novos orbes,

Tu do universo os ambitos alargas,
E o povôas de novos moradores;
Fazes surgir, dos golphãos do atro chaos,
Mil novas fórmas, mil variados entes;
E, aos que eram meros sonhos; turba informe,
Tu lhes dás corpo, dás acção, dás vida.
Eu vejo (se tu queres, e se volves
Da magica poesia a hardida vara)
Mover-se os troncos, condoer-se as penhas;
Os tigres se humanar, parar os rios;
E debruçar-se sôbre as verdes urnas
Para te ouvir cantar novos prodigios
Similhados aos que, n'essa era, obrara
A musa grega, quando Homero pinta
As trípodes, per si aos templos indo,
E os carvalhos de Dódona, que fallam.

FRANCISCO MANUEL.

ENDEIXAS.

A MORTE.*

Pesado alfange, golpe fero,
Es da doença, ou es da morte?
Eu me resigno, e firme espero
O derradeiro fatal corte.
Tu, leve sôpro, intendimento,
Alma immortal, per onde andavas?
Qual luz de vela exposta ao vento,
Me pareceu que te apagavas.
Se a vida so víra extinguir!...
Ah! que é a vida, e o mundo? nada.

* *Les poésies de José Anastacio da Cunha, recueillies en* 1788, *n'ont, je crois, jamais été imprimées; j'en ai eu le manuscrit entre les mains, et loin d'en découvrir rien de cette sécheresse, de ce manque d'élan et d'imagination qu'on pouvait supposer être le résultat d'une longue application aux sciences exactes, je suis frappé de leur douce rêverie, de leur sensibilité et sur-tout de cet accent mélancolique qui semble propre à la poésie portugaise, entre toutes les langues du midi.*

SISMONDI.

Mas ver-se uma alma dividir
Mais que de si, da sua amada!
Morrer, e sem ao meu incanto
Podêr mostrar o affecto meu!
Ah! sem podêr mostrar-lhe o quanto
Sou todo inteiramente seu!
Ah ceos!... porêm,— eu me resigno.....
Mas se aqui findo os dias meus,
Oh! algum zephyro benigno
Ao meu amor leve este adeus.
Adeus, objecto idolatrado
Do mais intenso e puro amor!
De amor tam doce, acerbo fado
A gentil planta sega em flor.
Adeus, adeus! sabe que em quanto
O espirito ou corpo existe, é teu:
Vive feliz, tam feliz quanto
Se fôras minha, ou fôras eu.
Mas para mim o agudo estoque,
Furiosa a dor torna a apontar;
Desfeito em sombra ao fino toque
Tudo de mim vejo afastar.
E tu, essencia incomprehensibil,
Tu do universo ou alma ou rei,
Patente em tudo e invisibil,
Em quem um pae, creio, acharei;
Levo a teus pés, qual m'o entregaste,
Simples e humano, o coração;
Amor ao bem, qual me inspiraste;

Fraquezas e erros, crimes não.
Pia a amizade, acaba emtanto
O triste officio derradeiro;
E as libações me faz de pranto
Na pedra rasa e sem lettreiro.
Terna amizade (se sentido
O não tiver no peito amor)
Te irá dizer manso ao ouvido:
« Ja não existe o teu pastor. »
E quando a praia, e a espessura,
Que absorto aope de ti me via,
Minha affeição tam terna e pura
Te debuxar na phantasia;
Brandos suspiros não engeito,
Nem gentil lagryma que amor
Verter do mais que amado peito
Com saúdade, mas sem dor.
E dize então maviosamente:
« Raro e leal foi o amor seu;
Meu foi, meu todo inteiramente,
E, se inda existe, ainda é meu. »

J. A. da Cunha.

A CREAÇÃO
DA
MULHER.

Ja tinha o mundo
Jove formado,
E rei de tudo
O homem creado;
Mas solitario
Este se achava:
Brusca tristeza
O dominava.
Com mão profusa
A natureza
Em vão mostrava
Sancta belleza!
Cantavam aves,
Bulia o vento:
Tudo infundia
Contentamento.
Flórido o valle
Reverdecia:
De aromas mil
O ar se enchia.

Manhan serena
Leda brilhava :
Manto de estrellas
A noite ornava.
E todavia,
Qual duro tronco,
O homem jazia
Sisudo e bronco.
Covas escuras,
Matta enredada,
N'ellas fazia
Sua morada.
No solio eterno
Jove sentado,
Então aos deuses
Falla pousado :
« Mortal suberbo
C'o intendimento,
Sondar pretende
Mysterios cento.
So, pensativo
Se desalenta :
Do mundo inteiro
Nada o contenta.
Eu distraí-lo
Quero piedoso;
Beba sua alma
Nectar gostoso. »
Fórma então Jove

Nova creatura;
De Venus bella
Fiel pintura.
Esbelto talhe,
Meneio brando,
Mil amorinhos
Vão rebanhando!
De ouro madeixas
Ao vento sôltas,
Ameigam feras,
Que andam revôltas.
Os cupidinhos
Dos verdes olhos
Duros despedem
Settas a molhos.
Covas da face
Branca e rosada,
Vós sois das graças
Gentil morada!
Vozes suaves,
Que as almas prendem,
De fio em fio
Dos beiços pendem.
Ah! são seus labios
Fontes de vida!
Em neve pura
Roman partida!
As alvas têtas
De marfim puro

Ah! são mais rijas
Que crystal duro !
Carne mimosa
Que a vista enleva,
Onde o desejo
Em vão se ceva!
Ao vê-la o homem
Pasma, estremece!
Quer abraça-la,
Corre, enlanguece!
— « Quem es, es deusa?
(O homem lhe grita)
Ah! se podesses
Trazer-me dita? »
Ella responde:
— « Sou tua esposa;
Deixa a tristeza,
Ama-me e gosa. »

José Bonifacio de Andrada.

A FLOR SAUDADE.

Vem ca, minha companheira,
Vem, triste e mimosa flor,
Se tens de saudade o nome,
Da saúdade eu tenho a dor.
Recebe este frio beijo,
Beijo de melancholia,
Tem d'amor toda doçura,
Mas não o ardor d'alegria.
Onde te pegou Marilia?
Dize, onde um beijo te deu?
Mostra o logar, n'elle quero
Dar-te eu outro beijo meu.
Se Marilia quer que exprimas
O qu'ella sente por mim,
Porque murchas? Não me lembres
Que amor tambem passa assim.
Marilia em tudo te iguala
Linda e delicada flor,
Mas infeliz se em seu peito,
Quanto duras, dura amor!
Tu venturosa cuidavas,
Quando o meu bem te colheu,

Que morreras em seu seio,
Qual morri outrora eu.
Longe d'haste, em que Favonio
Ia comtigo brincar,
Em vez de orvalho, te sentes
So de lagrymas banhar.
Flor infeliz!... porêm eu
Quanto mais infeliz sou!...
Nada te disse Marilia
Quando ella a mim te enviou?
Ah! se tu saber poderas
Quanto amor, quanta ternura,
Se souberas das delicias,
Julgaras da desventura.
Mas que digo! não me creias,
Não me vas atraiçoar,
Saúdade, é crime d'amor
Seus mysterios divulgar.

BORGES DE BARROS.

IMPROVISO
Á MORTE DE SOCRATES.

MOTE.

Terá fim, mas não sei quando.

Socrates, rei da razão,
Empunha a fatal cicuta,
E da morte á extrema luta
Não lhe treme o coração:
Supportou-lhe a gradação
Com um ar sereno e brando;
Dos discipulos ao bando
Disse: « eu morro, e não me queixo;
E a memoria, que vos deixo
Terá fim, mas não sei quando. »

Defender os patrios lares,
Dar a vida polo rei,
E dos lusos valorosos
Character, costume e lei.

GLOSA.

Fernando avilta o brazão,
De eternos avós herdado;
Fernando, a delicias dado,
Perde glória e coração:
Eis o primeiro João
Surge fausto entre os azares;
Dissipa torpes desares,
E vai co'a tremenda espada,
Co' a glória resuscitada
Defender os patrios lares.
Correm tempos; e o destino
De Lysia outra vez se altera:
No berço Bellona fera
Bafeja real menino.
Cresce, e infausto desatino
O move contra Mulei: *
Ai! segue-o submissa grei;
Lusas mãos pendões desferem;

* Molei Moluco, rei de Marrocos.

E até na injustiça querem
Dar a vida polo rei.
Cai o môço miserando
Sôbre as barbaras areias ;
Rebenta o sangue das veias
Inda victoria anhelando.
Ferreo jugo, intruso mando
Nos turva os annaes lustrosos :
Serie de tempos nublosos ,
Que a Roma cadeias lança ,
(Bemcomo os da glória) herança
É dos lusos valorosos.
Rompe emfim de Lysia o somno
Alto impulso repentino ;
E o renovo Bragantino
Reluz no remido throno.
Oh Lusos ! celeste abono
Verificae , merecei ;
Duro assalto removei :
Jus vos dão para a victoria
Um Deus , a razão , a historia ,
Character, costume e lei.

BOCAGE.

DECIMAS.*

Feriu sacrilega espada,
Alçada per mão traidora,
Cabeça, que sempre fora
Té ós barbeiros vedada:
D'entre a grenha profanada
Corre o sangue á terra dura:
Tosquiou-se a matadura;
E o casco rebelde a ordens,
Precisou d'éstas desordens
Para ter prima tonsura.

Feroz soldado imprudente,
Que nova espada esgrimiu,
Foi o ímpio que feriu
Ésta víctima innocente!
A quem do golpe insolente
O motivo lhe procura,
Diz «que fez compra segura;
Pois duvidoso na escolha,

* Foram feitas a um leigo que era vesgo, que nunca teve fastio, e a quem, per acaso, tocou na cabeça a ponta de um espadim.

Qûiz ver que tal era a folha
Cortando per cousa dura.»
Homem de tenção damnada,
So tu conseguiste o fim
De entrar o teu espadim
Aonde não entra nada:
Da repentina estocada
Cai o padre desmaiado;
Mas quando recuperado
A ti os olhos volveu,
Sabes o que te valeu?
Foi teres ja almoçado.
Todo o mundo te pragueja,
Porque em detestavel guerra
Ias deitando per terra
Ésta columna da igreja:
Mas se triumphasse a inveja
E o padre morresse então,
Dize, ó ímpio coração,
Que tanto em furor te atissas!
Quem adjudaria ás missas?
Quem tocaria ao sermão?
Quem nos daria a certeza
De haver outro homem sisudo,
Que podesse comer tudo
Quanto se puzer na meza?
Da próvida natureza
Quem havia as leis seguir?
Observante em digerir

Qual outro havia saber
Depois de acordar, comer;
Depois de comer, dormir?
Que importa, ó cruel soldado,
Para desculpar teu erro,
Ter sido o teu ímpio ferro
Ja pola patria arrancado?
Que importa que em campo armado
Juncto a si Lippe * te veja?
Que importa que o mundo seja
Das tuas acções o abono,
Se a mão, que defende o throno,
Ataca depois a igreja?
E tu, que segues os trilhos,
Que san' Francisco te fes,
E pões os teus gordos pes
Sôbre os seus sanctos ladrilhos;
Poisque a seus devotos filhos
Guarda no ceo largas pagas,
Nos olhos é bem que o tragas,
E de modelo não mudes;
E pois não é nas virtudes,
Que o seja aomenos nas chagas.

Nicolau Tolentino.

* General estrangeiro que commandava o exército portugues.

Odes.

ODE I.*

Á LINGUA PORTUGUEZA.

Fuja d'aqui o odioso
Profano vulgo; eu canto
A brandas musas, a uns spritos dados
Dos ceos ao novo canto
Heroico e generoso,
Nunca ouvido dos nossos bons passados.
N'este sejam cantados
Altos reis, altos feitos;

* Se mais te incanta harmonicos accentos
Ouvir da eburnea lyra, não te cance
Meu Ferreira outra vez ouvir, que sólta
Os hymnos de Callímaco, cantando,
E o *sprito venusino* resuscita.

A. R. dos Santos.

Costume-se este ar nosso á lyra nova:
Accendei vossos peitos,
Ingenhos bem criados,
Do fogo qu'o mundo outra vez renova.
Cadaum faça alta prova
De seu sprito em tantas
Portuguezas conquistas e victorias,
De que ledo t'espantas
Oceano, e dás por nova
Do mundo, ó mesmo mundo, altas historias.
Renova mil memorias
Lingua, ós teus esquecida, *
Ou por falta d'amor, ou falta d'arte;
Sê para sempre lida

* Desprezava-se então a lingua vulgar; e pela maior parte os versos que se compunham eram em alguma das estranhas, especialmente na latina. Antonio Ferreira não se deixou porêm, n'ésta parte, levar da torrente do uso; de maneira, que em toda a vida *dando* (como na elegia sôbre a sua morte diz Diogo Bernardes) *á patria tantos versos raros, um so nunca lhe deu em lingua alheia.* O seu Horacio, e Francisco de Sá de Miranda (oraculo da discrição n'aquella idade) o fizeram capacitar de que so na propria lingua (cuja harmonia unicamente nos póde ser assás conhecida) se deve poetar. Ésta verdade seguida commummente hoje dos melhores poetas em todas as nações, e sustentada pelos criticos de maior nome, achava então na authoridade de tantos illustres poetas (que dentro e fóra de Portugal practi-

Nas portuguezas glorias,
Qu'em ti a Apollo honra darão e a Marte.
A mi pequena parte
Cabe inda do alto lume
Igual ó canto o brando amor so sigo
Levado do costume.
Mas inda em algũa parte
Ah Ferreira (dirão) da lingua amigo! *

cavam o contrario com toda aquella perfeição a que se chega de similhante modo) uma consideravel opposição. Mas nem ésta o acobardou, nem inda a teve em tal conta, que sequer o obrigasse a guardar sôbre ésta materia algum recatado silencio. A razão era para com elle de maior pêso que toda a fôrça dos exemplos; os quaes so attendia, quando aquella lhes servia de fundamento.

Pedro José da Fonseca, *Vida de Ferreira.*

* Disse-o depois Francisco Manuel n'este verso:

Bom Ferreira, da nossa lingua amigo!

ODE II.

À PRIMAVERA.

Eis nos torna a nascer o anno fermoso,
Zephyro brando e doce Primavera;
Eis o campo cheiroso:
Eis cinge o verde louro ja a nova hera.
Ja do ar caído gera
O crystallino orvalho hervas e flores;
As Graças e os Amores,
Coroados de alegria,
Em doce companhia,
De nymphas e pastores, ó som brando
Doces versos de amor vão revezando.
Após a branda deusa do terceiro
Ceo, que triumphando vai de Apollo e Marte;
E entre elles o frecheiro
Seu doce fogo, aonde quer, reparte:
Fogem de toda parte
Nuvens; a neve ao sol, té então dura,
Se converte em brandura;
E d'alta e fria serra

Caíndo rega a terra,
Agua ja clara, a cujo som dormece *
Toda fera serpente, e o myrtho crece.
Renasce o mundo, e torna á fórma nova
Do seu dia primeiro : o sol mais puro
Sua luz nos renova,
E afugentando vai o hinverno escuro.
O monte calvo e duro,
O valle, d'antes triste, e turvo rio,
Ar tempestoso e frio,
Os tornam graciosos
Aquelles amorosos
Olhos de Venus, faces de Cupido,
Creando em toda parte um Chypre um Gnido.
Ja deixa o fogo o lavrador; ja o gado,
Da longa prisão sôlto, corre e salta
Roendo o verde prado;
Nem agua clara, nem verdura falta.
Eis tira da árvore alta
Ou Progne com seu ninho, ou Philomena
Tityro; e inda sem penna
Cria a tenra ave ledo,
Por esperar que cedo,
De seu fermoso dom Cloris vencida,
Não soffrerá ser d'elle em vão seguida. **
Agora nós tambem nos coroemos,

* Por *adormece*.
** Como é bella ésta pintura!

Ó claro Antonio![*] de hera e myrtho e louro,
E mil odes cantemos
Á branda Venus, mil a Apollo louro,
Que com seu raio de ouro
A escura nuve do teu peito aclara.
Ah! quanto suspirara!
Ah! como desfazendo
Em tenro pranto, e erguendo
Os olhos a ti, Phebo, Nise triste
Chamar, ó sol! ó sol! com mágoa ouviste!
Olho claro do ceo, vida do mundo,
Luz que a lua e estrellas alumias,
Ó movedor segundo
De quantas cousas ca na terra crias,
Crespo Apollo, que os dias
Trazes fermosos, e as douradas horas!
La d'ess'alto onde moras
Com tua luz clara e santa,
Que o mau Saturno spanta,
Torna a Antonio e conserva a luz primeira;
Do puro sangue a côr e a fôrça inteira.
Os mais brandos liquores, suaves çumos
Das mais saudaveis plantas busca; e colhe
Os mais cheirosos fumos
Que Arabia em si, em si Sabá recolhe:
Faze que, ondequerque olhe
O teu bom Sá, prazer e riso e canto

[*] Antonio de Sá de Menezes.

Veja : oh Phebo! a quem tanto
Teu claro lume adora,
E ao Douro, que inda chora
Do seu passado mêdo a viva magoa,
Não negues a um san vida, a outro clara agoa.
A vida foge como ó sol a sombra : *
Quem podér viva, em quanto um' hora tarda;
Hora que spanta e assombra;
Nem escusa recebe, ou ponto aguarda.
Quem sua vida guarda
Para outro dia? quem no leve vento
Faz firme fundamento?
Anda o ceo, volve o ano,
Mostrando o desengano
D'ésta vida inconstante, e emfim mortal,

*Que nobre companhia me não fazem
O docto Sá, o inclyto Ferreira?
Que solidas sentenças, que virtudes,
Que gran' philosophia me apresentam?
Não essas de theoricas altivas,
Que ignotas regiões, ínvias veredas,
Sem prumo e lastro vagabundas correm;
Mas práctica, e segura e certa guia
Na carreira da vida : quando os ouço,
Que conselhos, que maximas prudentes,
Que regras sociaes d'elles aprendo?
Tam alta, tam christan philosophia
Trasluz nas suas obras, nos seus dictos,
Que outro em Lysia não acho mor, do que elles.
A. R. dos Santos.

De bens escassa, pródiga do mal.
Ó meu bom Sá! em quanto nos defende
A vida breve longas esperanças,
Tu ledo o sprito stende
Per honestos prazeres, sans lembranças;
Livre das vans mudanças
Em que anda' os mais em sorte ó vento postos,
C'os inconstantes rostos.
La sempre um, sempre inteiro,
Seguindo o verdadeiro
Caminho, que ó alto ceo te chama e guia,
Contente vive o anno, o mez, e o dia.

FERREIRA.

Antonio Ferreira, magistrado público da Relação de Lisboa, d'onde foi natural, deve ser contado pelo segundo, que, depois do Sá de Miranda, se destinguiu na poesia, e aperfeiçoou a lingua portugueza, de quem foi muito apaixonado, e com razão. Todo escriptor deve amar o seu idioma, e n'elle consignar suas ideias; especialmente quando elle tem as virtudes, que fazem tam recommendavel a nossa lingua. Ja la vai o tempo em que o escrever em Latim era o maior merecimento; no que jamais ninguem poderá conseguir a perfeição, a que chegaram os escriptores do seculo de Augusto. Ésta verdade tam conhecida dos melhóres philosophos de nossa idade, ja n'aquelle tempo era da mais evidente certeza no ânimo do sabio Ferreira; que cheio da lição dos grandes escriptos da antiguidade, quasi tudo quanto compoz foi á luz d'elles. Sem ser tam original no

particular, possuia mais talentos; e a sua imitação era mais phantastica do que a d'aquelle poeta, a quem teve por modelo na concisão do estylo, e na estructura do hendecasyllabo, metro de que mais usou. Elle foi o primeiro, que depois de aperfeiçoar a *elegia*, a *carta Horaciana*, ja tractadas pelo Sá de Miranda, deu á poesia portugueza o *epigramma*, a *ode*, o *epithalamio*, e a *tragedia*. A grande lição que teve de Horacio, e o desejo de seguir as pizadas do poeta Miranda, cujo credito lhe tinha conciliado a maior estimação, não so em Portugal, mas em toda Hespanha, e a severidade natural de seu ingenho, lhe fizeram conceber um gôsto particular pola concisão no estylo com tal excesso, que quasi sempre sacrifica a harmonia ao pensamento. Este poeta inteiramente se consagrou á *poesia util;* e é o unico dos nossos, que não tem *ninharias canoras:* depois de Camões, elle foi o que mais enriqueceu o idioma, não so polo seu pensar sublime, mas tambem pelo que imitou dos Gregos e Latinos, em cujas linguas era doctissimo. Em todas suas obras resplandece a razão acompanhada de uma profundidade de pensar, que faz o principal distinctivo de seu character. As suas pinturas são graves, mas um tanto mesquinhas: a sua expressão, mais forte que suave, é muito animada, é cheia d'aquelle fogo, que eleva, que educa o espirito, e move o coração. Elle foi o primeiro de nossos poetas, que uniu a póesia de imagem á de sentimento, que conheceu a verdade, e a fôrça do *utile dulci* do lyrico latino; e que lançou os fundamentos da poesia tragica, *de que tam pouco se teem aproveitado os que depois vieram.*

F. D. Gomes.

ODE I.*

Pierides sagradas,
Em vindo o claro dia,
Que com justa alegria
Celebreis, d'hera e louro coroadas;
E em danças concèrtadas,
A som de concertados instrumentos,
Em nossas claras fontes,
Ribeiras, valles, prados, bosques, montes,
Mostreis mil sentimentos
Alegres, com alegres movimentos:
Ésta é aquella ditosa
Luz clara, em que naceu
Quem vos mais alto ergueu,

* As *odes* de Caminha são dignas de aprêço, porque são mais bem pensadas e escriptas que tudo o mais. Talvez que ellas fossem emendadas per Ferreira, ou Sá de Miranda, a quem elle tinha por mestres· ou talvez que o terceto (metro de que mais usou nas outras composições) fosse causa da impureza de seu estylo; por ser aquelle o mais difficil de todos os metros. A ode aos annos do poeta Miranda é bella. O mesmo se deve dizer da ode ao poeta Ferreira: todas as mais são geralmente bem escriptas, e honram a poesia portugueza.

F. D. Gomes.

Que toda antiguidade tam famosa;
Ésta é aquella fermosa
Luz, que té-gora mais vos lumicu;
Que ó mundo deu o divino
Francisco,* e co' elle ingenho peregrino,
Com que té o ceo se alçou,
E a nós, e á patria, e lingua tanto honrou.**
Sempre este dia tereis
Por nossa maior gloria;
Este é cuja memoria
Devidamente sempre cantareis;
Este levantareis
Em alto, em desusado, em grave canto;
Memoria merecida
Ó rarissimo ingenho tam devida,
Que com glória e spanto
Vosso, tem dado ó mundo de si tanto!
Ja tudo stá mostrando
De vos ouvir desejo;
O vento que sobejo.

* Francisco de Sá de Miranda.

**Tractou antes de conceitos e substancia, que de termos vãos e pomposos; spanto de principiantes, ridiculos e inuteis aos que melhor intendem; guardando, todavia, com tammanho rigor as regras da arte, que os que attentamente o passarem, não lhes ficará necessidade de ler em as poeticas de Aristoteles e Horacio; que elle, parece, não largava da mão. ANONYMO.

Com furia stava tudo ameaçando,
De todo stá ja brando;
O ceo claro e sereno, e assi corado
Se mostra, que parece
Que a este nosso dia favorece:
Tudo aqui stá calado;
Tudo vos quer ouvir assocegado.
Canta-lo-heis tam cedo
Subido ó alto Parnaso,
Banhado no Pegaso,
De todo sprito torvação e medo;
Amor venha aqui ledo
Ouvir louvores seus, d'elle entoados;
Glorie-se que ouviu
Quem assi o intendeu, assi o sintiu;
Que foram bem cantados
D'elle seus bens, seus males bem chorados.
Canta-lo-heis tambem
Desd'o dia primeiro,
Que o ceo, em tudo inteiro,
O deu ós bons ingenhos por gran' bem,
Té o tempo que ora o tem;
Felicissimo tempo! boa idade!
Ó ceo levantae Sá,
Musas, no mundo so seu nome vá
Louvado justamente
De vós, d'Amor, de nós, de toda gente.
Os ceos que te nos deram,
Francisco, claro e puro,

Te tenham tam seguro
Como té-qui (nossa honra) te tiveram:
Os annos que te speram
Sejam inda outros muitos; e tais sejam,
Quais todos desejamos
Os que d'alma, tua alma, e vida amamos;
E glorioso te vejam
Em si depois os ceos que te desejam.

ODE II.*

Ferreira (direi) meu,
(Licença da amizade
Que tanto de verdade
Me tem feito outro tu, e a ti outro eu)

* O poeta Caminha sobreviveu muito a Camões, de quem nenhuma menção fez, ou por inveja, ou por não render tributo aos talentos postos em um sujeito tam pobre de fortuna, quam rico de merecimento; quando per outra parte vemos que largamente prodigalisou louvores a outros, que nunca foram conhecidos, nem mereciam sê-lo, como Luis Pereira de Castro, auctor da *Elegiada;* obra a mais infeliz que se conhece d'aquelle tempo, a qual (por supersticiosa veneração ao seculo em que appareceu) foi publicada ha poucos annos.

F. D. Gomes.

Se a um amigo teu,
Amigo em tudo puro,
Queres ouvir seguro,
Ouve-me agora um pouco;
Mas ja ante ti me vou fazendo rouco.
De tua doce lira
O grave e brando som,
Dos ceos tam rico dom,
Por quem triste o Mondego ora suspira;
Que sempre o Tejo ouvira,
Se tanto merecera
Que sempre te tivera,
Não se cale tam cêdo,
Va fazendo, a todo outro, spanto e mêdo.
Foi-te Apollo creando
Entre as musas mimoso,
Em ti um milagroso
Ingenho, um alto stylo ó mundo dando!
Per suas mãos regando
No seu mais alto monte
Da sua mais clara fonte
Vai seu amado louro,
Pera em ti mostrar co'elle seu thesouro.
Indaque ja mostraste
(Teu verso é signal claro)
Próva do ingenho raro
Com que ja té o ceo te levantaste;
Com que te ja mandaste
Té o oriental Indo,

Não deves ir fugindo
Tam cedo á honra grande
Qu'inda sperâmos que em ti o ceo nos mande.
Minerva que assi te ama,
Que em teu (so teu) sprito
Mostra o seu todo scrito,
De novo, a novos versos, ja te chama:
Que grande, que alta fama
Se vai de ti stendendo!
Quanto irá mais crecendo
De ti, da patria e lingua,
Se teu canto (ah não seja) em ti não mingua!
Olha o menino cego,
Qu'em teu peito assentado,
Quer ser de ti cantado
Ora em repouso, ora em dessocego:
Diga-o teu Mondego,
Que ja cantar te ouviu,
Ja chorar te sintiu,
Tudo em canto e som dino
De s'esquecer por elle o peregrino.
Mas essa phantasia
(Culpa do tempo e terra
De bons ingenhos guerra)
Te desfaça o cuidado que te guia,
Que toda a noite e dia
Te tem de ti esquecido,
De tudo aborrecido,
A que deves mil cantos

Qu'encham o mundo todo inda d'espantos.
Vive, vive Ferreira; *
Teu canto sempre soe;
De ti alta fama voe
(Apezar de más linguas) verdadeira. **
A fama lisongeira
Seja par'uns confiados
Comsigo so enganados,
Estes presupozessem
Nunca mais screver, nunca screvessem.

CAMINHA.

* O poeta Antonio Ferreira.

** Estes versos assás provam que, mesmo n'essa boa idade, não faltaram a Ferreira, Bavios e Mevios que o mordessem.

Caminha foi um poeta célebre do seculo de quinhentos. A sua imitação, em geral, pouco tem de sublime; o seu pensar é froxo; e o mesmo character tem a sua expressão, que cheia de licenças e defeitos, é confusa e obscura, lodosa e baixa. A elegancia contínua é desconhecida d'este poeta, que pouco instruído nos grandes modelos da antiguidade, nada d'elles tirou com que enriquecesse o idioma, que desfigurou com construcções erroneas, sem attender á harmonia, que sempre sacrificou ao pensamento; sem que por isso ficasse mais bello, por ser commummente mal deduzido e pouco forte. Quando tracta alguns logares communs usados per Sá de Mi-

randa, Ferreira, Bernardes e Camões, poetas doctissimos, ainda se eleva, ainda se mostra algum tanto mais limpo de corruptelas; mas logo que se entrega a si mesmo, claudica a cada passo na pureza da phrase; porque usa de muitas construcções afastadas do systhema de nossa syntaxe; e na harmonia, porque contrahe muitas vezes tres e quatro vogaes, e tambem consoantes. Renovou igualmente certos archaísmos, de que todos os bons escriptores de seu tempo, e inda anteriores a elle, se tinham abstido; como foi terminar em *on* a particula *não;* a primeira pessoa do presente indicativo do verbo substantivo *ser* em *ão;* servir-se de diphtongos rudes, v. g. *poude* em vez de *pôde;* e na concordancia do genero e número dos participios nos perfeitos compostos, usar do idiotismo francez admittido na lingua antiga, como se ve n'estes versos:

Ingrato Eneas, que entregaste ao vento
As palavras, e as naus que tinhas *dadas.*

Formula que não agradou ao gôsto portuguez, que absolutamente o baniu de sua syntaxe.

F. D. Gomes.

ODE I.*

Póde um desejo immenso
Arder no peito tanto,
Que abranda e a viva alma, o fogo intenso,
Lhe gaste as nodoas do terreno manto;
E purifique em tanta alteza o sprito
Com olhos immortaes,
Que faz que leia mai*s* do que ve scrito.
Que a flamma que se accende
Alto, tanto allumia,
Que se o nobre desejo ao bem se stende,
Que nunca viu, o sente claro dia;
E la ve do que busca o natural,
A graça, a viva côr,

*As *odes* de Camões, ou são eroticas ou mythologicas, afora duas dirigidas a dous grandes. N'ellas não direi que mostra o poeta a impetuosidade de Pindaro, ou a valentia que se admira em algumas odes de Horacio; mas as graças felices, que fazem o merecimento de outras no vate latino, se encontram tambem nas de nosso Homero. O espirito da poesia romantica dos trovadores é n'éstas modificado com um gósto mais classico e puro. Todas ellas apresentam logares de uma grande belleza, quer pela melodia da poesia, quer pela viveza dos sentimentos.

J. M. de Souza, *Vida de Camões.*

N'outra specie melhor que a corporal.
Pois vós ó claro exemplo
De viva fermosura,
Que de tam longe ca nóto e contemplo *
Na alma, que este desejo sobe e apura;
Não creais que não vejo aquella imagem
Que as gentes nunca vêem,
Se de humanos não teem muita vantagem.
Que se os olhos ausentes
Não vêem a compassada
Proporção, que das côres excellentes
De pureza e vergonha é variada,
Da qual a poesia que cantou
Até-qui so pinturas
Com mortaes fermosuras igualou:
Se não vêem os cabellos,
Que o vulgo chama de ouro;
E se não vêem os claros olhos bellos
De quem cantam, que são do sol thesouro;
E se não vêem do rosto as excellencias,
A quem dirão que deve
Rosa e crystal e neve as apparencias?
Vêem logo a graça pura,
A luz alta e severa,

* Foi escripta em ausencia, na qual so em vivas representações da imaginação via o poeta a sua amada.

T. J. de Aquino.

Que é raio da divina fermosura,
Que na alma imprime, e fóra reverbera;
Assi como crystal do sol ferido,
Que per fóra derrama
A recebida flamma esclarecido.
E vêem a gravidade,
Com a viva alegria,
Que misturada teem de qualidade,
Que uma da outra nunca se desvia;
Nem deixa de ser uma receiada
Por léda, e por suave,
Nem outra, por ser grave, muito amada.
E vêem do honesto siso
Os altos resplandores
Temperados co'o doce e ledo riso,
A cujo abrir abrem no campo as flores:
As palavras discretas e suaves,
Das quaes o movimento
Fará deter o vento, e as altas aves.
Dos olhos o virar
Que torna tudo raso;*
Do qual não sabe o ingenho divisar
Se foi per artificio, ou feito acaso:
Da presença os meneios, e a postura,
O andar, e o mover-se,

* Este modo d'expressar era, talvez, usado e até d'estylo nobre em tempo de Camões; hoje não sería admittido pelos nossos bons lyricos.

D'onde póde aprender-se fermosura.
Aquelle não sei que,
Que aspira não sei como;
Que invisibil saíndo, a vista o ve;
Mas para o comprender não lhe acha tomo;*
E que toda a toscana poesia,
Que mais Phebo restaura,
Em Beatriz, nem Laura nunca via:
Em vós a nossa idade,
Senhora, o póde ver,
Se ingenho, se sciencia e habilidade,
Iguaes a vossa fermosura der,
Qual a vi no meu longo apartamento;
Qual em ausencia a vejo:
Taes azas dá o desejo ao pensamento!
Pois se o desejo afina
Uma alma accesa tanto,
Que por vós use as partes da divina;
Por vós levantarei não visto canto,
Que o Bethys me ouça, e o Tybre me levante:
Que o nosso claro Tejo,
Involto um pouco o vejo e dissonante.
O campo não o esmaltam
Flôres, mas so abrolhos
O fazem feio; e cuido que lhe faltam
Ouvidos para mi, para vós olhos:
Mas faça o que quizer o vil costume,

* Substancia, importancia, momento, etc.

Que o sol, que em vós está
Na escuridão dará mais claro lume.

ODE II.*

Fogem as neves frias
Dos altos montes quando reverdecem
As árvores sombrías;
As verdes hervas crecem,
E o prado ameno de mil côres tecem.
Zephyro brando spira; **
Suas settas amor afia agora;

* Camões descreve n'esta *ode* a entrada da primavera, e logo o estio, o outono, e o hinverno, e como éstas estações se vão successivamente seguindo uma a outra; tirando d'ésta vicissitude e constante mudança, uma moralidade verdadeira da pouca duração da vida humana e prosperidades do mundo. Emfim é ésta ode uma imitação (em parte traducção) da ode VII do livro IV de Horacio.

T. J. DE AQUINO.

** *Sopra* — Ja Ferreira, antes de Camões, tinha usado d'este termo, com igual significado, no soneto XXVIII:

. . . . Brandos ares amorosas
Virações *spirando*, as mais irosas
Ondas, n'aquella parte, assocegavam.

Progne triste suspira,
E Philomela chora:
O ceo da fresca terra se namora.
Ja a linda Cytherea
Vem do côro das nymphas rodeiada:
A branca Pasitea
Despida e delicada,
Com as duas irmans acompanhada.
Em quanto as officinas
Dos Cyclopas Vulcano está queimando,
Vão colhendo boninas
As nymphas, e cantando;
A terra co'o ligeiro pe tocando.
Desce do aspero monte
Diana, ja cançada da espessura,
Buscando a clara fonte,
Onde, por sorte dura,
Perdeu Actéon a natural figura. *
Assi se vai passando
A verde primavera, e o sêcco estio;
O outono vem entrando,
E logo o hinverno frio,
Que tambem passará por certo fio.
Ir-se-ha embranquecendo

* Este celebre caçador, dando uma occasião de subito com Diana no banho, a deusa, encholerisada, o metamorphoseou em veado, e seus proprios cães o devoraram.

Com a frígida neve o sécco monte;
E Jupiter chovendo
Turbará a clara fonte,
Temerá o marinheiro o Orionte.
Porque, emfim, tudo passa;
Não sabe o tempo ter firmeza em nada:
E a nossa vida escassa
Foje tam apressada,
Que quando se começa, é acabada.
Que se fez dos Troianos,
Heitor temido, Eneas piedoso?
Consumiram-se os anos,
Ó Cresso tam famoso,*
Sem te valer teu ouro precioso!
Todo o contentamento
Crias que stava em ter thesouro ufano!
Oh falso pensamento,
Que á custa de teu dano
Do sabio Sólon ** crêste o desengano!

* Rei de Lydia, famoso per suas riquezas e infortunios.

** No anno do mundo 3456, antes da era christan 548, venceu Cyro, rei dos Persas, a Cresso rei de Lydia, e o condemnou a morrer queimado. Pôsto n'este trance, clama Cresso per tres vezes: *Solon! Solon! Solon!* Admirado Cyro d'ésta exclamação, manda vir a si Cresso; pergunta-lhe «que queriam dizer aquellas palavras?» Responde-lhe Cresso, «que elle as dissera lembrado então do que tinha ouvido

O bem que aqui se alcança
Não dura por possante, nem por forte:
Que a bemaventurança
Duravel, de outra sorte
Se ha de alcançar na vida para a morte.
Porque, emfim, nada basta
Contra o terribil fim da noite eterna;
Nem póde a deusa casta
Tornar á luz superna
Hippolyto * da escura sombra averna.
Nem Theseu esforçado,
Ou com manha, ou com fôrça valorosa,
Livrar póde o ousado

a Solon. — *Que nenhum homem se devia dar por ditoso antes da morte.* — Com isto se compadeceu Cyro, perdoou a Cresso, e o fez governador d'uma provincia consideravel.

A. Pereira, *Compendio das epochas.*

* Phedra, madrasta d'este principe, não o podendo persuadir a que se ajustasse com ella, o accusou falsamente a Theseu, de que a queria forçar: Theseu dando credito á mulher, pediu a Egeu seu pae, deus marinho, que lhe matasse o filho. E indo Hippolyto no seu carro ao longo do mar, Egeu lhe soltou uma bêsta marinha, da qual assombrados os cavallos, quebraram o coche, e spedaçaram a Hippolyto. Mas Diana, que o amava, pediu a Esculapio lh'o restituísse á vida.

Pirithoo * da spantosa
Prisão lethea escura e tenebrosa.

* Foi grande amigo de Theseu, com quem ousou ir aos infernos roubar Proserpina mulher de Plutão, o que lhes não succedeu muito bem; porque Pirithoo foi tragado do cão Cerbero, e Theseu prêso.

ODE III.*

N'aquelle tempo brando,
E que se ve do mundo a fermosura,
Que Thetis descançando
De seu trabalho está, fermosa e pura,
Cançava amor o peito
Do mancebo Peleu, de um duro effeito.
Com impetu forçoso
Lhe havia ja fugido a bella nympha,
Quando no tempo aquoso
Noto irado revolve a clara lympha,
Serras no mar erguendo,
Que os cumes das da terra vão lambendo. *

* Refere o poeta n'esta *ode* os amores de Peleu e Thetis, e como d'elles nasceu o forte Achiles.

* *C'est dans Camoëns qu'il faut méditer la langue*

Esperava o mancebo
Com a profunda dor que n'alma sente,
Um dia em que ja Phebo
Começava mostrar-se ao mundo ardente,
Soltando as tranças de ouro
Em que Clicie de amor faz seu thesouro.
Era no mez que Apolo
Entre os irmãos celestes passa o tempo:
O vento enfreia Eolo,
Para que o deleitoso passatempo
Seja quieto e mudo;
Que a tudo amor obriga, e vence tudo!
O luminoso dia
Os amorosos corpos despertava
Á cega idolatria
Que ao peito mais contenta, e mais aggrava,
Onde o cego menino
Faz que os humanos creiam que é divino:
Quando a fermosa nympha,
Com todo o ajunctamento venerando,
Na crystallina lympha
O corpo crystallino stá lavando;
O qual nas aguas, vendo,
N'elle, alegre de o ver, se stá revendo.
O peito diamantino,

portugaise, et l'on sera étonné avec quel art il a su la façonner à son puissant génie.

SANÉ.

Em cuja branca têta amor se cria;
O gesto peregrino,
Cuja presença torna a noite em dia;
A graciosa boca
Que amor com seus amores mais provoca.
Os rubis graciosos,
As perolas que escondem vivas rosas
Dos jardins deleitosos,
Que o ceo plantou em faces tam fermosas;
O transparente collo
Que ciumes a Daphne faz de Apollo.
O subtil mantimento
Dos olhos, cuja vista a Amor cegou:
A Amor, que com tormento
Glorioso, nunca d'elles se apartou;
Pois elles de contino
Nas meninas o trazem por menino. *
Os fios derramados
D'aquelle ouro que o peito mais cubiça,
D'onde Amor enredados
Os corações humanos traz e atiça;
E d'onde com desejo
Mais ardente começa a ser sobejo. **
O mancebo Peleo,
Que de Neptuno estava aconselhado,

* Conceito affectado.

** É n'estes graciosos quadros que Camões é veramente inimitavel!

Vendo na terra o ceo
Em tam bella figura trasladado,
Mudo um pouco ficou,
Porque amor logo a falla lhe tirou.
Emfim querendo ver
Quem tanto mal de longe lhe fazia,
A vista foi perder,
Porque de puro amor, amor não via:
Viu-se assi cego e mudo,
Pela fôrça de amor, que póde tudo.
Agora se apparelha
Para a batalha, agora remettendo;
Agora se aconselha;
Agora vai; agora está tremendo;
Quando ja de Cupido
Com nova setta o peito viu ferido.
Remette o môço logo
Para onde stava a chaga sem socego,
E co'o sobejo fogo
Quanto mais perto stava, então mais cego:
E cego, e c'um suspiro,
Na fermosa donzella emprega o tiro.*
Vingado assi Peleu
Nasceu d'este amoroso ajunctamento

* Nenhum poeta teve o dom de casar mais convenientemente do que Camões as expressões c' os pensamentos.

O forte Larisseu *,
Destruição do phrygio pensamento,
Que por não ser ferido,
Foi nas aguas estygias submergido **

* Achiles.

** Mergulhou-o Thetis na Styge para o fazer invulneravel. O que assim lhe succedou em todo corpo á exceição do calcanhar, per onde a mãe lhe pegara quando o mergulhou.

ODE IV. *

Ja a calma nos deixou
Sem flôres as ribeiras deleitosas;
Ja de todo seccou
Candidos lirios, rubicundas rosas:
Fogem do grave ardor os passarinhos
Para o sombrio amparo de seus ninhos.
Meneia os altos freixos **

* É o mesmo argumento, que o da *ode* II, com a differença de que la principiou com a entrada da primavera, e aqui começa com o rigoroso do verão.

** Com que amabilidade não desenhou Camões as graças da natureza? uma aurora, um dia claro *e so*-

A branda viração de quando em quando;
E de entre varios seixos
O líquido crystal sai murmurando;
As gôtas que das alvas pedras saltam,
O prado, como perolas, esmaltam.
Da caça ja cançada
Busca a casta Titanica a spessura;
Onde, á sombra inclinada,
Logre o doce repouso da verdura;
E sôbre o seu cabello ondado e louro,
Deixe caír o bosque o seu thesouro.
O ceo desimpedido
Mostrava o lume eterno das estrellas;
E de flôres vestido

cegado; um bosque ameno ventilado da frescura dos zephyros; uma fonte rompendo do seio das penedias, a verdura dos campos matizada de flôres, e regada das aguas; os rios, ora serenos, ora arrebatados; o silencio, a serenidade d'uma noite de verão; o estrondo das tempestades; a lúa, as estrellas, os gados, os pastores, as aves, a caça, a lucta, o amor, o ciume, tudo emfim retrata a poesia d'este grande Ingenho com tal e tam prodigioso primor, que a sua leitura nos transporta ao mesmo logar da scena, que representa; nos lança em extasis tam deliciosos que a alma so appetece jazer eternamente n'aquelle amabilissimo incanto, que longe de a enfraquecer, lhe dá fôrça e vigor, sciencia e elevação.

F. D. Gomes.

O campo brancas, roixas e amarellas,
Alegre o bosque tinha, alegre o monte,
O prado, o arvoredo, o rio, a fonte.
Porêm como o menino
Que a Jupiter pela aguia foi levado,
No cêrco crystallino
For do amante de Clicie visitado;
O bosque chorará, chorará a fonte,
O rio, o arvoredo, o prado, o monte.
O mar, que agora brando
É das nereidas candidas cortado,
Logo se irá mostrando
Todo em crespas escumas empolado:
O soberbo furor do negro vento
Fará, per toda parte, movimento.
Lei é da natureza
Mudar-se d'ésta sorte o tempo leve;
Succeder á belleza
Da primavera o fructo; a elle a neve;
E tornar outra vez, por certo fio,
Outono, hinverno, primavera, estio.
Todo, emfim, faz mudança,
Quanto o claro sol ve, quanto allumia;
Não se acha segurança
Em tudo quanto alegra o bello dia:
Mudam-se as condições; muda-se a idade,
A bonança, os estados, e a vontade.
Somente a minha imiga
A dura condição nunca mudou;

Para que o mundo diga
Que n'ella lei tam certa se quebrou:
Em não ver-me ella so sempre stá * firme,
Ou por fugir de amor, ou por fugir-me.
Mas ja soffrivel fora
Que em matar-me ella so mostre firmeza,
Senão achara agora
Tambem em mi mudada a natureza;
Pois sempre o coração tenho turbado,
Sempre d'escuras nuves rodeiado.
Sempre exprimento os fios,
Que em contino receio amor me manda;
Sempre os dous caudaes rios,
Que em meus olhos abriu quem nos seus anda,
Correm, sem chegar nunca o verão brando,
Que tammanha aspereza va mudando.
O sol sereno e puro,
Que no fermoso rosto resplandece,
Involto em manto escuro
Do triste esquecimento, não parece;

* Duarte Nunes de Lião, com outros, ensina — « Que não sigamos o abuso de accrescentar a todas as dicções latinas, que começam em *s* um *e*, fazendo-as sempre de mais uma syllaba do que teem de sua colheita. Porque dizem vulgarmente *escrivão*, *esperar*, *espirito*, e outros infinitos. O que é grande èrro, e má maneira de screver... Assi que hemos de dizer *stado*, *studo*, *star*, *statua*, *spirito*, *sperar*, *scritura*, *scrivão*, *etc.* » Ortographia, fol. 54, regr. 6.

Deixando em triste noite a triste vida,
Que nunca de luz nova é soccorrida.
Porêm seja o que for,
Mude-se por meu damno a natureza;
Perca a inconstancia amor,
A fortuna inconstante ache firmeza;
Tudo mudavel seja contra mi,
Mas eu firme starei no que emprendi.

CAMÕES.

É mui difficil de se decidir em que obras se avantajou mais Luis de Camões, sendo tam grande em todas; n'este logar parece que pretende Surrupita, que se prefiram as *canções* a todas as outras rhythmas do poeta; porêm não faltam bons intelligentes, que estejam mais a favor das *odes*, que das *canções*. T. J. DE AQUINO.

Quando leio um folheto impresso em março de 1826 intitulado — *Lettre à l'Académie royale des sciences de Lisbonne, sur le texte des Lusiades,* — e vejo igualmente o que certo litterato estimavel escreveu acerca da dicta Académia — « Lastimemo-nos (diz elle) ainda mais da indolencia com que uma Académia, encarregada de manter a pureza da lingua, e de nos dar fixas regras de sua orthographia, postergando tam honrosa obrigação, consente que de seu *seio*, e da sua *officina*, saiam algumas obras em que, e com que

Os novos idiotismos. . . . . . .
A mesclada dicção bastardos termos
Entre nós, sem limite, vão lavrando; »

deploro o tempo que o philologo francez esperdiçou em compor a tal *carta*. Melhor fôra que elle nos désse uma correcta edição dos *Lusiadas;* ja que os modernos edictores d'este poema (sem por isso serem increpados pela Académia) lhe deixaram ainda (alêm de outras muitas) as seguintes imperfeições :

Por mares nunca de antes navegados,
CANT. I, *est.* I.

Em vez de :

Per mares nunca de antes navegados :

Nunca no mundo viu *tão grão* victoria,
CANT. III, *est.* CXV.

Por

Nunca no mundo viu *tam gran'* victoria.

Estavas, linda Ignez, posta em socego,
De teus annos colhendo doce *fruto*,
N'aquelle engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar *muito;*
Nos saúdosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca *enxuto*,
Aos montes ensinando, e ás hervinhas,
O nome que no peito escripto tinhas.

Em logar de :

Estavas, linda Ignez, posta em socego,
De teus annos colhendo doce *fruito*, [1]

[1] Polos doces amores, doce *fruito*.
FERREIRA.

O *fruito* do vicio.
BARROS.

N'aquelle engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar *muito;*
Nos saúdosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca *enxuito*,[1]
Aos montes ensinando, e ás hervinhas,
O nome que no peito escripto tinhas.

Porêm como os edictores, que n'ésta epocha imprimem os *Lusiadas* de Camões, querem absolutamente que elle falle a *lingua moderna*, e não a que fallaram os seus coetaneos; por isso as obras d'este abalizado Genio, e as de outros poetas *quinhentistas*, andam tam contaminadas de erros e anomalias.

[1] « De quem são éstas obras maravilhosas, e de spantar? Per ventura não d'aquelle, que em outro tempo tornou o mar em sêcco, e os filhos de Israel fez passar *per* elle a pe *enxuito?*
D. CATHERINA, *Perf. da vid. mon.*

ODE I.*

Á VIDA BEMAVENTURADA.

Vida quieta e pura ,
Descanço sem receio de tormento ,
Alegrias de dura ,
Nova quietação do pensamento ,
Não se podem comprar com prata e ouro,
Que em si esconde o Atlantico thesouro.
Ah mordazes cuidados!
Como na vida breve vos vingaes
Tam firmes e empregados ,
Trazendo em guerra os miseros mortaes;
Pois jamais permittis ao pensamento
Que de vossos tributos viva isento !
O collar peregrino
De fermosos diamantes semeiado,
O sceptro de ouro fino,

* Ora te ouço cantar , o sabio Amphriso ,
Co'a lyra igual á *venusina* lyra ,
Da tua Laura bella as gentis graças ,
Lumes dos astros , que se accendem d'ellas.

A. R. dos Santos.

A clara dignidade, o consulado,
A curia, e o que lavrou a Dedala arte,
Dos cuidados não quebra a menor parte.
Quam bem, quam docemente
Se vive so com meza humilde e pobre!
Quam ditoso e contente
Aquelle que em sua alma não descobre
Desejos e ambição de illustre mando,
Que o descanço lhe rompam doce e brando!
Para que em breves annos
Queremos conquistar o mundo inteiro;
Se tudo são enganos
N'ésta idade? que emfim, por derradeiro,
Quem deixa a patria, e deixa o reino antigo,
Não deixa a si, que a si leva comsigo.
Nas tôrres atrevidas
Que do mar vão cortando as crespas ondas,
Quando c'o vento erguidas
As brancas velas prenhes e redondas
Triumphadoras vão do tempo e fados...
La entram os temores, e os cuidados.
Rosto alegre e sereno
Hade mostrar o peito generoso,
Julgando por pequeno
Qualquer trabalho e trance rigoroso;
Que nada póde haver no humano estado
De toda a parte bemaventurado.
A invejosa morte

Privou da doce vida a Achiles fero; *
Do tempo a branca sorte
Diminuiu Titão grave e severo;
E a mi darão os fados per ventura
O que a vós vos negar, á hora escura?
Se os rebanhos de neve
Que nos campos trazeis de cento em cento,
Se a toga branca e leve
Sôbre o vestido que arde em puro argento,
Se a purpura de drogas recamada
Tendes por vida bemaventurada; **
Ah! queira o ceo sereno
Dobrar-vos esses bens que ja gozaes:
Que eu n'este valle ameno
Tenho por testimunhas de meus ais
As pedras de alta rocha endurecida;

* Foi enganosamente morto per Páris em Troia, no templo de Apollo, onde havia ido sôbre concèrto de se casar com Policena filha de Priamo.

J. F. Barreto.

** *Ni l'or ni la grandeur ne nous rendent heureux.*
Ces deux divinités n'accordent à nos vœux
Que des biens peu certains, qu'un plaisir peu tranquille,
Des soucis dévorans c'est l'éternel asile;
Véritable vautour que le fils de Japet
Représente enchaîné sur son triste sommet.
L'humble toit est exempt d'un tribut si funeste;
Le sage y vit en paix, et méprise le reste.

Quero passar contente a curta vida.
Aqui com minha musa
Tocarei brandamente a doce lyra;
E na noite confusa
Que so sabe escutar a quem suspira,
Cantando, darei morte a meu cuidado;
Fortuna, de teus bens nunca lembrado.

Content de ses douceurs, errant parmi les bois,
Il regarde à ses pieds les favoris des rois;
Il lit au front de ceux qu'un vain luxe environne,
Que la Fortune vend ce qu'on croit qu'elle donne.
Approche-t-il du but? Quitte-t-il ce séjour?
Rien ne trouble sa fin: c'est le soir d'un beau jour.

La Fontaine.

ODE II.

OS PASSARINHOS.

Alegres passarinhos
Que de uma árvore em outra ides voando,
E dos verdes raminhos
Vos andais pendurando,
Doces canções d'amor aos ventos dando;
Assi nunca sintais

Que se torne cruel vossa consorte
Aos cantos que spalhais!
Assi a triste sorte
Vos não traga ante tempo a escura morte!
Assi nunca proveis
De astuto caçador cego perigo
Entre laços crueis:
Que em vós achem abrigo
As namoradas mágoas que aqui digo.
Escutae entretanto
Desentoada voz, rouco instrumento
De quem ja foi espanto,
E com seu doce accento
Poz freio voluntario ao surdo vento.
E depois que escutardes,
O accento largae brando e choroso
Para me acompanhardes:
Que fica em vós fermoso
Um pouco de tormento em tanto gôso.

M. DA VEIGA, *Laura de Amphriso.*

ODE I.*

O PONCHE.

Pois torna o frio hinverno sacudindo
Das estridentes azas gêlo agudo,
As retalhadas mãos, amavel Lydia,
Aqueçamos ao fogo.
Em quanto pelos montes, que branquejam,
As crystallinas cans d'annosos troncos,
Com os raios do sol estão brilhando,
Quaes brilham de Marilia,

* Assim Garção, seguindo o *Venusino*,
Toma o vôo, co' as azas estendidas,
Quando canta a progenie illustre e fera
Dos que na paz dourada, ou guerra dura,
A si ganharam claro nome, e aos netos!
Ou amansando o vôo, busca o trilho
Do Teio Anacreonte, quando screve
Vermelhas brazas sôbre pão tostando; [1]
Ou do Delphim a calva loura e lisa,
Da carroça dos annos não trilhada.

Francisco Manuel.

[1] Verso de Garção.

Da travêssa Marilia os ledos olhos,
Á chaminé um pouco nos sentemos:
Ja silvando entre ondadas labaredas
A sêcca lenha estala.
Conversemos, bebamos, murmuremos:
Comtigo as Graças véem, comigo Amores,
Que no varrido lar ao lume seccam
As orvalhadas pennas;
Os froxos arcos, bocejando, largam;
E nas crueis aljavas reclinados,
Porque velam de noite, somnolentos
(Coutados!) adormecem.
Ferve o cheiroso ponche, que desterra
A pesada tristeza, os vãos temores,
Que deixa voar sôlto o pensamento
Nas azas da Alegria.
Reluzindo na meza os crystaes limpos,
Nos pedem que bebamos, que brindemos;
Ora bebamos, Lydia; deixa aos astros
O govêrno dos orbes.
Não queiras, triste, penetrar a densa
Caliginosa nevoa do futuro:
Não percas um instante de teus dias;
Olha que o tempo voa!
Voam com elle nossas esperanças,
Castellos sôbre nuvens levantados!
A mais pomposa scena da fortuna
D'improviso se troca!
Apenas vi raiar um doce riso,

No angelico semblante de Marilia,
Dos olhos me fugiu o lindo gesto
Que os olhos me levava.
Qual sonhado thesouro, em negra cinza
Se tornou todo o meu contentamento!
Ah, Marilia cruel! que te custava
Trazer-me n'este engano?
Voai, feri, Amores, essa ingrata;
Fazei-a suspirar por quem lhe fuja:
Próve tormento igual a meu tormento;
Em vão, em vão se queixe.
Perdoa, Lydia, se blasphemo e grito,
Que ponche tambem faz dizer verdades:
É Marilia formosa; mas ingrata...
Creio que o tempo muda.

ODE II.

Á VIRTUDE.

Ligado com asperrimas algemas
Ao rígido penedo,
Com um agudo cravo de diamante
O peito traspassado,
Convulso o rosto, e tincto em negro sangue

Que brota da ferida;
As sonoras pancadas do martello,
Com que bate Vulcano,
Nas cavernas do Caucaso* retumbam:
Porêm constante e forte
Não geme Prometheu;** antes accusa
A Jupiter de ingrato:
Innocente se julga; á fôrça impía
Não cede do tyranno.
Assim, assim a misera pobreza,
A contraria fortuna
Deve immobil soffrer uma alma grande,
Oh Sousa esclarecido!
Varra o credor suberbo a pobre casa

* Monte altissimo de Scythia; o qual desde a India se estende per todo septentrião, tomando varios nomes. É abundante de neves, e de grandes penedias e concavidades, muitas hervas venenosas e muitos abutres.

** Contam os poetas que fazia homens de barro, com tanto ingenho, que pareciam vivos; e vendo acaso Minerva a sua obra lhe deu adjuda para subir ao ceo, d'onde trouxe fogo, que tirou do carro do sol, com que deu vida aos homens que de barro fazia; e d'aqui vem que alguns hoje presumem ser filhos do mesmo sol. Mas querendo Jupiter castigar este atrevimento, o mandou amarrar no monte Caucaso com uma aguia, a qual de contino estivesse comendo-lhe as entranhas.

J. F. Barreto.

C'o desabrido alcaide;
Dorme no duro chão tam descançado,
Como no leito brando,
O intrepido varão, que do destino
Próva os fataes revezes.
Co'a dourada carroça o molle eunucho
O pize ou atropelle,
Não lhe inveja a riqueza. Que outrem lavre
Nas ribeiras do Tejo
C'os malhados bezerros longa terra,
Não lhe acorda a cubiça.
Vente embora do Sul; caíndo, açonte
Ao negro mar que brada,
O pluvial Arcturo; a vara creste
Do podado bacêlo
Espessa chuva de arida saraiva;
Nada lhe abala o peito.
Enroscada no braço macilento
A venenosa serpe
Chegue ao seio cruel a triste inveja;
E a perfida mentira
C'os titubantes beiços o crimine,
Rirá no cadafalso.
So dos delictos póde o vil remorso
Mudar-lhe a côr serena
Do tranquillo semblante: a mão potente
De quem o fez so teme.
Os homens não receia, que a virtude*

* . . . . *Heu nefas!*

O coração lhe anima;
E a consciencia san, a fe intacta,
Os austeros costumes,
Não phantasticas honras, isto ensinam.
Assim douram a morte
Os Uticenses, Regulos,* os Marios.**
Apezar do sepulcro,
Sôbre as azas do tempo assim passaram
As lethargicas ondas
Do rio somnolento. Assim croado
De gangeticas palmas,
O destemido Castro *** n'alta serra,
Que templo foi de Cynthia,
Retirado vivia; a mão invicta
Terror e glória d'Asia,

Virtutem *incolumem odimus*,
Sublatam ex oculis quærimus invidi.
HORACIO, ode XVIII.

* Marco Acio Regulo consul romano, antes quiz perder sua vida, que não que se pardesse sua patria.
** Capitão valoroso entre os Romanos, mas tam cruel e inhumano, que se matou com suas proprias mãos.
J. F. BARRETO.

*** « Como varão que tambem sabía desprezar sua mesma fama, se retirou á sua quinta de Cintra, desejando viver para si mesmo, havendo-se no serviço da patria de maneira, que nem o desemparava como inutil, nem o buscavà como ambicioso. Aqui se recreiava com uma estranha e nova agricultura, cor-

Os silvestres arbustos cultivava,
 Subjugando a vaidade.
« Passe á gineta o tímido guerreiro,
 Que com as armas limpas
Da batalha fugiu espavorido;
 Porque do sangue antigo
A árvore apresenta. Aindaque honrado,
 O desvalido mostre
As roixas cicatrizes das feridas
 Que soffreu pola patria, »
Dizia o grande Castro. O lisongeiro *
 Estudando o segredo
De agradecer desprezos, não se afaste
 Da sala do ministro.
Alli dourando o sol os altos montes

tando as árvores que produziam fructo, e plantando em seu logar árvores silvestres e estereis; quiçá mostrando, que servia tam desinteressado, que nem da terra que agricultava, esperava paga do beneficio: mas que muito fizesse pouco caso do que podiam produzir os penedos de Cintra, quem soube pizar com desprêzo os rubis e diamantes do Oriente! »

FREIRE, *Vida de D. J. de Castro.*

* *Mais dédaigne ainsi qu'eux les serviles flatteurs,*
De la gloire d'un prince infâmes corrupteurs :
Que ta mâle vertu méprise et désavoue
Le méchant qui te blâme et le fat qui te loue.

VOLTAIRE.

Na madrugada veja;
Alli o deixe a lua, que vermelha
No horisonte mettida,
Estende os froxos raios pelas ondas;
Se com pública fraude
Ao miseravel orpham a capella
Subnegar-lhe pretende.
Aspire á béca o julgador iniquo,
Que aos olhos da Justiça
Roubou a sancta venda, que equilibra
Nas vendidas balanças
Os dourados delictos. Soffra, e busque
A vergonhosa scena
Da súbita catastrophe o privado, *
Que o rosto não conhece
Da clara fama, da immortal memoria, **
Da honra, e da virtude.
Mas qual marpezia rocha, um peito forte
Não roga, não se abatè.

* *La faveur à la cour à chaque instant varie;*
. . . . Au fragile honneur d'un poste si glissant,
Tel s'élève aujourd'hui, qui demain en descend.
PIRON.

** *Périsse l'âme froide, insensible, stérile,*
Que n'enflamma jamais le plaisir d'être utile.
DORAT.

ODE III.*

Á VIRTUDE.

O constante varão, que justo e firme
Da difficil virtude segue os passos,
O pesado semblante do tyranno
Não teme, não estranha.
Veja ferver o chumbo, erguer as cruzes;
Ouça afiar na pedra o curvo alfange;
Soffra no potro asperrima tortura;
Não perde a côr do rosto.
Em severos costumes ensaiado
Préza mais a innocencia, do que a vida;
Fiel á patria, ao principe, aos amigos,
Acaba como vive.
Com pavoroso estrondo se desatem
Em vermelhos coriscos as estrellas,

* Ésta *ode* é optima imitação da ode III, do livro III de Horacio, que assim começa:

Justum, ac tenacem propositi virum
Non civium ardor prava jubentium,
Non voltus instantis tyranni
Mente quatit solida neque Auster.

Brote vulcões a terra; da ruina
Impavido não foge.
Assim Mario subiu ao capitolio,
Entre aguias e lictores conduzido,
Com aspecto sereno; indaque atadas
As roixas mãos em ferros.
Na presença de Cesar e conscriptos:
« Fui, (disse) fui fiel a Galba,* e a Roma;
Confesso o meu delicto, se delicto
Á virtude se chama.
As legiões romanas testimunhas
Poderão ser : vós, consules, tribunos
A verdade dizei; dizei se Mario
Foi amigo de Galba?
Patricios e soldados do divino
Julio ás aras jurem, se me viram
Sempre ao seu lado? alli, alli Camurio
Alçou a mão traidora.
Eu vi o triste velho descorado
A garganta offrecer ao duro golpe;
E indo da patria o nome repetindo
A grande alma fugir-lhe.
Oh! Cesar aqui tens de Mario Celso
O crime e a confissão: Romanos, Mario
Foi a Galba fiel! Vamos aonde
Está o cadafalso. »

* Sergio Sulpicio Galba, o primeiro que foi acclamado pelos soldados: imperou oito mezes.

Acabou de fallar. Consules, padres
Attonitos ficaram; porêm Cesar
De tam rara constancia namorado
Nos braços o recebe.

ODE IV.

SAPHICA.

Vê, Silvio, como sacodindo o hinverno
As negras azas, sólta a grossa chuva!
Cobre os outeiros das erguidas serras
Humida nevoa.
Na longa costa brada o mar irado
Sôbre os cachopos; borbotões de espuma
Erguem as ondas; as crueis cabeças
N'agua negrejam.
O frio Noto, rígido soprando
Dobra os ulmeiros, os curraes derruba;
E o gado juncto, pavido balando,
Une os focinhos.
Com duro frio Corydon tremendo
A roixa face no çurrão esconde;
C'os altos sóccos quebra a prèsa neve,
Corre á cabana.
Alli ajuncta de podadas vides

Os seccos mólhos : assoprando accende
Pobre fogueira, aonde as mãos aquenta
C'os rotos filhos.

Pulam nos olhos lagrymas, que enxuga
Na grossa manga, reprimindo forte
Acerbas dôres, reflexões pesadas,
Tristes memorias!

Eis que zunindo furações horriveis,
A porta arrancam dos moídos gonzos:
Corre assustado, d'um fuzil que o cega,
Á luz vermelha!

Viu espalhadas viboras de fogo;
Ouviu bramando retumbar no valle
Os longos echos do trovão, que abala
Os altos montes!

Ve-se partida do voraz corisco
A rica proa de um baixel britanno;
Não lhe valendo cem canhões suberbos,
Que Nantes * teme.

Rotas tremulam as reaes bandeiras;
Rompem as ondas o infeliz costado;
Inutil pranto, tristes ais levanta
A lassa gente. **

* Antiga e rica cidade de França com um bispado e universidade : é uma das mais mercantis d'esse reino.

** Todo este quadro está desenhado com rasgos de mestre.

Agora, dize, quem seguro vive,
Amado Silvio, da cruel fortuna,*
Se as altas tôrres,** se as humildes choças
A morte piza?
Os aureos tectos, doricas columnas,
Quadros antigos, marchetados leitos,
Servem de spectros, gorgonas, cerastes,
Na fatal hora.

* *Nec forma æternùm, nec cuiquam est* fortuna *perennis.*

PROPERCIO, elegia XXI.

** Somente devemos accentuar as dicções, em que póde haver differença de significação; quando teem differente accento, como *cỗr* por color, que screvemos com accento circunflexo, e *cór* por vontade com agudo. E *pôde* quando é preterito, e *póde* do presente com agudo, e assi outros d'ésta qualidade.

D. N. DE LIÃO, *Orthographia.*

ODE V.

Á RESTAURAÇÃO DA ARCADIA.*

Suberbo galeão,** que o pôrto largas
Aonde o ferreo dente prêsa tinha
A cortadora proa, que rasgava
De um novo mar as ondas.
Ao alto pêgo tornas nunca arado
Dos fracos lenhos que no Tejo surgem:
Ja ferve a brava chusma, e se levanta

* A Arcadia abriu suas primeiras sessões em 1756; separou-se, e tornou a reúnir-se; mas dissolveu-se inteiramente em 1773.

** É notavel, é digna de toda estimação a bella allegoria, em que nos nossos tempos o poeta Garção, debaixo do emblema de um *galeão*, representou uma *Acadêmia litteraria*; ésta é certamente a mais consideravel de todas allegorias d'este genero, que se encontram em nosso idioma; a elegancia do estylo cheio de fôrça, movimento e harmonia, fará este poema eternamente recommendavel.

F. D. Gomes.

A nautica celeuma.*
Das douradas antennas penduradas
As velas ja de purpura desfraldam,
Que aos frescos sopros de um feliz galerno
Ja concavas sussurram.
A trémula bandeira, que seguras,
Qual subito relampago fuzila,
E nas azas dos ventos estendida
Mostra a fatal empresa.
De branca espuma borbotões rebentam
De um lado e outro lado; ja boiando
Sôbre as verdes espadoas de Neptuno
Demandas outros climas.
O sancto numen, que entalhado leva
Tua dourada magestosa poppa,
Trazer-te nos promette a salvamento;
Naufragios não receies.
Não temas as inhospitas areias
De infames costas, de hyperborios campos;
Pelas Cycladas,** Bosphoros e Syrtes***

* Vozeria dos maritimos:

A *celeuma* medonha se levanta
No rudo marinheiro que trabalha.

Camões, *Lusiadas*, cant. II.

** Ilhas no mar Egeu, postas emredor de Delos, d'onde tomaram o nome.

*** Duas enseadas muito perigosas em o mar de Africa.

Has de romper constante.
Se as alcyoneas aves* levantarem
Em seu queixoso pranto triste agouro;
Não te assustes da nuvem carregada
Que os máres escurece.
Grasnando negras gralhas enfiadas
Sôbre os topes verás buscar a terra,
E logo o ceo negar-te a escura noite
Da feia tempestade.
Mas não receies os fuzis vermelhos,
O ruídoso trovão, que pelas aguas
Em successivos brados estalando,
No fundo do mar soa.
A déstra mão, que o leme te meneia,
Fará que ávante passes, sem que amaines
O largo panno: em vão Noto sibíla
Pela miuda enxarcia.
Os cabos passarás mais tormentosos,
Sem que as crespas correntes te atropellem:
Ao pólo chegarás aonde brilha
A luz da eterna fama.
Em vão ronceiras barbaras galeras,
Forçando os debeis remos, com que açoutam
O mar que lhes resiste, e que as affronta,
Trabalham por seguir-te.
Desarvoradas voltam, não se atrevem

* Maçaricos.

A commetter o pelago que surcas:
Com damnados prognosticos agouram
Desastrado successo.
Ora contam que os máres infamaste
Com vergonhoso misero naufragio;
Que as fulminadas vêrgas rôtas jazem
Nas ceraunеas areias.
Mas tu constante, impavido triumphas;
E com louros no Ménalo cortados
Enramaste os riquíssimos pavezes,
A forte gente croas.
Se os meus votos escuta o ceo benigno,
Os votos que por ti no pôrto faço,
Os olhos alongando pela esteira
Que tu nas aguas abres;
Não tornes a surgir em manso pôrto,
Que Lethes * seja o seu famoso nome,
Que os peitos amollece mais briosos,
Que ó somno te convida.
Não se nutre a virtude do descanço;
Arduas emprezas, rispidos trabalhos,
Em nobre coração de immortal glória
Accendem claro lume;
O claro lume, que apagar não podem
Nem descarnada mão da triste Inveja,

* Rio infernal, segundo os poetas, cuja agua (dizem) causava esquecimento a quem a bebia.

Nem a fouce cruel do voraz Tempo : *
Não chega a tanto a morte.

* *Labitur occultè, fallitque volatilis ætas.*
Ovidio.

ODE VI.

Cercado estava Amor de mil Amores
As estridentes settas empennando,
De verde myrtho, de cheirosas flores
Os arcos enramando.
Qual o brilhante gêlo sacudia
Das crespas azas, sem cessar batendo;
E qual concerta a aljava, e n'agua fria
Curvado se stá vendo.
Pelos nodosos troncos dos loureiros
Os dourados farpões muitos provavam,
Outros mais insoffridos e ligeiros
Em bandos se spalhavam.
Então Amor a doce voz alçando,
Que so de ouvi-la os montes estremecem,
Os velozes frecheiros convocando,
Que promptos lhe obedecem;
C'um doce riso, c'um celeste agrado,
Que os ventos serenava, lhe dizia:
« Hoje do ceo nos traz o sol dourado

De Alcippe* o claro dia.
Foi hoje, foi, que em seu gentil semblante
Amanheceu a luz da formosura;
Nunca tam bella aurora, e tam brilhante
Rompeu a noite escura.
As lindas Graças, os fieis Amores,
As Virtudes gentis dos ceos baixaram;
E cantando as acções dos seus maiores,
O berço lhe embalaram.
Nos olhos vencedores lhe infundiram
O tyranno podêr da gentileza;
Humanos corações logo sentiram
A liberdade preza.
As castas musas cheias d'alta gloria,
Ás aureas vozes deram tal doçura,
Que os louros não perderam da victoria,
Faltando a formosura.
Crescem co'a idade os raios seus brilhantes,
Que a férvidos suspiros não attendem,
Apezar de desejos anhelantes,
Que em seu altar se accendem.
Mas tempo inda virá que os innocentes
Olhos formosos seus a nós volvendo,
Os cruentos virotes reluzentes
Queira espalhar vencendo.
Em quanto a densa nevoa do futuro
Nos rouba a luz de tam feliz instante,

* A Senhora D. Leonor de Almeida.

Por mais que as azas mova o Tempo duro
Intrepido e arrogante;
Da illustre Alcippe bella o claro dia
Pretendo assignalar com faustas glorias,
De nossos arcos o Destino fia
O louro das victorias.
Alague o mundo fino pranto ardente,
Voem suspiros, voem mil clamores;
Chovam per toda parte derepente
Agudos passadores.
O cruel Tempo quebre a fouce dura;
E o sol gyrando os seus frizões ufanos,
Nos traga sempre cheios de ventura
O dia de seus annos.

ODE VII.

Á RIQUEZA D'UM POETA.

Nas despidas paredes, que me abrigam
No tormentoso hinverno,
A passagem do Grânico * não vejo

* Alexandre, vadeando esse rio, acommette o inimigo e o põe em fuga: ésta victoria lhe valeu a mor parte da Asia.

Em fina lan tecida:
Nem marmores, nem porphydos luzentes
Nos alizares brilham.
Não tine do Japão na parca meza
A rara porçolana.
O dourado saleiro não me cega
C'os tremulos reflexos.
De prata não se accendem mil bugias *
Em tortas serpentinas.
Porêm Virgilio, Sophocles, Homero,
O venuzino Horacio,
São as ricas alfaias que me adornam
A sala magestosa,
Os suberbos escudos em que pinto
A geração illustre.
Elles fazem que Ansberto generoso
Seu amigo me chame;
Que o Souza marcial com puro stylo,
Gracejando, me screva.
Guarde a terra avarenta nas entranhas
O ouro refulgente:
O mineiro na roça afflicto cave
C'os sordidos escravos:
Per ignotos sertões exponha a vida
Do barbaro Tapuia
Á setta venenosa, á veloz garra

* Veja-se a nota, pag. 204, no II vol. d'ésta escolha.

Do tigre mosqueado :
Soffra na linha podre calmaria,
Relampagos e raios,
Para n'aldeia entrar acompanhado
De descalços trombetas,
De purpureas araras, inquietos
Petulantes bugios.
Gaste pródiga a mão em poucas luas
O ganho de dous lustros,
Para a vermelha cruz* brilhar no peito
Que os fardos encurvaram.
No tegurio paterno não cabendo,
Palacios edifica
Alastrado com pedras o caminho.
Do guindaste as roldanas
C'o pêso do venal escudo gemem,
Que o portico remata.
Estupido não sabe que apressada
A pallida doença
Atrás d'elle caminha; que ja chega
Involta em parda nevoa,

* *At claros se homines voluêre esse atque potentes*
Ut fundamento stabili fortuna maneret,
Et placidam possent opulenti degere vitam :
Nequicquàm, quoniam ad summum succedere honorem
Certantes, iter infestum fecêre viaï;
Et tamen e summo, quasi fulmen, dejicit ictos
Invidia interdùm contemptim in tartara tetra.
LUCRECIO.

A morte inexorabil, derramando
Co' a fria mão angústias;
Que o leito de crueis phantasmas cérca,
E que lhe arranca as chaves
Do guardado thesouro: que o reparte
Pelos rotos herdeiros.
E qual sangrado rio enfraquecido
Torna a gastar-se em sogas!
Com ouro não se compra um nome digno
Da posthuma memoria.

ODE VIII.

Delphim, caro Delphim! * com que ligeiro
Lubrico pe, a curta idade nossa
Nos vai atropellando! As horas voam,
Os dias não socegam!
Quaes horrisonos Euros insoffridos
Varrem da longa praia a ruíva areia,
Que nas humidas azas crespas ondas
Indomitas revolvem.
Assim o tempo segador co'a fouce
D'aqui, d'alli talhando a debil gente,
Lança no vasto golpham do sepulcro

* O padre Antonio Delphim.

As pallidas espigas.
Em vão fugindo da estrondosa guerra,
Se acaso tu, Delphim, calvo não fosses,
Co'a sonora navalha decotaras
Ondados fios de ouro.
Em vão a loba e sobrep'lliz vestindo,
Mostrando do Loreto no alto côro
Inchadas do pescoço as cordoveias,
Bradando, salmearas.
A morte, a fria morte nunca falta;
Ou cêdo, ou tarde chega: todos devem
Humilhar a cerviz; poltrões covardes,
Cholericos Achíles.
Com mão pesada abola, talha e rompe
Grevas, arnezes, malhas bacinetes;
Per baixo do fraldão crava o buído
Estoque refulgente.
Suberba arrasa com fragor horrendo
As fundas cavas, os merlões erguidos,
Assolando cidades e provincias,
A toda parte voa.
Curvados anciões, moços esbeltos
Corta c'o mesmo gume: honras, thesouros
Não lhe pegam no braço; os altos tectos,
Pobres cabanas piza.
Debalde Gabilhon c'o destro pente,
Mette em batalha juvenis cabellos;
Debalde enrola o escaldado ferro
Os martyres topetes.

O frio branco gêlo, que não tarda,
Lhe põe a marca, subito, da idade;
E poucas alvas cans o gesto mudam
Dos enfeitados cepos.
As brandas Lylias, as gentis Philenas,
Todas fogem de vê-lo; todas fogem
Dos olhos sem pestana, regalados,
Das crespas sobrancelhas.
Os teimosos achaques, tristes dôres,
Catastas são dos entrevados membros;
Froxos desejos morrem de garrote
Ás mãos da Hypocondria.
Não é preciso que venal propheta
Aponte com o dedo para a cinza: *
Para velhos não ha melhor caveira,
Que o vidro de um espelho.
So tu, Delphim, cançados annos contas,
Sem signaes de velhice; inda não ouves
O tremendo pregão da eternidade,
A trombeta da morte.
Sôbre o telhado teu não pousam estes
Passaros agoureiros, que bradando
Com espantosos guinchos annunciam
A derradeira aurora.
Nunca velho serás; livre de brancas

* Allude o poeta a certo individuo que, em trajos de propheta, vai apontando para uma salva cheia de *cinza*, na procissão d'este nome.

A deserta cabeça callejada
Não se deixa trilhar das leves rodas
Da carreta dos annos.
Sem olhar para a méta da carreira,
D'Archimedes no ponto se está rindo
Britanno capitão, que submergido
Em laudanos do Douro,
Amarrando o timão, entrega a quilha
Aos rijos ventos, aos cavados máres;
Não ouve as roucas vagas, que mugindo
Os pólos estremecem.
Venha, se quer, a pallida * doença
A fria morte pela mão trazendo:
Não te espantes de fouces e relogios,
Nem de azas de morcego.
Apresenta-lhe a calva, que te mostre
Onde as brancas estão? Carão lustroso,
Olhos azues, rosadas faces, alvos
Os crystallinos dentes,
São constantes signaes da fresca idade,
São de fôrças viris a taboleta;

* A respeito d'este adjectivo *pallida* escreveu Francisco Manuel a seguinte nota:

« Houve certo embaixador, que lendo uma ode minha, embicou n'uma metaphora similhante, e c'um risinho amarello e bêsta disse-me: — « Pois a Alegria é *loura?* — « Tam *alva*, e *loura*, como a Morte é *pallida*. V. Ex. é que me parece *loura* no caso. »

E próvido colono, a sábia morte
Não colhe fructo verde.
Triste de mim, que pêco e ja maduro,
Nos grizalhos monetes do topete,
Nas carcomidas perolas da boca,
Nas obstinadas rugas;
Ja vejo revoar os tristes mochos,
Que são da fatal hora miqueletes:
Cruel tristeza! mais crueis memorias!
Perdidas esperanças!
Os filhos, a mulher, tudo ca deixo;
So levo na garganta atravessado
O venusino Horacio, a calva tua,
A raínha das calvas.

ODE IX.*

Cercado de pedreiros, de vorazes
Carpinteiros ladrões, ou cervaes lobos,
Que a bolsa me atassalham, que esfaimados

* Ésta *ode*, feita a um objecto tam commum, qual uma *escada*, próva a grande flexibilidade do talento de Garção. Este eximio vate sabía ornar e ennobrecer c'os bellissimos floreios da poesia inda aquellas cousas que, por sua natureza, mais oppostas lhe são.

A féria me apresentam :
Quaes buídos punhaes, negros trabucos,
D'aqui, d'alli recrescem garatujas!
Assestados canhões, que poderiam
Bater os Dardanellos!
Severo Rhadamanto* o çujo mestre
A postiça guedelha afasta e puxa;
E os encovados olhos revirando,
Alça o rol da madeira.
Debalde o rosto viro, e do medonho
Espectro sanguinoso fugir tento;
Que Scylla mais cruel, o rol d'areia,
O beque me descose.
Sibilantes petardos d'outra parte,
C'o tijolo me quebram os ouvidos!
Jornaes, carretos, cal, são mil pelouros,
Que silvam pelos ares.
Com a perna ferida, co'as fileiras
Da vanguarda ja rotas e medrosas,
Nas andas, ainda mostra o grande Carlos,**
Indomita constancia!
Á vista de suberbos castelhanos,
Com poucas tropas, com bisonha gente,
Sustenta Lippe a ruíva e fresca margem
Do Tejo caudaloso!
Mas estes mesmos, ó Macbean amigo,

* Juiz dos infernos.
** Carlos XII, rei de Suecia.

Se ante seus olhos vissem as carrancas
Dos leões carniceiros, que me cercam,
Voando fugiriam.
Tu mesmo co'a britanna artilheria,
Deixando botafogos e espoletas,
E os dourados rabões esporeando,
O pôsto lhe largaras.
Póde mais um credor que um elephante;
Não ha tromba mais dura que uma féria;
E se queres vencer os Alexandres,
Eugenios e Turennas,
Não busques grevas, murriões, pavezes;
Põe-lhe diante o mercador c'o resto;
O alfaiate, o barbeiro, ou um alcaide,
Verás como desmaiam.
E se ainda vãos projectos commetterem,
De cruentas victorias nunca fartos,
Da-lhe o desenho de uma nova escada,
E dize-lhe que a façam.
Eisaqui como fico sem lograr-me
Da boa companhia que te cérca:
Tu, que escadas não fazes, passa alegre
A noite desabrida.
Em brilhantes crystaes a roixa espuma
Do suave licor do Rheno ou Douro,
Te apresente, surrindo, o fullo Same;
E tu, vermelho, bebe:
Bebe á saúde da formosa Phylis,
Do magnanimo conde, a quem Neptuno

Namorado de seu valor, lhe entrega
O sceptro crystallino.
Os dous Weinholtz, que Marte tanto préza,
Da côva porçolana que retine,
Co' a boiante colher tirem o doce
Almo férvido ponche;
E se do pobre Corydon vos póde
Merecer compaixão a triste historia,
Fazei-lhe uma saúde, que lhe sirva
Aomenos de epitaphio.

ODE X.

Quantos, caro Pinheiro * noite e dia
Curvados sôbre os livros
A triste vida gastam na esperança
De uma vermelha borla,
Da vara, e da golilha? Honra que chega,
Ja quando as cans alvejam
Na myrrhada cabeça. Quantos morrem
Por phreneticas palmas
De cruentas victorias? Descorado.
No raso campo treme
Com frio susto á vista do inimigo
O misero soldado:

* Gaspar Pinheiro da Camera Manuel.

Co' a musica mistura dos batidos,
Horrisonos tambores
Os ultimos suspiros. Pelos ares
Pelouros assoviam;
C'o tropel dos cavallos freme a terra;
Do po e crespo fumo
As enroladas nuvens escurecem
O resplandor do dia:
Isto aos Carlos * agrada, aos Fredericos, **
Eugenios*** e Turennas!****
Em fragil lenho entregue a longos máres,
O mercador avaro *
Lucta co'a morte: rasgam negros Austros
As prenhes nuvens; brilha
Entre a rouca saraiva, o retorcido
Crepitante corisco:
Estala a fraca vêrga, a rôta vela
Ondeando sussurra;
E a fome de ouro tudo faz mais doce

* Carlos XII, rei de Suecia.

** *Le voilà ce savant que la gloire environne,*
Qui préside aux combats, qui commande à Bellone,
Qui du fier Charles douze égalant le grand cœur,
Le surpasse en prudence, en esprit, en douceur.

VOLTAIRE.

*** Principe de Saboia.

****O maior general que commandou os exercitos francezes.

Que a livida pobreza!
Outro, com o martello, os cadeados
Despedaça do cofre,
Que do incansavel pae o curvo arado
Tirou da dura terra:
Vai perde-lo n'um dia, porque gosta
De brincar com tres dados!
Aquelle so se alegra, e se diverte
Co' as belgicas pinturas:
Sonha com Raphael e Ticiano; *
Em quanto o astuto adelo
Na fragil tábua, com o dedo mostra
A testa de Medusa.
Este, n'alcantilada serra corre
O javali cerdoso;
Os sabujos britannicos latindo
No fundo valle assustam
A quieta pastora, que aturdida
Larga da mão o fuso.
Outro na rica meza rodeiado
De vorazes amigos,
Em brilhantes crystaes de Douro e Rheno
O roixo çumo bebe;
Té que dos altos cumes dos outeiros
Caia a nocturna sombra.
Eu porêm nada quero, nada estimo
Mais que a dourada lyra.

* Famosos pintores.

Se os pastores do Menalo sagrado,
Se os loureiros d'Arcadia
Os meus versos escutam, os meus versos
Me separam do vulgo;
Na testa cingirei, livre de inveja,
D'hera frondente croa;
E com lesbico plectro, ou venusino,
Ferindo as aureas cordas,
Arcadia cantarei: o patrio Tejo
Attenda ao novo canto
Com a verde cabeça gotteiando
Na urna recostado.
Se aqui chegar, que Rhadamanto póde
Negar-me o nome eterno?

ODE XI.

Que facil é com lapis e compasso,
Desenhar no papel uma cidade
De cavas e merlões circumvallada,
Suberba, inaccessibil:
Executar porém a grande planta
É trabalho de um rei, caro Pinheiro,
D'Ulysses, de Lyeo, do pio Eneas,
Dido, Romulo e Remo.
Quando tu no alto pêgo ouves zunindo

Pela miuda enxarcia Africo ou Noto,
Que ferras todo o panno, que manobras
Impavido e prudente :
Se de longa experiencia aconselhado
Não mandasses constante, que valera
Ter no tanque de Cintra exposto ao vento
Fragatas de cortiça?
Todos, todos clamamos que se observe
O que dicta a razão, e a natureza,
E as sanctas decisões que nos promulga
A catholica Roma.
Ninguem se julga barbaro; mas vemos
Lançar fumo o punhal em sangue tincto
Na mão do matador; vemos roubados
Os sagrados altares!
Com damnada malicia uns aos outros
Enganar pretendemos : falso gesto
É o trunfo do jôgo, da amizade
Hypocrita verdugo!
Na mágnifica meza em crystaes ricos
Trasborda a loura espuma do suave
Vinho de Chypre : alegres convidados
Ao grande amigo brindam.
Levantam as reciprocas saúdes
Ternissimos colloquios; mas depressa
Ésta scena se muda, e da discordia
Róla o dourado pomo.
Pelo arbitrio de Páris não se espera;
Nua a espada brilha e fere: corre

O sangue quente, e os copos em pedaços
Espalhados retinem.
Que mais faria o perfido Argelino,
Se c'o estreito chaveco abalroara!
Talvez que n'elle achasse mais clemencia
A pobre humanidade!
Se na Hyrcania, ou no Caucaso nascidos
Os homens fossem, não sería estranha
A traição, o rancor, a triste inveja,
A rispida suberba.
E fôra, pois ja viu a antiga Roma
No tyranno espectaculo do cyrco,
Esfaimado leão lamber as plantas
Do amigo descorado. *
Oh amizade, oh dadiva celeste!

* Era um escravo natural de Dacia chamado Androdo, que foi lançado áquelle terrivel leão. Elle vendo o leão ferocissimo, ficou traspassado de mêdo. Mas o leão tanto que o viu, esteve quedo, como admirado, e depois começou andar pe ante pe, e chegou-se ao homem, como que o conhecia, e começou afaga-lo com mansidão e mostras de benevolencia e obediencia. O Androdo tanto que aquillo viu, e conheceu o leão, cobrou ânimo e alento, de que quasi estava desemparado. E começaram-se a olhar um ao outro com grande alegria, e muitos signaes de alternado amor. (Androdo tinha-lhe outrora tirado do pe um grande espinho.)

Fr. Heitor Pinto, *Imag. da vid, christ.*

Enfadada de nós, de nós te ausentas!
Abriste as brancas azas, que sonoras
Nos ares te sustentam:
Ja sobes, ja te elevas, ja te escondes,
Ora sereno o vôo, ora apressado,
Nos immensos espaços, onde gyram
Outros sóes, outros mundos.
A luz do dia foge: fica a terra
A seu antigo cahos reduzida:
Mas, d'entre as grossas trevas apalpando,
Eis se ergue o Fingimento.
Os candidos vestidos da Amizade,
Co' as negras mãos levanta aos torpes membros;
Nas phantasticas roupas disfarçado
Engana a cega gente.
Com estreitos abraços se recebem
Os fingidos amigos: filho chama
O tyranno tutor ao desfalcado
E misero pupillo.
E n'ésta tenra idade, fracas almas,
Almas em feios vicios atoladas,
Como podem guardar as leis austeras
Da pavida amizade?*

* *Jamais celui dont le cœur est brulé par les douces flammes de la sainte amitié n'éprouve un sentiment si vif, que lorsque l'ami qu'il chérit a le plus besoin de son secours; il le suit au milieu de l'infortune la plus cruelle; il s'attache à lui pour ne jamais s'en*

É facil ter de amigo o sancto nome,
E sustentá-lo com civil aspecto;
Mas que ao chapeo o coração governe,
É Etiope branco!

A lingua, que te salva quando raia
No vermelho horizonte o sol dourado,
Antes que a sombra caia dos outeiros,
Te insulta, ou te crimina.

Desastrados rafeiros, que so mordem
Os pobres remendados; porêm vendo
Os olhos fuzilar do roaz lobo,
A cauda desenrolam.

Não se encontram Euryalos e Nisos,
Castor e Pollux, Pylades e Orestes;
Nem para renascer a extincta raça
Esperes nova Pyrrha.*

séparer; les froideurs même de celui qu'il a choisi ne peuvent éteindre le feu céleste dont il est embrasé; il l'aime même ingrat, même infidèle aux saintes lois de l'amitié; il le plaint; il lui pardonne tous les maux qu'il en reçoit; mais il ne l'en chérit pas moins, il immole tout son bonheur au sien: il veut mourir pour son Oreste, et consent qu'il l'ignore.

LACEPÈDE.

* Mulher de Deucalion, rei de Thessalia: sendo preservados ambos do diluvio, aconselhou-lhes o oraculo de «Themis que lançassem os ossos de sua mãe, isto é as pedras, para trás das costas.» As que lançou Deucalion trasmudaram-se em homens, e as que lançou Pyrrha, em mulheres.

Mais facil é que Cadmo resemeie *
Os dentes do dragão, e que rebentem
Da terra depravada, enfurecidos
Armigeros guerreiros.

* Principe filho de Agenor, rei de Phenicia, o qual indo per mandado de seu pae buscar Europa sua irman, que Jupiter havia furtado; como a não achasse, nem se atrevesse tornar a seu pae sem ella, fundou em Beocia a cidade de Thebas; e como seus companheiros fossem ja todos mortos per uma grande serpente, que saíu de uma fonte, onde haviam ido por agua: Cadmo em vingança d'elles a matou; e semeiando seus dentes, nasceram d'elles homens armados; os quaes pelejando entre si, se mataram; excepto cinco, com que edificou a cidade.

J. F. Barreto.

ODE XII.*

Com que férvidos rogos imaginas,
Caro illustre Macbean, qu'ao ceo clemente
Cança um poeta? Cre-me; não lhe pede
Magníficos palacios.
De pouco se contenta; não cubiça
Do fulvo Tejo arar as ferteis margens,
Onde sonora freme a loura espiga
Dos Euros açoutada.
Os rufos touros, as malhadas vaccas
Dos campos transtaganos não deseja;
Nem índico marfim, ouro brilhante,
Nem perolas do Ganges.
Afouto beba o mercador em taças
De esmeralda e saphyra o licor almo
De Chypre, e de Falerno; ja que os máres
Parece que governa.
Impune tres e quatro vezes rompa

* Ésta *ode* é imitação da XXXI, do livro I de Horacio, que assim começa:

Quid dedicatum poscit Apollinem
Vates? quid erat, de patera novum
Fundens liquorem? non opimæ
Sardiniæ segetes feracis, etc.

Cad'anno o golpham: desfraldando as velas
Impavido commetta infames costas,
Inhospitas areias.
Não lhe invejo a fortuna; pois me basta
Passar a curta vida retirado
Na Fonte-sancta, * ao som da clara veia
Urdindo novos versos.
Divina Providencia, tu bem sabes
Quam pouco te molestam meus desejos:
Não quero mais que ver na frugal meza,
De filhos rodeiada,
Um limpo copo, com que n'ésta grande
Noite, so pára mim próspero dia,
Possa alegre brindar aos faustos annos
Do heroico san' Vicente.
Com mais pouco se mata a crua fome:
Para fazer seu grande nome eterno,
Ou pobre ou rico viva, tenho a lyra
Do cantor de Venusa.

* Juncto da *fonte-sancta,* [1] antigos lares
Do sabio Corydon, sentei-me um dia,
Recordando na vaga phantasia
De sua musa os lyricos cantares.
Então arrebatado, aos brandos ares,
Inda saudosos d'elle, assim dizia:

[1] Sítio nas extremas de Lisboa para o poente: toma o nome d'uma fonte visinha assim chamada, onde está a casa em que habitou o poeta Garção.

Em quanto, ó Conde, as bellicas virtudes
Que herdaste de teus inclytos maiores,
No regaço da paz jazem tranquillas,
Preparo os epinicios.
Tempo depois virá, que desferindo
Em aurea poppa as lusitanas quinas,
Arrasadas as aguas de turbantes,
Te croem mil victorias.
De negro sangue as armas rociadas,
Arrastados trarão ao luso throno
Os mouros capitães; nas duras costas
As roixas mãos atadas.
Se as estrellas então me consentirem
Tuas acções cantar, da fria morte
Verei luzir a fouce, satisfeito
Da glória, e da fortuna.

Aqui o grande Corydon vivia,
Entregue a si, á musa, e a seus pezares.
Devia ter em Lysia mor ventura
Quem Lysia tanto honrou c'o plectro fino;
Mas foi-lhe a patria injusta, ingrata e dura.
O seu so verso foi seu prémio dino;
Que este o levou sublime á mor altura,
E o fez de um ser mortal um ser divino.

A. R. dos Santos.

ODE XIII.

Apenas hoje a somnolenta aurora ,
Entre as rosadas nuvens , que abafavam
Da alcantilada serra os altos cumes ,
Mostrava a manhan fresca ;
Uma inquieta tropa de vendados,
Lindissimos Amores se alojava
Do fulvo Tejo na arenosa praia,
Que adorna a gran' cidade.
Arnezes , malhas , grevas e loricas
Veste a suberba juvenil phalange;
Dos aureos elmos co'as torcidas plumas
Zephyro empenna as azas.
Ao rouco som de horrisonos tambores,
Que n'uma e n'outra margem retinia,
A brava-gente ferve; qual puxava
A rapida columna;
Qual marcando reductos e trincheiras,
Na ruíva areia crava as aureas settas;
E qual levanta c'o alviāo pesado
Merlōes e plataformas.
Os tirántes de purpura atesando,
Outros arrastam sagres, falconetes,
Que em altas baterias assestados
Afrontam todo o mundo.

Então Amor alçando a mão tyranna,
Onde a farpada ponta fuzilava,
Manda jogar os férvidos morteiros,
E rompe n'éstas vozes:
«Ésta alegre resenha, companheiros,
A tam próspero dia é consagrada:
Hoje a Mardel gentil as duras Parcas
Fiam dourados annos.
As roixas ballas que nos ares silvam,
Das bombas as sonoras espoletas,
As ruídosas granadas fulminantes,
Tudo, seus annos louvam.
O bellico ruído aos mesmos astros
Ensina a repetir seu claro nome:
Os mesmos astros, quaes seus olhos brilham
Scintillaram com elle.»
Disse: e da terra subito levanta
Dos horridos canhões o negro fumo,
Qual Encélado * montes sôbre montes,
Ou nuvens sôbre nuvens.
Mas eis que o cego nume a scena corre,
Não vi na lisa areia mais que o fumo
De miseras entranhas palpitantes,

* Gigante filho de Titão, e da Terra, o qual fazendo com os demais Gigantes guerra a Jupiter, foi per elle morto com um raio, e sepultado debaixo do monte Ethna de Sicilia.

J. F. Barreto.

De corações feridos.
Que abrasados queixumes, que soluços,
Oh que doces suspiros, que soavam!
De maneatadas nymphas, que rendidas
Jazem no duro campo.
As linhas, os ramaes, as colubrinas
Outra cousa não são mais que seus olhos,
Que seus olhos azues, alvo semblante,
Que seus louros cabellos.
Fugi, nymphas, fugi d'aquelles olhos,
N'elles afia Amor seus passadores:
Fugi nymphas, fugi, que seus cabellos
São as vulcaneas redes.*

* Poetas, quaes Garção, que so empregam methaphoras justas, e que sempre escrevem puramente, são lidos de todos: não teem um so verso que os conhecedores não releiam cem vezes, e até saibam de cór; mas dos outros poetas apenas se leiem alguns logares de genio, cuja belleza transcende as regras da syntaxe, ou as de um correcto estylo.

ODE XIV.

Á VIDA RUSTICA.

Oh mil vezes feliz o que encerrado *
Entre baixas paredes
O tormentoso hinverno alegre passa!
Que de um pequeno campo,
Que elle mesmo cultiva, se alimenta
Apascentando as vaccas,
Que da mão paternal somente herdou
C'os dourados novilhos.
Em quanto sôbre a terra se reclina

** O bienheureux celui qui peut de sa mémoire*
Effacer pour jamais ce vain espoir de gloire
Dont l'inutile soin traverse nos plaisirs,
Et qui, loin retiré de la foule importune,
Vivant dans sa maison, content de sa fortune,
A selon son pouvoir mesuré ses désirs!
Il laboure le champ que labourait son père;
Il ne s'informe point de ce qu'on délibère
Dans ces graves conseils d'affaires accablés,
Il voit sans intérêt la mer grosse d'orages,
Et n'observe des vents les sinistres présages
Que pour le soin qu'il a du salut de ses blés.

Dormindo descançado
Ao som das frescas aguas de um regato,
Horrorosos cuidados
O não vem perturbar no brando somno.
A sordida cubiça
Lhe não faz conceber vastos projectos:
Não pensa, não intenta
Atravessar o cabo tormentoso,
Soffrer chuvas e ventos;
Ouvir roncar as denegridas ondas,
E ver na feia noite
Entre nuvens a lua ir escondendo
O macilento rosto;
Por ir commerciar c'os pardos Indios,
E Chinas ingenhosos.
A sêde insaciavel de riquezas
Não faz que exponha a vida

Il ne va pas fouiller aux terres inconnues,
A la merci des vents et des ondes chenues,
Ce que nature avare a caché de trésors;
Il ne recherche point, pour honorer sa vie,
De plus illustre mort ni plus digne d'envie,
Que de mourir au lit où ses pères sont morts.
S'il ne possède point ces maisons magnifiques,
Ces tours, ces chapitaux, ces immenses portiques,
Où la magnificence étale ses attraits,
Il jouit des beautés qu'ont les saisons nouvelles,
Il voit de la verdure et des fleurs naturelles,
Qu'en ces riches lambris on ne voit qu'en portraits.

RACAN.

Nos desertos sertões ás verdes cobras,
E aos remendados tigres.
Ah! illustre Soeiro, doce amigo,
O ouro de que serve,
Se os annos vão correndo tam velozes?
Se a morte não consente
Que a enrugada e pallida velhice
Com passos vagarosos
Nos venha coroar de niveas cans?
O senhor opulento
Ao seu pobre vizinho encurte o campo
Que alegre cultivava;
Levantando suberbos edificios,
Arranque as oliveiras,
O chopo que sustenta as roixas uvas,
Para ornar seus jardins
De esteril murtha, de cheirosas plantas.
O campo, que ondeiava
Com as uteis e pallidas espigas,
Cubra da fresca sombra
Do espesso cedro, do frondoso louro;
Alegre va passando
No seio das delicias e regalos.
Mas ah! que não adverte
Que as tres filhas da noite, as ímpias Parcas,
Gyrando os leves fusos,
Lhe acabam de fiar os curtos dias!
Que a morte inexorabil
Se chega ao rico leito em que descança;

Mostrando-lhe entre sombras
A macilenta mão com que lhe péga.
Ja entre mil angústias,
Entre os frios suspiros, que derrama,
Acaba a triste vida,
Que intentava gozar per longos annos.
So tu, filha do ceo,
Impavida Virtude, não estranhas
O aspecto da morte.

ODE XV.

A HORACIO.

De grande nome barbaro desejo,
Se o rico templo da triforme deusa
A poucas cinzas reduzindo, espera
Impia memoria!
É menos torpe, menos detestavel
Tam feio crime que imitar Horacio
Quem triste fama não quer dar ás aguas
C'o precipicio.
Ora sereno como o sol dourado,
De alegres côres todo o mundo cobre,
Quando a cabeça de mil raios ergue

Detrás da serra.
Mas outras vezes rapido parece
Aquilão thracio, que nos ceos batendo
As negras azas, terra e mar involve
Espessa chuva.
Sempre sublime no Parnaso colhe
O digno louro que lhe adorna a testa;
Immenso genio com ditosos vôos
Pindaro alcança.
Ou cante a fresca nova primavera
Dos grossos freixos sacudindo o gêlo,
Serena a lua, as Graças véem dançando
Com Cytherea; *
Em quanto ardendo na arida officina
Ao sibilante fuzilar da forja
Mostram os çujos amarellos rostos
Os rijos Brontes.
Ou ja crimine da civil discordia **
As mãos vermelhas com latino sangue,
Cala-se o povo, pallida tristeza
Muda os aspectos.
Ou branco cysne livre ja da esthygia,
Sinta nascer-lhe rude pêllo, sinta
Ja, ja nos dedos, sinta ja nos hombros
Candidas pennas. ***

* Liv. I, od. 4.
** Liv. II, od. I.
*** Liv. II, od. 20.

Sôbre as cidades voa, ja descobre
Do tormentoso Bosphoro bramindo
Parthos e Scythas, hyperborios campos,
Libycas Syrtes.

Ou ja de Augusto mostra o valor nobre
Lavar de Crasso a vergonhosa infamia,
Que o Vestal fogo, Roma, Capitolio,
Tinha esquecido. *

« Eu vi inteiros nossos estandartes, **
As armas limpas, centuriões romanos
Co'as mãos atadas (Regulo dizia)
Vi em Carthago! »

Oh grande Horacio, sempre grande e forte,
Sempre sublime, rapido te eleva!
A nossos olhos subito se esconde
Entre as estrellas.

* Ateio, tribuno do povo, não podendo estorvar a expedição de Crasso contra os Parthos, correu com um brazeiro para a porta da cidade per onde saía o mesmo Crasso, lançou dentro várias hervas, e amaldiçoou a empresa em nome dos deuses de Roma.

BOCAGE.

** Liv. III, od. 5.

ODE XVI.*

O SUICIDIO.

Rompa-se embora do estellante assento
A machina lustrosa;
Conspire-se em meu damno a terra toda,
E a fortuna perversa;
Mil duras portas de pesado ferro
Sôbre mim se aferrolhem;
E agrilhoado ao carro do triumpho
Me leve algum tyranno:
A negra fome, a sordida penuria
Vão-me escoltando os passos:
Sôbre deserta inhabitada praia
Me ponha a tyrannia:
Agudos dentes de raivosas feras
Contra mim se apparelhem:
Risonho, alegre, intrepido, constante
Me hade ver o Universo.

* Ésta *ode* foi tirada de uma collecção de obras manuscriptas de Garção, que existiu em casa do conde de Pombeiro.

Em quanto em mil pedaços se despenhe,
E me afogue em ruínas.
La sai, la corre de ignorado mundo
Um espectro medonho,
Mas agradavel á romana gente,
E ao Britanno inflexibil;
Dos heroes divindade; eis o Suicidio,*
O refugio dos sabios.
Sanguinoso punhal nas mãos sustenta,
O escudo da desgraça
Com que se oppõe á tyrannia infame,
Á inveja, e á suberba.
Sôbre montões de desmembrados corpos,
Sôbre abatidas aguias,
Em tristes restos de estandartes rotos
Entre extinctos soldados,
Que em vão a patria libertar procuram
Das mãos da tyrannia,
La vejo estar com intrepido semblante
O magnanimo Bruto,
Que nos sanguineos campos de Felipps
Fica vencido e roto;
Mas que um triumpho mais altivo e nobre
Ja de si mesmo alcança,
Com que as correntes rispidas supplanta

* *Nolo virum, facili redimit qui sanguine famam;*
Hunc volo, laudari qui sine morte potest.
MARCIAL.

Do dictador suberbo.
Porque Roma não sirva, a Cesar mata; *
Com o mesmo duro ferro,
Porque a Cesar não sirva, expira Bruto. **
Eis como a liberdade
Do tyranno, e da morte Bruto alcança
Nos campos de Felipps.
E o genio tetular da infeliz patria, ***
Em Utica expirante,
Porque ao duro Pompeo não sirva, morre.
As fachas despedaça,
Que as feridas tapam do sagrado peito:
Nunca é Catão mais forte!
No quente banho Seneca expirando ****

* Julio Cesar foi apunhalado e morto no senado, per uma conjuração de sessenta senadores, de que eram cabeças Caio Bruto, Caio Trebonio, e Caio Cassio.

** Perseguidos das armas de Cesar Octaviano, sobrinho de Julio Cesar, se vieram a matar Bruto e Cassio com as mesmas espadas, com que o tinham morto a elle.

A. Pereira.

***Catão vendo algemada a liberdade (depois de ler o livro de Platão sôbre a *immortalidade d'alma*) varou-se com a espada.

****Néron donna bientôt l'essor à tous ses vices, par les soins des hommes corrompus qui l'environnaient. Fatigué alors des sages remontrances que Sénèque

Vence o perfido Nero.
Doce refúgio de fatal disgraça,
Eu te abraço contente;
Tu es o meu escudo impenetravel
Contra empennadas settas,
Que a indigencia e penuria em vão disparam.
Todos podem a vida
Tirar ao homem na mesquinha terra;
Ninguem lhe tira a morte.

GARÇÃO.

ne cessait de lui faire, il profita, pour s'en affranchir de la découverte qu'il venait de faire de la conspiration de Pison contre lui, il l'y enveloppa, et lui fit ordonner de quitter la vie. Il lui laissa cependant, comme par faveur, le choix du genre de mort, et le malheureux Sénèque se fit ouvrir les veines.

MOUSTALON.

Ce poëte fut l'émule et l'ami de Francisco Manuel et de Diniz. Il s'était formé lui-même, sa première éducation ayant été négligée. C'est comme poëte lyrique qu'il se fit un grand nom, et qu'il a mérité une place entre Manuel et Diniz. Nourri de la lecture des classiques, il a, dans le choix de ses sujets, de ses pensées, et dans ses images, ce cachet, ou comme il s'exprimait, ce coin *d'Horace qui distingue éminemment les poésies de Manuel, de même que le grandiose de Pindare est le caractère particulier de Diniz. Il faut le louer surtout des hardiesses heureuses et des belles alliances de mots dont il a enrichi la langue*

déjà si poétique et si nombreuse de l'Homère portugais.

SANÉ.

Garção da nova lyra, dom de Phebo,
Os sons desfere, ou meigos ou valentes:
Ora a Marilia, flor gentil das Graças,
Canta doces canções, que Amor inspira;
Ora aos grandes heroes de Lysia off'rece,
Não perolas que o rico Ganges cria,
Dadivas frageis que devora o tempo;
Mas hymnos immortaes, que vão tecendo
Altiva croa ás inclytas virtudes.

A. R. DOS SANTOS.

ODE EPODICA.*

SONHO MORAL.

Ah! Quem dissera, Corydon amigo
Que o somno, o amavel sono
Contra os duros cuidados, dóce abrigo,
Em vez de ser patrono
De animos affligidos, á minha alma
Causasse atroz martirio,
Quando ella suspirava em doce calma
Ao perenne delirio

*É ésta *ode* a unica poesia manuscripta de F. J. Freire que me veio á mão. Eu sei que este erudito padre compoz outras muitas; porque no prologo de sua *Arte-Poetica* diz: — « Emende-se cadaum d'aqui por diante; que tomara eu ingenuamente podêr fazer o mesmo aos muitos vicios poeticos, de que estão cheias as poesias dos meus primeiros annos, e ainda as dos mais adultos, etc.— » Mas, como podera eu obter taes poesias n'um paiz estranho, e sem conhecer em Lisboa sujeito algum que quizesse tomar a cargo o descubri-las e enviar-mas? Contentem-se por ora os leitores com ésta, que, talvez, a pessoa ou pessoas, em cujo podêr existem as mais, as deem um dia ao prelo.

De pensamentos mil fugir? Eu creio,
Que o deus do somno vago
So para me causar funesto enleio
Banhou no estygio lago
A fatal vara: ve se acérto; observa
A narração concisa
Da visão, que a memoria inda conserva,
E o ânimo horrorísa
Nos impressos signaes de seus horrores.
Oh! quem nunca tivera,
Tyrannico Morpheu, os teus favores,
Que sem elles vivera
Ésta alma mais tranquilla em seus cuidados!—
No centro mais profundo
De um círculo de montes escarpado,
Que a distancia do mundo
Aos eixos celestiaes quasi mediam,
Sonhei ver lago immenso,
Cujo ambito robustos opprimiam
Troncos, qu'em bosque denso
Não deixavam passar no ardente estio
A furto a luz escaça:
Assim se trava horribil e sombrio,
Que a vista s'embaraça
No frondoso intrincado labyrinto.
Alli, como á porfia,
Com espantoso canto nunca extinto
O lugubre ar feria
Horrida turba d'aves, que abortavam

As margens asquerosas.
Alli a prole vi das que manchavam
As viandas sab'rosas
Do misero Phineu, e das que a Tycio
No Averno inda devoram
Com perenne tyrannico exercicio.
Alli creio, que moram
As cruas filhas d'essa alada fera,
Que a Andromeda innocente *
Com atroz sanha devorar quizera;
E mil monstros, que a gente
Humana nunca víra, nem pintara,
Quando Esphynges enormes,
E medonhas Chymeras inventara.
Per entre o bosque informes
De carcomidas árvores travadas
Cavernas s'occultavam,
Que com pestes do Tartaro exhaladas
O olfato me atacavam.
N'uma vi desgrenhada, e meditando
Muda a melancholia,
E emtôrno d'ella sem cessar voando

* Chegou a temeridade d'ésta princeza a ponto de disputar formosura com Juno, e as nereidas. Irritada a deusa, condemnou Andromeda a ser encadeiada e exposta, sôbre um rochedo, a um monstro marinho; porêm Perseu, montado no cavallo Pegaso, petreficou o monstro, mostrando-lhe a cabeça de Medusa, e livrou Andromeda.

Da insana phantasia
Os negros filhos, tristes pensamentos,
Suspeitas temorosas,
Acerbas mágoas, horridos tormentos,
E quanto as pavorosas
Almas sabe affligir. N'ésta masmorra
Do círculo tyranno
Geme o lago infeliz, sem que o soccorra
No intoleravel damno
Da perpétua prisão, ou branda aragem
Do zephyro clemente,
Ou furia de Aquilão: a viva imagem
D'agua, que ja não sente,
Espirito vital me parecia.
Mas se estava insensivel
O inerte lago, a peste se movia
Com presteza increível
Halitos tam infestos, derramava,
Que o bosque d'improviso
De sulphureos vapores se cerrava.
Com ella alli diviso
A morte na tarefa afadigada,
Das margens arrancando
Aconito e Cicuta, com que irada
Bebidas mil temperando
Aos incautos mortaes dolos urdia.
Nas aguas pestilentes
O povo nadador, que so se via,
Eram mortaes serpentes

Basiliscos e griphos, que voavam,
 E com silvos medonhos
Sem descançar os ares atroavam;
 Monstros, que nos seus sonhos
Nunca pintar soubera a vaga ideia
 D'esse Callot * famoso.
A tanto silvo que entre si guerreia
 No estrondo temoroso,
Acordei; mas de modo, que inda o sangue
 Mudado em gêlo sinto,
Entorpecida a voz; e a alma exangue
 Não sai do labyrinto.
Tu zombas, Corydon? sonhei; é certo;
 Foi van toda a pintura:
Mas pensa, como eu penso agora esperto,
 Que a vida pouco dura,
E poderemos ver com somno eterno
 D'ésta visão ligeira
N'aquelle horrendo lago sempiterno
 A imagem verdadeira.

FRANCISCO JOSÉ FREIRE.

* Allude o poeta á estampa d'esse celebre abridor francez, que representa san' Antonio eremita atormentado pelos espiritos infernaes.

O facundo e diligentissimo auctor d'ésta *ode*, assi na sua *Arte-Poetica*, com em outros livros que compoz para uso da mocidade portugueza, *para quem unica-*

mente escrevia, desconheceu os principaes requisitos em taes obras, que são : — *brevidade, methodo e boa escolha d'exemplos* — (devendo sempre os nacionaes antepor-se aos estranhos) como ja então practicavam, e hoje practicam as nações mais cultas de Europa. A dicta *Arte-Poetica*, dividida em dous tomos, que formam um total de 552 paginas, é mui volumosa para qualquer alumno, que deseja conhecer as regras da poesia. Acha-se alêmdisso, semeiada de logares extraídos de auctores estrangeiros; quando os de auctores patrios são os unicos que podem formar o gôsto ao mesmo alumno, e designar-lhe as bellezas da lingua em que hade poetar. Demais, nem sempre o discernimento imparcial e apurado dictou os juizos que promulga o nosso philologo acerca dos escriptores que allega. Seja exemplo o seguinte extracto feito na mencionada *Arte-Poetica*, tom I, folh. 95 :

« Porêm entre todos os poetas modernos intendo, segundo o meu juizo, que não houve algum tam maravilhoso nas suas imagens, como o padre Thomaz Ceva no seu poema latino, intitulado *Jesus Puer*. Descreve elle um conductor de camellos, que tornando de Nazareth, o cercam os povos, e todos lhe pedem que lhe dê novas de Maria, refugiada no Egypto. Narra este homem muitas cousas; mas apenas acaba de fallar, logo entram outros de novo a fazer-lhe mais perguntas. Ésta pintura certamente não póde ser mais viva; porém eu, por fugir á prolixidade, so apontarei uma naturalissima circunstancia, com que o poeta dá mais alma á sua obra :

Nunc sequar (hospes ait) siccis permittite labris,
(Nam crudis cœpis vox aspera faucibus hæsit)

Tantisper liquido verba irrorare lyæo.
Sic ait, appositoque mero, ut gens prisca solebat,
Implevit pateram, manibusque utrinque prehensam
(Quod felix, socii, faustumque sit omnibus) hausit,
Bisque interrupit sinceris laudibus haustum,
Inversáque manu barbâ, atque ora hispida tersit.

Veja-se como este excellente poeta tendo fixos os olhos da phantasia para o costume e character de um homem rustico, o exprimiu todo com palavras admiravelmente significantes. Aquelle pedir vinho para (como nós ainda vulgarmente dizemos) *molhar a palavra;* por ter a voz aspera e sècca pelas cebollas cruas que comera: aquelle pegar na taça com ambas as mãos, beber á saúde de todos, e interromper duas vezes a bebida para louvar o vinho, e com louvores *sinceros:* aquelle enxugar a barba com as costas da mão, são tudo umas bellissimas e vivissimas imagens, que pintam, e fazem ver as cousas com evidencia. »

Eis o que diz Francisco Dias Gomes a respeito do seguinte logar do II canto, est. I. dos *Lusiadas* censurado pelo auctor do juizo acima.

Ja n'este tempo o lucido planeta,
Que as horas vai do dia distinguindo,
Chegava á desejada e lenta meta
A luz celeste ás gentes encubrindo:
E da casa maritima secreta,
Lhe estava o deus nocturno a porta abrindo, etc.

Ésta é uma das mais notaveis pinturas do pôr do sol, que se acha na poesia, cuja phrase é summamente poetica e harmoniosa. Lembro-me que na *Poetica* do padre Francisco José Freire (se não me

engano) vem censurado o segundo verso d'ésta passagem: parece que não estava pela conta do poeta em affirmar que o sol distingue as horas do dia: como não me acho com essa obra, nada posso ajuizar sôbre a certeza dos principios metaphysicos a respeito da progressão do tempo em que se fundava este philologo, *cuja critica, mesmo em materias de gôsto, era toda precaria, e muitas vezes vacillante.*

ODE I.*

ESTROPHE I.

Bemque a teu alto esfôrço eterna croa
Tecesse, inclyto Gama, **
Clarim sonoro, que no Pindo voa
Sôbre as azas da fama;
Eu, que apezar da inveja e seus furores,
Aos astros levo o nome lusitano,
Á minha lyra o pano
Pelo mar soltarei dos teus louvores.

ANTISTROPHE I.

Per largo campo, indomito e fremente,
Corre o Nilo espumoso:

* E que dirás do gran' Diniz? Qual cysne
Alipotente aos ares se abalança:
Leva nas azas de seus almos versos,
Famosos capitães, que fulminaram
Da titanide aurora os largos campos
Co' a espada invicta, que cortou mil palmas,
E nosso nome ergueu aos ceos sublime.

A R. dos Santos.

* Vasco da Gama.

Feroz alaga a rapida corrente
O Egypto fabuloso:
Mas se na gran' carreira, ás ondas grato,
Tributo de caudaes rios acceita,
Suberbo não rejeita
Pobre feudo de incognito regato.

EPODO. I.

Da emonia Iolcos denodado parte
O Thessalo extremado; *
E do campo salgado
Com cem remos varrendo immensa parte
As fauces entra do espantoso Euxino,
Chega a Colchos, e rouba o Vellocino.

ESTROPHE II.

A grande acção, de glória a Grecia cheia,

* Pelias rei de Iolchos persuadiu a Jason que tentasse a conquista do vêllo de ouro. O rumor d'ésta expedição tendo-se espalhado per toda Grecia, muitos principes gregos quizeram n'ella entrar, e partiram com Jason para Colchos onde se achava o dicto vêllo pendurado de uma árvore e guardado per um monstruoso dragão. Chamaram-se Argonautas, do nome de sua nau appellidada Argos. Tanto que Jason abicou a Colchos, affeiçoou-se a Medea, grande feiticeira, a qual lhe deu certa herva para com ella adormecer o dragão, e depois mata-lo. O que feito, trouxe Jason comsigo o vêllo e Medea.

Corre a fazer famosa:
Oh de ricas ficções que longa teia
Tece em Pimpla vaidosa!
Feroces touros que, calçados de aço,
Brotam de negro fumo atroz torrente,
Fera immensa serpente,
Fez em Colchos ceder ao forte braço.

ANTISTROPHE. II.

Do negro mar na foz alçou fervendo
Vivas rodantes ilhas,
Que a morte intimam, com fragor horrendo,
De longe ás curvas quilhas:
Os ventos sólta pelos mares largos;
E por mais realçar Jason valente;
Na região luzente
Entre os astros colloca a immortal Argos.*

EPODO II.

Assim o povo do Parnaso usa
Entalhar na memoria
De alto varão a gloria.
Orna a verdade, mas não mente a Musa:
Costume tam gentil eu não condeno;
Exemplo tenho no cantor de Ismeno.

* Ellas (naus) promettem vendo os mares largos,
De ser no Olympo estrellas, como a de Argos.
CAMÕES, *Lus.*, cant. IV, est. 85.

ESTROPHE III.

Mas de estranhos adornos não carece
O peregrino Gama :
Tam alto voa, tanto resplandece
No mundo a sua fama!
Elle não desfraldou em curvo braço
Do tormentoso mar tímidas vellas,
Mas as crueis procellas
Do Oceano domou per largo espaço.

ANTISTROPHE III.

Qual setta ao alvo, pelo campo undoso,
Com heroica firmeza,
A rematar correu o heroe famoso
A portentosa empreza.
A seus passos em vão barbara gente
Horrendos cabos, Syrtes estuosas,
Se lhe oppoem espantosas,
Que a seu pezar entrou no occulto Oriente.

EPODO III.

Nymphas do Ganges, que levar o vistes
No grande lenho ousado
Do Oriente o novo fado,
Dizei de que alto assombro vos cubristes:
Com que horror florear vistes ligeiras
Do novo imperio as quinas agoureiras!

ESTROPHE IV.

Alli não rouba, com mil ciladas pronto,
A preciosa pelle,
Que trajou sôbre as ondas do Hellesponto
O rico animal de Helle:
Mas do Gate arrostando a altiva fronte,
De traçar a immortal estrada ufano,
Ao braço lusitano
De immensa glória abriu perenne fonte.

ANTISTROPHE IV.

Se queres pelas ondas inquietas
Seguir o gran' guerreiro,
Novas pede, minha alma, agudas settas,
De Pátara ao frecheiro:
Canta então como a barbara Quiloa *
Faz tributaria ás invinciveis quinas;
Como o mar de ruinas
Semeia, e em Calecut horrendo troa.**

* Cidade na costa de Melinde: foi arrasada pola traição que o rei urdiu aos Portuguezes, que iam descubrir a India.

** Da terra os naturaes lhe chamam Gate,
Do pe do qual (monte) pequena quantidade
Se estende na fralda estreita que combate
Do mar a natural ferocidade:

EPODO IV.

Como da furia do valente braço
Neptuno procelloso
Todo tremeu medroso. . . .
Mas se de Cyrrha o vento sopra escaço,
Das sublimes acções no mar profundo
Enverga as sôltas velas, e dá fundo.

Aqui de outras cidades sem debate,
Calecut tem a illustre dignidade
De cabeça de imperio rica e bella:
Samorim se intitula o senhor d'ella.

CAMÕES, *Lus.*, cant. VII, est. 22.

ODE II.

ESTROPHE I.

Oh filha do Oceano,
Do undoso campo flor, gentil Madeira!
Dos meus brilhantes genios a carreira
Hoje seguindo ufano,
Em teu seio frondente
Do Pindo accenderei a tocha ardente;

E de Vieira* illuminando a historia,
O mundo cubrirei de tua gloria.

ANTISTROPHE I.

Vibrando resplandores
A tôrre de seus feitos portentosos,
Cem portas, per onde entrem gloriosos,
Me offrece a seus louvores;
Ou quando á liberdade
D'aureos beus sacrifica a immensidade,
Ou quando armado de lustrosa malha
Em Batavia o terror, e o pranto espalha.

EPODO I.

Em vão comtigo competir intenta
Suberba a antiga Egina,
Bemque ser mãe ostenta
De prole no valor quasi divina:
Ella em seu seio viu brotar vaidosa
Do grande Eáco a estirpe generosa,
De quem fructo admiravel
Foi de Peleu o filho inexoravel.**

ESTROPHE II.

Foi Ajax Telamonio,

* João Fernandes Vieira, restaurador de Pernambuco.

** Achiles.

Que de Thracia correndo a fulva areia,
Horrendas mortes e terror semeia
    No exército bistonio :*
    Foi Telamon acerbo
Primeiro açoute de Ilion suberbo;
E outros grandes varões, cuja lembrança
Triumphante em Parnaso hoje descança.

ANTISTROPHE II.

    Mas não; o gran' Vieira,
Que, seguido da prospera victoria,
Subiu ao throno da immortal memoria,
    E na marcial carreira
    Tanto esplendor derrama
Que do Éacide escurece a fama,
Em seu vasto thesouro o tinha o fado
Para esmaltar teu nome destinado.

EPODO II.

Roto em cem partes o sumptuoso manto
    Que próspera trajava,

* Era Ajax o mais valoroso e esforçado de todos os Gregos, depois de Achiles. Do qual se diz, que como (Achiles morto) pedisse suas armas, e Ulysses com sua eloquencia movesse os animos dos juizes gregos para que a elle lh'as dessem, endoudeceu de paixão, e intendendo que matava a Ulysses e seus companheiros, matou muito gado, até que se matou a si mesmo. J. F. Barreto.

Triste chuva de pranto
De Olinda* as bellas faces inundava;
E sôbre ella lançando o tempo irado
Dos ferreos annos o esquadrão armado,
Lhe dava em larga taça
A gostar toda a furia da desgraça.

ESTROPHE III.

De sangue, e de riqueza
Em sêde ardendo o Belga, e de íra cheio,
Lhe rasga sem piedade o gentil seio.
Guiada da fereza
A perfidia insolente,
Consultando no horror da fallaz mente,
Ja prostrado a seus pés o Brasil via,
E as mãos com cem cadeias lhe prendía.

ANTISTROPHE III.

Mas em vão larga ao vento
Suberbo imperio as azas da esperança,
Se a seu throno benefica não lança
Astrea o fundamento.
Esparta o mostra quando,
De Trasybulo ** os crueis golpes provando,

* Cidade da America meridional no Brasil, em a capitanía de Pernambuco.

** Bafejava Trasybulo o coragem dos principaes Athenienses, e congregando-os certo dia, retirou-se

O sceptro viu quebrar, que a tyrannía
Em Athenas com ferrea mão regía.

EPODO III.

America feliz, maior exemplo
Alçar-se ao ceo sublime
Em ti hoje contemplo,
Quando Hollanda feroz Vieira opprime
Em seu braço e conselho so fiado.
Ella brilhar o viu em campo armado,
Qual pallida e inquieta
Ve a terra brilhar torvo cometa.

ESTROPHE IV.

O estrago lastimoso
D'aurea sorte, de próspera riqueza,
Não move, não suspende na alta empreza
O campeão famoso;
Não immensos soldados
De arrogantes victorias coroados;
Que uma alma grande, a quem a gloria anima

com elles d'Athenas. Foram Megara e Thebas as unicas cidades que quizeram recebe-los: porêm Lysias syracusano, enviando-lhes 500 soldados; preparado d'este pequeno exército, apontou Trasybulo ante as portas d'Athenas, e dando aos Tyrannos uma terrivel batalha, expelliu-os da cidade.

Epitome da Hist. antig.

Captiva a patria, a vida não estima.

ANTISTROPHE IV.

Ja de grande íra armado,
Em campo vibra o braço procelloso;
Ja o batavo leão, que ruge iroso,
Tem a seus pés prostrado.
Tu, nas viçosas margens,
De sangue fuzilar entre as voragens
Viste, Tapacurá, immensa morte
Da fina espada ao fulgurante corte.

EPODO IV.

Pelas douradas messes voraz chama
Tam rapida não corre
Como, assombrando a fama,
De victoria em victoria o heroe discorre.
Em cem partes caír tremendo raio
O ve Hollanda com fatal desmaio,
E á vista da ruina,
A suberba cerviz ao jugo inclina.

ESTROPHE V.

Mas ceos! sempre violento
Monstro da inveja, as azas desatando
Com horrendo zunido, anda cercando
O gran' merecimento!
E de um zêlo brilhante
Talvez cubrindo o esqualido semblante,

C'o bafo venenoso que derrama
Da virtude virente cresta a rama!

ANTISTROPHE V.

Qual Euro campeando
De Nereu pelas liquidas campanhas,
Corre Annibal,* as miseras entranhas
De Italia lacerando.
A enorme catadura
Em toda parte mostra a guerra dura;
E batendo raivosa a ferrea planta,
Piza de cem cidades a garganta. **

EPODO V.

Ao triste aspecto das fataes ruinas
As azas encolheram
As reaes aguias latinas,
E no Tarpeu velozes se esconderam.
Roma arrastando luctuoso manto,
Sôbre si conduzindo a morte, e o pranto,
Ja via o feroz Peno,
Via-o Trebia, Ticino, e Trasymeno. ***

* Capitão valorosissimo, natural de Carthago, cidade antiga de Africa.
** Verso admiravel, e que encerra em si todo o merito da antistrophe!
*** Rios e lagos em Italia.

ESTROPHE VI.

Quando o famoso Fabio,
Deidade tutelar da patria terra,
As redeas toma da funesta guerra,
Valente a um tempo e sabio:
Ja em campanha posto,
Do cruel africano rosto a rosto
Astuto doma a perigosa ideia,
E as indomitas furias lhe sopeia.

ANTISTROPHE VI.

O povo de Quirino,
Que ve d'entre as ruínas levantar-se,
E ao primeiro esplendor ufano alçar-se,
O gran' valor latino;
Com errada sentença,
Em vez de honrar de Maximo a detença,
Com Minucio * inexperto o sceptro parte,
Que o grande heroe regía em fausto Marte.

EPODO VI.

Ma oh raro prodigio de virtude!
Com inteiro semblante
Soffre do povo rude
A grande affronta a dictador constante:

* General da cavallaria.

Á pura lei se humilha generoso;
E immolando cem vezes glorioso
Á patria a grande injuria,
Das mãos a salva da africana furia.

ESTROPHE VII.

Talvez vulgo profano
Clamará com estranho desvario,
Que o baixel alteroso errado guio
Pelo immenso Oceano.
Mas o sabio, que intende
Das Musas os mysterios, bem comprende
Que se longe me lança o vento forte,
De meu rumo não perco o fixo norte.

ANTISTROPHE VII.

Depois de cem victorias,
Que ao magnanimo heroe Bellona entrega,
Outro Minucio a eclipsar-lhe chega
As scintillantes glorias:
Mas com igual alento
Outro Fabio mostrou o soffrimento;
Outro Fabio brilhou, domando ufano
A cega inveja, o batavo tyrano.

EPODO VII.

Vós, montes Gararapes, entre a negra
Nuvem de Marte horrendo,

Qual Jupiter em Flegra
O Belga o viste fulminar tremendo:
Até que vendo a fulgurante espada
Para o ultimo golpe levantada,
Assim, tarde prudente,
Sigismundo* fallou á sua gente:

ESTROPHE VIII.

«Valorosos soldados,
No regaço creados da victoria,
Se de Hollanda murchar querem a gloria
Hoje os funestos fados,
Ceda-se á sua furia:
Não dobremos no estrago a nossa injuria:
Que é desesperação, não hardimento,
O querer contrastar o firmamento.

ANTISTROPHE VIII.

Deixemos ésta terra
Com nosso sangue illustre á forte gente,
Que traz no gran' Vieirá á sua frente
Uma furia da guerra:
De seu genio animado,
Que não emprenderá o luso ousado?
Elle primeiro, arando os largos mares,
Em Africa plantou os patrios lares.

* General hollandez.

EPODO VIII.

Elle, de Adamastor em menoscabo,
Que a seus passos raivoso
Se oppoz, dobrou o cabo,
De procellas crueis campo espantoso
Elle, apezar dos ventos importunos,
A grande estrada abriu dos dous Neptunos:
Elle da Iberia o jugo
Sacudiu, e é de Hollanda hoje o verdugo. »

ODE III.

ESTROPHE I.

Nume brilhante, que no Pindo imperas,
A septisona lira,
Com que abrandavas das rapaces feras
A sanguinolenta ira,
Quando pastor guardavas desvelado
Do thessalico rei* o manso gado;

* Em casa do dicto rei succedeu ver-se Apollo constrangido a guardar os rebanhos, quando per Jupiter foi expulso do ceo.

ANTISTROPHE I.

Que hoje me emprestes não em vão pretendo;
Pois na immortal memoria
Com thebano buril lavrar pretendo*
Do luso Heitor ** a gloria;
Heroe por quem o Tejo corre ufano,
Mais do que Simois pelo Heitor troiano.

EPODO I.

Eu com ella domar a furia intento
Da venenosa inveja,*** -

* O verbo *pretendo* no primeiro verso da antistrophe, rhymando com o mesmo verbo no terceiro verso, foi descuido do poeta.

** Heitor da Silveira.

E não menos de Diu a fera frota,
Que Chaul temerá, de grande e ousada,
Fará co'a vista so perdida e rota,
Per Heitor da Silveira, e destroçada;
Per Heitor portuguez, de quem se nota,
Que na costa Cambaica sempre armada,
Será aos Guzarates tanto dano,
Quanto ja foi aos Gregos o Troiano

Camões, *Lus.*, cant. x, est. 60.

*** *Scripta placent a morte ferè, quia lædere vivos Livor, et injusto carpere dente solet.*

Ovidio.

Monstro inda mais violento
Que os que tu pelas selvas amansavas,
Quando nos priscos tempos a tocavas.

ESTROPHE II.

Elysia que so ouve em seu Permeso
O brando som de amores,
Como ouvirá das guerras sem despreso,
As mortes, os horrores,
Se não vir, quando a doce voz levanto,
Que é tua a lyra que acompanha o canto?

ANTISTROPHE II.

Ante o muros de Pergamo guerreira
Heitor se apresentava:
Treme o crespo cocar sôbre a viseira,
Que os ventos açoutava:
Chammas fuzilam o pavez dourado,
A mortal lança, a espada, o arnez lavrado.

EPODO II.

Tal, a lança enristrando coruscante,
Cai sôbre o campo argivo
O braço fulminante:
Chuvas de sangue pela terra espalha,
E o campo de crueis mortes coalha.

ESTROPHE III.

A lavar em seu sangue a atroz injuria,

Da vingança nas penas,
Em vão corre bramando a horribil furia
De Esparta, e de Mycenas;
Que a seu pezar o heroe na gran' derrota
Cobre de fogo e sangue a grega frota.

ANTISTROPHE III.

Patroclo, das ruínas condoido,
Veste a grave armadura,
Que de Thetis ao filho destemido,
Na officina escura
De Vulcano lavrou o adusto braço,
De ouro embutindo o impenetravel aço.

EPODO III.

Então, de seus destinos arrastado,
A dar alento á Grecia,
Ao campo ensanguentado
Corre Patroclo; mas debalde corre,
Que ás mãos do Teucro sem piedade morre.

ESTROPHE IV.

Per largo tempo assim Heitor sustenta
De Troia os fataes muros,
Mas á fôrça porfim cedeu violenta
Dos fados seus escuros;
Que apezar de Acidalia, que o defende;
Á thessalica lança a vida rende.

ANTISTROPHE IV.

E qual a seu valor brilhante croa
    Não teceu harmonioso
De Meonia o Cysne, que em Libethro voa
    Immortal e glorioso?
Elle em Pindo lhe alçou aurea coluna,
Que os annos avassalla, e a fortuna.

EPODO IV.

E nós qual lavraremos á memoria
    Do nosso Heitor, oh lyra!
    Tropheus de honra, e de gloria,
Se de Marte no horror seu braço irado
De victoria saíu sempre croado?

ESTROPHE V.

Qual rio, que fervendo o campo alaga;
    Qual turbilhão furioso,
Que inteiros bosques resvalando estraga,
    Que o mar turba raivoso;
Ou leão, que entre os gados innocentes
Sangue faz gotejar de unhas e dentes;

ANTISTROPHE V.

Tal de Fartaque* o viu na invicta proa

* Cidade principal na costa de Arabia-feliz, em a qual ha um cabo do mesmo nome.

J. F. Barreto.

A salobre campina;
Tal o Dalaca*; tal sôbre Achem** voa,
E Dofar*** arruina:
Tal desce, oh Malabar! á tua praia;
Tal corre os campos da infeliz Cambaia.

EPODO V.

Tal, vibrando os crueis raios de Marte,
De Diu sôbre a armada
O lugubre estendarte
Da morte asteia, e tinge o braço ufano
De negro sangue o rosto do Oceano.

ESTROPHE VI.

A tanto estrago Baçaim,**** cercada
Em vão de immensa gente,
Ja treme ao divisar que a fera espada
Do campeão ardente

* Ilha do mar vermelho que entesta com a costa d'Abex.

**Capital do reino do mesmo nome em o lado septentrional da ilha de Sumatra na India Oriental.

***Cidade insigne em a costa de Arabia-feliz, d'onde vem o melhor incenso.

**** Logar entre Chaul e Diu, em cuja fortaleza havia 400 peças de artilheria, quando o grande Nuno da Cunha a tomou no anno de 1533.

J. F. BARRETO.

Os Mouros rompe, o baluarte arrasa,
E em vivo fogo vencedor a abrasa.

ANTISTROPHE VI.

Oh como abala, oh como pela terra
De Beth os muros lança!
Mas, oh lyra, as suberbas azas cerra,
Que se altera a bonança:
Sinto mugir o mar, crescer furioso
Com o sôpro da inveja venenoso.

EPODO VI.

Dirá talvez o monstro cheio de ira,
Que he diffuso o teu canto:
Mas tu lhe torna, oh lira,
Que não cabe da concha no regaço
O mar que róla per immenso espaço.

ODE IV.

ESTROPHE I.

Quando o discurso humano
Se põe da natureza
A medir a fraqueza,
Pasma, esmorece e perde a confiança:

Mas se do Eterno o braço soberano
Em seu desmaio a contemplar se avança,
Ve de emtôrno brotar alta esperança;
E qual o Sião monte,
Seguro entre as procellas alça a fronte.

ANTISTROPHE I.

De feroz turba ingente
Horrendamente armada
Thema infeliz cercada
Via o gran' Machabeu, e tambem via
A pouca de Judá e inerme gente.
Mas o forte varão, que em Deus confia,
Contra o Syrio feroz ousado a guia;
Fere a cruel batalha,
E qual po o desfaz que o vento espalha.

EPODO I.

Subito de ruínas se cubriam
Os campos dilatados;
Cavallos, cavalleiros jarretados *
De sangue em largo rio
Morrendo com furor se revolviam:
E quaes no ardente estio

* Com as pernas ou braços cortados:
« Com ella (machadinha) *jarretei* os bois
pelas pernas. »

COUTO, *Decada* VII., liv. 3.

Emtôrno caiem de cegador nervoso
Aos centos as espigas,
As hastas inimigas
Ao lado caiem do capitão glorioso.

ESTROPHE II.

Emtanto triumphante
Exultando a Judea,
Das palmas de Idumea,
Quebrado o jugo, ao campeão tecia
Diadema mais que os astros scintillante;
E das harpas ao som ao ceo subia
O grande nome cheia de alegria:
Mas Judas da victoria
Ao Senhor das batalhas dava a gloria.

ANTISTROPHE II.

Oh de Israel afflito
Firme columna e muro!
Se em meus hymnos procuro
Mostrar como brandindo a mortal lança
Á Syria ja terror fôste infinito,
É so pola formosa similhança
Que descobre entre ti hoje a lembrança,
E o triumphante Castro,*
De immensa luz em Lysia immortal astro.

* D. João de Castro, vice-rei da India, o qual teve muitas victorias contra el-rei de Cambaia, e

EPODO II.

Roto em cem partes o famoso muro
Que suberbo a cingia,
Qual viuva miserrima se via
A magestosa Dio: *
Tincta de dó e involta em manto escuro,
Cobrando novo brio
Em seu estrago o Mouro que a cercava,
Com cem canhões e minas
Lhe dobrava as ruinas,
E quasi o feroz collo lhe pizava.

ESTROPHE III.

Quando brandindo a lança,
Em seu favor ligeiro,
Corre o feroz guerreiro
Com pouca sim, mas destemida gente.
Ja de seu seio sai, e tal se avança
Dos Mouros a ferir na hoste ingente,
Qual cercado leão na Libya ardente,
Que sacudindo a juba,
Per dardos rompe, e o caçador derruba.

contra o Hidalcão, e fez outras muitas cousas dignas de memoria.

J. F. Barreto.

* Cidade maritima em o reino de Cambaia, fertil abundante, sadia, e de muito tracto.

ANTISTROPHE III.

No terribil conflito
Brandia o varão forte
A cada passo a morte,
Que quanto encontra despedaça e estraga.
E qual então lançou medonho grito
O Mouro, que em seu sangue a terra alaga!
Sem côr o rosto pelo campo vaga,
E blasphemando morre
Aos pés de Castro, que triumphante corre.

EPODO III.

Prosegue, lyra, e as azas veloz bate
De Salsetta * á campina,
Onde o braço feroz prostra e fulmina
O barbaro hardimento
Em novo, sanguinoso e atroz combate.
Quaes no salso elemento
Os máres uns sôbre outros se encapellam,
Quando Euro procelloso
Roncando cai furioso,
Taes os Mouros fugindo se atropellam.

ESTROPHE.

De immenso povo armada,

* Ilha no mar indico em a costa do reino de Decan.

Eis de Baroche * á praia
Desce feroz Cambaia.
Marte, sangue estilando latimoso,
Per cem canhões ante ella horrendo brada;
Mas brada em vão, que o capitão famoso
Os lenhos deixa, e qual raio espantoso,
Vibrando a espada ardente,
Immobil deixa a innumeravel gente.

ANTISTROPHE IV.

Eu que de branca pluma,
Novo cysne do Tejo,
Cubrir todo me vejo,
As azas bato, vôo ao firmamento,
Sem temor de dar nome á salsa escuma,
Prendendo as azas do ligeiro vento,
Bem podia cantar em alto accento
Como o guerreiro invicto
A cinzas reduziu Dabul ** afflicto.

EPODO IV.

Como feroz Pondá *** cruel combate:

* Cidade nos estados do gran' Mogol.

** Logar de Cambaia, que D. Francisco de Almeida, vice-rei da India, entrou á fôrça de armas, e o destruiu, sem ficar pedra sôbre pedra, nem pessoa viva J. F. Barreto.

*** Fortaleza do Hidalcão, tres leguas de Goa pelo sertão dentro.

Como de Antheo* na terra
O genio ensaia para a dura guerra:
Como troando ardente
Per terra derrubou Patane e Pate:
Como no golpho ingente,
Estragos semeiando a forte espada,
Enche o Hidalcão ** de spanto...
Porêm se é longo o canto
Nem sempre ao coro do Parnaso agrada.

* Gigante filho da terra, e primeiro fundador de Tinge, que agora se diz Tanger.

** Principe poderosissimo da India, em o reino de Decan, onde está a cidade de Goa, a quem o dicto Hidalcão cercou no anno de 1572 com 7000 infantes, 3500 cavallos, 200 elephantes, e 250 peças de artilheria, sem lhe aproveitar nada.

J. F. Barreto.

ODE V.

ESTROPHE I.

Eu não consagro altares
Da vil lisonja ao idolo profano;
Nem cruzo os subtiz ares
Cantando apar do gran' Cysne thebano,
Para o nectar libar de immortal hino
Ao luxo, da opulencia parto indino.
O genio que me inspira, alto e sagrado,
Em mais estima e preza
A formosa virtude em baixo estado,
Que o fausto inerte de uma van riqueza.*

ANTISTROPHE I.

Tu, oh forte Pacheco,**
Do ceo de Marte estrella luminosa,
De cujo nome ao eco

* *Aurum in fortunâ invenitur; naturâ ingenium bonum.*

Plauto.

** Duarte Pacheco Pereira, que venceu sette vezes o imparador do Malabar, chamado entre elles Samori, vindo de todas com grande podèr. Em sa-

Ainda Calecut treme medrosa, *
Hoje o norte serás da minha lira,
Que de glória immortal aura respira.
Da encanecida idade no regaço
Não dorme a honrosa fama
De teu illustre portentoso braço;
Mas do Pindo a fará mais viva a flama.

EPODO I.

As passadas façanhas na memoria,
Grecia representando,
Oh quantos com a luz da eterna historia

tisfação do que, depois de muitas perseguições, veio a morrer pelos hospitaes.

J. F. Barreto.

E canta como la se embarcaria
Em Belem o remedio d'este dano,
Sem saber o que em si ao mar traria
O gran' Pacheco, Achiles lusitano:
O pêso sentirão, quando entraria
O curvo lenho e o férvido Oceano,
Quando mais n'agua os troncos que gemeram,
Contra sua natureza se metteram.

Camões, *Lus.*, cant. x, est. 12.

* Fará que todo o Naire emfim se mova,
Que entre Calecut jaz e Cananor,
D'ambas as leis imigas para a guerra,
Mouros per mar, Gentios pela terra.

Camões, *Lus.*, cant. x, est. 14.

Heroes está mostrando!
Cimon que de Eurymédon torna as ondas
De sangue em triste lago:
Timotheo fero estrago
De Olyntho, e Paphlagonia: Epaminondas...
Mas entre todos, por igual a Alcides,
Aponta com o dedo a Leonides.

ESTROPHE II.

Qual Austro procelloso.
Habitante feroz do pólo frio,
Que corre impetuoso
A assolar de Neptuno o senhorio,
Da Grecia a devastar o rico seio,
Xerxes* corria de esperança cheio.
Neptuno em vão o affronta na carreira,
Que aos barbaros sem conto,
Com suas ondas é fraca barreira
A espantosa muralha do Hellesponto.**

ANTISTROPHE II.

Tal o varão famoso,
Que de Europa gentil ve o desmaio,

* Filho de Dario, e o mais poderoso rei dos Persas.

* É um braço de mar que divide Asia de Europa, chamado hoje o estreito de Galipoli, ou braço de san' Jorge.

Enrestando animoso
A mortal lança, corre, veloz raio,
De Marte ao campo, e á rapida torrente
Se oppõe com pouca, mas briosa gente;
Até que de vibrar mortes cançado,
Quasi aos pés da victoria,
Thermopylas* o ve, cedendo ao fado,
A grande alma entregar nas mãos da gloria.

EPODO II.

Lysia, com mais razão podes jactarte
Que entre as guerreiras lides
Pacheco, no valor igual a Marte,
Excede a Leonides.
Dize-o tu, oh Balurt, que o rosto viste
Do indico Oceano
Tincto de sangue humano,
E a fronte d'altas palmas lhe cingiste:
Menão* o diga, diga-o o largo Ganges,*** :

* Passo aspero e estreito, que ao longo da praia faz o monte Oeta de Macedonia, região de Grecia. O qual Leonides rei de Sparta, com pouca gente defendeu de um grandissimo exército de Xerxes.
J. F. Barreto.

** Rio, (cujo nome na lingua dos naturaes quer dizer—*mãe das aguas*—) divide de alto a baixo o reino de Sião, e dizem que tem de comprimento mais de 300 leguas.

*** Rio da India, por outro nome Phison, um dos quatro que nascem no Paraiso-terreal.

Que rotas viu as barbaras phalanges.

ESTROPHE III.

Com paraos* torreados,
Donde per bocas mil brota Mavorte,
Entre horrorosos brados,
Em fogo, em fumo, em sangue involta a morte:
Zarguuchos, flechas, que em chuveiros voam
Elephantes bramindo a terra atroam:
Neptuno da batalha ao som horrendo
No fundo mar se espanta:
Nos eixos muda a terra está tremendo;
Mas nada o grande coração quebranta.

ANTISTROPHE III.

Do Samorim potente,**

* Embarcação da India de guerra.

** E todos outra vez desbaratando,
Per terra e mar, o gran' Pacheco ousado,
A grande multidão, que irá matando,
A todo o Malabar terá admirado.
Commetterá outra vez, não dilatando,
O Gentio os combates apressado,
Injuriando os seus, fazendo votos
Em vão aos deuses vãos, surdos e immotos.
Virá alli o Samorim, porque em pessoa
Veja a batalha, e os seus esforce e anime;
Mas um tiro, que com zunido voa,
De sangue o tingirá no andor sublime.

Muro de bronze, contra o braço irado,
Do perigo imminente
De Cochim defendeu o rico estado,
De immenso luto o Malabar tingindo,
Qu'inda os golpes crueis está sentindo.
Triumpara, que absorto em tantas glorias,
Caír do estoque agudo
Ve a morte em mil fórmas, das victorias
As sombras lhe bordou no avito escudo.

EPODO III.

Mas não é theatro so da sua fama
O gentilico Oriente,
Que a seus laureis ministra nova rama
Da Gallia a forte gente.
Vós, ondas, a quem deu nome famoso
O mauritano Atlante,
Campo forte brilhante
De honrosas palmas ao campeão glorioso,
Que em toda a parte o leão, em toda a idade,
Igual conserva a innata magestade.

ESTROPHE V.

Da passada rapina

Ja não verá remedio ou manha boa,
Nem fôrça que o Pacheco muito estime:
Inventará traições e vãos venenos;
Mas sempre (o ceo querendo) fará menos.
CAMÕES, *Lus.*, cant. X, est. 15 e 17.

Ufano Mondragon o mar cortava,
E com fatal ruina
De cem furias cercado, ameaçava
Quanto rico baixel do Indostan voa
De pareas carregado á gran' Lisboa.
Mas o bravo Pacheco n'um instante,
Os lenhos fulminados,
Do pirata a seus pés viu triumphante
Os arrogantes brios derribados.

ANTISTROPHE IV.

Quanto, quanto se engana
Se, em si fiado, o são merecimento
Da fortuna tyrana
Ao barbaro revez se julga isento!
Pois com torvo semblante sempre a inveja
Olha a virtude, que opprimir deseja.
Em vão, mortaes, não clama a minha lira
Se, para illustre exemplo,
Entregues da pobreza á cruel ira
A Pacheco* e Milciades** contemplo.

* O Belisario, ... que no coro
Das musas serás sempre engrandecido;
Se em ti viste abatido o bravo Marte,
Aqui tens com quem podes consolarte!
Aqui tens companheiro, assi nos feitos,
Como no galardão injusto e duro:
Em ti, e n'elle veremos altos peitos,
A baixo estado vir, humilde e escuro:

EPODO IV.

Famoso heroe, negando-te as riquezas,
Em vão triste destino
Avaro intenta ás inclytas proezas
Negar-te o prémio dino.
D'aurea fama immortal rico thesouro,
Que sempre resplandece,
Parnaso te offerece,

Morrer nos hospitaes, em pobres leitos,
Os que ao rei, e á lei servem de muro!
Isto fazem os reis, cuja vontade
Manda mais que a justiça, e que a verdade.

CAMÕES, *Lus.*, cant. x, est. 22 e 23.

** Athenas, que a principio, lhe venerara os talentos, veio depois a teme-los. Heroe de tal valia tornou-se-lhe odioso, e por tanto machinou perde-lo. Incumbiu-lhe o castigo de varios povos, que haviam auxiliado os Persas; e Milciades dando á vela com settenta baixeis, sujeitou algumas ilhas; mas sendo obrigado a levantar o bloqueio de Paros, retraíu-se a Grecia perigosamente ferido. Imputando-lhe os Athenienses traição, foi condemnado á morte; pena que a muito custo lhe commutaram em 50 talentos. Com não poude paga-los, metteram-no em um carcere, onde acabou das feridas. So depois de satisfazer a sobredicta quantia, é que Cimon, filho seu, alcançou tributar-lhe as ultimas honras.

Epitome da Hist. antig.

Apar do qual não brilha o fragil ouro;
Pois hoje as Musas do valor amigas,
Croam per minhas mãos tuas fadigas.*

* Para éstas *odes* servi-me da edição de Coimbra, de 1801, por me faltar o 6º tomo da edição que depois se fez em Lisboa.

ODE VI.*

ANACREONTICA.

De seguir no alto monte
Fatigado as bravas feras,
Uma fonte
Que toldavam verdes heras
E bordava o fresco prado
De junquilhos

* Tambem o benemerito edictor da última edição das *poesias* de Diniz, não determinou o merito das *odes anacreontiças* d'este vate. Mas na prefação collocada em testa do quinto volume, dá o sobredicto edictor a primazia ás *pindaricas*. Eis como se elle exprime.

» As *odes pindaricas* de Elpino são as melhores

De violas e tomilhos,
A buscar baixo apressado,
Por matar a sêde ardente
Em a frígida corrente.
Quando amor que repousava
De Nigella no regaço,
Despertava
C'o rumor que ao passar faço:
Ergue o rosto, e ao ver que eu era
Quem buscando
Da fontinha* o crystal brando
Sua doce paz lhe altera;

de suas poesias; e não so das lyricas, mas de todas as outras que se acham impressas nos quatro antecedentes volumes. A grandeza dos assumptos que n'ellas canta, e a sábia imitação do maior dos lyricos gregos, que tomou por exemplar, levam o poeta portuguez ao auge de glória, a que tinha chegado nos antigos tempos o seu modêlo.

* Os nossos antigos poetas, e em special Camões nos *Lusiadas*, souberam usar dos *diminutivos* com um discernimento e gôsto admiravel:

A éstas *criancinhas* tem respeito.
Canto. III, est. 28.

Aos peitos os *filhinhos* apertaram.
Canto. IV, est. 28.

Garcia de Resende, *Miscellania*, *folh.* 163, *col.* 3, per *diminutivos* dá bem a conhecer o des-

Toma o arco que deitado
Entre a relva tinha ao lado.
Uma setta cuja ponta »
Era de ouro o mais brilhante,
N'elle aponta.
Voa o raio penetrante
E veloz me passa o peito.
O tyrano
A ferida vendo ufano
Com um riso contrafeito
«Olha (diz) pastor grosseiro
Se é Amor destro frecheiro.»
E voltando-se a Nigella
D'ésta sorte continua;
«Nympha bella
A conquista será tua:

prèso, em que tinha a novidade dos ridiculos trajos e usos, que em seus tempos prevalecia, dizendo:

Agora vemos capinhas,
Muito curtos pellotinhos,
Golpinhos e sapatinhos,
Fundas pequenas, mulinhas,
Gibõeszinhos, barretinhos,
Estreitas cabeçadinhas,
Pequenas nominaszinhas
Estreitinhas guarnições;
E muitas más invenções,
Poisque tudo são cousinhas.

P. J. da Fonseca, *Rud. da gram. port*

Á tua ira, aos teus rigores
Novo emprego
N'este louco hoje te entrego;
Morra em vão por ti de amores,
Soffra e cale o seu aggravo,
Pois t'o entrego como escravo.
Ai de mi! que a deshumana
Tomou bem ésta doctrina;
Pois tyrana
O meu mal minha ruina
So deseja, so pretende.
Improperios,
Crueldades, vituperios
O servi-la so me rende;
E de tam injusta sorte
So livrar-me póde a morte.

ODE VII.

Ja no Oriente
D'alva a estrella
Risonha e bella,
De alegres luzes
Croada a frente,
Na aurea carrossa
Vem desfazendo

A sombra grossa,
Que a feia noite
Triste espalhou.
Do alvo regaço
Entre esplendores,
Fragantes flores
Lança em chuveiros
O eburneo braço:
E os passarinhos
Com doces cantos
Pelos raminhos
Estão saudando
Seu resplandor.
N'este almo dia
Aglaia bella,
Que avara estrella
D'ésta ribeira
Ha tanto havia
Cruel roubado;
C'os olhos bellos
O verde prado,
Floridos montes
Torna a alegrar.
Colhei Amores
Myrthos e rosas:
Colhei formosas
Nymphas do Tejo
Conchas e flores:
Ricas capellas

Ledas tecendo,
Vinde com ellas
As tranças de ouro
Vinde ennastrar.
« Eu que vos chamo
Serei o guia: »
Assi dizia
Amor voando
De ramo em ramo.
Então ao prado
Veloz descendo,
Um delicado
De lindas flores
Ramo teceu.
E a mi voltando
Me diz: « Elpino
Feliz destino
É hoje o teu:
Parte voando
Á nympha bella
Leva este ramo:
Dize que a ella
Por ti lh'o envia
O mesmo Amor. »

DINIZ.

Parmi ses contemporains, Diniz est un poëte très-élevé, un lyrique plein de nerf, d'ame et d'impétuosité; mais on dirait que sa lyre n'a qu'une corde,

et ne saurait jamais rendre que les mêmes accords. Son génie fier manque de souplesse, bien inférieur en ce point à notre grand Rousseau, et à Manuel, son émule. Si l'on en excepte le poëme du Goupillon, *où Diniz s'est montré un grand imitateur de notre immortel Boileau, auquel il doit évidemment son cadre, son plan, et le type original de toutes les fictions qu'il y a très-habilement enchaînées; le talent de Diniz se renferme dans le seul genre pindarique, et l'*Os magna sonaturum, *ce qui est une grande raison pour être souvent sublime, admirable, mais pour amener par fois la fatigue et l'ennui.*

SANÉ.

ODE I.*

AO ESTRO.

Quindi s' io témpro le felice corde
L' anima scorre entro furor celeste
E a novi pensieri in cima siedi :
Per gli eterni sentieri ascendi e riedi
Colma sempre di voglie altere e grandi.
A. Guidi.

Éstro filho de Apollo, quanto desces
Do verde Pindo sôbre accesas nuvens,
Impetuoso assaltas
Inopinado ingenho,
E chamma imperiosa, insana furia
Levantas n'alma digna de teu vôo.

* A concepção d'ésta *ode* é tam vasta e sublime como o objecto que a motivou. Que fogo! que audacia de expressões! Como o idioma toma todas as fórmas que o poeta lhe quer dar! Ora brando, ora altiloquo, parece obedecer-lhe em tudo! So pennas iguaes ás de Francisco Manuel, sabem alardear todas as riquezas de uma lingua qual a portugueza.

Tu á morada olympia arrebataste
O cantor grego, pae da heroica tuba,
Que a Achiles iracundo
Troa, quando afadiga
O anhelante Heitor longe dos muros
Da emmudecida Troia descorada.
Tu lhe déste ousadia com que olhasse
Fito a fito o tremendo soberano
Dos deuses, e dos homens,
Que so c'um sobrecenho,
Quando a cholera as faces lhe roxeia,
Abala os ceos e a terra, empóla os máres.
E lhe deste o pincel com que arriscado
Pinta a Jove e o trisulco raio iroso,
Que a mão de ardor lhe cora, *
Ao remessa-lo ás gentes:
E os fuzis vingativos da cadeia,
Que suspende e castiga o error de Juno. **
Ao epico pregão do Ausonio povo

* Que grau de fôrça não ajuncta a éssa magestosa pintura o verbo *corar!*

** Depois do desbarate dos deuses (com o quaes ella se ajunctara durante uma revolta) Jupiter a suspendeu no ar; e per meio de um par de chinelas de pedra iman, (as quaes Vulcano inventou para se vingar de o haver dado á luz todo defeituoso) lhe atou per baixo dos pés duas bigornas, depois de lhe ter prêso aos mãos atrás das costas com uma cadeia de ouro.

Da trompa argentea os aros* enrolaste
Quando cantou sonoro
Acolhidos na Italia
Os troianos penates foragidos,
E da alta Roma os triumphantes muros.
Pintaste-lhe o furor ímpio sentado
Sôbre as armas crueis, e atrás das costas
Retorcidos os pulsos
Com cem laços de bronze,
No templo, aferrolhado, de Mavorte,
Bramando horrendo co'a sanguinea boca.
Abriste-lhe a caverna da Sibylla,
E as propheticas folhas do futuro,
Pejadas de successos,
Que as entranhas dos fados
Sem ordem, sem conselho descompunham,

* Argola ou círculo de metal chato.

Não me lembra ter lido nos *Crystaes-d'alma*, ou no *Thesouro-de-prudentes*, se tinham um so aro, ou mais, como os nossos *Corni da Caccito*, as trompas dos antigos.

Não sei qual foi o portuguez que aqui em París, se lembrou de corrigir os erros typographicos de que estão cheias ésta e outras odes, que o Sané traduziu em francez; mas sei que sabía tanto a sua língua que mudou *aros* em *arcos*. Com effeito, ésta última palavra é mais comezinha, e talvez se conformasse melhor a seu atilado bestunto!...

Ao capricho dos ventos revoando.*
Tu a Pindaro, a Alceu, ao Venusino
Subiste em tuas azas inflammadas
Ao conselho das Musas,
Onde ávidos gostaram
O almo liquor da reservada veia
Que em divino transmuda o canto humano!
Franqueaste-lhe alli pródigas chaves
Dos thesouros que encerra a natureza;
E o fusco veo rasgando,
Que lhes cubria a mente,
O trilho que conduz da terra ao Olympo,
Ao colloquio dos numes lhe apontaste.
Assim Camões, per ti enfurecido,
Ao cume do Parnaso se avizinha;
E os delphicos loureiros,
Quando elle sóbe, curvam
Ao novo Homero os orgulhosos topes,

* *Excisum Eubaïcæ latus ingens rupis in antrum,*
Quò lati ducunt aditus centum, ostia centum,
Unde ruunt totidem voces, responsa Sibyllæ.
Ventum erat ad limen, cùm virgo, Poscere fata
Tempus, ait: deus, ecce, deus. Cui talia fanti
Ante fores, subitò non vultus, non color unus,
Non comptæ mansere comæ; sed pectus anhelum,
Et rabie fera corda tument, majorque videri,
Nec mortale sonans, afflata est numine quando
Jam propriore dei.

VIRGILIO, Eneada, liv. VI.

E arredam larga estrada ao vate egregio.
Calliope a mão lhe dá, e ás doctas gruttas
Do rapido talento asylo, o guia,
Onde a sublime trama
Da Iliada sonora,
Palpando as cordas da epica harmonia,
Cantara Apollo, e transcrevera Homero.
Alli subiu Camões; alli a musa
A boca e vozes do immortal alumno
Banhou de poezia; *
E co' as irmans que invoca,
Co'as tres Graças, que tudo afermoseam,
Enchem do vate o peito dadivosas.
Eis chega ao sabio côro o Ausonio cysne
Comedido, e das faces ressumbrando **
Assomos de celeste:
E tanto se affeiçoa
Do valído das musas tagitanas,
Que por alumno e confidente o acceita.
Das reconditas minas da memoria,
A seu pedido, as ricas veias abre
Que Camões enthesoura:
Tambem lhe rega o ingenho

* Bello modo de expressar, e optimo verso!
** Coa, repassa:

. . . . . A grave dor que o peito esconde
Ressumbra no liquor que banha o rosto.
F. D'Alvares do Oriente.

C'o epico arcano em limpidas correntes
Que manaram nos novos argonautas.
  Entoa o forte Gama, avassallando
Os máres não trilhados de outros lenhos;
    Impavido affrontando
    O conflicto das ondas,
Que o thyoneu contra elle acapellava,
Adjudado do imprórido Neptuno.
  Sobrevem Sapho, e canta de Ignez linda
A ternura fiel, tragico termo
    De viçosos amores:
    Ambição crua e cega,
Cubiça de mal firme valimento,
Tu lhe enterras no peito o frio ferro.
  Homero inchando á tuba o bronzeo ventre,*
Mais alto resoava, e tinha em fogo
    A vista rutilante
    Quando lançava as vozes
Do Adamastor membrudo** arduas vinganças
Do quebrado segredo de seus máres.

* N'estes atrevimentos é que se conhece o grande poeta: sem elles não ha poesia.

** *Ce magnifique épisode n'est connu en France que par des traductions impuissantes et misérablement tronquées; on espère qu'il le sera mieux un jour. Homère, Virgile, le Dante et Milton n'ont rien de plus grandieux, de plus original, et la poésie en est divine.*

SANÉ.

Como sentiste do ânimo o alvoroto,
Absorto vate, quando o íntimo seio
Os sons te revolviam
D'aquella voz valente,
Tonante voz, encêrro de prodigios;
Voz de que assim se ufana a natureza!
Como ja n' alta mente as côres punhas
Nos quadros dos Lusiadas illustres;
Aqui se ateia a briga
Dos doze de Inglaterra;
Além, da agua que sorve, engrossa a nuvem,
E o pe, que tem no mar, a si recolhe.
Quanto se ergue entre stupidos humanos
Quem ao nascer sortiu um peito altivo
Caspaz de inclyta empresa?
Mais que homem é um nume.
Os parabens te dou, oh lusa patria!
Tambem os tómo de dever-te o berço. *
Oh prole de Japeto, a tudo ousada!
De ser do barro vosso me gratulo,

* Tal é a linguage d'um sabio, d'um philosopho, que superando todos os trabalhos e perseguições, que lhe suscitaram os seus mesmos conterraneos, nunca teve em vista senão estes patrioticos versos de Camões:

Porèm não deixe emfim de ter disposto
Ninguem a grandes obras sempre o peito;
Que por ésta, ou por outra qualquer via,
Não perderá seu preço, e sua valia.

Quando contemplo a chamma
Que em vós prendeu celeste,
Luzir no ingenho, disferir no esfôrço,
Brazão e assombro das futuras eras!
Logo Tyrteu,* para as feroces guerras
O prendou c'o clarim agudo e forte,
Que a cor ó gesto muda;
E n'elle os tons lhe ensaia,
Com que reconte as asperas batalhas
De Nuno fero,** e do pugnaz Pacheco.
Eis no carro, que as alvas pombas tiram,
Lhe entrega agradecida a meiga Venus
(Do mimoso regaço)
Quadros de Idalia e Chypre,
As fontes e arvoredos namorados,
Com que elle adorne a ilha dos amores.
Os olhos para a esphera erguei celeste:
Como raia vermelha no Oriente!
Do centro escapa um lume,
Que de ouro reluzente
Vai as nuvens cubrindo... Um deus radioso

* Este poeta grego marchava em frente dos Lacedemonios na guerra que estes moveram contra os Messenios, e animava-os recitando-lhes poemas guerreiros.

** Nun' Alv'res Pereira, condestavel d'estes reinos, e defensor d'elles; de cujas maravilhas está o mundo cheio.

J. F. Barreto.

Com placido semblante á terra desce.
Pelo cinto do lucido horisonte
Melodias dulcisonas se espalham;
Alados hymnos voam
Flammigeros emtôrno
Da verde laurea fronte; as alvas azas
Dos zephyros na lyra ferem vozes.
Mas ja o previdente Apollo abrindo
O fatidico seio do futuro,
Movido do hardimento
Do generoso vate;
Põe n'elle os olhos de splendor trajados,
E éstas aladas vozes lhe dirige:
« Feliz mancebo que a vereda pizas
Dos dous cysnes, que além de todos prézo,
Não desmaies ao veres
Os sustos, os despenhos
Que ameaçam na senda alcantilada
Do laurifero Pindo temoroso.
Com meu raio facundo e nunca incerto
Quero teu guia ser na epica lida:
E serás celebrado
Na esteira perigosa
Que intrepido em rasga-la aos teus, a stranhos,
De não-murchandas flôres a esmaltares.
Mas estro acquire glória e não thesouros.
Morrerás pobre, * tendo submettido

* O grande Camões, isto é o maior homem de

Mais riscos, mais trabalhos
Que o Gama a quem dás nome.
Aos vates que so poem na fama o fito,
Serás pharol de naúfrago penedo.
O mesmo Fado desastroso empunha
Irado raio, em damno dos que venham
Per éstas broncas fragas,
E absortos na harmonia
Dos sonorosos teus ousados versos,
Te imitarão na lyra, e na desgraça.
Corydon, Corydon, que ímproba estrella
Te dá nome immortal, fonte de invejas?
Pelos salões das honras
Te arremessa ás masmorras, *

Portugal, viveu sempre na maior miseria, do fundo da qual se fez notavel pelo seu ingenho; e jazendo os Crassos de seu tempo, que tanto o deprezaram, no mais profundo esquecimento, o seu nome é pronunciado no mundo com admiração e respeito.

F. D. Gomes.

* Se os meus versos vencerem agradar-te;
Soccorre a Corydon, deusa benigna:
Jaz inculpado em carcer tenebroso.
Torna a ést'alma a sua melhor parte.
Tem compaixão da angústia acerba e indigna
De Marcia, que com pranto lastimoso,
De dia e noite chama o caro esposo.
Ouve os rogos ardentes
Dos filhos innocentes.
Põe os olhos na Arcadia sem ventura,

Onde os annos consumes, que deveram
Ser de ampla glória e louros assombrados.
La vai de atroz calúmnia perseguido
Correr máres, trilhar estranhas terras
O candido Philinto
Que tanto tinha a peito
O seu Camões grandiloquo a quem lia
Com gôsto, com respeito ás Musas grato.
La, comtigo abraçado, em seu destêrro,
Em ti bebe a corrente nobre e pura,
Com que os seus versos banha.
Ainda ausente brada
Ás novas aguias da suberba Elysia,
Que o teu canto e dicção tomem por norte.
Mas em quanto te studa, e te defende,
Lavra contra elle settas a ignorancia;*
E dos seus bens e fama

Que de suspiros vãos enchende os ares,
Cuberta de amargura
Tende as supplices mãós a teus altares.

D. M. Tôrres.

* O nosso historiador Garcia de Resende na *Chronica d'el-rei D. João*, *cap.* 127, diz:

« Quem screve não póde contentar a todos, e não fará pouco se de poucos for tachado, que todos querem emendar, e mui poucos screvér. E para se isto evitar não devia de haver outra pena senão aos glosadores metter-lhes papel e tincta nas mãos, e faze-los per fôrça screver; e sería mui

Põe opimo despôjo
Nos altares da Inveja, e da Calúmnia:
Iniquo galardão de haver-te amado! *

bom freio para os desbocados, que sem saber o que dizem, glosam o que não intendem. »

E na *Miscellanea*, accrescenta:

« Mui poucos adjudadores
Acha quem quer fazer bem;
E se alguem bem feito tem,
São tantos os glosadores,
Que o não faz ja ninguem. »

A estes advertiu tambem Jorge Ferreira de Vasconcellos, na *Euphrosina*, que — « Ler sem gôsto, e a fim de notar por mostrar discrição, é uma purga, que faz que nada se logre no peito. »

* Não me faltarão accusações críticas de que quebrei o fio da *ode*, e que a falta de nexo é mais um desvario meu, que um deparado delirio. Venham accusações, afiem as críticas, que costumado estou a não reparar defeitos similhantes; que se na verdade o são, quero antes errar com Pindaro, que ser methodico ao geito de taes censores. Ja que tenho emcima da meza o desmethodico Pindaro, apontarei a esses mestraços à *ode* IV, em que elle louva Arcesilau, vencedor na carreira olympia; onde depois de se lançar á vôo sôlto na expedição dos Argonautas e conquista do Vellocino (que tam arredada parece do assumpto) se volta ao vencedor, e diz — « *Agora, oh novo OEdipo! acerta com o enigma. Um antigo carvalho*, etc., etc. — » para lhe fallar em Demophilo, e lhe pedir que o recolha do destêrro á côrte, etc. Qual de nós se desvia mais?

ODE II.

AOS POETAS LUSITANOS.

Mediocribus esse poetis.
Non homines, non Dí, non concessere columnæ.
HORACIO.

Na lyra que me dás, que vate ousado
Queres, oh docta Clio, que eu discante,
Cujos echos reclamem, retinindo
Nos lusitanos montes?
Louvarei antes o Camões sublime,
E o bravo Gama, * arando ignotos máres,
E as nereidas nuas impellindo
As naus, que ameaça o escolho.
Mais brando sopra a avena campesina
O Bernardes suave e saúdoso;
De cujo canto o placido ribeiro
Enamorado pára.

* Foi Vasco da Gama escolhido per el-rei D. Manuel, para descubrir a India. Este celebre navegante desaferrou de Belem a 8 de julho de 1497.

Escutando os antigos sons da Grecia,
E do Lacio, la pulsam com trabalho
A repugnante lyra de Venusa
'O Caminha, o Ferreira.
Então, chorando, a Castro * abriu a lusa
Scena, e lhe deu Melpómene o cothurno,
Com que Euripedes, Sophocles pizaram
De Athenas o tablado.
Amor da patria, amor de altivo canto
A desusados sons a mão lhe adéstra,
Digna de são louvor, que abriu a rota
A melhores ingenhos.
Corydon, Corydon, nos braços d'estes
As Musas te visitam, te bafejam,
Co'a harmonia do Pindo: e, em ti, as Graças
Canto de Horacio vertem.
Mais atrevido e fero engrossa Elpino

* *Quoique le Portugal ne puisse se glorifier d'avoir un théâtre comparable à celui des Français, néanmoins le docteur Antoine Ferreira, auteur de la tragédie d'*Inès de Castro, *est un grand poète tragique. Cet écrivain, supérieur dans son genre comme Camões l'est dans l'épopée, contribua beaucoup au perfectionnement de la langue par l'étude opiniâtre qu'il fît des classiques grecs et latins. Malgré le ton dur que l'on remarque quelquefois dans le style de son* Inès, *ces taches légères sont amplement rachetées par les beautés de l'ensemble.*

SANÉ.

A voz, que na campina Elea, outrora
Trovejou Pindaro, infiando os rostos
. Dos assombrados emulos.
Alfeno esses vestigios vai pizando,
N'elle fitando os olhos cubiçosos;
E, per afouto modo, vai tecendo
Pindaricos delirios.
Um Bocage, * um Targini ** com Vicente, ***

* A natureza não o enriqueceu de uma imaginação vasta, nem de um genio creador e original; mas elle cobre ésta falta com um certo fogo, que se aproxima ao enthusiasmo; com a louçania e pureza da lingua, cujo aticismo possuiu no maior grau. Seu estylo quasi sempre energico, mas que raras vezes chega a merecer o nome de forte, é florido sem affectação, e fôra para desejar que elle houvesse sido mais parco em a distribuição das antithesis. Seus versos (a que deveu gran' parte de sua fama) mostram uma harmonia tam sustentada, e um tornivo tam elegante, que a serem mais onomatopeicos, não lhe consentiriam rival. Os rasgos de seu pincel são de ordinario vehementes e expressivos, aindaque ás vezes particularisa demasiado. Abunda de allusões historicas e mythologicas, de pensamentos sublimes, de conceitos brilhantes; porêm a carencia de conhecimentos philosophicos o faz caír ás vezes na declamação, e nos logares communs; motivo, por que os seus poemas, deleitando sempre, raras vezes instruem, ou deixam que pensar ao leitor. J. M. da C. e Silva.

** Traductor do *Ensaio sôbre o Homem* de Pope,

Correm a colhêr louros no Parnaso;
E as Musas se dão pressa a lhe enramarem
As merecidas croas.
Que não póde esperar a elysia terra
De Cesario jovial? * Donosa musa
A froxo lhe emborcou na mente ingenua
O sal, e o mel de Athenas.
Em quanto humildes vates afanando
Nos atolados lodos de Agannippe,
Se prendem das estevas, sem poderem
Trepar a esquiva encosta.

e do *Paraíso perdido* de Milton. Estas duas versões são dignas de estima, por sua fidelidade e pureza d'estylo: cousas bem raras hoje em Portugal!

*** Medico, das Caldas-da-rainha, dotado de algum talento poetico.

* *José Cesario da Fonseca, poète portugais, natif de Setubal, qui a excellé dans le genre badin. Après avoir fait les délices de Coimbre, où il exerçait la médecine, il mourut regretté de ses amis, il y a environ vingt-huit ans.*

SANÉ.

Bem pezar tenho de não possuir obra alguma d'esse poeta para a inserir n'ésta escolha.

ODE III.*

Frui paratis et valido mihi
Latoë, et precor integrâ
Cum mente, nec turpem senectam
Degere, ne Cythara carentem.
HORACIO.

Que cuidas, meu Pilaer, que pede aos Fados
O poeta Philinto?
Quando ve per detrás do pardo monte
Erguer-se o sol dourado?
Ou quando ja trilhado o ethereo cinto,
Molha o cançado coche
No pêgo occidental do azul Neptuno?
Não põe nas aras cegas
Da suberba Fortuna offrendas, votos
De sofrego interesse;
Nem pede, novo Midas, ** que entre os dedos,

* Ésta *ode* é, de todas a que compoz Francisco Manuel, a que melhor nos manifesta o seu character sempre inteiro, e os seus puros sentimentos.

** Este rei pediu a Baccho que tudo o que tocasse se convertesse em ouro. Mas em breve lhe pezou de haver feito similhante súpplica, pois até os alimentos se lhe mudavam n'esse metal. Rogou então a Baccho que lhe tirasse um tal dom, e se foi, per ordem sua, lavar no Pactolo.

Em flavo ouro luzente
Se lhe tornem as pedras, as correntes;
Nem tosem seus pastios
Grossos rebanhos de nervudos touros,
Para lavrar activo
Com vinte jugos dilatadas geiras.
Commetta ousado os sustos
Do assanhado Oceano verde-negro
O mercador ganhoso,
Que a vida em menos preço tem que o lucro;*
Ouça silvar os ventos
Pela gemida enxarcia enfurecidos;
Acapelladas ondas
Na esmorecida proa lhe rebentem;
Rache o ruivo corisco
O grande masto em retisnada roca:
Que elle so fita os olhos
Nas lojas do Brasil; per entre os raios.
Ve chegar o mineiro;
Ouve per entre os roncos e estampido
Dos trovões, tinir dobras
No mostrador avaro; ve vendidos
Os enfardados pannos.
Porque não justiçou Jove potente
Com despedido fogo
O mortal que arrancou com mão culpada
Das entranhas da terra

* *[illegible] tesor piu que la vita hà caro.*

CHIABRERA.

Esse ouro malfeitor, fonte de crimes,
Estrago da innocencia!
Bem foi idade de ouro a feliz era
Que pallidas figuras
Não viu nos cunhos do ouro amoedado,
Para deshonra e morte;
Que não viu a ambição, a tyrannia
Medrar, assuberbando
Com desiguaes riquezas os singelos
Costumes da virtude.
Eu sobranceiro ás vagas empoladas
Da turbulenta côrte,*
Verei correr ás mitras, aos governos
Imprudentes humanos,
Que o valor não conhecem do socêgo.
O corno da abundancia,
Emborcando sonoro a um Thersites,
Louros dobrões a rôdo
Sobrio verei com olhos não-torcidos;**
Seguro de mim mesmo.
Cuberta a meza de faizões custosos,
Em dourada baixella

* *Je définis la* cour, *un pays où les gens*
Tristes, gais, prêts à tout, à tout indifférens,
Sont ce qu'il plaît au prince, ou s'ils ne peuvent l'être,
Tâchent au moins de le paraître.
La Fontaine.

** *Oculo irretorto.* —
Horacio.

Dés lacaios esbeltos, ôlho á lerta,
    Pelos crystaes derramem
De Constança e Tokai os raros vinhos;
    Com descuido e desprêzo
Ólho o luxo, a suberba dos manjares,
    O desperdicio, o custó
Com mais justa partilha bem logrados
    Na viuva, no orpham roto.
Sem orgulhoso aprêsto dá natura
    Saúdavel sustento:
Saboroso legume, herdada fructa
    Acareia appetite
Ao sabio que ganhou com sobrio emprêgo
    Proveitoso cançaço.
Para alojar o corpo de um magnata,
    Talvez pygmeu e sêcco,
Trinta salões de vasta architectura
    Fazem gemer a terra
Com altos torreões, chumbados tectos;
    E o grande Cincinnato*
N'uma breve choupana vive rico,
    Folgado e farto de honras.
Que não dão diamantes, nem palacios

* Este virtuoso agricola é eleito dictador, a tempo que o exército romano stava a pique de ser derrotado pelos Equos. Larga o arado; voa a soccorre-lo; rompe os *imigos*; e reentrando triumphante em Roma, abdica a dictadura, e volta para os seus campos.

Descançada ventura;
Nem vem o somno, com as mansas plantas,
Abrir cortinas de ouro,
Para estender-se ao lado ambicioso
Do cortezão inquieto. *
Eu que alêm pizo a raia a doze lustros,
Que da alterna fortuna
Com sombra igual provei penas, favores;
Que bebi proveitoso
Sasonadas lições da experiencia
Na carreira da vida;
Que c'o fanal da reflexão attenta
Vi no pêgo do nada
Caír tantas còroas, subir tantas
Que improprias frontes curvam;
Tanto desejo ardente não cumprido,
Ou morto apenas nado;
Tantos ricos, illustres, poderosos,
E tam poucos felizes;
So peço aos ceos dourada mediania
Em placido remanso,
Saúde alegre, e lýra com que cante
Louvores da amizade.

**Les* courtisans *sont des jetons;*
Leur valeur dépend de leur place:
Dans la faveur, des millions,
Et des zéros dans la disgrace.

Brébeuf.

ODE IV.

Á VIRTUDE.

Virtus *recludens immeritis mori.*
Cælum, negata tentat iter via,
Cœtusque vulgares et udam
Spernit humum fugiente penna.
HORACIO.

Foragida entre os homens e medrosa
Tu, Virtude, te escondes: *
Do seio do alto Deus d'onde descendes
Rara as terras visitas.
Que d'ellas te afugenta um vicio ** infesto,

* *Adorable* Vertu, *que tes divins attraits*
Dans un cœur qui te perd laissent de longs regrets!
De celui qui te hait la vue est le supplice.
Parais : que le méchant te regarde et frémisse.
La Richesse, il est vrai, la Fortune te fuit ;
Et perdant tout pour toi, l'heureux mortel qui t'aime,
Sans biens, sans dignité, se suffit à lui-même.
LUIS RACINE.

** A Hypocrisia.

Vil arremêdo que te usurpa o nome.
Mafomas falsos, Cromweis tyrannos,
Em teu manto embuçados,
Vertendo sangue, atropellando sceptros,
Te fizeram malquista;
Em vivo fogo, em lobregas masmorras
Te deram não devida sepultura.
Tu douras os celestes aposentos
Com tua luz sagrada:
Tu es o sol, que n'ésta sombra espessa
Os justos allumias;
A tua luz dá na alma, a aclara, a esforça,
E põe no humano assomos de divino.
Entre rodas, equuleos e catastas
O varão virtuoso
Mostra ao medonho algoz placido rosto,
E envergonha o tyranno:
Abre entre as settas, abre entre as machadas,
No corpo retalhado, uma alma inteira.
Co'a vulnifica proa o grande Castro
Rompe os indicos máres
Alastrados de perolas luzentes;
Vice-rei parco e pobre,
A quem vislumbres dos rubis do Oriente
Não desviaram do alvo da virtude.
Involto em negro fumo, em po, em fogo,
Entre estaladas pedras
Da mina e despedido baluarte,
O impavido Fernando,

Desfigurado, ardente, ainda, ainda
Na semiviva mão aperta a espada:
E c'os olhos nos Turcos assombrados,
Quer n'esse arranco extremo
Vingar a fortaleza! Oh Castro forte,
Mandas tomar-lhe o pôsto
O espelho de teu ânimo e virtude,
O unico esteio da prosapia illustre. *
Que a tanto o guia aquelle raio puro
Da honra bem fundadada
Que por Deus, polo rei, e pola patria
Ve, sem torcer a vista,
Da morte a fouce, os cofres do avarento,
Sem susto a morte, e sem cubiça o ouro.
Emmudecei profanos; afastai-vos.
Ministro do Deus summo,
Que os ceos, que as terras c'um aceno rege,
Direi cousas mais altas
Que descrida não pensa a iniquidade,
Mas que da san virtude foram dignas.
Virtude que es o premio de ti mesma,
Tu zombas da Fortuna,
Idolo vão dos homens imprudentes.
A toga respeitada,
O bastão militar, o sceptro de ouro,
Não dão honra sem ti, dão vituperio.
Tu, quando cobres c'o immortal escudo

* Seu filho mais velho D. Alvaro de Castro.

O peito a ti votado,
Em vão lhe arroja lanças o Destino ;
Despontadas, per terra
Caiem; se atroz inveja te mareia,
D'entre os aleives candida rebrilhas.
Tu vens nas almas, quando ao mundo brotam;
Qual o botão mimoso,
Que adjudado* do sol, da mão cultora,
Desdobra do casulo
Os suberbos matizes, mil-corados,
Que bordou curiosa a natureza.
Tu, qual ardente luz, da rija pedra,
De entre trabalhos duros
Exprimes teu valor, vibras luzeiros,
Se véem favonios sopros,
Logo se ateiam altas labaredas,
E vas lavrar per almas bem nascidas.
Eu te vejo, oh Virtude! vens descendo

* Sempre assim achei escripta ésta palavra nas edições classicas menos deformadas. Entre ellas tem distincto logar a *Historia de Evora* feita per mestre André de Resende, e reimpressa em 1783 pelo docto e laborioso professor B. J. de S. Farinha. — Exemplo :

« Eu o disputo mais largamente em um tractado em latim, que, com *adjuda* de Deus, prestes sairá a luz. »

O mesmo posso dizer acerca das palavras *auctor*, *juncto*, *práctica*, etc. (Veja-se a dicta obra). Os nossos antigos cingiam-se mais ás etymologias que os

Formosa em nuvens de ouro;
Pelas modestas roupas te distinguo,
Pelo sereno lume
Que te reveste a alvura, doura a fronte,
De lidadas victorias coroada.
Onde me elevas na veloz carreira?
Os globos das estrellas
Vejo rodar per esse vacuo immenso.
Que novos sóes, que mundos!
Que ordem! que justas leis entre si guardam!
Do creador, gyrando, o aceno cumprem.
Estes montes, e a fulgida cidade, *
Com muralhas tam ricas;
Que em doze portas, doze perlas abre
De bipartida entrada!
Calçadas, de ouro acrysolado as ruas!
Diamantes da sala o pavimento!
Que canticos! que musica doçura!
A, que o throno rodeia,
Nuvem de ouro, se abala!... uma voz ouço

modernos litteratos. O padre T. J. de Aquino *reputa mais bem deduzida a orthographia dos primeiros* (não embargante sua irregularidade) *que aquella de que presentemente usámos, adulterada e viciada pelo decurso dos tempos, que não perdoando a nada do que vemos, tudo descompõe tudo trastorna, e tudo arruína.* (D. CATHERINA, *Perf. da vid. monast.* advertencia.)

* Os montes de Sião, e a Jerusalem celeste.

De magestade cheia:
« Aqui so teem entrada os que venceram
O difficil caminho da virtude. »

ODE V.

Á PATRIA.

Invenies aliquem qui me suspiret ademptum,
Carmina, nec siccis perlegat ista genis.

OVIDIO.

Vem doce lyra, dom das brandas musas,
Dom que no verde Pindo
Gostosas me prendaram, quando apenas
Encetava tres lustros.
Alli da sacra chamma que rutila
Nas Apollineas aras,
Vi desprender-se a aguda labareda,
Tomar subito vôo,
Raiar-me no semblante e calar dentro
Nos penetraes do ingenho;
Onde ateiada em luz perenne aclara,
Aquece, aviva os gomos

Abrolhados das rapidas ideias.
Lyra prezada e nobre,
Que nas mãos de meu mestre * decantaste
Os pendões arrancados
Ao Partho fero, tam humilde a Augusto,
Quanto suberbo a Crasso. **
Tu remontada com as meigas cordas
De Paphos *** e Amathunta ****
Modulavas de Lydia, e de Glicerio
As graças, os amores.

* Sim. Mestre: que outro nunca o tomei. Ah! que se o discipulo não ficara tam longe do mestre! Mas envergonho-me cada vez que leio uma *ode* de meu mestre, e que sinto quam pouco aproveitei em sua schola; fosse em mim falta de ingenho, ou falta de applicação. Quizera queimar quantos versos escriptos tenho, e so me atalham a mão 40 moedas, que ja alguns impressos me renderam, e o dizer que nem todos os pintores são Apelles, e que todavia com paineis ganham a vida. E ja eu disse que pobreza e não vaidade poz os meus versos á vergonha do mundo.

** *Et signa nostro restituit Jovi*
Derepta Parthorum superbis
Postibus.

Horacio.

*** Cidade da ilha de Chypre, dedicada a Venus, d'onde foi chamada Paphia.

**** Cidade de Chypre, dicada tambem a Venus.

Pois que eu ousei, das Musas incitado,
    Mover teus sons tranquillos,
E entranhá-los com plectro indocto e rudo;
    E pia me acudiste
Com canto que o desdem quebrou de Nise,
    E da formosa Marcia
Ameigou a cruíssima saudade;
    Agora te intercedo
Me adjudes a tecer da patria amada *
    O saúdoso elogio.
Amado berço de meus novos dias,
    Que arraiando risonha
Mimosas esperanças, no teu collo
    Me acolheste benigna;
Arredado de ti na alheia terra
    Suspiro e clamo: Elysia! **
Em ti cuido, a ti vejo, de ti fallo:
    Tu so em meu sentido
Noite e dia incessante me appareces;
    Ora trajada de ouro
Com reluzente sceptro, em alto solio
    Magestosa sentada,
Ao Indo Hydaspe, ao Gange as leis mandando:

* *A tous les cœurs bien nés que la Patrie est chère!*
VOLTAIRE.

** *On souffre en sa Patrie; elle peut nous déplaire,*
Mais quand on l'a perdue, alors elle est bien chère.
VOLTAIRE.

Em gravadas bandejas
Acceitando os tributos, as coroas
De tantos reis-vassallos
Do altivo Oriente, de Africa guerreira.
Os tropheos, as conquistas
Tam várias, tam valentes, tam remotas
Ornam os altos tectos
Da sala artezoada, em quadro immenso
De duradoura historia.
Ora affligida, e de funereas cinzas
Espargida a cabeça,
Teus filhos mortos longe derramados,
Transidos de pavores,
As mãos erguidas, arrasados olhos
De compungido pranto,
Pedindo ao ceo miserrimo soccorro
Sôbre a trémula terra, *
Que em fendas se rasgava, e das entranhas
Vertia impuro alento.
Lagrymas tristes, lagrymas de gôsto
Dou á fiel lembrança
Dos infortunios teus, dos teus triumphos:
Assás lhe são devidas!
Tu me elevaste, á luz recemnascido
Ás musas me elevaste,
E em meu favor benevola obtiveste
De Clio almo surriso,

* Allusão ao terremoto de 1755.

Com que animou a mui submissa veia
Que hoje em louvar-te esfórço.
Tu me déste as lições em verdes annos
De ser proficuo aos homens,
Com estudo dos bons, e as mãos me abriste
Para o ampato alheio.
A ti devo o caminho abalisado
Que da Honra ás aras guia :
Meu lado ornaste, na íngreme subida,
De leaes companheiros,
O são merecimento, a san virtude;
Nas azas me encostaste
Do prazenteiro agrado, quando o peito
Quiz conquistar honrado,
E pudíca esquivança de Marfisa:
Em seu coração frio
Tinha provado amor os seus podêres;
Mil vezes apagados
Os fachos viu do crepitante lume,
Que lhe apontou de perto.—
Os escassos talentos, com que apenas
Lucrei mui breve nome
Na Elysia saúdosa e estranhos lares,
Bem foram mercês tuas.
Ah! tu que foste ninho tam prezado
D'esses varões egregios
Que em lettras, que em batalhas se ennobrecem;
E tu que Armania e Anarda
Afagaste contente em teu regaço;

E de castas virtudes
O peito lhe abondaste ; tu que déste
Ao docil Araújo
Immensos dons que em climas arredados
Requerem summo obsequio
Á patria egregia que taes filhos brota.
Tu que ao nascer cingiste
Com amorosas fachas, e a teu seio
Apertaste mimosa
Um Brito, exemplo de honra, e de bondade....
Como a tanto desceste
Que deixas ir a immerito destêrro
Teus innocentes filhos !
E a voz não sôltas, horrida não fechas
As despiedadas portas?
Não amparas nos braços?.. não rechaças
As frechas da calúmnia?*
Devo-te a vida, a luz; mas triste, estranho,
Consentes em teu gremio
Monstros de alma cruel, que te deshonram!
Malevolos podêres,
Dos bens, da fama honrada estrago e abysmo,
De infames linguas couto !

* *Craignez d'être surpris par ce monstre trompeur:*
Fuyez de ses complots la cruelle noirceur.
Penchez vers l'accusé, tâchez de le défendre,
Et ne jugez personne avant que de l'entendre.

Frederico II, rei de Prussia.

Porque as indignas vidas não engeitas,
Que engeitaria averso
Esse inhospito Caucaso feroce,
E a anthrópophaga terra?
Que mal commetti eu contra um covarde,
Contra uma vil progenie
D'um heroe tam famoso no Oriente,
Para ir com çujo bafo
Empanar o meu nome intacto e limpo?
Foi culpa inexpiavel
Ter eu mais honra que elle, mais virtudes;
Ter alma que não torça *
A baixezas, a crimes, como a sua?
D'aqui tomou peçonha
Iniquo delator,** com que poz nodoa
No manto ingenuo e puro,
Que talhar para elle e seus consortes
Regeita a natureza.

* (Ser) Homem de um so parecer,
D'um so rosto, uma so fe,
D'antes quebrar, que *torcer*.

SÁ DE MIRANDA.

** *Les princes, disait Diogène, ont souvent à leurs côtés deux sortes de bêtes, des farouches et des privées. Les privées sont les flatteurs; les farouches sont les délateurs.*

Pour perdre un sage, il ne faut qu'un bigot.

GRESSET.

ODE VI.

Chi sperar poteva il sole,
Quando l'alba procellosa
(esto giorno partori.
METASTASIO.

O lavrador que rasga á terra ingrata
As avaras entranhas;
Aquem fallaz seara mal responde
Com mesquinha colheita,
(Ávida mira dos filhinhos rotos,
Da esposa enfraquecida)
Não manda aos ceos mais graças se co'a relha
Quebrou a talha de ouro,
Per fugitivo Mouro * alli guardada,
Do que eu vi a alegria
Brotar do seio de tam feias nuvens,
Que pesando no peito,

* Creram nossas avós, que apressados os Mouros a saír de Portugal, enterraram seus thesouros: hoje rondam seus manes pelos jazigos d'aquellas talhas, em figura de velhas; outras vezes de douradas cobras, que com assobios e gaifonas, engodam os intrepidos a certas condescendencias, preço do thesouro que promettem descubrir-lhe.

De apêrto, aos olhos, lagrymas forçavam.
Embora exulte e corra
Beijar a terra o nauta descorado,
Que na brusca [illegible]nta
Zunir os ventos, fu[illegible]
Viu sôbre as ondas [illegible]
Que fendidas, o naú[illegible]
Bateu c'o a quilh[illegible].
Eu, que outro sol não [illegible], outra bonança,
Que do rosto formoso
De Marcia me não venha, unica Venus
Que as tormentas serena
N'ésta minha alma erguidas, por ausencia,
Por asperos ciumes,
Maior prazer senti, que o navegante:
Elle so perde a vida,
E as perigosas pallidas riquezas:
Mas que é o ouro, e a vida
A quem perde um mimoso olhar de Marcia?
O reo, que vem subindo
Trémulo a escada, a ouvir ler a sentença;
E em vêz da morte infame
Se lhe intíma o perdão, com a soltura;
Ou quem anciado arqueja
C'o a afflicta carga d'um funesto sonho;
Per bandoleiros duros
Sente romper o peito espavorido,
Entrar a fria adaga,
As desmaiadas carnes descosendo-lhe,—

Que a espôsa condoída
Acorda, e elle descança acariciado
Nos braços da consorte,
Entre beijos de amor com laço streito;
Não se deem por felizes
Se ousam comigo pleitear ventura. *
Foi mais vivo o meu jubilo
Que vi Marcia, longo tempo ausente,
E a vi, quando perdida
Tinha a esperança de tornar a vê-la.
Tive em meus braços Marcia,
Quando ia so verter saudoso pranto
Ao tristissimo sítio,
Que viu nossa penosa despedida.
Os ares que enluctados
Ameaçavam lugubres chuveiros,
De novo o azul vestiram
C'um gracioso olhar ** da alegre Marcia,

* Ha por ventura alguma cousa mais poetica no tom, e no estylo?

** *Vultu, quo cœlum tempestatesque serenat.*

VIRGILIO.

Ici le poète embellit de toutes les graces de son art, une circonstance que le hasard amène assez souvent. Le ciel avait été réellement orageux et sombre pendant toute la journée; au coucher du soleil, il s'éclaircit tout-à-coup, et la soirée fut aussi belle qu'aucune de celles dont on jouit sous ce beau climat. La

Os campos se toucaram
De novas flôres, e de gôsto ríram:
O sol, que se ia pondo,
Nunca de nós se foi com mais saudade.
Marcia, querida Marcia,
Que prazer que gozámos! que ternuras!
Depois de tantas mágoas!
Ditoso padecer! mágoas ditosas,
Que taes gostos renderam.

personne qui est le sujet de cette ode, arrivait à Lisbonne précisément à cette heure, après une longue absence.

SANÉ.

ODE VII.

Á ESPERANÇA.

Sperat infestis, metuit secundis
Alteram sortem benè preparatum
Pectus.

HORACIO.

Vem, vem doce Esperança *, unico alivio
D'ésta alma lastimada;
Mostra na croa a flor da Amendoeira,
Que ao lavrador previsto,
Da primavera proxima dá novas.
Vem, vem doce Esperança, tu que animas
Na escravidão pesada

* *Jusqu'au bord du tombeau, d'où notre ame s'envole,*
L'Espérance nous suit, nous flatte et nous console.

C.

Avec le nautonnier elle vogue sur l'onde,
Veille dans les comptoirs, guide les bataillons,
Sourit au laboureur courbé sur ses sillons,
Du savant matinal voit grossir le volume,
Et tient le soc, la rame, et l'épée et la plume.

DELILLE.

O afflicto prisioneiro : por ti canta
Condemnado ao trabalho,
Ao som da braga, que nos pés lhe soa.*
Por ti veleja o panno na tormenta
O mareante afouto:
No mar largo, ao saudoso passageiro,
(Da espôsa, e dos filhinhos)
Tu lhe pintas a terra pelas nuvens.
Tu consolas no leito o lasso enfermo,
C'os ares da melhora :
Tu dás vivos clarões ao moribundo,
Nos ja vidrados olhos ,
Dos horisontes da celeste patria.
Eu ja fui de teus dons tambem mimoso ;
A vida largos annos
Rebatida entre acerbos infortunios
A sustentei robusta
Com os pomos de teus vergeis viçosos.
Mas agora , que Marcia vive ausente ;
Que não me alenta esquiva
C'o brando mimo d'um de seus agrados,
Que farei infelice ,
Se tu , meiga Esperança, não me acodes?
Ai ! que um de seus agrados é mais doce ,
Que o nectar saboroso ;

* *Spes etiam valida solatur compede vinctum*
Crura sonant ferro, sed canit inter opus.
TIBULLO.

É mais doce que os beijos requintados
Da namorada Venus,
A que o Grego * põe preço tam subido.
Vem, vem doce Esperança, que eu prometto
Ornar os teus altares
Co' a viçosa verbena que te agrada,
Co' a linda flor, que agora
Enfeita os troncos, que te são sagrados.

* Anacreonte.

ODE VIII. *

As invejas da illustre e alheia historia
Fazem mil vezes feitos sublimados.
Quem valorosas obras exercita,
Louvor alheio muito o esperta e incita.
CAMÕES.

Rompem curvadas quilhas atrevidas
Per climas não usados,
De Neptuno as espáduas insoffridas:
Per serros não trilhados,

* Esta *ode* foi dedicada ao cavalheiro João da Silva, no dia em que recebeu o hábito de Christo.

Per férvidas areias, crespos gelos
Devassa o afouto pe do Orbe os cancelos.
Co'a mão segura ás roupas da Virtude
Não teme o varão forte
Do leão ou da ursa a garra rude:
Calca o semblante á Morte,
Ou na ferrea peleja, ou na tormenta
As lanças quebra, os Euros amedrenta.
Com alto brio e poucas tropas duras,
Alexandre em Arbellas
Juncou o campo d'aureas armaduras.
As frentes amarellas,
A tres Pretores fez voltar, ousado
Viriato, * de esfôrço e ardis armado.
Estremecem c'o insolito rebate,
Quando o hardido Soares **

* Este que ves, pastor ja foi de gado;
Viriato sabemos que se chama,
Destro na lança mais, que no cajado:
Injuriada tem de Roma a fama,
Vencedor invencibil, afamado;
Não teem com elle, não, nem ter poderam
O primor que com Pyrrho ja tiveram.
Com fôrça não, com manha vergonhosa,
A vida lhe tiraram, que os espanta;
Que o grande apêrto em gente, indaque honrosa,
A's vezes leis magnanimas quebranta.

Camões, *Lusiadas*, cant. VIII, est. 6 e 7.

** Foi Lopo Soares de Albergaria, governador da

De Meca ás portas co'as trombetas bate.
Tremolam pelos ares
Nos nadantes baixeis farpadas Quinas,
Quando avista o Cabral* Brasil e Minas.
Mas que furor se ateia no meu peito?
Novo fogo me accende!
Um deus me peja o coração estreito.
Minha alma se desprende,
E os ares vai talhando a vôo sôlto;
A azul morada pizo desinvôlto.
Que templo é este que á direita vejo?
Que altar de verde antigo?
Teu sancto simulacro humilde bejo.
Salve, oh Numen amigo!
Este é da Glória o templo. Aqui são numes
Os varões de honradissimos costumes.
Alli vejo Nun' Alv'res!....** Sim; na lança,

India; o qual passou ao estreito do Mar-roixo com 36 velas, em que levava tres mil Portuguezes, com que metteu em grande temor e confusão aos d'aquellas partes.

J. F. Barreto.

* Descubriu-se a terra de Sancta-Cruz, que vulgarmente chamam Brasil, per uma armada que ia para a India, de que era capitão Pedr'Alves Cabral: houve-se vista de terra em vinte e sette de abril do anno de mil e quinhentos.

Fr. Bernardo de Brito.

** Ditosa patria que tal filho teve!

Que foi da patria amparo,
O grave corpo impavido descança.
Alli sublime e claro
Está Manuel, * está João segundo, **
Que ensinou a ser rêis os rêis do mundo.
Ouço Atayde *** e Constantin valente,
Castro,**** Cunha***** e Sampaio******
Memorando as façanhas do Oriente:

Mas antes pae; que em quanto o sol rodeia
Este globo de Ceres e Neptuno,
Sempre suspirará por tal aluno.
CAMÕES, *Lusiadas*, cant. VIII, est. 32.

* El-rei D. Manuel, em cujo felicissimo reinado se descubriu e conquistou a India.

** Foi este rei de grande ânimo; amigo de se não deixar senhoreiar de privados; inclinado a fazer mercês, e remunerar serviços. Tinha boa eleição nas pessoas que escolhia para officios; não admittia mexeriqueiros.
FR. BERNARDO DE BRITO.

***D. Luis de Atayde, mui desejoso de cumprir em tudo com o serviço d'el-rei D. Sebastião, quando S. A. o encarregou do govêrno da India, lhe respondeu el-rei. — « Se me quereis bem servir, haveis-vos e faze-io como D. Constantino. »
LUCENA, *Vida de San' F. Xavier*.

**** D. João de Castro.

***** O grande Nuno da Cunha.

****** Mas comtudo não nego que Sampaio
Será no esfôrço illustre e assignalado,

Do Achem, e do Malaio
Contando arduas batalhas, que ganharam,
Golpes que deram, rêis que avassallaram.
Dom João da Silva, * para o baixo mundo
Descendo o olhar pausado,
Tinge o semblante de prazer jucundo,
C'o braço recostado
Na orla do escudo, o corpo sobranceiro,
Assim te falla, oh novo cavalleiro:
« Tu, que afouto trilhar do valor queres
As difficeis estradas,
Desvia o fito de brazões, de haveres,
Para as acções honradas
Dos que accesos no brio alto e prestante
A fama, per fanaes, te poz diante.
Na Asia Albuquerque, ** na Africa Menezes ***

Mostrando-se no mar um fero raio,
Que de inimigos mil verá coalhado.
Em Bacanor fará cruel ensaio
No Malabar, para que amedrontado
Despois a ser vencido d'elle venha
Cutiale, com quanta armada tenha.
Camões, *Lusiadas*, cant. x, est. 59.

* General, que venceu os Hespanhoes nas batalhas das Linhas-d'Elvas, e de Montes-claros.

** Que gloriosas palmas tecer vejo,
Com que victoria a fronte lhe coroa,
Quando sem sombra van de mêdo ou pejo,
Toma a ilha illustrissima de Goa!

Valentes retalharam
Indianos broqueis, mouros arnezes.
Os Phocas se assustaram
Das lusitanas naus empavezadas
Sulcar do Eóo as humidas estradas.
Ergue os olhos á sala grave e dina. —
Aqui os ves honrados
Os capitães, que em terra peregrina,
Ou nos lares amados,
A roixa cruz de modo ennobreceram,
Que entre illustres heroes logar se deram.
Cavalleiros da roixa cruz de Christo
Venceram denodados,
Com valor, nunca n'outra gente visto,
Tantos povos armados,

Nem tu menos fugir poderás d'este,
Pôstoque rica, e pôstoque assentada
La no gremio da Aurora, onde nasceste,
Opulenta Malaca nomeiada!
As settas venenosas que fizeste,
Os crises com que ja te vejo armada,
Malaios namorados, Jaos valentes,
Todos farás ao Luso obedientes.

CAMÕES, *Lusiadas*, cant. x, est. 42 e 44.

***D. Duarte de Menezes, filho herdeiro de D. João de Menezes, conde de Tarouca, Prior do Crato, da Ordem de san' João, capitão de Tangere e mordomo-mor da casa d'elrei D. Manuel, e seu alferes-mor; pessoa notavel n'este reino, per seu sangue e cavallaria. J. F. BARRETO.

Tantos reinos no antipoda hemispherio,
Que deram novo imperio ao luso imperio.
Per feitos de valor, duras fadigas
Se ganha a fama honrada,
Não per branduras vis do ócio amigas.
Zonas fria e queimada
Virão do Cancro, á Ursa de Calisto,
Cavalleiros dà roixa cruz de Christo.
Eu, ja a Fe, e os teus rêis, e a patria amada,
Na guerra, te ensinei
A defender, com a tingida espada:
Co'a morte me affrontei
Pola Fe, polos rêis e patria. A vida
Se assim se perde—a vida é bem perdida.
Ja com ésta (e arrancou a espada inteira)
Ao reino vindiquei
A croa que usurpou mão estrangeira:
Fiz ser rei o meu rei,
Com acções de valor, feitos preclaros
Nas Linhas-d'Elvas, e nos Montes-claros.
Se de imitar meu nome te gloreias,
As façanhas me imita,
Ou na patria nação, ou nas alheias.
O meu valor te incita;
Segue os meus passos, segue o meu exemplo,
Se morar queres n'este honrado templo. »

ODE IX.

Ogni mio esterno, ogni mio interno senso
Siegue solo di voi le felici orma,
Vada, o stia, sieda o giaccia, vegghi, o dorma;
Da voi sola ragiono, o scrivo, o penso.
Il Cieco d'Hadria.

Não tinha em ondas de ouro desparzidas
Andromeda* as madeixas pela espalda;
Nem saphyras azul-brilhante lume
No rosto lhe accendiam;
Quando a progenie do aurichuvo Jove
C'os talares batendo o bojo nedio
Do alipotente Pegaso descia,
Soccorredor amante. **
Não tem Marfisa a desnevada alvura
Da mimosa açucena, que a alma Venus
De seu vertido leite florejara,

* Creio que todos sabem a fábula de Perseu e Andromeda, e os que a não sabem, podem ler o IV livro das *Metamorphoses* d'Ovidio, onde a acharão inteira.

** . . . . *Placuit Cepheia Perseo*
Andromede, patriæ fusca colore suæ.
Ovidio.

Em calix de esmeralda.
Mas Hebe lhe entornou na infante face
Todo o vaso da verde juventude;
Amor piedoso lhe vestiu os olhos
De enternecida chamma.
Minerva a si tomou encher-lhe o seio
De prendas immortaes; na sábia agulha
Os dedos lhe adestrou para os lavores
Das engraçadas artes.
Logo ao nascer as Musas cuidadosas,
Do berço em molles braços a tomaram
Para a ir off'reçer nas aras puras
Da Lealdade ingenua;
E alli os Jocos, e os jucundos Risos.
Com florea dextra o campo do semblante
Lhe espraiaram de placida alegria
E joviaes afagos.
A Ternura fiel, com a Amizade
Escolheram seu peito por abrigo;
E na lyra sonora, e em seu canto,
Lhe deu lições Apollo.
Ella é o meu cuidado mais gostoso,
Que em flammejantes lettras vinha escripto,
Na longa hastea da setta namorada,
Que Amor me despedira.
Ella me tem captivo em seu dominio,
Sem fôrça de quebrar meu captiveiro:
Um so nó d'estes laços, que me prendem,
Desatar não quizera.

A seguidora luz d'estes meus olhos
Outro trilho não ve, que o que ella piza;
Nem meus ouvidos outra voz conhecem
Que o seu suave canto.
D'ella fallo, ella cuido, d'ella escrevo,
Ella canto em meus versos amorosos,
Qual Petrarca, na lyrica Vauclusa,
Cantava a sua Laura.

ODE X.

Ætas parentum pejor avis, tulit
Nos nequiores, mox daturos.
Progeniem vitiosiorem.
HORACIO.

Vai o mundo a peior, Amigo calvo;
Tudo se abastardeia e degenera;
Miseros homens, vindos em má quadra,
Somos os homens de hoje.
Os sec'los tam gabados da innocencia,
De candura, e de amor, seculos de ouro,
São para nós de bronze e ferro duro;
De barro para muitos.
De trinta annos as môças c'os rapazes
Brincavam sem malicia; hoje as crianças

Namoram ja do berço, * e inda promettem
Mais proterva relé.
No tempo antigo as damas das novellas
Eram de ouro, de perlas, de alabastro,
Todas rubis e rosas e açucenas;
Hoje são de osso e carne.
Eram meigas, fieis, eram cortezes
Ás prendas, ao valor, ao bom ensino:
Hoje, ariscas a tudo, so se ameigam
Com redondos dobrões.
A valentia, a robustez, a fòrça,
(Caro presente de almas cabelludas)
Pouco a pouco afroxou; perdeu-se a barba
C'o rapar dos barbeiros.
Roldão, que os Mandricardos, Rodomontes
Vestidos de armas finas, alanhava;
Que enfiava dés homens n'uma lança,
Hoje traria roca.
Dom Quichote, que outrora, destemido
Investía descomunhaes gigantes,
Malandrinos follões, azenhas de agua,
Hoje fòra um Maricas.
Ah tempo, tempo! em que um fidalgo nosso
C'um golpe da catana abriu um touro,

* . . . . *Amores*
De tenero meditatur ungui.

Horacio.

*E c'o resto do golpe a sepultura!** .
Que o fizesse alguem hoje!
Eram homens de barbas té a cinta,
De retorcidos asperos bigodes,
Não barbicas de agora, amoladinhos
Tres-calando pivetes.
O conego Bernardes, que brincando,
Fez duzentas oitavas derepente,**
Á lua cheia; não faria agora
Uma trova sequer.
O capucho Macedo,*** insigne lauro,

* O *soneto* em que se refere esse tremendissimo golpe é digno de transcrever-se: ei-lo aqui:

Foi ó conde bizarro, de tal sorte
A vida d'esse bruto presumida,
Que o roixo mar da mais cruel ferida
Julgava streito a seu alento forte.
Mas so vós, raio illustre de Mavorte,
Fizestes *compujança* nunca ouvida,
Que per onde a saír não coube a vida,
Suberba entrasse a arrebatada morte.
Emfim caíu o bruto, e parecia
Que o som do golpe, que nos valles dura,
Em todo o ar, *excquias* lhe fazia:
Pois foi tal d'esse braço a fôrça dura,
Que inda a terra parece que lhe abria
Nos sobejos do golpe a sepultura.

A. DA F. SOARES.

** Teve elle a bondade de m'as ler, e eu de as ouvir.

*** Leiam o *Journal de Paris* de 20 outubro de

Do Delphico furor versi-potente,
Que da Poesia navegava o gôlpham
Com infunadas velas,
Abarrotando o mundo de poemas,
As odes e elegias desunhava,
Nadava em epigrammas e epitaphios, *
Hoje daria em sêcco.
É o que eu digo: os sec'los empeioram:
Vai tudo a menos: tudo o bom se acaba:
Formosura, valor, talentos ferteis
C'os bons velhos morreram.
E eu ando, amigo, ha tempos esquecidos
Forjando uns versos, que mandar-te possa,
Em trôco *do soneto das Lampreias*,
E não me occorre nada.
Engenha a ideia um verso: metto-o á forja;
Ou la rebenta, ou na bigorna estala:
E se d'alli sai são, quando o mal cuido,
Falha ao correr-lhe a lima.

1783, ou a *Chronica dos Capuchos da Soledade:*
« Fr. Francisco de sancto Agostinho Macedo, natural de Coimbra, que alêm das Conclusões de *omni scibili* (cousa profundissimamente stupendissima) e mil differentes producções em prosa, que honram a Seraphica, compoz 48 poemas epicos, 123 elegias, 115 epitaphios, 2600 poemas heroicos, 110 odes, 3000 epigrammas, 4 comedias latinas, e mais de 1,500,000 versos a differentes assumptos.» — *Journal de Paris.* (ibi.)

Mas quem vejo eu entrar com gran' sotana,
Barba espessa, cortada á Fernandina,
Carregado de tomos, grandes, grossos *
De lettra miuda e cega?
« Eu sou Tostado ** (diz) venho animar-te:
Tens mêdo de escrever? Põe ca os olhos:
Ves ésta livraria? é toda minha;
Anda toda em meu nome.
Sabes tu, que estes grandes volumaços
Fizeram tanta bulha n'este mundo,
Que de grande escriptor o illustre nome
Me assoalhou a Fama!
E como os compuz eu? Aprende, aprende:
Abrindo muito livro desleixado;
Tirando d'um, e d'outro; e com caseiras
Linhas serzindo tudo.
Enche de citações os teus escriptos,
Se escrever muito, a pouco custo, queres:
Traslada d'um auctor laudas inteiras,
D'outro furta as ideias.
Inda agora vossês teem mais soccorros
Que eu tinha no meu tempo: teem Moreri,

* Isto é, similhantes aos volumaços Academico-genealogicos, que se imprimíram na *Regia officina Silviana*, e a outros soporiferos alfarrabios *ejusdem furfuris*.

** D'elle se disse:

Hic stupor est mundi, qui scibile discutit omne.

Teem Berlinck, * e mil outros diccionarios,
Valhacoutos de nescios.
Tambem, para o que digo, é são conselho
Torcer as guardas ao que bons disseram;
Ou ja dizer bem d'um, ja malhar n'outro, —
Com razão, ou sem ella.
Os homens não são grandes, por ser grandes;
Mas sim porque souberam bem fingi-lo.
Quantos jazem no po, que sos merecem
Os louros que outros roubam?
Toma estes meus avisos; serás grande:
Que eu fui-o assim tambem, e mil o foram
Que hoje estão em famosas companhias
Logrando honras de sabios.
Nem cuides em compor invenções novas:
Que *nil sub sole novum* ** diz o adagio;

* *Theatrum mundi.*

** Muito tempo ha que ouço gritar criticos (que não screvem) que nada se diz hoje que novo seja nem em prosa, nem em verso: e esses criticos são os principaes a quem essa desgraça acontece. Quantos auctores antigos estimados então e agora, copiaram de outros o que hoje n'elles lemos? Não é unico no seu genero moderno La Fontaine, que em suas obras não poz de sua casa mais que as linhas, e o feitio! Tam tenue glória lhe cabe ao scriptor contemporaneo nosso que dá novo trajo elegante e airoso á ideia que lhe veio de outrem, talvez mal-amanhada? E eu acho que val mais dizer com graça cousas ja dictas, que dizer cousas novas com semsaboria.

E ao fogo, mais que á luz, vão certas obras
De odiosa novidade. »
Assim disse em voz doctora e cheia;
Olhou-me c'um tregeito compassivo;
E mal que os livros arrumou nos hombros,
Traçou a loba, e foi-se.
Elle bem me animou; mas eu não posso
O alheio dar por meu. Não sou Tostado;
Nem blasono deixar para as estantes
Gigantes de retalhos. *

* E que diria Francisco Manuel de uns *Annaes* aqui impressos, e aos quaes vem de molde esse titulo? que diria d'essa obra interessante, scripta em portuguez castiço, e que so expirou no 15º volume? Os seus expeditissimos *collaboradores*, dando torquezadas em todas as producções nacionaes ou estranhas, que viam a luz, não acharam quem lh'as retribuísse com usura!.... Mas que bem applicado lhes fica este epigramma, que J. B. Rousseau dirigiu aos *journalistas de Trévoux* :

Petits auteurs d'un fort mauvais journal,
Qui d'Apollon vous croyez les apôtres,
Pour Dieu tâchez d'écrire un peu moins mal,
Ou taisez-vous sur les écrits des autres.
Vous vous tuez à chercher dans les nôtres
De quoi blâmer, et l'y trouvez très-bien :
Nous, au rebours, nous cherchons dans les vôtres
De quoi louer, et nous n'y trouvons rien.

ODE XI.

Non incisa notis marmora publicis,
Per quæ spiritus et vita redit bonis
Post mortem Ducibus....clarius indicant
. . . . quam Calabræ Pierides.
HORACIO.

Onde me sobes, musa?
Em que acceso licor me embebes a alma!
Estes ares são sanctos!
Ésta montanha bi-partida treme!
Os sacros troncos povorosos vergam!
Eis o deus! eis o deus!
Sancto furor me cala pelas veias!
D'um sol estranho sinto
Allumiada a mente. La se me abrem
As tam vedadas portas do futuro!
Que estranhezas que eu vejo,
Corrido o veo aos falladores quadros!
Torna a vir o passado? —
La me abre o Tempo os cofres de diamante
Salvados d'entre as mäos do Esquecimento.
D'aqui, d'alli prodigios
Se me escapam dos olhos cubiçosos.
As nove irmans innuptas
N'um novo canto estão lidando ardentes.

Uns, aos outros, mysterios se atropellam.
Um cysne cor de neve
Sobe ao seio de Apollo auri-crinito,
E lhe escuta os arcanos
Da divina harmonia; move as cordas
Da eburnea lyra; emboca a epica tuba.
Tu * cantarás ousado
Do rígido Albuquerque acções ingentes,
Os conquistados máres,
Os combates crueis, as leis pesádas,
Ao duro braço ousados rêis rendidos.
Ja ensaias as fôrças
No alto escriptor do mundo transformado;
E impavido Tirynthio
Te apparelhas ao grave pêso, digno
De mais robustos hombros, que os de Homero.**
Bem vejo inquieta musa:
La me apontas Ormuz *** bombardeada;

* O Snr. doctor Sebastião José Ferreira Barroco traduzia apuradamente em versos portuguezes as *Metamorphoses* de Ovidio, quando as acções e virtudes de Afonso de Albuquerque lhe moveram o estro para canta-lo n'uma ode

** Que comparação tem a raiva de Achiles por uma môça, que lhe levaram da tenda, com as proezas militares e politicas do grande Albuquerque?

*** Cidade inclyta da India, situada em uma pe-

La rompem os pelouros
Os muros flanqueados... la se alluem
Os paços de ouro, os incensados templos.
Com luzido cortejo
Vem do sagaz Sophi espavorido
O embaixador faustoso :
Dromedarios servis, quadrupedantes *
Fazem tremer e re-tremer a terra.
Reis de Onor, de Narsinga,
Dobrae agora as tumidas cervizes :
Gran' sultão de Cambaia,
Melique astuto, ** honrae o Lusitano;
Mandae beijar a mão, que vos assombra.
Vejo em Malaca altiva ***
Arvoradas as Quinas vencedoras;

quena ilha, chamada Gerum, em a garganta do mar Parseo.

J. F. Barreto.

* Afonso de Albuquerque recebeu em Ormuz uma embaixada do soberano de Persia.

** Um mouro que de captivo de um mercador, veio a ser senhor de Diu, cidade rica e bella da India. Foi mui ardiloso nas guerras que sustentou largo tempo contra os Portuguezes.

*** Cidade nobilissima do Oriente, chamada *Aurea*, assi pelo muito ouro que n'ella ha, como per sua fermosura e abundancia de todas as boas cousas do mundo. Diz-se por outro nome *Chersoneso*.

J. F. Barreto.

Os idolos per terra,
Os sonhos de Mafoma sem valia,
E as thuricremas aras a Deus dadas.
Fervem as brancas ondas
Ante o tropel das proas cortadoras...
A Morte vai sentada
Sôbre montes de agudas partasanas,
De espadas, de canhões... * La salta em terra!
Que prantos lamentosos
Ouço erguer das cidades arrasadas!
Aquella afflicta mãe
La veda o sangue ao filho... deixa-o, corre,
Por acudir ao moribundo sposo.**
Qual espesso negrume
Estala entre o horrorifico estampido,
Nos orgulhosos montes,
Com culebrimos raios lasca os freixos,
Fende as rochas, abala emroda os montes:
Tal saraiva de settas
Se encrava pelos palpitantes peitos.
Os montes estremecem,
As cavernas rimbombam, rios param,
C'o rouco som da irada artilheria.

* Ideia grande e sublime de que me não occorre exemplo na antiguidade.

** *Anecdote puisée dans l'histoire des siéges nombreux que fit Albuquerque.*

SANÉ.

Como a seva Tisyphone
Baralha ansiosa os campos matadores!
Como co'as serpes crespas,
Se farta em borbotões de sangue quente,
E as mãos ensópa em golpeiados membros!
Tu desces da altiveza,
Ardendo em chammas, Calecut potente.
Tomam leis de Albuquerque
Orfação e Soar, Gerum, Mascate,*
Socotorá sadia, a enferma Java. **
Tu, Goa torreada,
Tambem curvas a não-domada frente:
Do Hidalcão, do Sabayo
Levantas obediencia, para seres
A cabeça *** do Luso-Indiano imperio.
Musa, ja vou cançando;
Poupa, poupa meu peito fatigado:
Dá os arrojados vôos
Aos mimosos de Apollo, que discantem
Suberbos feitos, em suberbos versos.

* Cidades asiaticas conquistadas per Afonso d'Albuquerque.

** A ilha de Socotorá é celebre no Oriente pela pureza de seus ares, como a de Java per sua insolubridade.

*** O tino politico do grande Albuquerque foi conhecido per todas as nações intelligentes, na prudentissima escolha que fez de Goa para assento do governo-geral de quanto possuímos na India.

ODE XII. *

Oh pudor!
Oh magna Carthago, probrosis
Altior Italiæ ruinis.
HORACIO.

As armadas undívagas povoam
Os máres das Antilhas,
E as praias n'outro tempo descampadas:
Aqui d'Estaing sem médo,
Alli Rodney ditoso, de Amphitrite
As planicies retalham.
Ja á vista das bandeiras inimigas,
Os animos accesos,
Sôltas as velas, os canhões troando,
De cem vulcaneas bocas
Sai a morte, em pelouros desparzida;
E as rochas ponte-agudas,
Que a borda encrespam das patendes ilhas,
Estremecem c'o estrondo
De bronze rouco, que rimbomba e bráma. **

* Ésta *ode* intitulada — *Neptuno aos Portuguezes* — é, talvez, a mais nervosa, poetica e sublime que saíu da penna de Philinto

** Disse-me Francisco Manuel « que de proposito

As trepidantes aguas
Ás placidas cavernas crystallinas
Denunciam os sustos:
Ja c'os verdes cabellos destrançados
Espavoridas fogem
As Nereias, no fundo mar que freme:
Agastado Neptuno
Sacode a redea aos bipedes cavallos;
E em pe na crespa concha,
Pelo azul campo os olhos estendendo,
Busca em vão as afoutas
Lusas naus, cubiçosas de conquistas....
Ve Lises, ve Leopardos, *
Raros, outrora, ** nos confins do Océano,

composera este verso para mostrar que a lingua portugueza póde correr parelhas com a italiana em fórça e harmonia. » É imitação do quarto verso d'estes tam gabados da *Jerusalem* do Tasso:

Chiama gli abitatori dell'ombre eterne
Il rauco suon della tartarea tromba;
Treman le spaziose atre caverne,
E l'aer cieco a quel rumor rimbomba, *etc.*

* *Leur corselet paraissait mi-partie*
De fleurs-de-lys, de trois Léopards.
CHAPELAIN, *Pucel.* cant. 18.

São as armas d'Inglaterra.

** *En* 1582 *toutes les forces maritimes de l'Angleterre consistaient en* 2 *vaisseaux de* 45 *canons*,

Tremolar hoje ovantes,
Desde a frígida Thule ao roixo Eóo;
E o Bátavo pesado
Na cheirosa Ceilão, rica Malaca
Promulgar leis lucrosas.
« Netos do Gama, netos de Albuquerque,
(E arranca alto suspiro
Neptuno, que assim brada) * envergonhae-vos.
Qué do trisulco sceptro,
Que entreguei ao valente aventureiro
Que arou primeiro, ousado,
O ignoto mar da apavonada aurora?
Aquellas Argos lusas,
Cheias de heroes, que a Mauritana eschola
Creara e endurecera, **

7 *de* 40, 9 *de* 32, 5 *de* 26, 7 *de* 18, 6 *de* 14. *Total* 36; *et* 11 *galères montant* 4 *canons chacune.* (Journal de Genève, du 14 septembre 1782. Précis des gazettes anglaises.)

* Éstas apostrophes sublimes são rasgos que acompanham o furor da phantasia altamente agitada pela impulsão de um enthusiasmo verdadeiramente grande, verdadeiramente inspirado, que para se exprimir conforme a dignidade da sua concepção, cria novas formulas e nova linguage.

** « 4000 *Portugais ne firent-ils pas trembler à la fois l'empire de Maroc, les barbares d'Afrique, la célèbre milice des Mamelucks, les Arabes, tout l'Orient enfin, depuis l'île d'Ormuz jusqu'à la Chine?* »
Ensaio sôbre o Despotismo

Já não trilham meu reino, desinvoltas?
Os braços alargando
O sancto Gange,* o saúdoso Euphrates**
Vos chamam, vos acenam,
E co'as preciosas praias vos convidam.
Perdeis da adusta mina
O bem-ganhado aurifero dominio?
Desemparais imbelles
Dabul, Cochim, a estranhos mercadores?
E essas terras outrora
Cubertas de triumphos portuguezes;
E o verde imperio meu
Que tingieis de sangue a cada passo,
Consentireis surcado
De Sármatas, Cimmerias, Daces quilhas?
A cinza dos Pachecos
Pediu vingança, e os Fados mais-que-justos
Cubriram de cegueira
Os olhos veladores do Govêrno.
Trajada de virtude,
Pregoando zêlo (oh dias desditosos!)
Tomou a Ignorancia
Nas mãos as chaves dos estados lusos;

* Os gentios que se banham no Ganges se creem purificados de toda e qualquer culpa.

**A' borda do Euphrates choravam os Judeus de saudades de Jerusalem.

Super flumina Babylonis.

Mal-avisado zêlo
Na Asia, e na Europa levantou fogueiras; *
E as sevas labaredas,
Crestando as azas do liberto ingenho,
Myrrharam sem regresso
Da lusa glória as gradas esperanças!
Aqui perdeis Molucas,
Alli Ormuz, Barem, Borneo, Samatra....
Eis o Oriental tridente
Vos começa a caír das mãos inertes....
Elysia, abaixa os olhos,
Os olhos de taes mágoas quebrantados....
Eis vão as boas artes,
Mimosos gomos de allumiados tempos,
Fanar-se ao sêcco sôpro
Da pedante scholastica doctrina.
La vai o incauto môço **
Dar ao alfange o collo da nobreza
Nas africanas costas.
Que lugubres desastres não rebentam
De empeçonhado tronco!
As ordens do Destino se cumpriam
Na linhage imprudente;

* Inquisições de Goa, de Lisboa, de Evora, e de Coimbra.

**El-rei D. Sebastião na guerra de Africa induzido pelos Jesuítas, e estes ganhados per Philippe II, rei de Hespanha.

E ás garras dos leões * auri-sedentos
As Quinas ** sométtidas ***
O perennal opprobrio transpassavam
Ás armas triumphantes. ****
Nem póde o novo rei***** do avíto throno,
Com vozes poderosas,
Chamar as artes uteis foragidas,
Que se atroam c'o ruído
Do tambor rouco, da estouraz granada,

*As armas de Hespanha figuram leões.

**As armas de Portugal são cinco escudos em cruz.

*** Philippe II, nos domina com suas costumadas artes, e contra as promessas juradas, nos quer reduzir a provincia.

****As armas portuguezas tinham sempre triumphado na Asia, na Africa, e ainda dos mesmos Castelhanos; sujeitas a elles, aprenderam a ser vencidas.

***** D. João IV fez o que póde, para com as artes e sciencias; mas as guerras lhe impediram ir mais ávante.

La révolution qui plaça la maison de Bragance sur le trône, révolution si long-tems désirée, et accomplie enfin avec autant d'intelligence que de bonheur, flatta le peuple et les gens de lettres d'une situation plus heureuse. On fit des efforts pour ranimer le goût des études et des lettres. Mais il n'est pas aussi aisé de rappeler le génie, que de le bannir.

COURNAND.

Eis quando se abraçavam,
Alviçaras reciprocas pedindo; *
E ás doctrinandas gentes
Descubriam as faces radiosas
Nos lyceos franqueados
Do sceptrigero Tejo, e do Mondego;
Fanatico granizo **
Caíu pesado nos pimpolhos tenros,
Que a seus olhos criava
Sollícita a Sciencia, para ornarem
O Josephino sec'lo....
. Fostes Lusos; e a glória dos maiores
Mal doura inda os escudos
Dos descuidados netos, té que a apague
A mão caliginosa
Da bronca Barbaria, companheira
Do ardente Fanatismo.»
Dorindo, a musa afroxa, e se enrouquece
De recordar na lyra
Os convicios do cerulo despóta,
E os revezes da Elysia.

* Restauração das lettras sob José I.

** Perseguição contra os litteratos, que despovoou Portugal de muitos bons ingenhos.

ODE XIII.*

. . . Io triumphe,
Non semel dicemus, io triumphe,
Civitas omnis, dabimusque divis
Thura benignis.
HORACIO.

Maldicto o Bonzo, e mais maldicto o nayre,
Que calumnioso urdiu o meu destêrro;
Maldictissimo o estupido fanatico,
Que encommendou a queima!
Oh patria! oh patria! e pude assim bannido
C'os olhos arrasados de agro pranto,
(Não estalei de mágoa?) — despedir-me
De ti, querida patria?
Oh patria, que ves ir o teu alumno
Desterrado sem culpa, e não embraças
Um diamantino escudo, com que o cubras?
Não empunhas mil lanças,
Co' as mil dêstras de teus valentes filhos?
Não pões em fuga stolidos satellites
Do infame tribunal? não mandas a Africa
Taes Busires de loba?
Porque não clamas hoje arrependida

* Feita em París em 23 de dezembro de 1779.

D'essa culpada inercia : « Oh povo! oh Lusos!
Abri, abri os olhos fascinados
Com religiosas mascaras!
Nunca Deus ensinou fraudes, embustes;
Doctrina sim de amor, de piedade:
Tratos, baraços, fogos são invento
De ávida hypocrisia.
Nem o zêlo estanqueis n'essas estereis
Saudades de innocentes desterrados;
Dos homens, que estimaes, que honraes na ausencia,
Por lettras, por talentos.
Honrae-os com mais solidos serviços:
Descosei, ou cortae a trama iniqua,
A calúmnia enredosa, que poz pulso
Ao demerito exilio.
La se empreguem as fôrças, vozes clamem;
Vozes que atroem, fôrças que derribem
Hypocritas colossos, mentes surdas
De ignorante govêrno. »
Vejo!.... ou falsa esperança me hallucina!
Vejo os Lusos, no alcance de alta glória,
Rasgar o veo do engano, arremassar-se
Ás detestaveis portas;
Arrombar, arrasar.... olhar o centro
D'esse antro de atrocissimas cruezas;
Pasmar de indignação, vendo mysterios
De bruta barbaria.
Arredar o tropel de familiares,
De carcereiros tetricos, de algôzes,

Espedaçar cordeis e cavalletes,
E os arrancos dos tratos;
Queimar processos, destroçar denúncias:
E os Deputados, verem, cabisbaixos,
De par em par abertas as masmorras,
E os reos á luz do dia.
Vem, vem dia feliz e suspirado, *
Dar alegria á Europa, aos sabios honra;
Aos sabios, que accenderam essa tocha,
Com que a illusão se abrasa.

* Esse dia não raiou em vida de Philinto; mas a sua prophecia verificou-se.

ODE XIII.

Fœcunda culpæ secula nuptias
Primum inquinavêre et genus et
Domos. Hoc fonte derivata clades
In patriam, populumque fluxit.
HORACIO.

Empegada no golpham da vaidade
Perde de vista o norte da virtude
A formosa donzella, que abriu porta
Á dolosa lisonja.
Desempara o recato a sentinella
Dos comedidos olhos, rompe o vicio
Os pudibundos muros; rende a honra
O guardado castello.
Em vão quiz imprimir no tenro peito
Sabio desvelo a estampa da inteireza;
O ouro abafou, com laminas traidoras,
Os indeleveis rasgos.
Não cedia a seu toque venenoso
A severa Espartana, que os enfeites
Tinha em vil preço, e a patria, a honra, os filhos
Tomava por espelhos. *

* Rigidos e austeros foram os costumes dos Es-

Este ócio corruptor vem, co'as riquezas,
Escalar os costumes bem-regrados;
Põe seu throno na côrte; o engano, o furto,
A aleivosia o servem.
Ditoso o que na ourora de seus annos,
Bebeu da san virtude a alta doctrina,
E que no coração guarda-la soube,
Co'a chave da constancia!
Oh terras Africanas saúdosas!
Por vós chora inda a patria. Vós o berço
Fostes dos seus Noronhas e Pachecos, *
Em eras gloriosas.
Alli, c'o braço tincto em sangue mauro,
O fidalgo mancebo as verdes palmas
Cortava ousado, para ornar na patria
Os brazões não-manchados.
Alli tomou o ensino, tomou fôrças

partanos, que dados ás armas, so respiravam guerra. Observava-se rigorosamente a militar disciplina, e tinha-se por lei sagrada a obediencia. Fez o amor da pobreza (base em que librava o govêrno) rebentar d'Esparta grau' tropel d'heroes.

Epitome da Hist. antig.

* Quando em rasa campina denodados,
Co'a sempre vencedora espada em punho,
Desbaratavam Arabes, Hispanos,
Suberbos Turcos, Indios.
E comtudo sabiam, que voltando,

O valor, a virtude, que os luzeiros
Foi derramar nas Indias, e deu brado
Nas côrtes mal-despertas.
Hoje apenas, nas guerras ateiadas,
Soa acanhado o nome Lusitano,
Que outrora estremeceu ambos os Pólos
C'os signalados feitos.
Oh Lusos! acordae d'esse vil somno:
Accodi aos triumphos do Oriente:
Accodi; que vos levam as façanhas
Dos preclaros maiores.
Se a alma vergou c'o pêso da ignorancia,
Eis vos off'reçe a mão a sapiencia:
Alçae os olhos, vê-de o raio puro,
Que sai de seu peito.
Resgatae-vos da affronta: erguei os brios,
Que vos clama de Arzilla, Ormuz e Diu,

Não lhe haviam romper os altos muros,
Para recebimento honroso e entrada
De triumphal carroça;
Nem alto levantar-lhe, em praça augusta,
Bronzeas státuas, marmores gravados,
Que seus excelsos nomes consagrassem
A's vindouras idades.
Mas antes esperando, em recompensa,
A baixo stado vir humilde e escuro;
Morrer nos hospitaes em pobres leitos;
Ir nus á sepultura.

A. R. dos Santos.

O vosso antigo sangue derramado
No campo das victorias.
Retrilhae os caminhos da alta fama;
Ide ensopar as lanças ociosas
Nos peitos de má fe, que se enriquecem
Com os vossos descuidos.
Carregae as espáduas de Neptuno
De possantes baixeis: alvas estrellas
Brilhem na guerra férvida e robusta
As vencedoras Quinas.
Aquelles sem-iguaes raios de Marte
Vos bradam, vos apontam a vereda
Do renome immortal: rompei as redes
Do luxo entorpecido.
Elles, co'a espada, de brigar faminta,*
Cortavam per delícias e ócios froxos:

* Ja em meninos se ensaiavam destros
Aos trabalhos, e ás bellicas fadigas:
Era seu tracto cavalgar airosos,
Domar feroz cavallo.
Luctar c'o césto, tirar longe ao alvo:
Terçar a lança no gentil torneio:
Per duros bosques acoçar as feras:
Saltar profundos vallos.
Qual não atravessava destemido
Do largo rio a rapida corrente?
Qual não trepava, com gentil despejo,
Fragosas penedias?

A. R. dos Santos.

O nitridor ginete, o arnez brilhante
Lhes pediam pelejas.
O que deu nome a teu solar illustre
Co'a espada em punho,hasteada a alta bandeira,
Pizava aos pés o mêdo, e tinha os olhos
Na honra, e no inimigo.
E o Castro, que enfreiou Cambaia altiva,
E o astuto Hidalcão, abriu-se praça
No templo da memoria entre os Fabricios,
Engeitando as riquezas. *
Felizes! que não viram estes dias
Tam mudados, e os netos sumptuosos
D'ouro, e não d'aço, no marcial terreiro,
Fazer garrido alarde. **

* D. Alvaro, seu filho mais velho, tinha mandado cortar algumas galas, das que pediam a profissão, e os annos; e passando D. João acaso pela Jubeteria, vendo star penduradas umas calças de obra, parando o cavallo, perguntou — « de quem eram? » e tornando-lhe o official — « que as mandara fazer D. Alvaro, filho do governador da India », pediu D. João de Castro uma tesoura, com que as cortou todas, dizendo para o mestre — « Dizei a esse rapaz que compre armas. »

Freire, *Vida de D. J. de Castro.*

** Um joga dia e noite cubiçoso
Do luzente metal; outro so vive
Em banquetes esplendidos cevado,
Que as fôrças entorpecem.

Os annos, ladrões surdos, nos roubaram
A frugal meza, os trajos asseiados:
As virtudes antigas mal se vestem
De molles atavios.
Adulteros adornos se apossaram
Da casta coma das esposas lusas:
A fama, a singeleza aos pés caíram
Das desvairadas modas.

Garrido alarde d'ouro lhe orna o peito,
Que não o forte arnez, luzida malha:
Por fero capacete na cabeça
Alto penacho ondeia.
Este, as louras madeixas embebendo
Em massas odoriferas, rescende
De indicos magos: dança afeminado,
Ou salta em torpes bailes.
Aquell'outro, qual phrygio Páris, fraco
Dameja, e molles cantos garganteia,
Affectando branduras estudadas
Que herdou do infame Egypto.
Se isto ora vissem Albuquerques, Castros,
Se o visses Nuno, alto terror de Hespanha,
Certo negaras, que ésta fosse a raça
Dos esforçados lusos.

A. R. dos Santos.

FIM DO TERCEIRO VOLUME.

INDEX

DO TOMO III.

EPIGRAMMATICOS.

SONETOS.

SÁ DE MIRANDA.

BERNARDES.

CAMÕES.

CLAUDIO MANUEL DA COSTA.

QUITA.

DINIZ.

GARÇÃO.

JOSÉ DE SOUZA.

JOÃO XAVIER DE MATOS.

PAULINO CABRAL.

NICOLAU TOLENTINO.

DOMINGOS MAXIMIANO TÔRRES.

MANUEL MATHIAS.

BOCAGE.

SEMEDO.

FRANCISCO MANUEL.

ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS.

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA.

EPIGRAMMAS.

CAMINHA.

SATYRICOS.

MIGUEL DO COUTO GUERREIRO.

LYRICOS.

BERNARDIM RIBEIRO.

FERNÃO ALVARES DO ORIENTE.

LOBO.

GONZAGA.

JOSÉ ANASTACIO DA CUNHA.

BORGES DE BARROS.

FERREIRA.

VEIGA.

FRANCISCO JOSÉ FREIRE.